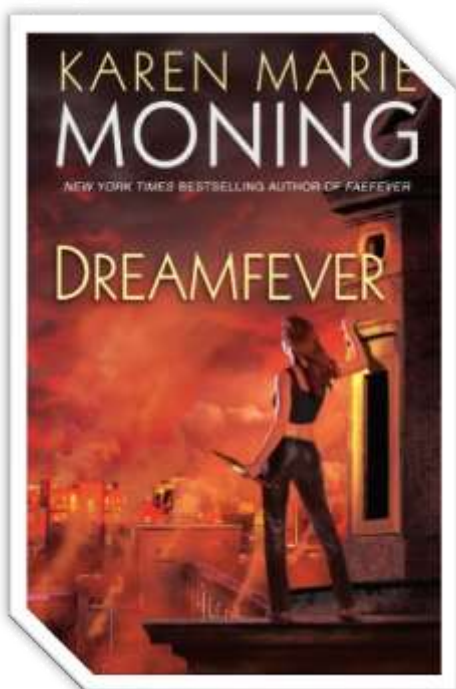




DreamFever Karen Marie Moning

Ele roubou seu passado, mas MacKayla nunca permitirá que o assassino de sua irmã tome seu futuro. Embora ela é a única sidhe-seer dotada não é bom para as matemáticas de Lorde Master, o a soltou em uma ânsia insaciável sexual que consome cada pensamento dela - e a empurra ao reino sedutor de dois homens muito perigosos, ambos a quem ela deseja, mas que não se atreve a confiar neles .

Como o enigmático Jericho Barrons e o príncipe sensual Fae V'lane competem por seu corpo e alma, como misteriosamente aparecem algumas entradas secretam do jornal de sua irmã e o poder do Livro Escuro tece seu caminho de destruição pela cidade, o maior inimigo do Mac que se entrega a um desafio final...

Este é um convite que Mac não pode rechaçar, uma que a envia a sua casa na Geórgia, onde a espera uma ameaça até mais escura. Com a falta de seus pais e as vidas de seus amados sob cerco, Mac está a ponto de encontrar-se cara a cara com um soul-sattering (rompe almas)- sobre ela e sua irmã, sobre o Jericó Barrons... e sobre o mundo que ela pensou que conhecia.

Disp. em Esp: Las Chicas Fever

Envio: Gisa

Revisão Inicial: Lu Avanço

Revisão Final/Formatação: Livia

Finalização:

Tiamat-World





Comentário da Revisora Lu Avanço: vou matar essa mulher, ela sempre termina em suspense. Esse livro foi muito bom, a Mac teve que se desdobrar para enfrentar de tudo, desde estupro até descobrir sua mãe. Gostei muito do livro.

Comentário da Revisora Lívia: Gentem pelo amor de Deus, no início achei o livro meio chato depois fui me interessando pelo seu mistério, quando vai chegando ao fim penso vai resolver vários mistérios! Que nada, termina com mais mistério ainda! É brincadeira!!!! Caraca!! Fiquei no vácuo.

Algumas pessoas são uma força da natureza.

Como o vento ou a água sobre a pedra, eles modificam a vida.

Este livro está dedicado a Amy Berkower.

Quando estava na escola secundária, odiava o poema da Sylvia Plath, onde falava de conhecer a fundo; ela sabia sua origem e que era o que todo mundo temia, mas não é que ela sozinha soubesse, é que ela tinha estado ali.

Sigo odiando-o.

Agora eu estou...

- Jornal de Mac -

Prólogo

Mac: 11:18 am, 1 de novembro

Morte. Pestilência. Fome.

Rodeiam-me, meus amantes, os aterradores Príncipes Unseelie.

Como imaginar que semelhante pensamento de destruição poderia ser tão belo? Sedutor. Tuberculoso.

Meu quarto amante... Guerra? Dirige-me meigamente. Irônico no portador do Caos, criador da Calamidade, fabricante da loucura... se é que é ele. Não posso ver seu rosto... não me importa como me tratam. Por que ocultá-lo?

Ele acaricia minha pele com mãos de fogo. Trabalha sobre mim durante horas, as ampolas se enchem minha pele, meus ossos se fundem com um calor sexual que nenhum humano pode suportar. A luxúria me consome. Arqueio minhas costas e rogo mais com a língua seca, meus lábios rachados. À medida que enche meu corpo, sacia-se minha sede com sua bebida. Derrama



líquido sobre minha língua, gotas em minha garganta. Convulsiono. Move-se dentro de mim. Eu jogo uma olhada a sua pele, seus músculos, um brilho de uma tatuagem. Ainda não há rosto. Ele me aterra e a mantém oculta.

Na distância, alguém ladra ordens. Ouvi muitas coisas, não as entendo. Sei que caí em mãos inimigas. Sei algo, mas, logo, já não saberei sequer isso. Pri-já, uma viciada no sexo FAE, não acredito que haja nada, absolutamente nada mais, que eu deseje menos ser.

Se meus pensamentos fossem o suficientemente coerentes para formar orações, queria lhes dizer que eu estava acostumada a pensar que a vida se desenvolvia de uma forma linear. Que as pessoas que um dia nasceram, algum dia irão A... qual era a palavra humana? Vestia-me com esmero todos os dias. Havia garotos. Montões de garotos bonitos. Pensei que o mundo girava em torno deles.

“Sua língua está em minha boca e minha alma se rasga.

Ajude-me, por favor, alguém me ajude a pará-los, deixe-me ir”

Escola!... Essa era a palavra que estava procurando. Depois disso, alguém consegue um trabalho. Matrimônio. Tem... o que era? Os FAE não podem os ter. Não compreendem. Pequenos pedaços de vida... Bebem! Se tiver sorte, vive uma boa e plena vida e envelhece com alguém que ama... Caixas fechadas. Brilhos de madeira reluzente. Choro. Uma irmã? Mau! Essa memória dói!

“Esquece-o!”

“Estão em meu ventre. Querem meu coração. Isso me rasga. Um desfiladeiro de uma paixão que eles não podem sentir. Frio. Como pode ser tão frio o fogo?”

Se enfoque, Mac. Importante. Encontra as palavras. Respira fundo. Não pense no que está te acontecendo. Visualizar. Servir. Proteger. Outros estão em situação de risco. Outros, muitos, morreram.

Não pode ter sido por nada. Pensa na Dani. Ela está em seu interior, debaixo dessa imagem adolescente de polegares nos bolsos, com um quadril ligeiramente adiantado, te olhando fixamente.

“Tenho orgasmos sem cessar. Sou um orgasmo. Prazer--dor! Delicioso! Minha mente fundida, a alma... triturada, quanto mais eles me enchem, mais vazia me sinto. Estou escorregando, deslizando, mas antes que isto ocorra, antes que me tenha ido completamente, consigo um momento odioso de claridade e o vejo...”

A maior parte do que eu acreditava de mim, e da vida, provinha dos meios de comunicação modernos, sem me questionar nada. Se eu não estava segura de como me comportar em uma situação determinada, procurava um filme ou programa de televisão que tivesse visto, com uma problemática similar e fazia o mesmo que os atores tinham feito. Uma esponja, absorvendo meu entorno, convertida em um subproduto dele.

Não acredito que alguma vez olhasse ao céu e me perguntasse se existia vida no universo além da raça humana. Sabia. Nunca olhei para baixo, a terra, sob meus pés e contemplei minha própria mortalidade. Vivi minha vida com alegres dias banhados de magnólias, cega como uma toupeira a tudo, mas os garotos, a moda, o poder e o sexo, faziam-me sentir bem nesse momento.

Mas estas são as confissões que faria se pudesse falar e não posso. Estou envergonhada.

Estou tão envergonhada...

Quem caralho é?

Alguém me grita a pergunta, mas, agora... escapa-me seu nome. Alguém que me dá medo. Alguém que me entusiasma.



A vida não é linear absolutamente.

Passa em flashes. Tão rápidos que não os vemos equilibrar-se sobre nós, como se fôssemos Willy E. Coiote, a todo recheio pela estrada, depois do corre corre, e ficamos, como ele, como uma torta plana, vítima de seus descabelados planos. Uma irmã morta. Um legado de mentiras. Uma não procurada herança de um antigo sangue. Uma missão impossível. Um livro que é uma besta que ostenta o máximo poder e quem o recebe primeiro em suas mãos decide a sorte do mundo. Pode que... de todos... os mundos.

Estúpida... sidhe-seer. Seguro que tinha em sua cabeça algumas coisas na direção correta.

Aqui e agora, não como em alguns desenhos animados da estrada que posso recordar, me levantando, e, como, por arte de magia, reinflando-me, a não ser na fria pedra do chão de uma igreja, nua, perdida, rodeada de FAE morte por sexo. Sinto que minha arma mais poderosa, aquela da que jurei nunca mais voltar a renunciar, a esperança, está escapando. Minha lança faz tempo que se foi. Minha vontade é...

Vontade? O que será? Conheço essa palavra? Alguma vez o fiz?

"Ele. Está aqui. que matou Alina. Por favor, por favor, por favor, não lhe permita que me toque. É ele o que me toca? É o quarto? Por que oculta a si mesmo? Quando os muros estão vindo abaixo, essa é a questão importante. Quem é?"

Percebo o vapor do sexo e o aroma deles, escuro, como uma droga. Não tenho nenhum sentido do tempo ou do espaço. Estão dentro de mim e não posso tirá-los, e, como poderia ter sido tão idiota para acreditar que no momento crítico, quando meu mundo se derrubou, algum cavaleiro de brilhante armadura ia vir galopando em um cavalo branco ou chegar veloz, escuro e inquietantemente silencioso em uma Harley ou aparecer em um instante de salvação dourada, chamando por um nome encravado em minha língua e me resgatar? Sigo acreditando em contos de fadas?

Não deste tipo. Esses são os contos de fadas que nós... supostamente... ensinávamos a nossas filhas. Uns poucos milhares de anos atrás, fazíamos. Mas voltamos desordenadas e complacentes e quando os Ancestrais foram silenciados, nós mesmas nos permitimos esquecer as velhas formas. Gozamos das distrações da tecnologia moderna e esquecemos a questão mais importante de todas.

Quem caralho é?

Aqui no chão, em meus últimos momentos, em um último e grande hurra pela MacKayla Lane, vejo a resposta de tudo o que fui.

Não sou ninguém.

Capítulo 1

Dani: 2:58 p.m., 1 de Novembro

Ei sou eu, Dani. Vou assumir isto durante um tempo. Fodida boa coisa, muito, porque Mac está em sérios problemas. Estamos todas. Ontem à noite tudo mudou. O Fim Do Mundo. Uh-huh, que mau. Os mundos FAE e humano se chocaram com a maior explosão desde sua criação e tudo desandou numa confusão.

As fodidas Sombras estão fodidamente soltas na abadia. Ro do telhado gritando que Mac



nos traiu. Ordenou sua caça. Trazê-la diante dela, viva ou morta. Acabem com ela ou acabem com ela, disse. Mantenham-se a distância do inimigo, porque ela tem uma arma muito poderosa que pode ser usada contra nós. Ela é a única pode seguir o... *Sinsar Dubh*. De maneira nenhuma podemos deixar que caia nas mãos equivocadas, disse Ro e ela sabe que qualquer, salvo a suas, seriam incorretas.

Sei coisas de Mac que houvessem feito que ela me matasse, se ela soubesse que eu sabia. Boa coisa é que ela não saiba. Não quero lutar contra Mac.

Mas aqui estou caçando-a.

Não acredito que ela encheu o Círculo com Sombras. Quase todas as demais acreditam, entretanto.

Não conhecem Mac como eu. Sei que Mac e eu somos como irmãs. De maneira nenhuma ela nos traiu.

Setecentas e treze de nós vivíamos na abadia faz cinco noites. Quinhentas e vinte e dois sidhe-seer ficavam na última recontagem. Deixamos Dublin para atrás. Caçando a Mac. Chutamos cada centímetro de traseiro FAE que vimos pelo caminho.

Nenhum sinal dela ainda. Mas estamos avançando na direção correta. Há um epicentro de poder na cidade, fedendo, fedendo a FAE como uma nuvem tóxica de chuva depois de uma explosão nuclear. Todas sentimos o mesmo. Que gosto. Virtualmente vejo o cogumelo de nuvens que penduram no ar. Nem sequer falamos entre nós. Não é necessário. Se Mac ainda estiver em Dublin, ali é onde ela estará segura. Não há forma alguma de que as sidhe-seer se separem deste caminho. Espero que ela as transpasse com sua lança. Agüentaremos costas contra costas como o fizemos faz umas quantas noites.

Mas tenho esta sensação de enfermidade na boca do estômago...

Saco! Caralho! Não me sinto doente. Eu *nunca* me sinto doente. Sentir-se doente é de covardes e aprendizes.

Mac pode cuidar de si mesma. Ela é mais forte que todas nós.

- Exceto eu - murmurou, com um sorriso e um pavoneio.

- O que? - disse Jo que vai atrás de mim.

Não me incomodo em responder. Acredita que sou bastante presunçosa já. Tenho razões para ser presunçosa. Uh-huh, *sou muito boa*.

Quinhentas e vinte e duas de nós nos aproximando. Lutando como banshees, podendo fazer muito dano, mas temos sozinhas uma arma, a Espada de Luz, que pode matar FAE.

- E é *minha* - sorriu de novo. Não posso evitá-lo. Fodidamente sobressalente sou a super mais fanfarrona no mundo para ser uma super heroína. Super-rápida, super forte, com um par de "super" extras mais em minha pessoa que fariam do Batman um brinquedo de feira. Aquilo que todos os outros lamentam não poder fazer, eu se puder. Detrás de mim, Jo diz "O que?" de novo, mas já não estou sorrindo. Deixo atrás essa sensação molesta. Ter quatorze é bom... *quase* como estar embriagada. Um minuto estou no topo do mundo e no seguinte volto louco a todo mundo. Jo diz que são os hormônios. Ela diz que isto melhora. Se entender como melhora que vou me converter em uma adulta, *obrigado, mas não*. Prefiro o resplendor da glória de um só dia. Quem quer envelhecer e enrugar-se?

Os Unseelie tinham cortado as redes elétricas durante a noite, convertendo toda a cidade em uma zona escura. Eu queria chegar quanto antes a Mac, mas Kat nos fez ocultar como covardes até o amanhecer. *Não há suficientes lanternas*, disse.

- *Duh, sou super rápida* - eu disse.

- *Estupendo* - disse - *de modo que temos que verte atravessar uma Sombra super rápido e*



morrer? Encantador, Dani. Realmente encantador.

Zanguei-me comigo mesma, pois tinha um ponto de razão. Quando me movo assim, estou... é... *difícil* ver o que me vem em cima. Com as redes elétricas desligadas, ninguém vai impugnar o poder das Sombras, na noite, uma vez que esta cai.

- *Quem te pôs no comando?* - disse, mas é retórica e ambas sabíamos; ela se afastou. RO a pôs no comando. RO *sempre* a põe no comando, apesar de que eu sou melhor, mais rápida, mais inteligente. Kat a obediente, a dúctil e prudente. Prefiro comer colheres.

Carros queimados e estrelados por toda parte enquanto nos movíamos. Pensei que haveria mais corpos. As Sombras não comem carne morta. Supus que outros Unseelie o faziam. A cidade estava em um arrepiante silêncio.

- Mais devagar, Dani! - gritou Kat - Está acelerando de novo! Sabe que não podemos te seguir!

- Sinto muito - murmurei e fui mais devagar. Sinto algo diante e esta estúpida sensação de enfermidade no estômago...

- *Não estou doente* - meus dentes se encaixaram com esta mentira. A quem saco estou tentado enganar? Sinto-me doente, doente, doente. Minhas palmas e axilas jorram de terror. Limpo a mão da espada contra meu jeans. Meu corpo sabe as coisas antes que meu cérebro. Sempre foi assim, inclusive quando era uma menina. É o que me faz tão boa na luta. Sei o que vou encontrar adiante. Vai ser uma dessas coisas que despertam em meio da noite e cuja imagem desejaria poder arrancar de minhas pupilas.

Independentemente do que esteja diante, seja qual seja o caráter de tudo o que jaz embaixo do céu, é o maior poder FAE que jamais havia sentido, concentrado em um só lugar. Em nossa forma de fazer as coisas, as sidhe-seer fecham filas e apertam o traseiro, enquanto eu faço o que estive fazendo desde que Ro me recolheu quando Mamãe foi assassinada.

Mato.

Estendemo-nos como uma rede. De quinhentas forças. Cobrindo-nos entre nós, sidhe-seer contra sidhe-seer, para o epicentro, cercando-o firmemente. Nada passará entre nós a menos que seja uma mosca. Ou se "peneire".

OH, merda! Ou *se peneire*. Alguns FAE podem viajar de um lugar a outro em uma piscada do pensamento, só um pouco mais rápido que eu, mas estou trabalhando nisso. Tenho uma teoria. Não repararam nas dobras ainda. As Dobras são mortais. (*N.de.T.: Pregue = Peneiras*)

- Stop - digo a Kat - Diga a todas que parem!

Lança-me um duro olhar, mas mastiga uma ordem que atravessa as linhas. Estamos bem treinadas. Aproximamo-nos e lhe transmito minha preocupação: que Mac anda por aí, há sérios problemas e que se os super maus tiver o poder de peneirar-se, e eu acredito que o têm, estaremos ao descoberto.

O que significa que vou sozinha. Sou a única que pode escapulir e atacar o suficientemente rápido para sair.

- De maneira nenhuma - diz Kat.

- Não há escolha e sabe.

Fixamo-nos nas demais. Ela me olha como fazem os adultos e acaricia meu cabelo.



Estremeço. Eu não gosto que me acariciem. Os adultos são melosos comigo.

- Dani - faz-se um silêncio pesado.

Conheço esse tom de voz, como conheço as Palmas de minhas mãos e sei o que significa: Lectureville¹ em um trem desbocado. Rodo meus olhos.

- Guarda sua preocupação para alguém que necessite. Notícia: esse alguém não sou eu. Vou até - minha tola cabeça - esse edifício próximo para ver como andam as coisas. Vou. Sozinha. Entro. Quando. Sair. Detrás - cuspo cada palavra - vocês poderão entrar.

Estamos nos olhando uma à outra. Sei o que está pensando. Não, ler a mente não é uma de minhas especialidades. Os adultos o telegrafam tudo. Alguém me matará antes que consiga ter um desses rostos do Play-Doh². Kat está pensando em que se me retiver e perder Mac, Ro pedirá sua cabeça. Mas se permite, *a mim*, fazê-lo e as coisas vão mal, pode culpar a minha dura cabeça, Dani a incontrolável. Sinto-me culpada e muito. Não me importa. Farei o que tenha que fazer.

- Pode ir - diz.

- Preciso ter uma imagem visual do interior ou poderia terminar mal a coisa. Quer que capture algum fodido... Er ... fada?

Zangam-se quando ouvem o palavrão. Como sou uma menina... Como se não tivesse derramado mais sangue do que elas nunca tenham visto. Tenho idade suficiente para matar mas sou muito jovem para falar mau. Parecem pitbull ao meu redor. Que pouco lógico é isto! A hipocrisia me desagrada mais que qualquer outra coisa. Seu rosto se torna teimoso.

Empurro-a mais.

- Conheço Mac e por alguma razão ela não pode sair. Esse é o principal problema. -

Estava rodeada? Ferida gravemente? Tinha perdido sua lança? Eu não sabia. Só sabia que ela estava enterrada profundamente em merda.

- Rowena disse viva ou morta - disse Kat tensa. Isso soou como um "vai estar morta já e nossos problemas estarão resolvidos" pendurando tacitamente de seus lábios.

- Queremos o Livro, recorda? - trato de raciocinar. Às vezes acredito que sou a única na abadia que é capaz de fazê-lo.

- Encontraremos sem ela. Ela nos traiu.

Se apodreça razão! Desagrada-me quando as pessoas soltam conclusões das que não tem provas.

- Você não sabe assim deixar de dizer isso - grunhi. Alguém tinha a Kat agarrada pelo pescoço de sua jaqueta, nas pontas dos pés. Era eu. Não sei quem se surpreendeu mais, se ela ou eu. Baixei-a de novo e olhei para outro lado. Nunca fiz nada como isto antes. Mas Mac está ali e tenho que tirá-la e Kat me está fazendo perder o tempo, muito tempo, com esta grande merda.

Sua boca se franze em um conjunto de linhas brancas e seus olhos têm um olhar que já vi muitas vezes. Faz-me sentir como se estivesse louca e fosse estranha.

Ela tem medo de mim.

Mac não. Uma mais ao meu favor em que somos como irmãs.

Sem uma palavra mais, dou asas a meus pés e desapareço para o edifício.

¹ (N. Do T.: algo assim como ser um louco, louco, desequilibrado)

² (N.de.T: massinha de moldelar)



Eu olho para dentro do telhado.

Apuro os punhos. Cravo as unhas até me fazer sangue nas palmas.

Dois FAE arrastam Mac para baixo, na parte frontal da saída de uma igreja. Ela está nua. Jogada como um pedaço de lixo no centro da rua. Um terceiro FAE sai da igreja e se une a eles, enquanto de pé, os guardas imperiais estão a seu redor, girando suas cabeças, escaneando a rua.

A sexualidade selvagem me invade em explosões, mas não é como com V'lane, a quem vou dar minha virgindade algum dia.

Estou tão obcecada com o sexo como qualquer, mas essas coisas... aí... esses incrivelmente... *Tão fodidamente sobressalentes que faz mal olhar, o que é esta umidade de minhas bochechas? Fervem meus olhos?* - belos seres me assustam inclusive a mim e eu não me assusto facilmente. Eles não se movem normal. Tormentas de cor titilam sob sua pele. Há torques negros em seus pescoços. Não há nada em seus olhos. *Nada*. Olhos de puro esquecimento. Poder. Sexo. Morte. Eles fedem a morte. São Unseelie. Meu sangue sabe. Quero cair de joelhos a seus pés e lhes render culto, e Dani Mega O'Malley não rende culto, *a nada*, que não ela mesma.

Limpo o rosto. Meus dedos saem de cor vermelha. Meus olhos estão gotejando sangue. Esquisito. Fanfarrona, se esfrie. As vampiresas não conseguiram jamais nada de um FAE.

Fecho os olhos e quando os abro de novo, não olho diretamente às coisas que vigiam a Mac. Em troca, tomo uma imagem tipo grande angula da cena. De cada FAE, boca de incêndios, carro, buraco, luz e pedaço de lixo. Mapeio todos os objetos e espaços vazios em minha rede mental, processando-o, calculando a margem de engano sobre um provável movimento, pegando-o a minha foto instantânea particular.

Entorto os olhos. Uma sombra se move na rua, quase muito rápido para vê-la. Os FAE não parecem saber que está aí. Acabo de vê-la. Não respondem a ela. Não giram sua cabeça para segui-la.

Não posso me centrar nela. Não posso detectar sua forma. Move-se como... *mais?* Que saco è? Não é uma Sombra. Não é um FAE. É como uma escuridão desfocada. Agora se abate sobre Mac. Agora se foi. O lado positivo é que se os Unseelie não lhe perceberam, não deveriam ver-me, quando for zumbindo por ela. O lado negativo, é que o que ocorre se a mim, independentemente, puderem me detectar? O que acontece se chocarmos? O que é? Eu não gosto das incógnitas. As incógnitas podem matar.

Capturo o brilho da Lança de Mac na mão de um homem vestido de vermelho. Tem-na afastada de seu corpo. Só os Seelie ou os humanos podem tocar as Relíquias Seelie. Ele é um ou o outro? É lorde Master?

Eles têm a Mac. Eles têm a Lança. Não sei se poderei abranger tanto como para não tentá-lo. Não arriscaria tanto se não fosse pela Mac. Eles a feriram gravemente. Está totalmente ensangüentada. Ela é meu herói. Eu *odeio* todo o FAE, primeiro minha mãe e agora, Mac. Refresco minha imagem da cena justo antes de deixar sair esse ancestral sentido sidhe-seer de minha cabeça. Imediatamente, estou fresca e perfeita e alheia a tudo. Eu sou a Merda. A mais maciça do mundo!

Ziguezagueio de um quadro ao outro. Sem pausas. Estou no terraço do edifício.

Estou na rua.

Estou entre os guardas. A luxúria – *Busco e necessito sexo mortal* - incinera-me, mas estou me movendo muito rápido e não podem tocar o que não podem ver, e, não podem ver-me e tudo o que tenho que fazer é não me afundar; odeia, odeia, odeia, faz uma armadura disso.



Tem mais ódio que todos os jardins da Irlanda? Agarrou ao Mac.

Quadro.

O coração me sobe à garganta! Essa Sombra bloqueia meu caminho! O que é isso? Eu passo os FAE gritam atrás de mim.

Então sou eu quem grita a Kat e à tropa para que movam seu traseiro até aqui, agarrar a Lança e matar a esses bastardos

Mac está em meus braços, passado os quadros o mais rápido que posso, em direção à abadia.

Capítulo 2

Dani: 4 de novembro

- Me deixe estar segura de que estou compreendendo corretamente isto - diz hermeticamente Rowena.

Está atrás de mim; sua pequena figura arrepiada pela cólera. Às vezes, Ro parece uma anciã. Outras, cruel. É estranha. Sua coluna vertebral reta como um pau, suas mãos em avara postura. Seu cabelo comprido, branco, trancado, envolto como uma coroa real ao redor de sua cabeça. Usa a túnica branca oficial de Grande Mestra, com o símbolo de nossa ordem, o disforme trevo de cor esmeralda, que esteve usando desde que todos os demônios começaram a desatar-se. Surpreende-me que tenha esperado tanto tempo para me perseguir, mas deve ter estado ocupada com outras coisas.

Ela levou minha espada. Está em seu escritório. A folha reluz como o alabastro, como luz roubada diretamente do céu, *minha*, refletindo o resplendor de dezenas de abajures dispostos pelo escritório para iluminar cada esquina, canto e fresta.

Quando explodiu o Círculo das relíquias de Eva, liberando as Sombras, pilharam fodidamente despreparadas a cinquenta e quatro de nós, antes que chegassem as demais com suficientes abajures e lanternas elétricas para proteger e nos proteger. Por isso sabemos, são *imortais*. Minha espada não as pode tocar. A luz produz sobre elas um efeito temporário, só as obriga a entrar em qualquer escura fenda que possam encontrar. Tomaram nossa abadia, mas não vamos ceder lhes nenhum centímetro. De maneira nenhuma vão invadir as sombras nossa casa e convertê-la em uma Zona Escura. Uma por uma vamos caçá-las e expulsa-las pela força.

Ontem, houve uma que atacou Sorchá. Clara viu o que acontecia. Disse que se introduziu dentro de um dos sapatos de Sorchá e ao colocar desapareceu deixando sozinho um montão de roupa ao seu redor. Quando voltamos o sapato à luz do sol, só saíram em turba, uma casca de papel, joalheria e dois recheios, seguidos por uma sombra que se fragmentou em um milhão de partes. Nenhuma de nós coloca agora seus sapatos sem jogar o lixo fora deles e sob a brilhante luz das lanternas. Estive usando as sandálias, muito, mesmo que faz frio. Que maneira de ir: Morte por sapatos sombra! Sorrio. Tenho um negro senso de humor. Tenta viver minha vida e verá de que cor se volta a tua.

Olho minha espada. Meus dedos se curvam no vazio. Mata-me estar separada dela.

Em um torvelinho de túnica branca, Rowena gira e crava seu agudo olhar em mim, como um pica gelo. Remexo-me incômoda. Eu poderia arder a Rowena, chamando-a "Ro" e aparentar estar



tão fresca, mas não se equivoquem, esta *velha mulher*, é alguém ao redor da qual terá que pisar com muito cuidado.

- Foi da cena de matança do Lorde Master e três Príncipes Unseelie e nem sequer *dispôs sua espada*?

- Não pude - digo a defensiva - Tinha que trazer Mac. Não podia me arriscar a que a matassem na luta.

- Que parte do viva ou morta te impressionou tanto? Bom, obviamente o "morta", mas não digo nada.

- Ela pode rastrear o Livro. Por que todo mundo se empenha em esquecer isso?

- Já não! Soube no momento em que a viu. Traidora e agora *Pri-seja não tem nenhuma utilidade para nós. Incapaz de pensar ou expressar-se, nem sequer pode comer sozinha! Vai estar morta em uns dias, atirando pelo alto. Och, foi, desprezando a melhor oportunidade que tivemos, matando a nosso pior inimigo, três príncipes Unseelie, todos para salvar a vida de uma sozinha, menina! Quem acredita que é para tomar este tipo de decisões em nome de todas nós?*

Mac poderia ser *Pri-já*, mas não é uma traidora. Eu não acredito isso. Não disse nada.

- Fora de minha vista! - gritou - Fora! Fora! Ou te jogarei eu mesma! - sua voz se eleva e aponta com o braço a porta. Pensar que sabe o que é o melhor, em cima! Mal tento, filha ingrata!

Como se eu não houvesse feito todo o possível para ser uma mãe e muito mais! Sai! A ver o tempo que sobrevive aí fora sem mim!

Nego-me firmemente a jogar uma olhada a minha espada. Esse telegrama eu não o mandarei. Ro as pegou todas. Mas se ela perseverar, não poderei ter a espada.

Olho-a, *exsudando* necessidade e remorso. Meus olhos se enchem disso.

Meu lábio superior treme. Estamos nos olhando uma à outra. Neste momento todos os músculos de meu rosto gritam este estúpido e covarde olhar e o seu se abrandam. Ela faz uma inspiração profunda, exala. Fecha os olhos, sussurra.

- Dani, och, Dani - sussurra, abrindo os olhos - Quando vais aprender? Quando estiver morta? Só tenho as melhores intenções em meu coração. Não confia em mim?

Suspeito enormemente dessa palavra. Significa aceitar sem questionar. Uma vez já o fiz.

- Sinto muito, Rowena - minha voz cospe as palavras. Sob a cabeça. Quero minha espada comigo.

- Posso ver o que sente por essa, essa...

- Mac - ofereço, antes que ela cuspa algo que me encha o saco realmente.

- Mas te juro que *nunca* o compreenderei.

Faz uma pausa longa e sei que é o sinal para começar a justificar minha existência. Digo tudo o que ela quer ouvir. Estou sozinha, digo. Mac era formosa para mim. Sinto-me tão estúpida. Estou tratando de aprender a ser a pessoa que quer que seja, digo a ela. Farei melhor a próxima vez.

Ro me despede, mas mantenho minha espada. De acordo. Por agora. Sei onde está e se não me devolver, encontrarei uma desculpa, algo que seja necessário matar.

Enquanto isso tenho muito que fazer. Devido a minha super velocidade, percorri todo o condado, recolhendo abajures, lâmpadas, pilhas, uma larga lista de fornecimentos. A loucura que vimos em Dublin não começou aqui ainda. Ainda temos poder. Inclusive se não, temos geradores de emergência. Nossa abadia é totalmente auto-suficiente. Eletricidade própria, mantimentos, água. Temos de tudo. Até a data, não tenho descoberto um só Unseelie. Suponho que preferem a cidade.

Mais com que alimentar-se. Kat pensa que não vão às zonas rurais até que tenham devorado as urbanas, por isso serão seguras por um tempo, exceto pelas fodidas sombras.



A momentos visito Mac. Sigo tentando que coma. Ro tem a chave de sua cela. Não sei por que precisa a tê-la encerrada, pois tem um montão de guardas a seu redor e Mac parece não poder andar. Se não se alimentar logo, terei que lhe pedir a chave. Posso vigiá-la através dos barrotes, mas não posso obrigá-la a comer através deles.

Mas o que realmente quero saber é: Onde está o fodido V'lane? Por que não veio em ajuda de Mac? Por que não impediu que os Príncipes Unseelie a violassem? Eu lhe chamei por toda parte, mas se ouviu meus gritos, não *me* respondeu. Suponho que a Mac tampouco.

E Barrons? Qual é seu problema? Não quer que viva? Por que a abandonaram todos quando ela mais os necessitava?

Homens.

Tipos. Marajás.

Deixo os fornecimentos na sala de jantar. Cola de contato, luzes, baterias, colchetes. Ninguém olhe para cima. As sidhe-seer de cada mesa fabricam o capacete que Mac levava a noite que lutamos juntas. Depois de arrebatá-lo de seus Príncipes, Kat e as demais foram, chutando traseiros. Até recuperar a Lança e a mochila e encontraram dentro o capacete rosa.

Agora tenho uma linha de montagem e eu trago os fornecimentos, o difícil é encontrar as lâmpadas de clique. Eu poderia ir a Dublin, embora Ro diz que não há lojas invadidas.

Dado que muitas de nós trabalhamos como mensageiras em bicicleta de Correios, Serviço de entrega ISP Inc., que é a fachada internacional da organização sidhe-seer, com escritórios em todo mundo, a maioria de nós temos nossos próprios capacetes. Só precisamos modificá-los. Com as Sombras na abadia, todas querem ser as primeiras da linha para fabricá-lo. Eu disse que se chamava MacHalo, mas Ro proibiu a todas chamá-lo assim, como se qualquer referência a Mac fosse uma moléstia ou algo assim.

Foquei na cozinha, abri a geladeira de um puxão tão forte que chiou sobre as dobradiças e me equilibrei sobre ela, me abarrotando com a boca cheia de comida. Não sei nem o que estou comendo, não me importa. Estou tremendo. Tenho que comer constantemente. A super velocidade é como um ralo para mim. Preciso de um alto conteúdo em gordura e açúcar. A manteiga, nata e os ovos crus baixam rápido. OH, Deus. Gelado. Bolo. Encho meus bolsos de caramelos e barrinhas, não vou a nenhum lado sem meu pacote da Fanny. Pego duas sodas e finalmente me detém o tremor.

Consegui um par de bebidas de proteínas para Mac na loja. Preocupa-me que possa afogar-se com os mantimentos sólidos, se resistir. Ela vai comer desta vez, ao tempo.

Cassie me informa das rondas da Ro. É a hora da chave.

Eu não choro. Não recordo se alguma vez chorei. Nem sequer quando mamãe foi assassinada. Mas se alguma vez estive a ponto foi quando vi Mac. Olhe, ela e eu? Nós *morreríamos* uma pela outra. Vê-la assim me mata. Arrasto meus pés de caminho para sua cela, o que para mim significa caminhar como um Joe*³. Degustação um par de barras de caramelo.

Ela não quer ter sua roupa posta. Chora como se a roupa lhe queimasse a pele. Amigo, quero ser como ela quando crescer. Quando a trouxe aqui, Ro a levou abaixo e a encerraram em uma das velhas celas que se utilizavam há muito tempo atrás. Muros de pedra. Chãos de pedra. Um colchão. Balde de resíduos. Ela não fez nada, porque ela nem come nem bebe, mas ainda é o princípio! Ela não é um animal, inclusive embora esteja atuando como um. Ela não pode ajudar-se!

³ (*N.deT: caminhar como “pisando em ovos”*)



Barras da prisão na porta.

Ro disse que era pelo próprio bem de Mac. Disse que os Caçadores Unseelie seguiam sua pista e que os Príncipes se peneirariam, trazendo Lorde Master atrás, se não a escondíamos embaixo da terra e a rodeavam com guardas mágicas. Passamos a maior parte do dia renovando todos os símbolos pintados da abadia, com os membros de Haven olhando por cima de nossos ombros, nos dizendo o que fazer. Elas tinham fotografias. Ro tem um livro em uma das salas proibidas da Biblioteca. São horríveis! Tivemos que mesclar sangue com a pintura. Sei por que Ro queria a minha. Ela não quer que o diga o resto das garotas. Sei um montão de coisas que o resto não sabe. As paredes da cela de Mac estão cobertas com guardas mágicas, por dentro e por fora.

Liz avançou pelo corredor de caminho para as escadas. Levava um MacHalo, ardente como um pequeno sol.

- Como está ela? - digo-lhe

Liz encolhe de ombros.

- Não tenho nem idéia. Não é meu turno para vigiá-la e o que menos ainda gosto de estar aí com ela.

Quando vieram Barb e Jo, nem sequer lhes perguntei. A maioria das sidhe-seer sentiam o mesmo que Liz. Elas não querem Mac aqui e a ninguém importa sua sorte. Não há eletricidade abaixo. Ao igual na época medieval. As tochas reluzem das paredes. Podem fazer uma idéia do quadro.

Sentiria-me nervosa pela Mac, se não fosse por mais ou menos cinqüenta luzes LED que mantenho acesas com controle constante sobre as baterias.

- Não sei por que se incomoda - disse Jo por cima de seu ombro - Ela troco o Círculo. Paquerou com um Príncipe Seelie. E estava procurando. FAE e humanos não se misturam. Essa é a finalidade de nossa ordem, manter as raças *separadas*. Ela obteve o que pediu.

Meu sangue ferveu. Pensei que estava na porta, a ponto de baixar, mas tinha a Jo esmagada contra a parede, nossos narizes separados só pela forçosa distância das luzes frontais de nossos MacHalos.

Tinha esse olhar. Medo de mim.

- Deve ter - disse-lhe friamente - Medo de mim. Porque se algo acontecer com Mac, vais ser a primeira pessoa que vou buscar. Mete-se comigo de longe, duramente.

- Rowena te manterá muito longe de sua preciosa espada. Sem sua espada, não é tão dura, Danielle.

Estava comigo?

- É Dani - Odeio esse nome de maricas. Empurrei-a de novo contra a parede.

Merda, não posso acreditar, mas se mete comigo *outra vez*!. Ainda tem um olhar de medo, mais desafiante também.

- Poderá ser mais rápida e mais forte, moça, mas suficientes de nós poderíamos te chutar o traseiro e estamos começando a querer fazê-lo. De tanto cuidar de uma traidora faz que comece a parecer como uma!

Olhou a Barb, que se encolhe de ombros como dizendo "*Sinto muito, mas estou de acordo*" Malditas idiotas. Vou olhar para trás. Não perderei meu tempo ou meu fôlego com elas.

Mac me necessita.

Abri a porta tenho uma má impressão, está escuro. Fico ali, pasmada por um segundo. De maneira nenhuma todas as tochas podem haver-se apagado de uma vez. Não estou detectando nenhuma presença FAE, e, inclusive, as mais débeis sidhe-seer entre nós, tem fila suficiente para cobrir toda a abadia.



Nenhum FAE ao redor significa que uma de *nós* apagou as tochas. Significa que temos alguém em nossas filas que quer a Mac morta, o suficientemente mau para tratar firmemente de matá-la. *E* espera sair-se com a sua. Liguei as luzes, entrei em modo super-rápido e bingo! Entrei em sua cela.

Era pior do que pensava.

Quando levamos os baldes de tinta para baixo, nunca tivemos que voltar para repassar com a parte não utilizada nenhuma zona e agora alguém havia tornado a pintar de negro todo o chão e as paredes de sua cela, apagando as guardas.

Toquei a pintura com uma sandália. Estava úmida, fresca.

Franzi o cenho. Algo não tinha sentido. Com as luzes apagadas, certo, as Sombras poderiam baixar. Com as guardas tampadas, poderiam inclusive entrar na cela se não houvesse cinquenta luzes brilhantes ali com ela, mas as havia. Então, qual era o ponto? Por que fazer uma meio tentativa de assassinato de merda que não tinha nenhuma possibilidade de funcionamento?

- OH, merda - digo, já que se faz a luz sobre mim. Porque esse alguém não está esperando às Sombras, a não ser algo maior e malvado, algo que não tem medo da luz.

De maneira nenhuma! De maneira nenhuma podemos ter um traidor *tão grande* entre nossas paredes!

Repasse as provas. Meu cérebro me indica o caminho. Muito sábio.

Não quero deixá-la sozinha, mas não posso ser seu guarda sem uma arma! Ainda não detecto FAE. Preciso quarenta e cinco segundos, como máximo. Tenho que correr o risco.

Congelamento de imagem!

Mover-se como eu é fanfarrão; em combate é o mais próximo a ser invisível que se pode obter. Dizem que se sentem um grande número de explosões pelo vento ao golpear seus cabelos.

Ainda estou pondo a prova os limites. Eu gostaria que funcionasse melhor, porque há menos onde chocar. Os machucados são uma constante em mim.

No ponto em que estou, as pessoas e não pode nem sequer me ver. Por isso uma pessoa poderia *me tocar* quando é uma imagem congelada para mim? Totalmente fora de questão.

Posso ver, de algum jeito, o que está passando ao meu redor, escutar um pouco, algo, mas é principalmente um desfocamento de movimentos e ruídos.

O ruído que me chega momentos antes de quase sair de minha pele do susto, são vozes masculinas. Zangadas. Violentas. Os homens não estão permitidos na abadia.

Jamais. Sem exceções. A noite que Mac trouxe aqui a V'lane, todas nos lançamos em um combate mortal.

Mas aqui estão. Os homens se dirigem a mim. Muitos deles. Disparos! MERDA!

Que classe de idiota traz armas a este tipo de guerra? Quem quer matar com essas armas? OH, Deus, duh, *nós*! Por quê? Direito agora, chegando mais rápido do previsto...

EVITAR! EVITAR! EVITAR!

Recorro a cada onça de velocidade e agilidade que sou capaz de conseguir, porque algo estranho está acontecendo e esse tipo está compartilhando o espaço comigo e tenho uma merda de tempo para evitá-lo, e, repentinamente sou elevada no ar por meus cotovelos e imobilizada no chão, com tanta força que meus dentes tocam castanholas.

Imobilizada.

EU.

Arrancada de minha super velocidade. *Forçada* a me deter. Não posso fazer frente a isso.

Chiam-me os dentes.

- Dani - diz um homem.



Boquiaberta. Mac nunca me disse o que parecia. Não posso acreditar que nunca Mac me dissesse o que parecia. Não posso deixar de olhar.

- Barrons? - pausa. Tem que ser ele. Não pode ser ninguém mais. *Este* é com quem ela vivia todos os dias? Como pôde suportá-lo? Como pôde alguma vez lhe dizer "*não*" sobre algo?

Como sabe quem sou eu? Falou-lhe Mac de mim? Espero que diga quão imponente sou! Estou tão apertada que poderia morrer. Chiou diante dele. Os ratos cham. Ele ocupa muito espaço. Ele me extrai o ar. Subo atrás, a velocidade de meia imagem fixa. Tenho a sensação de que ele *me deixa*. Isto me irrita, muito.

Olhou atrás e quase chio de novo.

Oito homens repartidos em formação de V detrás dele, as armas rodeando os da cabeça aos dedos dos pés, munições penduradas, algo que parecem Uzis. Grandes homens. A maioria deles parecem mais animais que humanos. Um deles se parece com a morte em si mesmo, com seu cabelo branco, pele pálida, olhos escuros e quentes que avaliam inquietamente, incessantemente. Fixa-se em mim. Abato-me. Todos se movem de um modo elegante e estranho. Como FAE exsudando arrogância, mas não são FAE. As sidhe-seer estão como engessadas contra as paredes, tratando de não chamar a atenção sobre elas mesmas. Nadir morreu que eu possa ver. Acredito que quando ouvi disparos eram advertências, orvalhando no ar. Espero que sim. A energia que exsudam estes tipos é feroz. Seja qual seja a que Barrons tem, não posso alcançá-la, mas sobre um gráfico de poder cru, o é a fodida referência, embora os outros o têm, também. Vendo esta tripulação de pé no corredor da abadia me faz ter ainda mais vontade de desaparecer de seu caminho.

Um dos homens tem Ro agarrada por um antebraço, uma faca em sua garganta.

Devo me acelerar e cuidar dela. Ela é nossa Grande Mestra. Ela é nossa mais alta prioridade. Coisa que não estou muito segura de poder fazer sem passar ao Barrons.

- Fora de minha abadia! - está gritando.

- Onde está Mac? - diz Barrons, suave, cravando um olhar duro como um dardo. A suavidade dele é como um bisturi em cima de sua jugular. - Há feito algum dano, cadela?

Se o olhar pudesse matar! Algum dia, alguém vai buscar a mim e lançar a alguém uma olhada assim. Não vou dizer lhe que estou bastante segura de que Ro ia deixar morrer.

- Não. Ela está bem - esclareci - Bom quero dizer, tal como estava quando chegou aqui

Ele me lança um olhar e diz

- Onde?

Uma fria e dura realidade se equilibra sobre mim e as tochas apagadas e as paredes cobertas de negro. Não posso manter segura Mac por mim mesma. Inclusive *eu* tenho que dormir às vezes. À exceção das Relíquias da Eva, Barrons manteve sua caixa forte. Ainda... não há modo nem maneira humana que me possa depenar no ar assim O que é ele? Não sei quanto confia Mac nele.

- me prometa que não fará mal a Ro - digo - Precisamos dela.

Algo selvagem se move na profundidade, em seus olhos.

- Decidirei quando vir Mac

Sinto-me selvagem de repente, muito

- Bem, onde saco estava quando lhe necessitou? - grunhi

- *Eu* estava ali.

Sem outra palavra, congelo a imagem para fora.

Só há duas coisas nas que eu confie entre estas paredes: eu e minha espada. Se meus instintos forem tão acertados sobre isto, como sempre são Barrons não é a única coisa que se interpõe no caminho de Mac agora mesmo.



Vou golpear a todos ali.

Deixei que o ancestral, frio, sidhe-seer sentido, se adiante a mim. Libero o poder, a força, a velocidade, livre!

A porta do escritório do Ro se faz lascas. A espada é minha.

Então estou na cela de Mac, de pé ao seu lado. Roda sobre ela como se detectasse o calor de meu corpo. Aferra-se a minha perna. Esfrega-se contra mim. Faz ruídos. Pretendo que não ocorre nada raro. Ela não pode ajudar-se a si mesmo agora. Não a olhou diretamente. Não sei muito sobre sexo, mas sim sei que o que acontece com ela não é maneira de aprendê-lo. Estive fazendo um pouco de investigação. Tem-me preocupada. Não há nem um só caso de uma pessoa *Pri-já que* tenha podido retornar. Nenhum. Eles são animais estúpidos que fazem o que lhes dizem até que morrem. E eram os casos transformados pelo Seelie! Nunca ninguém tinha sido transformado pelos Unseelie e Mac tem em sua conta a três dos mais poderosos! Mas Mac tem Pelotas. Ela encontrará seu caminho de volta de algum jeito. Ela tem que fazê-lo. Precisamos dela.

Um FAE peneirando-se!

- *Busco Necesito Sexo Mortal* - explodiu em mim. A vacilação não vai comigo! Cravo minha espada em seu intestino. Olho para baixo. Está aturdido, incrédulo. Estamos nos olhando um ao outro. Insuportável perfeição. Minhas bochechas se molham como a última vez que olhei a um príncipe e não tenho que tomar em meus dedos para saber que é sangue. Se só olhando-o faz sangrar meus olhos, como pôde sobreviver Mac com três deles *tocando-a*? Fizeram coisas com ela? Inclusive ferida de morte, obriga-me a cair de joelhos. Quero lhe deixar fazer algo que queira comigo. Quero obedecer. Quero lhe chamar Mestre. Ro diz que são o equivalente dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, qual é o que está pego a minha espada? Morte, Pestilência, Fome ou Guerra?

Um tipo ao que matar! Eu me acariciaria tombada sobre minhas costas se isto não supusera que não conseguiria impedir de tirar minha espada e girá-lo sobre mim. Isto está fodendo comigo. Tenta tomar. Seus olhos iridescentes ardem no que, estou bastante segura, é sua tentativa de me matar por incineração. Logo estamos os dois caindo de joelhos: ele porque está morto e eu porque estou foddidamente envergonhada, já que acredito tive meu primeiro orgasmo matando a um Príncipe Unseelie. Isto é incorreto. Odeio-o. Odeio o que me fez sentir, o que sinto agora. Supõe-se que não devia ser assim.

Então, Barrons está na cela.

Há Príncipe Unseelie peneirando-se atrás de mim. A coisa é tão poderosa, que meu sentido sidhe-seer o capta ainda antes de fazer-se corpóreo. Girou, lanço uma estocada, mas não consigo imprimir a suficiente velocidade assassina nisso, porque o bastardo lança um olhar *atrás de mim* e desaparece.

Vale. Compreendo. Não sou estúpida. Isto teve mais medo do Barrons que de mim e minha espada juntas.

Dou a voltas para enfrentá-lo e exigir respostas, porque não lhe deixarei tocar a Mac, de nenhuma maneira, até que ele me explique algumas coisas, mas o olhar em seus olhos me freia.

Segue o caminho, Dani, diz seu olhar. Você não é uma menina, dizem seus olhos. Você é uma guerreira e um castigo sangrento nisto. Seu olhar me recolhe, mede-me de acima a abaixo e me reflete, e no espelho brilhantemente negro de seu olhar fixo, sou um *inferno* em forma de mulher. Barrons me vê. Realmente *me vê*!

Quando recolhe Mac e se afasta, trago-me um suspiro de sonho. Algum dia vou dar minha virgindade ao Barrons.



Capítulo 3

Mac: na cela na abadia

Tenho calor. Tenho necessidade. Tenho dor. Tenho mais que dor. Estou em agonia. Estou ao outro lado da morte, renegada a misericórdia dela. Sou a vida que nunca deveria ter sido. A pele é tudo o que sou. Esta pele viva, faminta, que dói que precisa ser tocada, suportada. Rodo e rodo, mas não é suficiente. Faz que a dor piore. Minha pele está em chamas, esfolada por mil lascas ao vermelho vivo.

Estive no frio chão de pedra desta cela durante todo o tempo que sou capaz de recordar. Não conheci nada mais que este frio chão de pedra. Estou oca. Estéril. Estou vazia.

Não sei a razão pela que se sigo estando. Mas, espera! Há algo mais em meu estancamento? É uma mudança?

Levanto minha cabeça. Há outro quase vazio perto! Rastreio-lhe, peço-lhe que faça cessar minha agonia.

Outro quase vazio tenta pôr coisas em minha boca e que mastigue. Aparto a cabeça. Resistir.

Não o quero. Fora daqui. Toque-me aqui! Toque-me agora! Não. Vai. Algumas vezes volta e o tenta outra vez.

O tempo não tem sentido.

Vou à deriva. Estou sozinha. Perdida. Sempre estive sozinha. Nunca houve mais que frio e dor. Toco a mim mesma. Necessito. Necessito.

O outro que vem e vai vazio. Põe coisas em minha boca, esse aroma, esse sabor mau. Cuspo-o. Isso não é o que necessito.

Vou à deriva em um êxtase de dor. Espera! O que é isto? Troca de novo? Conheci alguma vez algo que não seja a agonia?

Sim! Sei que isto! O Que me criou está aqui! Meu príncipe chegou. Alegro-me. O fim dos sofrimentos está à mão.

O que é o que está *fazendo* o outro que está vazio? Meu príncipe está... não, não, não!

Eu grito. Martelo no vazio com meus punhos. O outro que está vazio está fazendo mal a meu mestre com uma larga e brilhante coisa. Deixa-o! Tome a mim! Peço-lhe. Não posso suportá-lo.

Dor! Dor!

O outro que está vazio se ajoelha junto a mim. Toca meu cabelo. Meu príncipe se foi.

O outro lhe fez deixar de ser! Paraliso-me. Dor. Desespero. Desolação. Estou nos escarpados de gelo negro de onde provêm meus mestres.

Mudança de novo?

Outro Criador chegou? Vou ser salva depois de tudo? Será concedida a misericórdia das mãos de meu amo?

Não, não, não! Ele se foi, também. Por que me torturam?

Estou em agonia. Fui abandonada. Estou sendo castigada e não sei por que. Mas espera...

Algo se abate sobre mim. É escuro e potente. É elétrico. É luxúria. Não é um de meus príncipes, mas meu corpo se arqueia e bole. Sim, sim, sim, *você* é o que necessito!

Isso me toca. Estou em chamas! Choro de alívio. Sustenta-me contra seu corpo, esmaga-me contra sua pele. Estamos chispando. Fala-me, mas eu não entendo seu idioma. Estou em um lugar



indescritível. Só há pele, carne e necessidade.

Sou um animal. Uma fome sem consciência, sem náusea.

E me deu um presente que supera todos os presentes de meus mestres, eles devem estar contentes comigo!

Seu idioma é um jargão em meus ouvidos, mas a carne se reconhece se por acaso mesma.

A criatura que me sustenta agora fará algo mais que terminar com minha dor. Encherá tudo o que está vazio. É um animal, também.

Capítulo 4

Estou viva. Estou tão viva. Nunca estive mais viva em minha vida. Estava sentada, com as pernas cruzadas, nua, em um enredo de lençóis de seda. A vida é um banquete sensual e eu sou voraz.

Estava brilhando com o suor e a satisfação. Mas necessitava mais. Meu amante estava muito longe. Estava me trazendo comida. Não sei por que insiste. Não necessito nada mais que seu corpo, seu toque elétrico, as coisas primitivas, íntima que ele me faz. Suas mãos sobre mim, seus dentes e língua. E mais que tudo, o que pendura pesadamente entre suas pernas. Às vezes o acaricio.

Chupo-o. Então brilha com o suor e a fome e se tenciona sob meu centro. Domino seus quadris, provo-o. Isto me faz sentir poderosa e viva.

- É o homem mais formoso que vi, - digo-lhe - é perfeito.

Então o faz um som estrangulado e murmurou algo sobre como eu poderia seriamente reconsiderar isto em algum momento. Eu o ignoro. Ele diz muitas coisas que não entendo. Eu as ignoro todas. Admiro a graça sobrenatural de seu corpo. Escuro, forte, me enche como uma grande besta. A ondulação de seus músculos. Símbolos negros e carmesins cobrem a maior parte de sua pele.

É exótico, excitante. Ele é grande. A primeira vez quase não pude tomá-lo dentro de mim. Ele me encheu, sacia-me completamente. Quando não esta dentro de mim me sinto vazia outra vez.

Ponho-me de quatro patas e arqueio meu traseiro de maneira incitante. Eu sei que não pode resistir a meu traseiro. Quando o olha, tem um gracioso olhar em seu rosto. Selvagem, sua boca tensa, seus olhos se endurecem. Às vezes afasta o olhar bruscamente.

Mas sempre olha de novo.

Forte, rápido, faminto como eu.

Eu acredito que é dividido pelo desejo. Não entendo isso. O desejo é desejo. Não há nenhum julgamento entre animais. Não há bem ou mau. A luxúria é luxúria. O prazer é o caminho das bestas.

- Mais - disse - volta para a cama.

Tomou um tempo aprender que é esta coisa deliciosa de falar, mas quando o fiz, aprendi rapidamente, embora partes disso me evitam. Ele afirmava que eu o conhecia faz muito tempo, mas que o tinha esquecido. Disse que tomou semanas recuperá-la. Eu não sei o que eram as "semanas". Ele dizia que eram uma forma de marcar o passar do tempo. Não me importam essas coisas.

Ele freqüentemente falava tolices. Eu o ignorava. Fechava-lhe sua boca com a minha. Ou



com meus peitos, ou outras partes de meu corpo. Isso sempre funcionava.

Ele me deu uma olhada e durante um momento pensei que tinha visto esse olhar antes. Mas sei que não o tenho feito, porque eu nunca poderia esquecer uma criatura tão divina.

- Come - grunhiu.

- Não quero comida – grunhi como resposta. Estou cansada de que me faça comer. Estire-me para ele. Sou forte. Meu corpo é confiável. Mas esta valente besta é mais forte que eu. Saboreei seu poder quando me levanta para me pôr sobre ele, quando me sustenta sob seu corpo e me enche, quando esta detrás de mim impulsionando profundamente. Quero-o ali agora. Ele não conhece nenhum limite. Embora eu durma um pouco, eu nunca o vi dormir. Embora eu exija sem cessar, ele sempre é capaz de me satisfazer. Ele é inesgotável.

- Quero mais. Você. Vêem. Aqui. Agora. - disse. Lá ia meu traseiro outra vez. Levantado. Olhou-me fixamente.

Amaldiçoou.

- Não, Mac. - disse.

Eu não sei o que "Mac" quer dizer. Mas sei o que "Não" quer dizer. E eu não gosto.

Pus má cara. Mas rapidamente se torceu em um sorriso. Eu sabia seu segredo. Para ser uma besta de tanto poder, seu autocontrole comigo era débil. Isto eu aprendi em nosso tempo juntos. Molhei meus lábios e o olhei, fez esse som, esse ruído zangado no profundo de sua garganta que faz a meu sangue ficar quente, quente, quente, porque sempre que o faz eu sei que esta a ponto de me dar o que quero.

Ele não pode resistir a mim. E isso lhe incomoda. É um animal estranho. A luxúria é luxúria, o disse uma e outra vez. Tratando de fazê-lo entender.

- Há mais na vida que a luxúria, Mac. - disse grosseiramente, uma vez mais.

Aí estava essa palavra "Mac" outra vez. Tantas palavras que não entendia. Estava aborrecida de falar. Não prestei atenção.

Deu-me o que queria. Depois me obrigo a comer... Aborrecido! Segui-lhe a corrente. Com o estomago cheio me deu sono. Enredei meu corpo com o seu. Mas quando o fiz, a luxúria tomo outra vez e não podia dormir. Estendi um de meus joelhos sobre seu corpo e me sentei escarranchado sobre ele, balançando meus peitos frente seu rosto. Seus olhos se voltaram frágeis e sorriu. Apanho-me sob ele com uma volta cheia de graça, estirando meus braços sobre minha cabeça e me olhou fixamente aos olhos. Acomodei meus quadris debaixo dele. Estava duro e preparado. Ele sempre estava duro e preparado.

- Se acalme Mac. Maldição! Não pode só estar quieta?

- Mas não esta dentro de mim - Queixei-me.

- E não vou estar.

- Por que não? Você me deseja.

- Precisa descansar.

- Descansarei depois.

Fechou seus olhos. Um músculo estava se movendo em sua mandíbula. Quando abriu os olhos, brilhavam como a noite Ártica.

- Estou tratando de te ajudar. Arqueei-me de novo contra ele.

- E eu estou tratando de te ajudar a me ajudar. - Expliquei pacientemente. Minha besta era tola às vezes.

Ele grunhido e deixou cair seu rosto em meu pescoço. Mas não o beijo ou o belisco. Grunhiu de desgosto. Quando levantou sua cabeça outra vez, levava uma mascara de tranqüilidade que não prometia me dar o que eu queria. Minhas mãos ainda estavam apanhadas nas suas.



Golpeie-o com minha cabeça.

Ele riu e durante um momento pensei que tinha ganho, mas então se separo de mim e disse.

- Dorme.

Em uma estranha voz que parecia ressonar como muitas vozes. Pressionavam meu crânio. Não sabia o que eram. Esta besta tem magia. Eu tenho magia, também, em um lugar em minha cabeça. O fiz retroceder com minha magia, com força, porque quero o que o tem e não me dará isso. Zanga-me que se oponha, assim empurro dentro dele, tratando de fazê-lo fazer o que quero que faça. Com minha magia de besta, procuro sua debilidade para usá-la contra ele, como ele trata de usar a minha. Então, algo me cedeu o passo e de repente já não estava entre o prazer da seda em minhas costas e um homem em frente a mim, mas...

Estava de pé em um deserto. Dentro do corpo de meu amante, olhando fixamente o que vêem seus olhos. Sou poderoso, enorme, forte. Respiramos o sufocante e quente ar da noite. Estamos sozinhos, muito sozinhos. As abafadiças rajadas de vento que cruzam o deserto formam uma violenta tempestade de areia, nos cegando exceto uns metros diante de nós, trazendo milhares de diminutos grãos de areia que chocam como agulhas contra nossos rostos e olhos desprotegidos.

Mas não fazemos nenhum movimento para nos proteger. Damos boas-vindas à dor. Ficamos na dor, sem resistir. Respiramos os grãos de areia que queimam nossos pulmões.

Outros nos rodearam; mas seguíamos estando tão sozinhos. O que temos feito? Em que nos convertemos? Eles a apanharam? Ela sabe? Denunciasse-nos? Ela viu o que somos? Ela é nosso mundo. Nossa estrela mais alta, nosso sol mais brilhante e agora somos escuros como a noite. Nós sempre tínhamos sido escuros, temidos, estávamos em cima e mais lá de qualquer lei. Mas ela nos tinha amado de todos os modos. Amaria-nos agora? Nós que nunca tínhamos conhecido a incerteza ou o medo, agora conhecíamos ambos, no que é de maneira absurda o momento de nossa maior força. Nós que tínhamos matado sem consciência, tomado sem perguntar, conquistado sem vacilação, agora nos perguntávamos tudo. Nossa vida desprezada por um só ato. O poderoso, cujo passo nunca vacilou... tropeça. Caímos de joelhos, jogamos atrás nossa cabeça e com nossos pulmões cheios de areia, rugimos por nossa cólera, com os lábios rachados e ardentes ao céu, burlamo-nos do maldito firmamento.

Alguém estava me sacudindo.

- O que esta fazendo? - ele rugiu.

Estou na cama outra vez, entre a seda e o homem. Ainda sinto o calor abrasador do deserto e minha pele parece arenosa. Ele me fez apartar a vista de meu corpo, seu rosto estava branco pela fúria. E mais. Esta besta, embora não fizesse nenhum ruído estava ofuscada.

- Quem é ela? - Perguntei.

Já não estava dentro de sua cabeça. Foi muito difícil permanecer ali. Ele não me queria aí. E com sua força conseguiu me expulsar.

- Não sei como fez isso, mas nunca fará outra vez - Grunhiu e me sacudiu outra vez. - Entendido? - despiu seus dentes. Isso me excitou.

- Preferiu a ela que a todos os outros. Por quê? Ela era um melhor casal?

Isto não tem sentido. Sou uma boa besta. Ele deveria me ter por cima de todos os outros. Estou aqui. Agora. Ela não esta. Não sei como sei, mas ela se foi por muito tempo. Mas longo que suas "semanas."

- Deixe-a foder em minha cabeça!

Foder. Essa era uma palavra que conhecia.

- Sei, por favor. - Disse.



- Dorme. - Ordenou-me nessa rara e multidimensional voz, - Agora.

Resisti, mas seguiu dizendo-o uma e outra vez. Depois de um tempo, cantou. Finalmente, ele conseguiu as tintas e os desenhos sobre minha pele. Já havia feito antes. Me para cócegas... mas me acalmava.

Dormi.

Sonhei com lugares frios e fortalezas de capas de gelo. Com uma mansão branca. Com espelhos que eram portas a outros sonhos e ao inferno. Sonhei com animais que não podiam existir. Com coisas que não podia nomear. Estava chorando em meus sonhos. Uns braços poderosos me apanhavam. Estremeci neles. Senti como se estivesse morrendo.

Há algo em meus sonhos que queria que eu morresse. Ou ao menos que deixe de viver pelo que entendo.

Isto me zangava. Não deixar de existir. Não morrerei, não importa quanta dor haja. Eu fiz uma promessa a alguém. Alguém que é minha estrela mais alta, meu sol mais brilhante. Alguém como quem eu quero ser. Pergunto-me quem é.

Sigo adiante pelo frio, os sonhos escuros. Um homem que esta vestido com um traje vermelho estica um de seus braços para mim. É formoso, sedutor e esta muito zangado comigo. Ele me chama, ordena-me que vá pare ele. Ele tem uma maneira de me reter. Quero ir onde. Preciso ir onde. Eu lhe pertencço. Ele me fez o que sou. – *Te contarei dela da que tanto se lamenta* - prometeu-me. – *Contar seus últimos dias. Tem muito de que inteirar-se.* Sim, sim, embora eu não sábia de quem estivesse falando, estava desesperada por escutar dela. Tinha tido ela dias felizes? Tinha sorrido? Foi valente ao final? Foi rápido? Diga-me que foi rápido. Diga-me que não foi doloroso. - *"Encontra o livro para mim"*- ele disse, - *"e te contarei tudo. Darei tudo. Chama à Besta. Desencadeia-a para mim."* Eu não queria esse livro. Estava aterrorizada dele. - *"Devolverei a ela da que se lamenta. Darei de novo suas lembranças e mais"*.

Pensei que eu poderia morrer por ter essas lembranças outra vez. Aí havia um buraco. Agora havia um buraco onde o buraco tinha estado.

"Você deve viver para recuperar essas lembranças", outra voz grunhiu de longe. Senti cócegas em minha pele e escutei um canto. O canto, sufocado a voz do homem vestido de vermelho. Ele era a ira, derretendo-se em meu sangue, então o retrocedeu e estava a salvo dele, por agora.

Eu era uma pipa em um tornado, mas tinha uma corda larga. A corda estava tensionada.

Em algum lugar, alguém tinha o outro extremo da corda e embora não podia me tirar da tormenta, não me deixaria perder enquanto recuperava minha força.

Era suficiente. Eu sobreviveria.

Ele pôs música para mim. Isso eu gostava muito.

Encontrei algo mais para fazer com meu corpo que me dá prazer. Chamava-me para dançar. Ele se deitou sobre a cama, com os braços detrás de sua cabeça, uma montanha de músculos escuros e tatuagens contra lençóis carmesim de seda, me olhou enquanto dançava nua ao redor do quarto. Seu olhar fixo era carnal, quente e sabia que minha dança o agradava enormemente.

O ritmo se tornou intenso. A letra era a propósito, já que ele recentemente tinha me ensinado que no momento de prazer se chama "orgasmo" ou "vir-se" e a música era uma versão da canção do Bruce Springsteen cantada por alguém chamado Manfred Mann. Uma e outra vez dizia, eu me vim por ti. ** *(Foi um pouco difícil arrumar este parágrafo, o sentido é totalmente sexual, quando diz "vir-se" no original diz "to come" e a canção diz "I came for you" algo assim como que teve um orgasmo por ela...)*

Ri como se o estivesse cantando. Pus uma e outra vez. Ele me olhava. Perdi-me no ritmo.



Minha cabeça estava para trás e meu pescoço arqueado. Quando o olhei, ele estava cantando: *neném me dê tempo para cobrir meus rastros s. Ri.*

- Nunca. - disse.

Se minha besta pensava me deixar, rastrearia-o. Era meu. Sim disse.

Seus olhos se estreitaram. Saiu da cama e se equilibrou sobre mim. Eu lhe faço feliz. Vejo em seu rosto, sinto em seu corpo. Dançou comigo. Fui golpeada outra vez por como de forte, poderoso e seguro é de si mesmo. Em uma escala de depredador de um a dez, ele tem um dez. Isto quer dizer que eu também tenho um dez. Sinto-me orgulhosa.

Nosso sexo foi feroz. Ambos ficamos machucados.

- Quero que isto sempre seja assim. - disse.

Dilataram-lhe as fossas do nariz e seus olhos de obsidiana olhavam com brincadeira.

- Tenta conservar esse pensamento.

- Não tenho que tentar. Nunca sentirei diferente.

- Ah, Mac - disse, e sua risada foi tão escura e fria como o lugar de meu sonho. - um dia, perguntasse se for possível me odiar mais.

Minha besta adora a música. Ele tem uma coisa rosada que o chama eye-pod* (*Eye-pod: refere-se ao I-pod, mas ela o entende como eye: olho e pod: pote. Estava mais mal do que pensava!*), embora isso não se vê como um pote de creme para olhos, e com o faz muitos sons.

Ele põe canções uma e outra vez e me olha cuidadosamente, inclusive quando não estou dançando. Algumas canções me fazem zangar e eu não gosto. Eu tento as parar, mas ele sustenta o eye-pod sobre minha cabeça e não posso alcançá-lo. Eu gosto das canções fortes e sexys como "Pussy Liquor" e "Foxy, Foxy." Ao gosta das canções cheias de vida e alegres e estou mais que farta de "What ao Wonderful World" e "Tubthumping." Ele me olha, sempre me olha quando as põe. Têm nomes estúpidos e as odeio.

Às vezes, ele me mostra fotografias. Também as odeio. São de outras pessoas, mas que tudo de uma garota chamada Alina. Eu não sei por que necessita fotos dela quando tem a mim! Vê-la faz sentir quente e fria ao mesmo tempo. Vê-la me faz mal.

Às vezes me conta histórias. Sua favorita é sobre um livro que é tão monstruoso que pode destruir o mundo. Aborrecido!

Uma vez me contou uma história sobre Alina e disse que tinha morrido. Gritei e chorei com a história e não sei por que. Hoje ele me mostrou algo novo. Uma fotografia de um homem chamado Jack Lane. Eu a rompi e lhe lancei os pedaços.

Agora o perdoei porque estava dentro de mim, e tinha suas grandes mãos sobre minha petunia (meu bumbum)—eu não conheço essa palavra, nem sequer de onde veio!- e estava fazendo aquele golpe lento, erótico, entrando e saindo, tão suave e profundo que me faz tremer até a ponta dos dedos de meus pés, beijou-me tão forte que não podia respirar e não queria fazê-lo. Estava em minha alma e eu estava na sua, e embora estivéssemos na cama, estávamos também em um deserto, não sei onde começava ou terminava.

E suponho que se sua loucura peculiar fosse a música, as fotografias e as histórias, é um pequeno preço a pagar por este prazer.

Ele gozou com força, estremecendo. O alcancei, me movendo com cada estremecimento de meu corpo. Quando chega ao orgasmo, faz um som profundo no fundo de sua garganta, é um grunhido tão animal e sexual que eu acredito que se o olhasse e o fizesse, eu poderia explodir em um orgasmo instantâneo.

Ele me sustentou. Cheirava bem. Eu meio dormi. Começou com suas estúpidas histórias outra vez.



- Não me importa. - disse levantando a cabeça de seu peito. - Deixa de me falar. - Cobri sua boca com minha mão. Ele a apartou.

- Deveria te importar, Mac.

- Estou farta dessa palavra! Não sei que é Mac. Eu não gosto de suas fotografias. Odeio suas histórias!

- Mac é seu nome. Você é MacKayla Lane. Mac para abreviar. É quem é. É uma sidhe-seer. Isso o que é. Foi criada pelo Jack e Rainey Lane. Eles são seus pais, e lhe amam. Eles lhe necessitam. Alina era sua irmã. Foi assassinada.

- Pare de falar! Não vou escutar. - pus minhas mãos sobre meus ouvidos. Ele tomou minhas mãos e as afastou de meus ouvidos.

- Você ama o rosa.

- Eu desprezo a cor rosa! Adoro o vermelho e o negro.

As cores do sangue e a morte. As cores das tatuagens em seu formoso corpo, que cobriam suas pernas, seu abdômen, a metade de seu peito e que subiam por um lado de seu pescoço.

Ele me pôs sob seu corpo e apanhou meu rosto com suas mãos.

- Me olhe. Quem sou eu?

Havia algo que não podia recordar. Não queria recordar.

- Você é meu amante.

- Não sempre fui Mac. Houve um tempo no que nem você sequer gostava. Você não confiava em mim.

Por que me dizia mentiras? Por que tentava arruinar o que tínhamos? Isto estava acontecendo agora. Era perfeito. Não havia frio, nem dor, nem morte, nem traições, não havia lugares gelados, não havia monstros aterradores que podem roubar-se sua vontade e te transformar em algo que não pode reconhecer e faz se envergonhar si mesma. Aqui só havia prazer, prazer infinito.

- Eu confio em você - disse. - nós somos iguais. Sua risada foi aguda como uma faca.

- Não somos. Disse isso antes. Nunca cometa esse engano. Encontramo-nos na luxúria. Mas não somos o mesmo. Nunca seremos.

- Se preocupa por coisas que não têm importância. E fala muito.

- Consegui-me um bolo de aniversário. Era de cor rosa. Eu o joguei contra o teto. Não sabia que eram "aniversários" ou "bolo" assim não disse nada.

- Você gosta dos automóveis. Deixe-te conduzir meu Viper.

Automóveis! Eu recordava isso. Liso, atraente, rápido e poderoso, todas as coisas que eu gosto. Algo me incomodava.

- Por que estrelou esse "bolo de aniversário" contra o teto? - enquanto esperava sua resposta, fui golpeada por um violento sentimento de déjà vu... esperei muitas respostas de minha besta e obtive muito poucas, ou nenhuma.

Ele afastou a vista de mim. Parecia assustado de que houvesse feito essa pergunta. Eu mesma me sentia confusa com isto. Eu não fazia pergunta. Tenho muito pouco interesse em conversar. Isso é sozinho agora. Eu conhecia meu amante desde o dia que se fez meu amante. Por que me tinham que importar coisas chamados bolos ou aniversário? Até queria saber sua resposta e me senti desinflada quando ele não me deu nenhuma.

- "Eu sou Jericho Barrons". Diga meu nome.

Tentei afastar meu rosto, mas suas mãos como parafusos sustentavam meu crânio imóvel, me impedindo de olhar longe.

Fechei meus olhos. Ele me sacudiu.



- Diga meu nome.
- Não.
- Maldição! Poderia só cooperar?
- Não sei o que é a palavra '*cooperar*.'
- Obviamente - grunhiu.
- Eu acredito que inventa palavras.
- Não invento palavras.
- Se o fizer.
- Não faço.
- Se
- Não
- Ri.

- Mulher, esta me deixando louco - resmungou. Fazíamos isso freqüentemente. Entrávamos em discussões infantis. É obstinada minha besta.

- Abre seus olhos e diga meu nome.

Apertei-os fechando-os mais forte.

- Montaria-te com força se dissesse meu nome. Meus olhos se abriram de repente.

- Jericho Barrons. - disse docemente. Ele fez um som aflito.

- Maldito inferno, mulher, acredito que uma parte de mim quer te deixar como é agora. Eu toquei seu rosto.

- Eu gosto como sou. Eu gosto como é você, também. Quando seu... Qual é essa palavra que usa? *Coopera*.

- Me peça que lhe foda.

Sorri e obedeci. Estávamos de novo em nosso território, tinha-o entendido.

- Não disse meu nome. Diga meu nome quando me pedir que lhe foda.

- Foda-me, Jericho Barrons.

- A partir de agora, chamara-me Jericho Barrons cada vez que te dirija.

Ele era uma besta estranha. Mas me deu o que queria. E suponho que não ia matar me fazer o que dizia. Então começamos um modo diferente de existir. Eu o chamava Jericho Barrons e ele me chamava Mac. Já não fomos animais. Tínhamos "*nome*".

Sonhei com sua "*Alina*" e despertei chorando. Mas havia algo novo em meu interior. Algo frio e explosivo sob as lágrimas. Não sei como chamá-lo, mas isto me fez caminhar de um lado para outro. Estava espreitando o quarto como o animal que sou destruindo e quebrando coisas. Gritei até que minha garganta esteve em carne viva. De repente tinha novas palavras.

Raiva. Cólera. Violência.

Senti toda a ira que alguma vez havia sentido. Poderia açoitar a terra com minha pena e loucura. Queria algo. Mas não sabia o que era. Ele me estava olhando em silêncio.

Pensei que poderia ser sexo. Fui para ele. Ele se sentou na beira da cama e me pôs de pé entre suas pernas. Minhas mãos estavam machucadas por quebrar coisas. Ele as beijou.

- Vingança. - disse brandamente. - Eles tomaram muito. Rende-te e morre, ou aprende a lhes devolver o golpe. Vingança, Mac.

Assenti com minha cabeça. Tratei de pôr a palavra em minha língua.

- Vingança. - Sim. Isso é o que queria.

Ele tinha ido quando me levantei, tive um mau momento, mas então retornou trazendo



muitas caixas e algo que cheirava muito bem.

Não resisti quando me ofereceu alimento. Estava-o esperando. A comida é prazer. Às vezes eu punha coisas sobre seu corpo e as tirava com minha língua, e ele ficava me olhando com seus olhos escuros e estremecia quando chegava ao orgasmo.

Partiu e volta com mais caixas.

Sentei-me sobre a cama, comi e lhe olhei.

Abriu uma das caixas e começou a construir algo. Era raro. Pôs música em seu eye-pod que me fez sentir incomoda... jovem, infantil.

- Isto é uma árvore, Mac. Alina e você armavam uma cada ano. Não pude trazer uma de verdade. Estamos em uma Zona Escura. Recorda as Zonas Escuras?

Sacudi minha cabeça.

- Você lhes pôs esse nome. Sacudi minha cabeça.

- Que tal em vinte e cinco de Dezembro? Sabe que dia é esse? Sacudi minha cabeça.

- É hoje.

Entregou-me um livro. Tinha fotografias de um homem gordo vestido de vermelho, de estrelas e um berço, de árvores com umas bonitas coisas brilhantes que penduravam dos ramos. Tudo me parecia bastante estúpido.

Ele me passou a primeira de muitas caixas. Nela havia bonitas coisas brilhantes. Dava-me conta de sua intenção. Fiz rodar meus olhos. Meu estômago estava cheio e eu preferia ter sexo. Ele se recusou a obedecer. Tivemos uma de nossas brigas infantis e o ganhou porque tinha o que eu queria e não podia rechaçá-lo.

Decoramos a árvore enquanto escutávamos felizes e idiotas canções. Quando terminamos, ele fez algo que acendeu um milhão de pequenas luzes que brilhavam vermelho e rosado, verde e azul. Perdi meu fôlego como se alguém me tivesse golpeado no estomago. Caí de joelhos. Consegui novas palavras. Elas chegaram devagar, mas chegaram.

Natal. Presentes. Mamãe. Papai.

Lar. Escola. Brickyard. Celular. Piscina. Trinity. Dublin.

Uma palavra me incomodava mais que todas as outras combinadas.

Irmã.

Ele me fez usar "*roupa*". A odeio. É apertada e roça minha pele. Tirei isso, atirei-a ao chão e a pisei fortemente com meu pé. Ele me vestiu outra vez, com as cores do arco íris que são brilhantes e fazem mal a meus olhos.

Eu gosto do negro. É a cor dos segredos e o silêncio. Eu gosto do vermelho. É a cor da luxúria e o poder.

- Você usa negro e vermelho. - disse zangada. - sempre os usa sobre sua pele. - Não sei por que ele é o que tem que fazer as regras, e sim o disse.

- Sou diferente, Mac. E sou o que faz as regras porque sou maior e forte. - riu. Havia poder refletido nesse simples som. Tudo sobre ele era poderoso. Isso para lhe querer todo o tempo. Inclusive quando era torpe e molesto.

- Não é tão diferente. Você não gostaria que fosse como você? -Tirei de um puxão a camiseta cor rosa por cima de minha cabeça. Meus peitos saltaram para fora. Ele me olhou fixamente com força, logo afastou seu olhar.

Esprei que me voltasse a olhar. Ele sempre voltava a olhar. Não o fez desta vez.

- *Você não tem que esperar bolos cor de rosa. Isso não é já seu mundo.* Não foi isso o que disse? - estava furiosa. - deveria estar feliz de que queira a cor negra!

Sua cabeça se moveu rapidamente.



- O que disse Mac? Quando lhe disse isso? Fale-me disso!

Não sabia. Não entendia o que acabava de dizer. Não recordava esse momento. Franzi o cenho. Doía-me a cabeça. Odiava esta roupa. Tire a saia mas deixe os saltos. Nua, não podia respirar. Eu gostava dos saltos. Faziam-me sentir alta e sexy. Caminhei para ele, meneando meus quadris. Meu corpo sabia como caminhar com este tipo de sapatos.

Ele agarrou meus ombros, me mantendo afastada dele. Não olhava meu corpo, só meus olhos.

- Bolos cor de rosa, Mac. Fale-me dos bolos cor de rosa.

- Não se nenhuma petunia de rato sobre bolos cor rosa! - gritei. Queria que olhasse meu corpo. Estava confundida. Tinha medo. - Nem sequer sei o que é a petunia de um rato!

- A sua mamãe não gostava que ela e sua irmã amaldiçoassem. "Petunia" é a palavra que diz em vez de dizer "traseiro", Mac.

- Não sei o que quer dizer essa palavra "irmã" tampouco! - Menti. Odiava essa palavra.

- OH, sim, se souber. Ela era seu mundo. Foi assassinada. E necessita que lute por ela. Ela necessita que volte. Volta e brigue Mac. Maldição brigue! Se tão só brigasse como fode tivesse saído deste quarto o mesmo dia que te meti nele!

- Não quero sair deste quarto! Eu gosto deste quarto! - Ia mostrar a ele o que é lutar. Lancei-me sobre ele em um torvelinho de punhos, dente e unhas.

Foi inútil. Era tão duro como uma montanha.

Impediu-me que lhe fizesse mal ou a mim mesma. Tropeçamos e caímos ao piso. De repente já não estava zangada.

Estendi-me sobre seu corpo. Doía-me dentro de meu peito. Tire-me os sapatos.

Deixei cair minha cabeça no oco entre seus ombros e sua garganta. Ficamos quietos. Seus braços estavam ao redor de mim, fortes, seguros, cuidadosos.

- É estranho - disse. - não sei como viver sem ela. Há um buraco em meu interior que não se pode encher. - Havia algo mais dentro de mim que só o buraco. Uma coisa tão horrível que não queria saber que era. Estava cansada. Não queria sentir nunca mais. Não queria sentir dor ou fracasso. Só as cores negra e vermelha. Morte, silêncio, luxúria, poder. Essas coisas me davam paz.

- Entendo.

Retrocedi e o olhei. Seus olhos eram profundos, sombrios. Conhecia esse olhar. Ele realmente me entendia.

- Então porque me afasta?

- Porque se não encontrar algo que encha esse buraco, Mac, alguém mais o fará. E se alguém mais o encher, você lhe pertencerá. Para sempre. Nunca voltará a ser você outra vez.

- É um homem confuso.

- O que é isto?- sorriu pela metade. - Sou um homem agora? Já não sou uma besta?

É tudo o que o chamei até agora. Meu amante, minha besta. Mas encontrei uma nova palavra: "*homem*." Olhei-lhe. Seu rosto pareceu brilhar e mudar, durante um momento me fez terrivelmente familiar, como se o tivesse conhecido de outro lugar antes daqui e agora. Toque-o, riscando devagar seus traços arrogantes e formosos. Ele voltou seu rosto para a palma de minha mão e a beijou. Vi formas atrás dele. Estantes, livros e uma vitrine de bijuterias.

Ofeguei.

Suas mãos se apertaram sobre minha cintura, me fazendo mal.

- O que? O que viu?

- Você. Livros. Um montão deles. Você... eu... te conheço. Você é... - acalmei-me. Um letrado em um poste que chiava com o vento. Candelabros de parede cor âmbar. Uma chaminé. Chuva.



Uma chuva eterna. O som de um sino. Eu gostava desse som. Sacudi minha cabeça fortemente.

Ele me surpreendeu. Não me empurrou com palavras que eu não gosto de ouvir. Não gritou ou me chamou Mac ou insistiu em que falasse mais.

De fato, quando abri minha boca para falar outra vez, beijou-me com força. Ele me calou enterrando sua língua profundamente em minha boca.

Beijou-me até que não pudesse falar ou inclusive respirar, até que nem sequer me importou se respirava outra vez. Até que me esqueci por um momento que não era uma besta se não um homem. Até que as imagens que acabava de ter se chamuscaram em cinzas com o calor de nossa luxúria.

Ele me levou até a cama e me esticou sobre ela. Senti a cólera de seu corpo, embora não soubesse por que.

Estirei meu corpo nu sobre a Lisa seda, desfrutando da sensação, segura do que ia vir. Pelo que estávamos a ponto de fazer. Pelo que ele me fazia sentir. Afastou sua vista de mim.

- Ao ver como me olha. Maldição! Entendo porque eles o fazem.

- Quem faz que?

- Os Fae. Voltar para as mulheres Pri-já.

Eu não gostava dessas palavras. Aterrorizavam-me. Sou luxúria. Ele é meu mundo. Sim o disse.

Ele riu e seus olhos brilhavam como o céu de uma noite cheia de um milhão estrelas.

- O que sou Mac? - Pôs seu liso e poderoso corpo sobre o meu, enredou seus dedos com meus e estirou meus braços sobre minha cabeça.

- Você é meu mundo.

- E que quer de mim? Diga meu nome.

- Quero-te dentro de mim, Jericho. Agora.

Nosso sexo foi selvagem, como se estivéssemos castigando um ao outro. Senti que algo mudava. Em mim. Nele. No quarto. Eu não gostei. Tratei de detê-lo com meu corpo, levar de volta. Não olhei o quarto no que existíamos. Não deixei que minha mente vagasse além das paredes. Eu estava aqui, e ele também, a maior parte do tempo, isso era suficiente.

Mais tarde, quando ia à deriva como um globo pelo crepúsculo, nesse lugar feliz e livre justo antes de um sonho profundo, ouvi-o tomar um fôlego profundamente como se estivesse a ponto de falar. Exalo.

Tomou outro fôlego, mas outra vez não disse nada.

Grunhiu e lhe deu um murro ao seu travesseiro. Estava dividido, este estranho homem, como se o queria falar mais de uma vez não.

Finalmente disse hermeticamente

- O que usou para sua graduação, Mac?

- Um vestido cor rosa. - resmunguei. - Tiffany comprou o mesmo que eu. Arruinou totalmente minha graduação. Mas meus sapatos eram Betsey Johnson. Os dela eram Stuart Weitzman. Os meus eram melhores. - ri. Era a risada de alguém que não reconheci jovem e relaxada. Era a risada de uma mulher que não conhecia a dor, nunca tinha vivido. Desejei conhecê-la.

Ele tocou meu rosto. Havia algo diferente em seu toque. Sentia-se como se me estivesse dizendo adeus, tive um momento de pânico. Mas o céu de meu lugar feliz se obscureceu e a lua encheu o horizonte me levando ao sono profundo.

- Não me deixe - murmurei me movendo nos lençóis.

- Não farei, Mac.



Eu sei que estava sonhando nesse momento, porque os sonhos são o lar das coisas absurdas e o que o disse depois estava, mas lá do absurdo.

- Você é quem vai me deixar, garota arco íris.

Capítulo 5

Estamos de novo *bailando*. Ele me faz dançar ao redor da sala, cantando a voz em pescoço: *I get knocked down but I get up again. You're never gonna keep me down* (N.deT.: *derrubaram-me, mas me levanto de novo. Você nunca conseguirá me manter abaixo*)

Dança comigo. Gritamos as letras entre nós. Algo a respeito de ver este homem, este grande, sexual, poderoso, uma parte de mim sabe, muito perigoso e imprevisível *homem*, dançando nu, gritando que nunca vamos ser reduzidos, me escapa por completo.

Sinto-me como se estivesse vendo uma coisa proibida. Sei, sem saber realmente como, que as circunstâncias em que se comportam desta maneira são incalculavelmente poucas. De repente estou rindo e não posso me deter. Rio tão forte que não posso respirar.

- OH, Deus, Barrons - finalmente ofeguei - Não sabia que podia dançar. Ou divertir-se, para o caso. Congelou-se

- Srta. Lane? - disse lentamente.

- Huh? Quem é ela? Ele me olhou duramente

- Quem sou eu?

Eu olhei para trás. Não havia nenhum perigo aqui, neste momento. Eu não gosto. Quero mais *baile* e assim digo, mas desliga a música.

- Que aconteceu no Halloween, Srta. Lane?

Dispara-me a questão e agora tenho o estranho sentimento de que estive repetindo esta pergunta uma e outra vez durante muito tempo, mas que me bloqueio cada vez que faz isso. Inclusive me nego a escutá-lo. E que, possivelmente, há dezenas de perguntas que estive me fazendo e que me neguei a escutar.

Por que me pede seu nome novo? Eu não sou ela. Repete-se a pergunta. Halloween. A palavra me dá calafrios. Trata de algo escuro que borbulha em minha mente, para romper sua superfície plácida e sigo ainda com o sexo, sexo, sexo, e, de repente, já não estou rindo, mas meu corpo está tremendo e meus ossos são tão brandos que caio de joelhos.

Afundo minha cabeça entre minhas mãos e a sacudo violentamente.

Não, não, não! Não quero saber!

As imagens me bombardeiam: uma multidão gritando, absolutamente fora de controle. Fina chuva, rua escuras brilhando. Famintas sombras em movimento na escuridão. Uma Ferrari vermelha. Ruptura de vidro. Incêndios. As pessoas sendo conduzidas, encurralada em um inferno.

Um lugar com livros e luzes que cai diante do inimigo. É importante para mim esse lugar. Perdi tanto... mas ao menos tive esse lugar.

Uma horrível comida. Uma arma que necessito e que temo. Pessoas, distúrbios, pisoteando-se uns aos outros. Uma cidade ardendo. Um campanário. Um armário. A escuridão e o medo. Por último, o amanhecer.

Salpicaduras de água benta, assobio de aço. Uma igreja.



Desconecto. Golpes nas paredes de meu coração e de minha mente. Não vou ali. Nunca voltarei a ir a nenhuma igreja no que fica de existência.

Elevo o olhar até ele.

Conheço-lhe. Eu não confio nele. Ou é em mim em quem não confio?

- Você é meu amante? - digo. Sussurra e esfrega sua mandíbula.

- Mac, temos que sair desta sala. Está mal aqui. Foram meses. Precisa voltar.

- Eu gosto de estar aqui.

- Que ocorreu na... - interrompe-se, levantam o nariz, enquanto um músculo de seu rosto se contrai -... igreja?

Parece que não quer ouvir falar do que aconteceu nesta igreja mais do que quero saber. Se estivermos de acordo nisto, por que me empurra?

- Não sei uma palavra - digo friamente.

- Igreja, Mac. Príncipes Unseelie. Lembra-se?

- Não conheço essas palavras.

- Violaram-lhe

- Não conheço essa palavra! - minhas mãos se fecham em punhos, as unhas me fazem mal.

- Levaram sua vontade. Tomaram seu poder. Fizeram-lhe sentir impotente. Perdida. Sozinha.

Morta por dentro.

- Deveria ter estado ali! - grunhi, mas não tenho nem idéia por que. Nunca fui a uma igreja.

Estou tremendo violentamente. Sinto-me como se fosse explodir.

Ele caiu ao chão de joelhos diante de mim e agarrou meus ombros.

- Acredita que não sei? - grunhiu atrás - quantas fodidas vezes acredita que revivi essa noite?

Golpeio-lhe com meus punhos, duro. Eu dou e ele me dá.

- Então, por que não estava? - gritei. Não resistiu a meus golpes.

- É complicado.

- *Complicado* é só outra palavra para "*cometi um engano e estou apresentando minhas desculpas*"! -grito-lhe.

-Bem. A fodi! - grita-me de novo. - Mas só porque acabei preso na Escócia, porque me pediu que fosse ajudar aos condenados MacKeltars!

- E isso te desculpa! - o olhou, furiosa, traída e não sei por que.

- Como se supõe que ia saber? Acredita que sou onisciente?

- Sim!

- Bom, pois não o sou! Supunha-se que devia estar na abadia. Ou em Ashford. Tratei de te enviar a sua casa. Tratei de conseguir que viesse comigo a Escócia. Nunca faz o que te digo que faça. Onde estava seu fodido pequeno príncipe fada? Por que ele não te salvou?

- Não sei essas palavras, *fada, príncipe*.

Seus nomes queimam minha língua. Odeio-lhes.

- Conhece-os! V'lane. Recorda a V'lane? Estava ali, Mac? Esteve na igreja? Estava? - ele me sacudiu - Me responda!

Quando digo nada, repete-me isso com essa estranha voz múltipla que às vezes usa.

- Estava V'lane ali quando foi violada?

V'lane não estava tampouco. Eu lhe necessitava e ele não veio. Nego com a cabeça. Seu controle sobre meus ombros relaxa.

- Pode fazer isto, Mac. Estou aqui. Está a salvo agora. Está bem recordar. Nunca lhe poderão fazer mal de novo.

OH, sim, podiam. Não vou recordar e nunca vou sair desta sala. Aqui há coisas que mantêm



aos monstros à distância. Preciso dessas coisas. Agora.

Seu corpo. Sua luxúria. Borra tudo.

Eu lhe empurrei de novo ao chão com frenética necessidade. Ele respondeu grosseiramente. Exploramos um ao outro, agarrando mechas de cabelo, nos beijando, moendo nossos corpos ao uníssono. Rodando pelo chão. Quero alcançar o topo, mas ele me puxou e me seguiu empurrando, estendendo-o. Lambe-me e me prova até que eu gozo, e gozo, continuando, leva-me à cama e me cobre com seu corpo. Quando empurra a si mesmo dentro de mim, em minha irritação eu empurro a ele, empurrar, faço-lhe retroceder com esse lugar mágico dentro de minha cabeça, porque estou farta de que ele siga agitando as coisas dentro de mim. É meu turno para agitar as coisas dentro dele,

E...

- Estamos em seu corpo, nós dois, e nos estão matando violentamente, e nosso membro está duro enquanto o fazemos. Nunca me senti bem ao matar antes. Nunca me senti mal, tampouco, mas agora isto me alegra. Agora isto é o poder, isto é o desejo, isto é a vida. Os meninos estão mortos, a mulher fria, o homem morto. Rangido de ossos, rocio de sangue -

Ele sabe que estou ali. Ele me empurra com esse tipo de violência que aplanar minha magia completamente. Estou assombrada por sua força. Estou entusiasmada. Nosso sexo é primitivo. Estou esgotada. Tenho sonho. Não sei quem sou já. Pensei que era um animal. Já não estou tão segura.

É difícil dizer o que faz que a mente ponha peças juntas em um repentino raio.

Cheguei a colocar ao espírito humano na mais alta consideração. Igual ao corpo, que luta por reparar a si mesmo. Como lutar contra as células da infecção e conquistar a enfermidade, o espírito também tem uma notável capacidade de recuperação. Sabe quando está prejudicado e sabe quando o dano é muito grande para suportá-lo. Se considerar o prejuízo muito grande, o espírito faz casulos na ferida, da mesma forma que o corpo forma um quisto em torno da infecção, até que chega o momento em que pode lhe fazer frente. Para algumas pessoas, esse tempo nunca chega. Algumas vezes está fraturado, quebrado para sempre. Vemo-los na rua, empurrando carrinhos. Vemo-los nos rostos habituais de um bar.

Meu casulo era minha casa.

Depois Barrons partiu, mais tarde compreendi que ele freqüentemente partia enquanto dormia, sonhei.

Alguns dizem que sonhar é outro lugar ao que vamos. Que não percebemos como tal porque não é um reino físico que reconheçamos. Existe em outra dimensão que a humanidade ainda não tem descoberto e ao que não atribui nenhum crédito.

Sonhei com minha vida passada.

Alina e eu jogando, rindo, correndo de mão, perseguindo mariposas, com redes preparadas mais sem as apanhar, porque quem quer apanhar uma mariposa em uma rede? Muito frágil muito delicada. A gente não quer romper suas asas. Ao igual as irmãs ou ao amor. Tem que estar alerta das coisas preciosas. Fiquei adormecida um momento. Não estive alerta. Não ouvi as correntes submarinas de sua voz. Preguiçosa e ignorantemente feliz em meu mundo rosa. Um telefone



celular caiu em uma piscina. As ondas se propagaram pela superfície. Tudo modificou para sempre.

Dói-me

Sonho com meus pais, eles não o são. Alina e eu nascemos de outros, mas não tenho lembrança deles e me perguntou pela primeira vez se alguém tiver lembranças de mim. Traíram-me.

Sonho com Dublin e a primeira vez que vi os FAE e com essa velha repugnante, Rowena, quem me disse que fosse morrer em outro lugar se não podia proteger a minha linha de sangue; logo me deixou sozinha sem que me oferecesse a mais mínima ajuda.

Zango-me. Eu não merecia isso.

Eu sonho com o Barrons e V'lane, e sinto desejo e suspeita, e estas duas emoções juntas são veneno.

Sonho com lorde Master, o assassino de minha irmã, e eu sou a vingança. Mas já não quente. Eu sou a vingança em frio, a de tipo letal.

Eu sonho que o Livro é uma besta que me chama por mim e me chama parente. Não sou.

Sonho com a guarida do Mallucé. Como a carne dos seres imortais e estou trocado. Sonho com o Christian e Dani e a Abadia cheia de sidhe-seer. O'Duffy, Jayne, Fiona, O'Bannion, Os Caçadores e os monstros que invadem minha rua. Logo vêm os sonhos mais escuros, mais rápidos, os golpes de um boxeador de classe mundial machucam meu cérebro, meu coração faz-se polpa.

Dublin se obscurece! A Caçada Selvagem! O aroma das especiarias e o sexo! Estou no átrio da igreja e há Príncipes Unseelie ao meu redor e eles cortam, abrem e arrancam minhas vísceras e as dispersam por toda a rua, abandonando uma casca de mulher, um saco de ossos e pele, e o horror.

Deus! O horror de verte do exterior, ver tudo aquilo que sabe que lhe tiraram e demoliu, não somente a perda de poder sobre seu corpo, a não ser o poder sobre sua mente, violação no sentido mais profundo e mais horroroso da palavra, mas espera ...

...Há uma faísca.

Dentro dessa vazia mulher, há um lugar que não se pode tocar. Há mais do que eu pensei que havia. E é algo que ninguém nem nada pode me tirar.

Não podem me romper. Não vou cessar. Sou forte. E eles nunca vão desaparecer até que consigam aquilo que vieram buscar.

Poderei ter estado perdida por um tempo, mas nunca fui.

Quem saco é você?

Com uma explosiva inalação, levanto-me na cama, com meus olhos totalmente abertos, como um morto que volta para a vida depois de ter sido enterrado em um caixão.

Sou Mac.

E estou de volta.

Parte 2

Um de meus professores de psicologia demandou que cada eleição que nós fazíamos na vida gira ao redor de nosso desejo de adquirir uma só coisa: sexo.

Ele argumentou que isto era um primitivo e imperativo inalterável biológico (assim desculpavam à raça humana de nossa freqüente estupidez?) O dizia que a roupa que uma



peessoa selecionava na manhã, a comida que comprava, o entretenimento que procurava, na raiz mesma destes atos, estava escondido um só objetivo de atrair um companheiro e obter sexo.

Pensei que ele era um imbecil, levante uma mão com uma perfeita manicura e se ele disse com arrogância. O me desafio a refutar sua hipótese. Mac 1.0 não pôde fazê-lo.

Mas Mac 4.0 poderia havê-lo feito.

Certamente muito na vida é sobre sexo. Mas temos que subir ao alto e olhar abaixo à raça humana com vista panorâmica para ver a grande imagem, uma coisa que eu não poderia haver jogado quando tinha dezenove anos e era linda vestida de cor rosa e pérolas. Estremeci. Que classe de companheiro eu tratava de atrair nesse então? (não esperem que eu analise a Mac 4.0 com sua predileção pelo negro e o sangue. Entendo-o e estou perfeitamente bem com isso.)

Assim, qual é a "grande imagem" de nossa luxúria pelo sexo?

Nós não tratamos de adquirir algo. Nós procuramos sentir algo: sentir-nos vivos. Eletricamente, intensamente, entusiasmamente vivos. Bem. Mau. Prazer. Dor. Vem com... todos eles.

Para a gente que vive modestamente, suponho que muito disso pode ser encontrado no sexo.

Mas para aqueles que vivemos sem limite, o mais vivos que nos poderemos chegar a sentir alguma vez é quando perfuramos o ar com nossos punhos, desenrolamos nosso dedo do meio com um grande sorriso e damos as costas à morte.

- Diário da Mac

Capítulo 6

Estava zangada como o inferno.

Tinha tantos motivos para me queixar que não sabia onde começar a enumerá-los.

Estava molesta de caminhar. Ou mas bem aborrecida de estar sentada, enredada em lençóis carmesim de seda que cheiravam como se alguém tivesse tido um sexathon. (*Maratona de sexo*).

Tinha sido eu.

E isso me zangava até mais.

Justo quando pensa que sua vida tem toda a merda que pode ter, vou e consigo mais merda. Deus, Mac! Não pode nem escolher sobre ter sexo com alguém. Adeus: encontros, paquera e até criar aquele momento especial ou romântico. Olá: obter endemoninhadas coisas sem sentido e então, quando consigo chegar o mais baixo que posso, recupero de novo a prudência –embora não o ia admitir nem em um milhão de anos ao homem que sem dúvida se sentia extremamente satisfeito que, pelo poder de sua só sexualidade, tinha-me resgatado do estado de loucura que tinha adquirido do múltiplo *morte por sexo* Fae Unseelie que me tinha levado a me arraste e chorar por sexo.

Se conhecia Jericho Barrons, ele estaria pavoneando-se sentindo que seu membro era enorme, magnífico, perfeito e importante criação sob o sol.

O que – fiz uma careta de desagrado- vagamente recordo lhe haver dito uma ou duas vezes. Bom... talvez várias vezes.

Dava um puxão aos lençóis cobrindo meus seios com um grunhido. O animal que eu tinha



sido recentemente não se foi de tudo. Ela ainda estava em mim e estaria sempre. Alegro-me. Dava as boas-vindas a sua natureza indomável. A Mac rosa necessitava uma grande dose de selvageria. Havia um mundo selvagem aí fora.

Eu estava com frieza feliz de estar viva feliz de viver outro dia, não importavam os métodos pelos que tinha sido obtido. Também bulia de fúria com tudo o que aconteceu com todos os que tinha conhecido do momento no que deixei Ashford, Georgia.

Nada tinha passado como tinha previsto. Nenhuma só coisa. O assassino de minha irmã supunha-se que seria um monstro *humano* que levaria a justiça, ou pela polícia da Irlanda ou por minhas próprias mãos. Não se supunha que entrasse em uma guerra mortal entre a raça humana e uma sobrenatural, supersexuada, imortal e sobre tudo invisível raça, ou com que eu fora uma pequena arma para ser usada por quem quer que descubra como me manipular mais efetivamente. Mas como era sozinho o começo de muitas, muitas coisas nas que me tinha equivocado. Falando de bastardos manipuladores...

Qual era o ponto do Barrons de me tatuar o crânio se não pôde me encontrar quando mais o necessitava? Qual era o ponto de V'lane de pôr seu nome em minha língua se no momento crucial não funcionaria? Não se supunha que Barrons e V'lane eram os mais poderosos, perigosos e brilhantes jogadores entre todos? Isso era pelo que eu me tinha aliado com eles!

Mas ambos me tinham falhado quando mais os necessitava. Eu contava com eles. Eu confiava em que Barrons podia me encontrar. Eu confiava em que V'lane apareceria instantaneamente quando o convocasse. Eu confiava em que o inspetor Jayne podia me ajudar com alguns problemas. Eles três tinham sido o alcance de minha diversificação.

E quem tinha me salvado?

Dani. Uma menina de treze anos. Uma garota.

Ela tinha arremetido me arrancando diretamente do domínio do LM e me tinha posto rapidamente em segurança.

Não, não segurança. Não exatamente.

Ela tinha me entregue a Rowena, que me tinha encerrado em uma cela e tinha me deixado sozinha, horrorosamente sozinha.

Para morrer?

Há momentos entre a captura do LM e meu cedo encarceramento na abadia que não recordo. Eles estão dentro de mim. Eu posso senti-los, no fundo, escuros, secretamente escondidos em uma mente que tinha sido impressionável, mas incompreendida. Eles não eram exatamente lembranças, porque uma lembrança é armazenada por um cérebro que especula e o meu não estava bem durante essas traumáticas horas. Mas bem impressas. Fotografias rasgadas que não entendia. Conversas escutadas por acaso. Coisas vista. Tomaria trabalho drená-los do esterco no fundo de minha psique. Mas o faria.

O LM não esperava que eu escapasse alguma vez. Rowena não esperava que vivesse.

-"Surpresa,"- ronronei, -"fiz."

Afastei os lençóis e sai da cama. Meu corpo se sentia *bem*. Era mais liso e forte do que recordava. Estire-me e joguei uma olhada, pisquei, admirando a mim mesma. Foi-se toda a flacidez, menos de meu seio e meu traseiro. Minhas coxas, braços, estomago... estavam tonificados, formados por um músculo suave e liso. Flexionei meus bíceps. Tinha bíceps. Largas unhas arranhavam as palmas de minhas mãos. Olhei-as. No Samhain tinham estado em carne viva.

Por quanto tempo tinha estado tendo sexo com Jericho Barrons? Quanto tempo tomou esculpir meu corpo, o que a selvagem em mim estava contente de notar, esta nova e mais útil forma?



O que tínhamos estado fazendo? Constante ginástica sexual?

Parei rapidamente esse pensamento. Tinha algumas lembranças que não eram nem remotamente imprecisas e eles davam lugar a emoções extremamente contrárias.

Como: *obrigado por me salvar, Barrons... que mal que tenha que te matar por me fazer estas coisas e ver-me assim.*

Eu tinha tido sexo com o Jericho Barrons.

Não só sexo. A não ser Sexo Incrivelmente Selvagem, intensamente íntimo, completamente sem inibição.

Eu lhe havia feito tudo o que uma mulher poderia fazer a um homem. Tinha adorado cada centímetro de seu corpo. E tinha deixado.

OH, não, muito mais que isso... tinha participado com entusiasmo. Tinha me levado até a beira. Inundou-se diretamente no frenesi do estado animal comigo, tinha encontrado meu movimento com seu movimento naquela cova escura, enlouquecida de luxúria, onde eu tinha estado vivendo.

Dava a volta e olhado a cama coberta com lençóis de seda. Essa era exatamente a classe de cama em que eu acreditava que dormia Barrons. Uma cama Luis XIV, com quatro postes, coberta de seda e veludo; uma guarida sensual masculina.

Havia umas algemas de pele sobre as colunas da cama. Atei-me nesse pensamento por um minuto antes que conseguisse me desenredar.

Minha respiração estava entrecortada e minhas mãos fechadas em punhos.

—"OH, sim, vou ter que te matar, Barrons,"- me disse com serenidade. Em parte, porque por um minúsculo momento, enquanto olhava as algemas, tinha me imaginado me arrastando até elas e fingindo que não tinha me curado ainda.

E eu que tinha pensado que a interação com o Barrons tinha sido difícil antes. Desde o dia em que tínhamos nos encontrado, tínhamos mantido uma cuidadosa parede de não intimidade entre nós e poucas vezes tínhamos escorregado. Eu era a *Senhorita Lane*. Ele era *Barrons*.

Aquela parede tinha estalado, convertendo-se em pó e eu não tinha tido nada que dizer sobre isso. Nós tínhamos trocado rapidamente de formas e irritáveis a maior parte do tempo a *Ver Nua a Mac- Inteira em corpo e alma*, sem uma só onça de progresso na relação com o passar do caminho. Ele me tinha visto em meu pior momento, o mais vulnerável, enquanto ele ainda estava em seu mais alto estado de controle e eu, ainda, realmente não sabia nenhuma maldita coisa sobre ele.

Tínhamos conseguido estar tão perto como dois seres humanos, *bom, tendo em conta de que ele não é exatamente um*, poderiam estar.

Agora, somando à ação de me perguntar se ele tinha manipulado o Círculo de D'Jai enchendo o de Sombras mortais antes de dar isso para as Sidhe-seers e se o tinha sabotado o ritual dos MacKeltars no Halloween porque *queria* que as paredes entre o mundo Fae e o humano caíssem, eu sabia que assassinar lhe entusiasmava. Excitava-lhe. Eu não tinha esquecido esse *pequeno e claro detalhe* que tinha encontrado empurrando no interior de sua cabeça. Isto me tinha dado um novo ponto de vista ao que tinha visto quando ele tinha saído de um espelho Unseelie carregando o corpo de uma muito morta e jovem mulher.

Tinha-a matado somente por diversão? Minha intuição não comprava essa idéia.

Infelizmente, eu não estava segura se minha intuição valia a pena, se preocupava-se com ele. Se houvesse alguma coisa que eu tinha aprendido do Barrons, era aquela especulação de que era tão insubstancial como o sapatear sobre areias movediças, sem terra sólida à vista.

Falando de terra sólida...



Jogue uma olhada ao redor, eu estava debaixo dela. Podia sentir a terra sobre mim até meus ossos. Odeio estar ali. Odeio os espaços limitados, sem janelas. Embora, durante um tempo, este espaço embaixo da terra tinha sido meu refúgio em uma tormenta brutal.

O que tinha passado em Dublin enquanto eu tinha sido Pri-já e lutava por recuperar meu caminho à sanidade? O que tinha passado com o mundo?

Como estava Ashford? Estarão bem papai e mamãe? Alguém tinha encontrado o Livro?

O que esta passando fora agora que os Unseelie eram livres? Estava Aoibheal, rainha dos Seelie, bem, ou a tinham tomado os Unseelie, também, no Halloween? Ela era a única em que tínhamos esperança para que os encarcerasse de novo. Eu a necessitava para estar viva. Onde estava V'lane? Por que não tinha vindo por mim? Estava morto? Senti um momento de puro pânico. Talvez o trato de me resgatar depois de tudo e essa era uma dessas confusas impressões e o LM tinha tomado minha lança e...

Meus dedos se apertaram sobre o vazio. OH Deus, onde estava minha Lança? A antiga Lança do Destino era uma das duas armas conhecidas pelo homem que eram capazes de matar aos imortais Fae. Lembrava havê-la atirado. Recordava seu sussurro e o vapor quando caiu em uma pilha de água bendita.

Onde estava agora? Era possível que ainda estivesse ali, na igreja? Poderia ter eu tanta sorte?

Necessitava-a de volta.

Uma vez que a tivesse, poderia começar a pensar em outras coisas. Como entender como os Príncipes Unseelie tinham conseguido me fazer girar a lança para mim mesma nesse momento crítico.

O conhecimento Fae sustentava que, embora os Unseelie não podem tomar as Relíquias Seelie e vice versa, eles não puderam fisicamente me tirar isso mas puderam me obrigar a apontar a Lança contra mim mesma, me forçando a escolher entre me apunhalar com ela ou soltá-la, me pondo completamente a sua piedade.

Não só necessitava minha Lança de volta... Tinha que aprender como controlá-lo.

Então, ia matar a cada Unseelie que ficasse em meu caminho, onde pudesse tocá-lo com minhas mãos de Null e não pararia até que tivesse tirado todos os Príncipes Unseelie, o LM e talvez ao Rei Unseelie mesmo de nosso mundo. E aos Seelie também, com exceção daqueles que necessitasse para restaurar a ordem em nosso mundo. Estava farta dos aterrorizadores, inumanamente formosos e homicidas intrusos. Este tinha sido nosso planeta primeiro e embora V'lane parecesse pensar que isto não contava muito, era o único que importava para mim.

Eles eram tão destruidores tinham prejudicado tanto seu próprio mundo que tinham tido que sair a procurar outro... e agora eles faziam o mesmo com o nosso.

Eram uns arrogantes imortais que tinham criado uma abominação imortal e agora tinham perdido o controle dela sobre nosso planeta. E quem pagava o preço mais alto de todos seus enganos?

Eu. Eu era quem pagava.

Ia me fazer mais resistente, inteligente, rápida e ia passar o resto de minha vida matando Fae, se era o que tinha que fazer para arrumar meu mundo, isso ia fazer.

Eu poderia não ter minha Lança neste momento, mas estava viva e era... diferente. Algo irrevogável tinha mudado dentro de mim. Podia senti-lo. Não estava completamente segura do que era. Mas eu gostava.

Saqueei o quarto procurando armas antes de sair. Não havia nenhuma. Além do que parecia uma ducha improvisada em uma esquina do quarto, o resto estava cheio dos pertences que tinha



na livreria.

Aonde seja que estivéssemos agora, em seus esforços por restaurar minha memória, Barrons tinha ido longe recreando o *confinio mundo rosa de Mac*. Ele tinha enchido as paredes com fotografias de meus pais, de Alina, de nós jogando voleibol na praia com nossos amigos de casa. Minha licença de conduzir estava pega à tela de um abajur ao lado da foto de mamãe. Minha roupa estava por toda parte, arrumada em conjuntos, complementados por bolsas e sapatos que combinavam. Toda sombra de olhos ou esmalte de unhas cor rosa feito pelo OPI estavam alinhados sobre uma prateleira. Revistas de moda cobriam o chão, junto com outras que realmente esperava que nós não houvéssemos visto juntos. Havia velas de pêssego e creme, as favoritas de Alina, dispersas por todas as superfícies. Havia dúzias de abajures no quarto e uma árvore de natal que brilhava.

Minha mochila não se via por nenhuma parte, mas Barrons tinha estado obviamente contando comigo para que me recuperasse, porque havia uma nova bolsa de couro, cheia de pilhas, lanternas e um MacHalo. Ele tinha usado um capacete negro para construí-lo. Todas as luzes eram negras, exceto duas. Suponho que acreditava que superaria minha paixão pela cor rosa se sobrevivia. Até eu gostava do rosa. Sempre eu gostaria do rosa. Mas não havia nada rosa dentro de mim agora. Eu poderia voltar, mas eu era a Mac negra agora.

Não havia nada útil aqui. Tomei uma ducha rápida, *cheirava como Jericho Barrons da cabeça aos pés*, vesti-me, coloquei o MacHalo sobre minha cabeça, grampeando a correia e me dirigi à porta.

Estava trancada.

Tomou menos de um minuto derrubar a porta. Eu não só tinha músculo agora, tinha outro instrumento útil em minha caixa de ferramentas negra: raiva.

Barrons parecia ter sempre um plano para tudo. Eu quero ser como ele.

Estava em um porão.

Encontrei as armas em caixas de madeira empilhadas ao lado dos ensurdecadores geradores que impulsionavam eletricidade ao quarto onde eu tinha estado vivendo, ao lado do que parecia um fornecimento de gasolina para um ano.

Havia dúzias de caixas de armas e duas vezes mais caixas de munições. Parecia-me um pouco arriscado manter tantas caixas de munições ao lado de tanta gasolina, mas quem era eu para julgar? Eu sozinha estava contente que estivessem aí. Sentei-me em uma caixa e examine as diferentes armas, finalmente decidi por uma semiautomática com um canhão mais curto que as outras. Esta se parecia com uma Uzi⁴, com umas pequenas diferenças.

Antes que o inferno se abrisse no Halloween tinha estado investigando armas na Internet e tinha sido minha isca de peixe para agarrar ao Barrons e suas conexões ilimitadas e que me comprasse uma. A arma que escolhi era uma PDW: uma arma de defesa pessoal. (*Pessoal Defense Weapon*) Perfeita para uma mulher de meu peso e estatura. Extremamente manejável, extremamente eficaz, extremamente ilegal. Capaz de disparar inclusive em uma posição inclinada. Tente praticar disparar desde qualquer posição possível. Uma arma poderia não matar aos Fae, mas estava disposta a apostar que isto poderia reduzir a velocidade nos que não se peneiravam.

Coloquei todos os carregadores de munição que pude em minha bolsa, logo enchi minhas botas e bolsos do novo casaco de couro, justo de meu numero, que tinha encontrado sobre uma cadeira. Incomodou-me que Barrons tivesse estado tomando decisões de moda pra mim, mas não o bastante para ser estúpida: necessitava esse casaco. Estava quase segura de que era inverno em

⁴ (NdeT: nome hebreu de uma arma de fogo)



Dublin, e já havia feito frio desde finais de outubro.

Gastei muito tempo procurando minha Lança no porão, porque conhecia o Barrons o suficiente para saber que ele a teria pego, se é que lhe tivesse sido possível fazê-lo. Quando não a encontrei, excluí a possibilidade que ainda estivesse na igreja. Ele já teria comprovado. O que queria dizer que alguém mais tinha tomado minha Lança e minha mochila. Precisava saber quem.

Descobri uma caixa com barras de proteína e agarrei algumas delas também. Como disse Barrons sempre pensava em tudo.

Embora seja possível que ele não pense tão em tudo, como eu acreditava.

Seu detector de OOP, no que tinha trabalhado tão duramente para que recuperasse sua prudência assim poderia me usar um pouco mais para rastrear seus preciosos Objetos de Poder, não perdia tempo.

-*"Obrigado,"*- disse à casa vazia, -*"mas me farei cargo daqui."*

Além disso, conhecendo-o, ele provavelmente tinha ampliado sua marca em meu crânio, enquanto eu dormia quase inconsciente depois de uma de nossas sessões de maratona de sexo, ou havia me jogado um novo ou aperfeiçoado um sobre mim em alguma parte. Não Tinha dúvida de que Barrons poderia me encontrar de uma ou outra maneira. Ele não era a classe de *é-o-que-é* do que uma mulher poderia escapar, a não ser que queria ser perdido.

Caminhei pela silenciosa casa, cheia de móveis cobertos por lençóis poeirentos e que me impediam de caminhar sem tropeçar com algo. A casa tinha sido construída em um lugar alto, com uma boa vista da vizinhança. Eu tinha passado tanto tempo em Dublin, caçando o Sinsar Dubh, que tinha conseguido senti-lo familiar. Estava nos subúrbios do norte da cidade. O alvorecer aparecia no horizonte, e os primeiros raios de sol passavam através de muitos tetos cor cinza. Sorri. Isto era o começo de um novo dia.

Capítulo 7

As guardas mágicas me pegaram no traseiro no momento que tentei deixar a propriedade.

- Ow - ricochetei como uma bola de borracha em uma parede de tijolo e aterrissei na grama. Ou, mais bem, o que ficava da grama, que era terra. Estava em uma Zona Escura. Não era inverno, mas as Sombras tinham tirado a vida do pátio. A Mãe Natureza estava geralmente do lado da erva, inclusive nos momentos mais duros. As Sombras não tinham deixado nada. Barrons havia me trazido aqui depois de que elas reclamassem a zona. Que melhor lugar para esconder uma arma do inimigo que no fundo de seu próprio território? Especialmente desde que ele e eles pareciam ter um tácito acordo para deixar-se em paz.

Tirei o MacHalo; havia suficiente luz como para não ter que necessitar dele até o anoitecer e suspeito que as Sombras que tinham devastado a zona se trasladaram a terra mais fértil; de todos os modos, enganchei-o na correia da mochila e esfreguei a cabeça. As guardas estiveram a ponto de partir meu crânio. Meus dentes doíam inclusive meu couro cabeludo se sentiu golpeado. Não o tinha visto vir. Fechei os olhos. Runas fracos de prata brilhavam na calçada, que acabava de tentar cruzar. As guardas eram coisas dissimuladas, freqüentemente difíceis de ver, fato duplamente reforçado esta manhã por uma capa fina de geada. Mas agora que sabia que estavam ali, poderia distinguir indícios do trabalho sutil do Barrons, desaparecendo ao leste e ao oeste ao redor de ambos os lados da casa. Embora soubesse que ele era meticuloso, ainda andava o perímetro, procurando um oco.



Não havia nenhum.

Decidi que devia ter sido uma aberração que as guardas me tivessem rechaçado tão violentamente. Barrons pôs guardas fora. Ele nunca me atacou dentro. Dava um passo em um lugar diferente da calçada ligeiramente gelada.

Fui voando para trás outra vez, com os dentes chiando e assobios nos ouvidos.

Incorporei-me, grunhindo. O nervo. Se não estava decidida a partir antes, agora o estava.

- Ele me ataca aqui fora também, MacKayla. Ou eu teria vindo por você faz muito.

A voz de V'lane precedeu a sua presença. Em um momento eu franzia o cenho no ar, ao seguinte nos joelhos de V'lane. Durante um momento, mantive meu olhar fixo ali. Uma mulher poderia sentir-se um pouco aterrorizada depois do que eu tinha passado, eu não, só alguma outra mulher poderia fazê-lo.

V'lane é Seelie, um dos presuntos "tipos bons", se pode chamar a qualquer dos Fae assim, mas ele é ainda um FAE morte por sexo, igual aqueles mestres que matam mediante a luxúria e que recentemente tinham me deixado nele mais baixo comum denominador. Todas as realezas Fae, de luz ou de escuridão, podem converter aos humanos em Pri-já com o sexo. E como seus escuros e terríveis irmãos Unseelie, V'lane é muito formoso para que um humano o possa olhar diretamente. Não sou nenhuma exceção. Os príncipes escuros haviam feito sangrar meus olhos. V'lane poderia, também, se ele quisesse.

Desde o dia que o encontrei, ele tinha estado usando seu magnetismo dê-morte por sexo sobre mim em vários graus, embora eu agora reconhecesse sozinho como "agradável", sua coação realmente tinha sido comparada com o que ele poderia haver feito em seus esforços para me fazer ajudar a rastrear o Sinsar Dubh. Nós tínhamos tido uma batalha sobre como se comportaria em minha presença, com ele sempre em modo *conectado* enviando muito carisma sexual e eu sempre insistindo em que apagasse.

Levantei meu olhar fixo a inevitável perfeição do rosto do Príncipe Seelie, esperando o impacto.

Não houve nenhum.

Ele estava diante de mim com cada bit de seu carisma morte por sexo Fae apagado. Pela primeira vez desde que o conheci, fui capaz de olhá-lo diretamente, absorvendo sua perfeição desumana, incrível, sem me ver afetada por isso. V'lane se via como o macho humano que poderia ser, em jeans, botas e uma camisa frouxa de linho desabotoada até a metade. Ele aparentemente não estava afetado pelo gelado tempo, possivelmente ele era a causa. Os Fae podem afetar o tempo com seu humor. Seu maravilhosamente musculoso corpo dourado não era mais perfeito que de qualquer modelo; seu cabelo comprido de ouro não era mais brilhante nem mais largo nem tinha mais de uma dúzia de sedutoras e ultra humanas sombras; seus traços impecavelmente simétricos poderiam ter embelezado qualquer capa de revista. O único aspecto de sua natureza Fae que ele tinha conservado eram aqueles olhos sem fundo, antigos, iridescentes. Ele era ainda algo digno de ver: avermelhado, atraente, com uns estranhos olhos acesos, mas não fui assaltada por um desejo frenético de arrancar a roupa, nem senti um comichão de luxúria, nenhuma debilidade nos joelhos.

E ele o havia feito sem a necessidade de perguntar.

Não ia agradecer se era o menos que podia fazer depois do que sua raça me havia feito.

Ele me estudou enquanto o estudei. Seus olhos contraídos ligeiramente, logo os alargou infinitesimalmente, que em um rosto humano quis dizer muito pouco, mas nos Fae era uma expressão de assombro. Perguntei-me por que. Por que tinha sobrevivido? Realmente tinham sido tão baixas minhas probabilidades?



- Estive fiscalizando estas guardas e hei sentido a perturbação. Estou contente de verte, MacKayla.

- Obrigado pelo resgate, - disse com frieza. - Agradeço que se tenha mostrado quando necessitei. Ah, espera, - ladrei uma pequena risada aguda, - agora recordo. Não o fez. De fato, seu nome se estrelou e se queimou quando tratei de usá-lo.

Se nunca tivesse tido seu nome sobre minha língua, eu não teria sido tão intrépida essa noite. Teria me acalmado na auto complacência, não acreditando que tinha um Príncipe Seelie disponível com o estalo de meus dedos para peneirar-se imediatamente. Isto me havia feito sentir invencível quando eu não deveria haver me sentido assim. E quando mais eu tinha necessitado dele tinha me falhado. Melhor que nunca tivesse dependido dele absolutamente. Deveria ter mantido Dani ao meu lado, perto essa noite. Ela poderia haver-se batido por minha segurança.

Ele estendeu suas mãos, palmas para cima e dobrou sua cabeça em um gesto de servilismo. Soprei. O moralmente superior Príncipe Seelie inclinava sua cabeça?

- Mil apologias não poderiam expiar o dano que permiti a meus irmãos infligir sobre você. Isto me põe doente, você estava... - rompeu-se, dobrando sua cabeça ainda mais profundamente, como se não pudesse continuar.

Isso era um gesto completamente humano. Não confiei nele.

- Então - Levantei-me do chão e sacudi o pó de meu novo casaco de couro. -Qual é sua desculpa para me falhar no Halloween? Barrons disse que ele estava preso na Escócia. Em realidade, ele disse que *“foi complicado”*. Foi complicado, V'lane? - Perguntei docemente, quando lancei minha arma ao redor do lado traseiro de meu ombro. Tropeçou com minha mochila. Eu gostei do sólido e tranquilizador peso de minhas armas e munições.

Ele estremeceu com o tom de minha voz, ocultava o arsênico em açúcar (*NdT: é uma expressão para dizer que embora o disse com voz doce em realidade era forte*). Enquanto eu tinha estado ocupada sendo Pri-já, V'lane obviamente tinha estado ocupado em ampliar seu repertório de expressões humanas. Contudo, estas expressões foram diferentes à primeira. Eram muito pretensiosas para um Fae. Seus olhos irisados se encontraram com os meus.

- Extremamente

Enganchei meus polegares nos bolsos de meu jeans.

- Continua - Ri. Não havia nada que ele pudesse dizer que alguma vez me fizesse confiar de novo em uma coisa tão mística e fundamentalmente prejudicado como um nome de Fae integrado em minha língua, mas quis ver como de longe poderia ir com minhas boas maneiras.

- Aoibheal é minha primeira prioridade, MacKayla. Sabe. Sem ela, todo o resto é insignificante. Sem ela, os muros nunca poderão ser reconstruídos. Só ela, é nossa única esperança, pode cantar a Canção da Criação.

Os Fae eram matriarcais e só a Rainha Seelie poderia dirigir a Canção de Criação. Eu conhecia muito pouco sobre a Canção, somente que era aquela pela que as paredes da prisão Unseelie tinham sido forjadas, faz centenas de milhares de anos. Aproximadamente faz seis mil anos, quando se negociou o Pacto entre nossas raças, dividindo em partes o mundo, Aoibheal teve que jurar fazer uma ampliação daquelas paredes antigas para separar aos Fae dos humanos. Infelizmente, sua manipulação tinha debilitado as paredes da prisão, permitindo ao Darroc, o Lorde Master, as fazer cair no Halloween.

Então por que Aoibheal somente não as cantou de volta à existência?

Porque, nas lutas internas típicas dos Fae, o Rei Unseelie tinha matado para muito à Rainha Seelie antes que ela tivesse sido capaz de passar seu conhecimento a alguém. Aoibheal, última em uma larga sucessão de rainhas para governar com um minguado poder, não tinha nem idéia de



como cantar a Canção da Criação. Eles me necessitam, o extraordinário detector do OOP, para encontrar a única pista que pode recriar a Canção: o Sinsar Dubh, um livro mortal que continha toda a magia escura do Rei Unseelie. O rei tinha estado perto de seu descobrimento quando sua concubina mortal se suicidou e ele abandonou seus experimentos, que tinham criado a metade escura da raça do Fae.

- E eu só tenho que encontrar o livro que ela necessita para fazê-lo - disse com serenidade. - Então, quem é dispensável?

Seus olhos se estreitaram minuciosamente e olhou de esguelha. A Mac rosa não o teria notado.

Eu não seria ela nunca mais. Endireitei minha coluna e pus meu nariz contra seu nariz ante a linha de guardas. Se eu pudesse as atravessar e agarrá-lo pela garganta, faria-o.

- Ah, Deus, você em realidade o considerou atentamente e decidiu que era eu a dispensável! Soube que eu estava em perigo e não me ajudou! - Grunhi - Creste que poderia sobreviver a isso! Ou imaginou que seria mais fácil de usar se era Pri-já?

Seus olhos iridescentes arderam.

- Eu não podia estar em dois lugares de uma vez! Forçaram-me a escolher. A rainha não teria sobrevivido a essa noite. Era imperativo que ela sobrevivesse

- É um filho da puta. Soube que eles vinham por mim.

- Não o sou!

- Mentiroso!

- Quando compreendi o que eles tinham planejado, era muito tarde, MacKayla! Apesar de meus poderes, falhei em prever como de perigoso se havia feito Darroc. Ninguém o previu. Cremos que as paredes se debilitariam mais tarde que o Samhain, cremos que alguns mais dos Unseelie escapariam, mas não cremos que Darroc pudesse ter êxito em derrubar completamente os muros. Não só obteve o inconcebível, mas também conseguiu bloquear toda a magia Fae tão profundamente como afundou com seus golpes suas bochechas humanas. Durante um tempo essa noite, nenhum de nós pôde peneirar-se. Nenhum podia mudar de forma. Nenhum podia desenhar nem os princípios de nossa magia. Forçaram-me a levar a minha rainha a um novo esconderijo, mofou-se da palavra, "pés humanos" (*NdeT: *caminhando*)

- Enquanto caía sobre meu traseiro humano e seus irmãos fada - mofei-me - fodiam meu cérebro e quase me mataram

- Mas fracassaram MacKayla. Mas fracassaram. Recorda. É proprietária de você mesma

- Então o fim justifica o meio? É isto o que pensa?

- Eles não o fizeram?

- Sofri - cuspi - Coisas horríveis, indescritíveis.

- Ainda está de pé, aqui, agora. Com um Príncipe Seelie. Impressionante para um humano. Possivelmente há te convertido no que precisava ser.

- O que não me mata me faz mais forte? Isto é o que pensa que deveria tirar disso?

- Sim! E se alegre por isso

- Me deixe te dizer algo - Eu fechei minha mão no pescoço de sua camisa. - Alegrarei-me por isso o dia que esteja morto.

Ele ficou de uma maneira estranha, completamente quieto.

Sacudi-o. Ele não se moveu. Pisquei, logo o entendi. Ele se congelou. Anulei-o. Anular é um talento de sidhe-seer raro e, segundo Rowena, sou a última Null⁵ viva. Posso congelar a um Fae

⁵ -NdeT: Anuladora



com o mero toque de minhas mãos. Posso conectá-lo ou desconectá-lo a vontade, do mesmo modo que os Príncipes Fae podem controlar seu erotismo mortal. Eu não tinha estado pensando em anulá-lo, mas parece, minha hostilidade para sua raça em geral tinha acabado na anulação. Já que ele estava ainda congelado, peguei-lhe umas poucas vezes, desafogando minha raiva por todas as coisas Fae.

Então enfoquei meu centro sidhe-seer e o forcei a relaxar-se.

Um músculo trabalhou em sua mandíbula perfeita. Ah, sim, ele tinha estado repassando seus gestos humanos.

- Não era necessário me pegar Oops. Tinha esquecido que eles sozinho se congelavam quando os anulava, não esqueciam. Ah, bem.

- Mas me sentou bem

- Bem feito, MacKayla, - disse ele forte.

- Por lhe congelar? Hei-o feito antes.

- Não, isso - Ele olhou abaixo a minha mão. Olhei abaixo, também. Passei a meus pés.

Eu estava sobre a linha de guardas. Tinha dado um passo diretamente por ela sem tentá-lo de propósito. Não só isso sustentava a um Príncipe Seelie pelo pescoço e não estava excitada nem remotamente.

Não importa a forma em que V'lane estivesse no passado, eu nunca tinha estado assim, de pé, perto dele, sem necessidade de combater o impulso irresistível de ter sexo com ele, inclusive quando ele se apagou tanto como, segundo ele, podia.

Inclinei-me para ele, me pressionando contra seu corpo Fae perfeito. Moldou-me imediatamente, deslizou seus braços ao redor de mim, deixou cair seu rosto a meu cabelo. Ele estava duro, preparado.

Não senti nada.

Retrocedi e elevei a vista. Um minuto de contração e dilatação de seus olhos, outra vez. Assombro. Por quê? O que lhe tinha assombrado quando tinha me visto? Que eu me tivesse reposto de ser Pri-já? Ou algo mais, uma coisa virtualmente inconcebível, para ele?

Estirei-me sobre as pontas de meus pés, baixei sua cabeça e o beijei. Sua resposta foi imediata e continha cada pingo de seus cento e quarenta mil anos de maestria sexual, mas nenhuma onça daquela evasiva e mortal capacidade de morte por sexo Fae.

Retrocedi e o olhei fixamente. Podia sentir a excitação intensa que lhe rodeava, mas não mais que com outro homem. Era possível que não pudesse silenciar a si mesmo? Tinha ouvido que se tomava certos venenos, não morre, mas adquire imunidade. Tinha bebido eu bastante Veneno Fae?

- Não se "apague" - exigi.

- Eu. Não. Estou. Apagado

Ele nunca pareceu tão de saco cheio!

- Mente - Realmente poderia ser verdade? Tudo o que tinha passado me havia feito imune à coação sexual Fae?

- Não, MacKayla.

- Não te acredito. - Não me acalmaria com estupidez outra vez, acreditando em algo que não era verdade, porque poderia ser usado contra mim.

- Eu não o teria acreditado, tampouco. Nenhum humano nunca retornou de ser Pri-já, e, embora esteja contente de que você tenha voltado do que lhe fizeram, não estou contente porque agora devo competir por você sem o glamour, sem a glória de meus direitos de nascimento. Eles eram Unseelie, MacKayla, o mais asqueroso do asqueroso, o mais escuro de minha raça,



abominações. Sou Seelie, e somos imensamente diferentes. Eu tinha esperado que um dia, quando confiasse em mim, deixaria-me compartilhar contigo o êxtase de estar com alguém como eu. Sem dor, MacKayla e a nenhum preço. Agora já nunca poderá ser. Não tem nem idéia como de deliciosa poderia ter sido a experiência e agora nunca será

- Estupidez - disse. Jogos dentro de jogos. Toda minha vida tinha sido assim. Estava mentindo sozinho para poder me fazer uma emboscada quando menos o esperasse?

- Sofreu poder cheio de três Príncipes Unseelie. Eles estiveram dentro de você. É impossível predizer o que tudo isto poderia haver feito contigo.

- Quatro - grunhi. - E não me recorde onde estiveram. Sou extremamente consciente disso. Seus olhos se estreitaram e faiscaram com fogo desumano.

- Quatro? Havia quatro? Quem era o quarto? Era Barrons? Diga-me!

Estremeci. O pensamento nunca tinha me ocorrido. O quarto, aquele que se manteve oculto de mim, tinha sido o quarto Príncipe Unseelie, não? O quarto era Fae. Era? Todas minhas capacidades de sidhe-seer tinham estado completamente amortecidas ao comer carne Unseelie a noite antes, para conseguir a força Fae, para evitar os distúrbios e me manter segura. Com toda honestidade, não podia jurar que o quarto era um Fae. Eu só poderia dizer que ele tinha sido extremamente sexual.

Por que tinha mantido ele seu rosto oculto? Tudo o que eu tinha visto dele era um vislumbre de pele, músculo, uma tatuagem.

Tatuagem.

- Não podia ter sido Barrons. Ele estava na Escócia essa noite.

A cólera de V'lane gelou o ar. A temperatura caiu tão bruscamente que minha seguinte inalação queimou meus pulmões.

- Não a noite inteira, MacKayla. O ritual dos Keltar para manter os muros entre os reinos foi sabotado. O círculo de pedras nas quais os ritos sagrados foram realizados desde o dia que o Pacto foi negociado entre minha rainha e seu humano Keltar foram destruídos, suplantado por um reino Fae. Barrons foi visto pela última vez na meia-noite do Samhain. Ele facilmente poderia ter estado em Dublin antes da alvorada.

Ouch! Então por que não tinha vindo por mim imediatamente? Por que não me tinha rastreado ele com a marca que tinha tatuado na base de meu crânio e me tinha salvado? Em realidade, quanto tempo teria tomado isso a ele para me resgatar de meu inferno na abadia? Minha memória daqueles primeiros dias estava turva.

- Barrons não anda com os Unseelie ou com o LM (*Lorde Master*). Não gosta dele mais do que o faz você

- De verdade? - Os olhos iridescentes de V'lane se burlavam.

- Me recorde - disse com doçura ácida - o porquê disto, outra vez - Ele nunca havia me dito isso e não pensei que fizesse agora. Mas o averiguaria de uma ou outra maneira. Eu ia averiguar *TUDO*, de uma ou outra maneira.

Tive que considerar o que V'lane dizia. Em meu imprevisível, e, freqüentemente, inexplicável mundo, tenho que considerar tudo. Não só que Barrons tem uma espécie de acordo com as Sombras, ele conhecia uma quantidade enorme de dados sobre os nunca antes vistos pela gente porque sempre estiveram encarcerados Unseelie, da raça dos Fae. Ele era muito mais velho do que um humano poderia ser, e eu recentemente o tinha pego saindo de um Espelho Unseelie que tinha em seu estúdio na livraria, levando a uma mulher que tinha sido assassinada brutalmente.

Que razão possível poderia ter Barrons para me converter na Pri-já e logo me devolver?

Pela oportunidade de jogar a ser o herói? Assaltar e logo salvar o dia, com a esperança de



assegurar minha fé cega de uma vez por todas? Não, não o teria feito, e de fazê-lo por que não me manteve Pri-já e me usou? Poderia ter evitado qualquer esforço para restaurar minha mente a metade do caminho, me abandonar pendurando de um estado Pri-já mentalmente prejudicado mais ainda funcional, indefinidamente, e eu haveria feito o que ele tivesse querido com tal de conseguir sexo. Teria vagado por todo mundo, caçando o Livro Escuro, sendo uma escrava sob suas ordens.

Mas ele não tinha feito. Ele havia me devolvido. Tinha me liberado.

- Que quer de Barrons, MacKayla? - V'lane disse brandamente.

A mesma coisa que V'lane e todos os outros com os que me tinha encontrado desde que tinha chegado a Dublin: o Sinsar Dubh. Mas nem Barrons nem eu podíamos tocá-lo. Eu poderia rastreá-lo, e ele acreditou que eu tinha o potencial para conseguir recolher cedo ou tarde, com o treinamento correto.

Não acreditava que Barrons tivesse sido o quarto. Não era sua maneira. Mas poderia isto ter sido sua idéia de *"treinamento correto"*? Como de longe iria Barrons para conseguir o que queria? Ele era mercenário de coração, constantemente me empurrando, tratando de me fazer mais resistente, mais forte. Tentando fazer o que eu necessitasse para fazer o que ele quisesse que fizesse.

Agora eu era imune à morte por sexo Fae. Podia andar pelas guardas. Era mais poderosa assim do que se poderia ter obtido só me pondo algo que ou me mataria ou me faria mais forte. Razão que confirma: morre ou evolui.

Era muito horrível para refletir sobre isso.

- Talvez o quarto fosse você, V'lane. Como sei que não foi?

Minha pele gelou. Quando tremi, cristais de gelo caíram em uma pequena tormenta de neve sobre a calçada.

- Eu estava com minha rainha.

- Isso diz

- Nunca te danificaria.

- Constantemente me manipula sexualmente.

- Só até um limite agradável

- Segundo quem?

Seu rosto se contraiu.

- Você não entende a minha raça. Seelie e Unseelie não se toleram nem para existir. Não fazemos pactos. Inclusive agora lutamos como fizemos muitíssimo antes.

- É o que você diz

- Como posso te convencer, MacKayla?

- Não pode. - Já não poderia confiar em ninguém. Confiar em ninguém exceto em mim. - Não sei quem era o quarto esse dia, mas o averiguarei. E quando o fizer ... - alcancei comodamente minha arma e ri com frieza. Fosse por uma arma Fae ou uma humana, obteria vingança.

- Ah, sim, mudaste. - Os olhos de V'lane se estreitaram, e me estudou. - Poderia ser? - murmurou.

- O que? - Exigi. Eu não gostei do modo em que me olhava. A fascinação nos olhos de um Fae nunca é coisa boa.

- Me contemple. Acredito que pode - O que era aquele respeito de má vontade em sua voz? Ele brilhou e de repente, era algo mais.

Já tinha tido uma visão similar a que ele agora me mostrava, aquela manhã na igreja, quando os três Príncipes Unseelie tinham dado voltas ao meu redor, mudando de forma. Meu cérebro



não tinha sido capaz de processar o que tinha estado vendo e tinha suposto que era um estado complexo, que isto tinha mais dimensões das que a gente poderia compreender.

A diferença dos Príncipes Unseelie, entretanto, V'lane não seguiu movendo-se dessa forma. Ele adotou uma forma estática. Ao menos, penso que era estática. Não estava mudando. O estancamento e a mudança são como os Fae definem tudo. Por exemplo, se um humano morrer, ou, como eles dizem, "*deixa de existir*", eles não percebem a perda de vida absolutamente, eles simplesmente percebem "*a mudança*". São uns frios bastardos.

Meus olhos poderiam ver V'lane, mas meu cérebro não podia defini-lo. Inventamos só as palavras das que tivemos necessidade e nunca vimos nada como isto. Energia... multidimensional? Não entendo nem um pouco sobre as dimensões, somente aprendi um pouco na escola sobre espaço, tempo e matéria. Minha mente se esforçou por compreender que era, antes que meus olhos... se ampliassem... quase se rasgando em dois, tentando conciliar a imagem com algum marco de referência que entendesse. Não podia encontrar nenhum, procurei mais e falhei, senti-me frenética, o que a sua vez fez seguir tratando de encontrar um, o que a sua vez pôs mais frenética. Era um cacho de cabelo retro alimentativo (*NdeT: como o peixe que mexei a cauda*), intensificado rapidamente.

"*Deixa de combatê-lo*", disse a mim mesma, "*deixa de tratar de defini-lo e simplesmente olhe*". A tensão se aliviou. Olhei fixamente.

- Você me detém em minha forma verdadeira. Os mortais não podem fazê-lo e conservar uma mente unificada. Fraturam-se. Bem feito, MacKayla. Isto não o merecia? Não o faria uma vez mais?

A bÍlis se elevou em minha garganta. A custa de um pedaço de minha alma? Isto é o que ele pensou? Que tivesse tido opção, teria decidido averiguar o que tinha passado em Samhain?

Que eu tivesse escolhido a queda de Dublin, a queda dos muros, a liberação dos Unseelie, sendo violada e me voltando um animal que teve que ser resgatada primeiro pela Dani e logo pelo Barrons?

-Eu nunca o teria escolhido! - Não era somente eu a que tinha sofrido quanta gente tinha sido assassinada essa noite e após?

Ele estava detrás, em sua forma humana.

- Sério? Por tal poder? É imune a mim, um Príncipe Fae. Impermeável ao glamour sexual. Pode olhar minha verdadeira forma sem que sua mente se fracture. Pode andar pelas guardas. Pergunto-me o que pode fazer agora. Em que criatura se converteu.

- Não sou uma criatura. Sou uma humana e orgulhosa disso.

- Ah, MacKayla, só um idiota ainda te chamaria humana agora. - Ele desapareceu, mas sua voz se retardou. - Sua lança está na abadia... Princesa. - A risada dançava no ar.

- Não sou uma princesa tampouco – então franziu o cenho- como sabe onde esta minha lança?

- Barrons se aproxima. - As palavras eram quase indistinguíveis na brisa fria da manhã. Um fôlego de ar abafadiço, em contraste agudo com o frígido dia de inverno, uma rajada sob minha camisa e acariciado os topos de meus seios.

Dei um puxão no meu casaco, fechando-o e o abotoei.

- Não se coloque dentro de minha roupa, como o ar quente que é, V'lane. Mais risadas.

- A não ser que deseje ver o único que te explora em sua debilidade, possivelmente, que, inclusive, fez-te assim, vê o sudeste, MacKayla e rápido.

Uma foto da última noite passada apareceu ante meus olhos: eu, nua, me sentando escarranchada sobre o rosto de Barrons.



Fui.

Certas datas estão gravadas em minha cabeça, permanentemente enquistadas ali.

Em 5 de julho: o dia que Alina chamou meu telefone celular e deixou uma mensagem frenética do que não me inteirei até semanas depois. Foi assassinada às poucas horas de fazer aquela chamada.

Em 4 de agosto: a tarde que tropecei com uma Zona Escura pela primeira vez e terminei sobre os degraus dianteiros da livraria de Barrons.

Em 22 de agosto: a noite que tive meu primeiro encontro arrebenta-crânios com o Sinsar Dubh.

Em 3 de outubro: o dia que Barrons me alimentou com carne Unseelie para me devolver à vida e experimentei os efeitos embriagadores do poder Fae escuro.

Em 31 de outubro: sim, bem, bastante, me disse. Esses tinham sido uns poucos e insanos meses.

Hoje não tinha nem idéia de que dia era por isso não podia gravá-lo em minha memória ainda, mas sabia que nunca esqueceria um só detalhe dele.

Toda Dublin tinha sido devorado pelas Sombras, convertendo-se em uma terra baldia. Se houvesse outra pessoa viva na cidade, além de mim, estaria fugindo.

Andei durante horas por distritos misteriosamente silenciosos. Não tinham deixado nenhuma lâmina de erva, nenhum arbusto, arbusto ou árvore. Sabia que não devia perder o tempo, sobre tudo se Barrons estava perto, mas tinha que ver isto.

Fiz fotos da cidade, as empilhando como tijolos e cimentei em uma parede de determinação: Eu viveria para ver esta ofensa à humanidade desprezada.

Os poucos jornais que foram deixados sobre os suportes estavam datados em 31 de outubro, no dia anterior Dublin tinha funcionado. A cidade tinha caído essa noite e nunca se repôs.

As cristaleiras estavam golpeadas, as janelas quebradas. Havia cristais por toda parte, carros abandonados, uns derrubados, outros queimados.

A pior parte disso eram as cascas secas, deixei de contar enquanto baixava as ruas, dos restos humanos, aquela parte de nós que as Sombras não podiam digerir.

Teria chorado, mas não parecia haver lágrimas em meu corpo. Dava a volta antes de ver a livraria atacada. Não podia me levar sua imagem se estava destruída. Preferi manter minha segunda última imagem na mente, o modo em que a tinha visto a tarde do Halloween: Tudo em seu lugar, em espera a que voltasse, para pôr o “aberto” na porta, recolher o correio, endireitar as revistas que as pessoas sempre folheavam rapidamente, encolher-me no sofá com um bom livro e esperar ao primeiro cliente do dia.

Cada luz que passei tinha sido quebrada, muitas arrancadas diretamente de suas bases, torcidas e arrojadas, como por gigantes raivosos. As Sombras não têm nenhuma forma física, assim, assumi que alguma outra casta dos Unseelie devia haver feito isto para assegurar-se de que, se de algum modo conseguíamos nos pôr em carreira, não houvesse luz na rota.

Quase tão mal como as cascas, encolhia-me cada vez que pisava em uma e rangiam sob meus pés, eram os montões de roupa, telefones celulares, joalheria, dispositivos dentais, implante e carteiras. Cada um era um túmulo funerário sagrado em minha mente.

De todos os modos isto não me impediu de recolher algumas coisas.

Uma navalha aberta captou a luz fria de amanhã, e minha atenção. Suspeitei que seu proprietário tivesse estado tratando de apunhalar a uma Sombra quando esta o devorou.

- Darei um bom uso - disse ao montão de couro negro encabeçado por um colar de crânios



metálicos. - Prometo. - Retraí a folha e a deslizei em minha bota.

Meu seguinte prêmio resgatado era um pedaço de carne fresca de Unseelie que encontrei jogado na rua. Não tinha nem idéia de onde tinha vindo como ou por que, mas seguro poderia ser prático. Ingerir carne de Fae fresca não só faz ao humano meio capaz de ver os Fae, incluindo as Sombras que são naturalmente invisíveis, como qualquer sidhe-seer, mas sim também lhe concede super força e aumento dos sentidos, a capacidade de meter-se nas artes negras, e poderes de cura milagrosos.

Usei minha nova navalha para cortar a carne em pedaços, logo parei em uma drogaria saqueada, onde roubei potes de mingau, lavei-os e disposto, tinha um novo contrabando de sushi Unseelie, se por acaso o necessitava. Assumindo que, é obvio, entrasse em uma situação bastante horrível como A: que esteja disposta a sacrificar meus talentos de sidhe-seer, que pareciam crescer a passos aumentados; B: deixar-me ser vulnerável frente a minha própria lança outra vez, que tinha a intenção de recuperar antes do final do dia, contra vento e maré; e C: que alguma vez esteja disposta a pôr qualquer parte de algo Unseelie em minha boca outra vez. Tinha tido mais do que me cabia.

Estremeci. De um modo interessante, parecia ter superado meu vício a comer carne Unseelie. Olhei os potes de mingau e seu conteúdo com repulsão.

De todos os modos, as armas são armas e todas as armas são boas.

Um momento mais tarde, estava em um Range Rover Sport ligeiramente amassado. Tinha varrido as cascas fora dele, tratando de não olhar muito fixamente a casca diminuta, me colocando com cuidado no assento do carro, com um fofo ursinho rosa de felpa e uma camisa que dizia *I'm Daddy*, sob um carvalho sem folhas.

Dirigi-me à abadia, pelas beiras do caminho, porque a maioria das estradas estavam obstruídas com carros abandonados. Masquei um par de barras de proteínas enquanto conduzia e fiz uma pausa de vez em quando no postos de gasolina e lojas abertas vinte e quatro horas, abastecendo o carro de água, mantimentos, pilhas, e, em uma de minhas paradas, com contêineres plásticos de gasolina que tinha descoberto, lutando com emoções encontradas. Necessitava-as e estava agradecida por elas, mas não havia modo de omitir o montão de calças de trabalho rugoso, implantes de quadril, o suéter do pescador irlandês e as botas, ao lado dos três contêineres. Tinha saído um pai, muito perto do anoitecer, por gasolina para manter o gerador de sua família funcionando?

Ainda lhe esperavam eles em algum lugar, agachando-se na escuridão?

Aproximadamente uma hora depois de que tivesse abandonado a cidade, vi a coisa mais estranha. Ao princípio, na distância, confundi-o com um avião muito grande, que voava a baixa altura. Mas quando o tive mais perto, pude ver que era um Caçador Unseelie e alguma outra classe de Fae que nunca tinha visto antes, na batalha, golpeando o ar com suas enormes asas, rasgando um ao outro com dentes e garras.

Eram Unseelie brigando ou eram um Seelie brigando contra um Unseelie? Eram os Caçadores outra vez os encarregados da lei Fae, como tinham sido uma eternidade antes?

Não sabia não me preocupei. Somente quis passar inadvertida sob seu radar. Os Caçadores caçam sidhe-seer. Emitia eu um aroma que me traía? Era muito tarde para voltar e tinha que ir adiante, então contive meu fôlego e murmurei rezas a cada Deus no que pude pensar para que os Fae estivessem muito absorvidos em sua luta para olhar abaixo.

Um dos deuses pagãos devia me haver ouvido, porque passei baixo eles sem incidentes, contendo meu fôlego e olhando como a batalha desaparecia em uma esquina de meu espelho retrovisor. Aspirei ar com ânsia e fingi que minhas mãos não tremiam.



- Meu reino por uma lança - resmunguei.

Aproximadamente a trinta minutos da abadia, consegui outra surpresa: A sujeira cedeu caminho a erva invernãl.

Por alguma razão, as Sombras pararam aqui.

Possivelmente era o mais afastado que tinham ido e estavam refugiadas em uma boca de lobo escura ou deslizaram-se sob uma árvore pelo dia, onde com impaciência esperavam a noite para voltar a comer no caminho para a abadia. Possivelmente o chão nesta parte do país fosse, salgado com tantos séculos de sidhe-seer vivendo sobre ele. Possivelmente Rowena e sua alegre banda haviam feito algo para parar seu progresso. Quem sabia? Eu só estava contente de ver algo além da sujeira.

A seguinte surpresa veio tão rapidamente, que não tive nenhuma possibilidade de reagir.

Em um momento eu conduzia paralela a um caminho tão estreito que só um grande esportista o chamaria de duplo sulco, em um dia invernãl irlandês, e ao seguinte estava...

...Sob o dossel triplo de uma selva tropical, conduzindo sobre a superfície de um pântano escuro, frágil, lançando um chapinho de espuma em minha esteira, e não tinha nem idéia de como tinha passado por cima ou, o que é mais importante, por que não me afundava. Sei de carros. De todas as classes. É minha paixão. O Range Rover Sport tem um peso de aproximadamente dois mil e seiscentos quilos. Deveria haver afundado como uma pedra. Olhei por minha janela. Nada mais que água sob a superfície misteriosamente colorida.

Pisquei. O que acabava de acontecer? Árvores gigantescas me rodearam, brotando de seus troncos coisas que se pareciam com orquídeas brilhantes. Pássaros do tamanho de meu carro ao redor das árvores, suas curtidas asas dobradas sobre suas costas. De vez em quando eles apunhalavam a água com seus bicos, sacudindo atrás suas cabeças e tragando. Tinham bicos muito grandes e muito afiados.

- V'lane? - Disse com incredulidade. Mas isto não parecia a V'lane. V'lane o faz "sedutor" quando me peneira. "Não molesto" e "potencialmente não mortal," embora aquelas duas frases certamente fizessem a primavera quando ele estava ao redor.

De todos os modos ser peneirada parecia ser a única explicação possível de como, bruscamente, tinha trocado meu entorno.

Um colibri deslizou. Isto era do tamanho de um pequeno elefante. Seu bico comprido e bicudo era proporcional. Em meu mundo, não é que muitas pessoas saibam, faz-se equivocadamente "ooh" e "ah" aos doces e pequenos colibris bebedores de água doce, que, em realidade são carnívoros. Eles aceitam a água doce que lhes oferecemos só para abastecer-se de combustível para sua caça de carne.

Eu era a carne.

Apertei meu pé no acelerador, patinando sobre a água, esquivando árvores, pássaros e videiras. Não olhei detrás para ver se algo me perseguia.

Somente conduzi.

Bruscamente, deixei atrás a Irlanda, a uma dúzia de pés me golpearia com uma árvore.

Pisei nos freios, patinando sobre a erva morta e parei muito perto da casca. Sentei-me durante um momento, ofegando.

Depois de ver a batalha peculiar do Faes no céu, tinha pensado que estava esperta para algo. Equivoquei-me.

Saí, andei ao redor da parte posterior do carro e olhei fixamente para onde acabava de ir. Tomou aproximadamente vinte segundos entender como vê-lo.



Estreitava meus olhos e inclinava meu olhar de relance como muito por acidente, como jogando uma olhada, podia ver o pingo de realidade quase Fae, quase como se tratassem de ocultar, emboscada, cravada através de nós mesmos.

Se o ar humano era cristal claro, o ar Fae era ligeiramente mais espesso, ligeiramente ondulado e ligeiramente sem cor.

Recordei a noite do Samhain, olhando do campanário como os reino Fae e humano tinham competido pelo espaço em um mundo sem muros.

Ao que parece nós tínhamos perdido algumas daquelas batalhas.

Isto me enfureceu. Era um dos piores perigos dos que tinha que ter tomado cuidado. As Zonas Escuras eram bastante más. Agora eu tinha IFPs: Buracos Fae Interdimensionais que se atarraxavam em cima de meus caminhos, rondando, vendo de tudo inofensivos e benignos, esperando para romper o pneu ou o eixo de um viajante imprudente, nos levando a uma terra sem homens, com leis alternativas da física, formas de vida hostis e nenhum código de circulação perceptível.

Retornei a meu carro e fechei de repente a porta. Liguei a condução, desta vez com o olhar no terreno a frente muito mais centrada.

Que mais surpresas poderiam ter este dia?

Considere os choques que já tinha confrontado: Barrons fazendo... bem, aquela coisa que ele havia feito para me arrastar de volta à realidade; o descobrimento de que eu era imune às guardas e ao encanto sexual e mortal dos Príncipes Fae; Sombras invadindo a metade da Irlanda; batalha Fae no céu... e agora IFPs.

Nunca teria acreditado que a maior parte dos choques do dia ainda estavam por vir.

Capítulo 8

Fiz uma última parada a umas vinte milhas da abadia, onde saí e joguei com minha nova arma, pratiquei a carga e o disparo.

Tomou menos tempo que praticar com meu primeiro Caramba se deixo cair uma gota disto e sopro vai voar minha cabeça?* pelo que esperava. (*N.deT: Jogo de química?)

A arma se sentia *bem* em minhas mãos, sólida e reconfortante, igual a todas as armas que tive. Acredito que está de algum jeito codificado em meu DNA de sidhe-seer. Nascemos para proteger, para lutar. O sangue sabe. Suspeito que nosso sangue foi manipulado durante muito tempo. Séculos, talvez milênios.

Reato a condução para a abadia, passando por dezenas de guardas. Rowena, sem dúvida, guardava seu pequeno rebanho ocupado, vadiando, gravando runas de amparo e outras coisas. Perguntava-me por que mais as manteria tão ocupadas, tanto que não tinham tempo para tentar amotinar-se, coisa que, em minha opinião, deveria haver feito faz anos. Gostavam, de dizer, *antes que* elas perdessem o Livro Escuro, que esta guerra era inteiramente estúpida, porque alguém seguro devia haver-se dormido sobre seu relógio para deixar que acontecesse.

OH, sim, tinha alguns ossos que intercambiar com a não tão Grande Mestra.

Deixei meu Rover estacionado diante da fortaleza de pedra da abadia, saí, fechei-o, ali estavam minhas posses e ninguém toca o que é meu, e, encaminhei-me à porta. Deixei minha mochila e meu MacHalo no carro, mas agarrei minha arma. Fiquei surpreendida ao não ver a anciã esperando fora, os braços cruzados, os óculos posando em seu nariz, o intelecto e a enorme



ferocidade de seus olhos azuis, forte, com uma banda de sidhe-seer reunidas detrás dela, me negando a entrada. Nunca estivemos nos melhores termos, e eu não tinha nenhuma dúvida de que nossa relação se pudesse chamar assim, seria pior agora do que tinha sido antes. Francamente, não me importava nada.

A porta estava fechada. Disparei uma rápida rajada de balas na fechadura com meu novo brinquedo favorito e dei uma pesada e abri.

A sala de entrada estava vazia. Poderia ser que ninguém me estivesse esperando? Tinha passado por todas as guardas, as retirando. Franzi o cenho. Ou é que *eu* as havia feito sair?

Se pudesse passar através das salas agora, seria possível que o fizesse sem tropeçar com elas? Sem dúvida, poderia ser útil. Entretanto, acabava de dar uma rajada de disparos de arma de fogo automática. Certamente, isso teria alertado a alguém.

Quando o ataque se produziu, surgiu de um nada e caí sobre a parede de tijolo e caí sobre meu traseiro pela terceira vez esse dia. Estou envelhecendo. Algo tirou minha arma e me esmurrou como um boxeador louco.

Continuando, um rosto impreciso, e gemi, e ela gemeu, e logo deixou de me pegar e me agarrou e me abraçou tão forte que pensei que minha coluna vertebral ia se romper.

- Mac - Dani gritou - Está de volta!

Eu ri e relaxei. Eu adoro esta garota.

- Hei-te dito que é a Merda, Dani? Ela rodou fora de mim e ficou em pé.

- Não. Nunca. Acredito que o recordaria. Mas pode dizê-lo de novo, se o desejar. E pode dizer-lhe a todas as demais, também. Importa-me pouco. - olhos de gato cintilam em seu jovem rosto.

- É a Merda, Dani.

Levantei-me e joguei a pistola às costas. Ficamos de pé, sorrindo por um momento, absortas e felizes de nos ver. Logo falamos com mesmo tempo:

- Está bem, Mac?

- O que *ocorreu a você, Dani?*

- Você primeiro. - Ela me olhou com admiração de cima e a baixo. - Colega, vê-se imponente. O escudo do amor. O que estiveste fazendo? Treinamento com pesos ou algo assim?

Ruborizei-me. Logo fiz rodar meus olhos. Dirigindo armas automáticas e me ruborizando ainda? Tinha que acabar com isto rápido.

- Colega! - diz reverentemente. - Com o Barrons? Teve *sexo* com ele todo este tempo?

Assim é como se recuperou da Ninfomanolândia? Estava tão preocupada quando não retornava. Suponho que não devia. Não podia te encontrar em nenhum lugar. Onde te levou? Estive te buscando por toda Dublin sempre que podia escapar do radar da Ro. Que não era freqüentemente - disse amargamente, então imediatamente se iluminou. - Tem que me contar tudo! Tudo!

Enruguei meu nariz

- Quando não fizemos *colegas*? Ela se esponjou.

- A que parece mais como você? Estive vendo um montão de filmes americanos. Estive praticando .

- Eu gosto muito mais quando cada palavra é um palavrão. E não vou te contar nada.

Nem hoje, nem nunca. Tudo o que precisa saber é que agora estou bem. Tenho passado

- Teve relações sexuais com o Barrons e não me vais dizer *nada* a respeito disso? - olhou-me incrédula. - Nada? Nem sequer um pequeno detalhe?

OH, Deus. Ela era tão... Treze anos. O que ia fazer com ela?



- Nada. Nunca.
 - chupa-me isso Eu ri.
 - Eu também te quero, Dani
- Ela sorriu abertamente.
- Eu te salvei
 - A muitos níveis. E tenho uma dívida a muitos níveis.
 - Pode pagar por minhas costas me contando sobre o sexo.
 - Se estiver vendo muitos filmes, doce, já sabe mais que suficiente.
 - Não a respeito ... *Dele*

Lancei-lhe um olhar agudo. Parecia sem fôlego. Toda a travessura se foi, ela tinha um olhar de cervo. Dani a dura, punk Dani parecia que tinha caído de joelhos. Eu estava assombrada.

- Tem uma flechada pelo Barrons agora? Pensei que era por V'lane por quem estava tão louca?.

- Por ele, também. Mas quando chegou Barrons e saiu daqui contigo, *colega*, deveria haver visto a forma em que te olhava!

- Não sou uma *colega*. Esquece-o - não, não lhe ia perguntar - E, como... como diz que me olhava?

- Como se fosse seu aniversário e você fosse o bolo.

Ao menos não tinha quebrado esta no teto. Parecia que Barrons finalmente tinha chegado e comeu seu bolo, seguro.

Estremeci. Neguei-me a aprofundar mais na metáfora. Barrons, meus pensamentos eram muito complicados para tratá-los agora. Especialmente aqueles que implicavam comer bolo. Mais tarde poderia pedir a Dani informação sobre meus primeiros e confusos dias na abadia. Agora havia outras prioridades.

- Meu turno. O que te passou?

Em todas as partes em que sua pele era visível tinha contusões. Seus antebraços estavam especialmente mal. Tinha dois dedos entalados. Um de seus olhos estava negro e azul e quase fechado de tão inchado que estava, seu lábio estava quebrado e ambas as bochechas mostravam os vergões amarelo-violeta das contusões em cura.

Ela olhou ao redor vigilante. Estiquei-me imediatamente.

- O que? Alguém vem?

- Nunca se sabe e menos ainda aqui - murmurou ela, e olhou ao seu redor outra vez. Embora a sala estivesse vazia, ela baixou sua voz. - Estive tratando de entrar na Biblioteca Proibida. Não o fiz muito bem.

- Fez o que? Atravessar as portas à alta velocidade? Ela deu de ombros.

- Mais ou menos. Às vezes falho. Não é muito.

- É muito para mim. Não parece que a super cura seja um de seus fortes. Trata de ser mais cuidadosa contigo mesma, de acordo?

Ela me lançou um olhar rápido, assustada.

- OK, Mac.

Tinham-na abandonada todas na abadia que uma simples expressão de preocupação por seu bem-estar lhe assustava?

- Digo a sério. Só te golpeará quando for absolutamente necessário.

- Ouço e obedeco, Big Mac.

Ela o diz com um sorriso atroz. Big Mac. Era como um murro em meu coração. Alina me tinha chamado Júnior, às vezes. Também me chamou sua Big Mac. Era uma brincadeira entre nós.



- Por que me chama assim?

- Filmes. Coisas da América. McDonald'S. Já sabe.

- Você não me chama Big Mac e eu não vou chamar... Danielle. - Era um bom sarcasmo, a julgar por sua foto instantânea e azedo olhar, tinha dado no alvo.

- Trato?

- Trato.

- Onde está minha lança?

Ela ficou rígida de novo, olhou ao redor e, continuando, baixou sua voz, inclusive mais ainda.

- Não sei - disse brandamente. - Mas a agarramos esse dia na igreja. Kat a trouxe de volta. Não foi vista após. Eu pensei que possivelmente uma de nós a levaria. Ela não. Meus lábios ficaram rígidos. Eu sabia por que. Rowena era quem a levava.

- Eu também acredito - disse Dani. Olhei-a bruscamente

- Nah, só sei como pensa. Somos muito parecidas. Vemos as coisas da maneira em que são, não da forma em que as pessoas querem nos fazer acreditar que são ou como *lamenta* que não sejam.

- Onde está a velha bruxa?

Dani me lançou um olhar sombrio.

- Justo agora? Eu assenti.

- Atrás de você.

Capítulo 9

Virei-me, agarrando minha arma, forte e dura. E ali estava: meu maior e mais desconcertante choque do dia. Muito mais impactante que a ampliação das Zonas Escuras, as batalhas no céu ou os Ocos Interdimensionais do Faery.

Rowena estava ali, coberta com o hábito de Grande Mestra, traje da ordem que se fundou com o propósito rápido da caça e assassinato dos FAE, braço contra braço com os FAE. FAE como o que acabava de peneirar-se atrás de mim.

Não era surpreendente então que Dani houvesse me olhando nervosamente.

E não era de estranhar: V'lane sabia que minha Lança estava na abadia.

Ele estava na abadia.

Todos com a Rowena. Abatidos a seu redor, ao parecer. Baixei minha arma e fulminei com o olhar a V'lane.

- É isto uma brincadeira? Acredita que isto é gracioso? Por que não me trouxeste aqui do primeiro momento, se vinha desta maneira?

O nariz da Rowena não poderia ter estado mais para o céu a não ser que ela tivesse estado deitada sobre suas costas.

- A Lança já não está em seu poder, nem o Príncipe FAE tampouco. Ainda não viu que ele ajuda a todas as sidhe-seer agora e não só a uma?.

OH, realmente? Veremos esse respeito. Tanto a lança como o príncipe.

- Eu estava falando com V'lane, velha, não com você.

- Ele não responde a você.

- Sério? - ri. - Acredita que responderá a *você*?

Só um idiota acreditaria que um príncipe FAE responde a alguém. Especialmente quando a



gente necessita essa resposta

- Está lutando por mim, MacKayla? Parece-me interessante... - V'lane ondeou sua cabeça de ouro. - Vi isto antes nos seres humanos. Chama-se ciúmes.

- Se isso for o que pensa, tem um problema de interpretação das sutis emoções humanas. Não se chama ciúmes. chama-se "*está mijando fora*".

- Posse.

- Meu traseiro

- É muito mais escultural que o que vi no passado.

- Ela esteve trabalhando-o - burlou-se Dani.

- Não tem que olhar por nenhum negócio - ele disse.

- Mas se Barrons?

A temperatura da habitação se reduziu drasticamente. Meu fôlego gelou no ar.

- Nós não estamos falando do Barrons - nunca íamos falar do Barrons.

- Eu gostaria de falar do Barrons - disse Dani.

- Escolheu - disse friamente V'lane.

- Não escolhi *nada*. Eu estava fora de minha mente. Disso é do que se trata, V'lane?

Barrons? Parece ciumento. Possessivo.

- Faz - acordou Dani.

- Calem a boca vocês! - gritou Rowena - Sorte para você! Pelo amor da Maria, não podem ver que o mundo está caindo a pedaços a seu redor, e estão aqui, igual aos meninos, brigando? Você... - apunhalou-me com o dedo indicador -... uma sidhe-seer e você... - tocou a V'lane no braço, e ele parecia assustado do que ela tinha feito -... um Príncipe FAE! - ela fulminou a Dani. -

E nem sequer me colocarei *contigo*. Acredita que não sei o que estiveste fazendo para te fazer esses machucados a você mesma? Sou Grande Mestra, não grande parva. Suficiente, todos vocês!

- Calem a boca, você, velha! - ele disse secamente. - vou discutir enquanto o mundo se desmorona se gosta. Eu fiz mais bem e menos dano que você. Quem teve o Sinsar Dubh, *para começar*, e o perdeu?

- Não coloque seu nariz em coisas que nem sequer pode entender menina!

- Então me ajudará a entender. Sou toda ouvidos. Onde... Não, como mantinham guardado o Livro? - Isso era o que eu mais queria saber. O segredo de seu toque, de seu sistema de contenção era fundamental para tentar arriar seu poder. - O que aconteceu? Como se perdeu?

- Você me responde sidhe-seer - cuspiu - não ao reverso.

- Em sua retorcida fantasia?

- Está em minha abadia. Agora poderia ser o momento de fazer um exame minucioso de tudo o que a você se refere - Foi uma ameaça.

Não era necessária. Eu tinha escutado às demais sidhe-seer assentir enquanto discutíamos.

A sala era grande, e pelos silenciosos murmúrios, imaginava que havia várias centenas atrás de mim.

- O que há feito desde que os muros vieram abaixo, Rowena? - exigi - encontrou o Livro? Tem aquilo que consegue restaurar a ordem em nosso mundo? Ou está você ainda exercendo seu poder sobre um bando de mulheres que fariam melhor com um pouco de seu próprio poder? Você aperta o coração de todas e cada uma com suas normas e regulamentos. Ata-lhes quando você deveria as ajudar a aprender a voar.

- E fazer que as matem?

- Em qualquer guerra há perdas. É sua opção. É seu patrimônio. Lutamos. E às vezes é



terrível o preço que pagamos. Acredite, creia-me, sei. Mas enquanto que respiremos, poremo-nos em pé de novo e lutaremos outra vez.

-Você nos trouxe o Círculo enriquecido com Sombras!

- Não acredito - burlei-me - Se o tivesse feito, teriam me matado quando eu era *Pri-já*, incapaz de defender a mim mesma. Acredito que o fato mesmo de que me convertesse na *Pri-já* é o que lhe convenceu de que não estava do lado do Lorde Master. - encolhi-me de ombros. "por que converter a um traidor"? Não seria necessário.

- Há espiões dentro de espiões.

- Não sou um deles. E eu fico aqui, em sua abadia, até que possa vê-lo.

Ela piscou. Tinha assustado à anciã. Eu não era uma convidada. Estava-me ficando com ou sem sua permissão. Abertamente ou na clandestinidade. Não me importava qual fosse a forma. Há duas coisas dentro destas paredes que necessito: minha Lança e respostas, e eu não ia sem nenhuma das duas.

- Não a queremos aqui.

- Eu não queria que minha irmã fosse assassinada. Eu não queria saber que era uma *sidhe-seer*.

Eu não queria ser violada pelos Príncipes Unseelie - Enumerei minhas queixa em seu formato breve - De fato, não quis uma só coisa das que me passaram nos últimos meses. É um fato que não quero estar aqui, mas uma *sidhe-seer* deve fazer o que é necessário

Olhamo-nos mutuamente.

- Está de acordo em ser fiscalizada? - disse por último, muito forte.

- Podemos discutir isso. - A discussão estava chegando a seu fim. Queria aproveitar toda sua consideração, antes que me jogasse. - Como vai a busca do Livro, Rowena? - Eu sabia a resposta. Não ia. - Alguém descobriu algo ultimamente?

- O que propõe?

- me dê a lança e saio em sua busca.

- Nunca.

- Adeus, então.

Caminhei para trás, para a porta. Atrás de mim, as *sidhe-seer* explodiram. Sorri. Estavam frustradas. Estavam cansadas de estar em jaulas e em cumprimento de nada. Estavam preparadas para um esforço de meio motim e eu ia ser a primeira em me colocar.

- Silêncio! - disse Rowena - E você - assinalou minhas costas - Detenha! Estava na sala ainda. Parei na porta mas não me virei.

- Não vou sair de caça sem a capacidade de defender a mim mesma... - detive-me e traguei forte antes de dizer - ...Grande Mestra.

O silêncio se estendia. Por último

- Pode levar a Dani, com a espada. Ela te defenderá.

- Me dê a lança e ela pode vir também. E pode enviar qualquer de suas outras *sidhe-seer* se o deseja

- O que fará que não nos dê as costas ao primeiro minuto que eu lhe devolva a lança?

Virei-me. Minhas mãos se crisparam e meus lábios se retraíram. Mais tarde, Dani me diria que meu olhar era metade animal, metade anjo vingador. Tinha-a impressionado *inclusive a ela* e os meninos são difíceis de impressionar.

- Já cuido disso - grunhi - cheguei aqui através de um terreno baldio. Vi as pilhas de cascas vazias de todas as pessoas. Vi um bebê em sua cadeira de segurança antes de agenciar o Rover. Sei o que estão fazendo a nosso mundo e vou arrumar ou morrer na tentativa. Por tanto, deixe de



foder-me pelas costas, coisa que não deixou de fazer desde a primeira noite em que me viu, e desperte! Eu não sou o mau. Eu sou o bom. Sou a que pode ajudar. Eu, mas em meus termos, não nos seus. Do contrário, vou. Dani passou ao lado da Rowena e se uniu a mim.

- E eu vou com ela.

Olhei-a, meus lábios formaram um "não", e então me detive. Que direitos estava defendendo? Dani tinha idade suficiente para escolher. Em meu código, a idade suficiente para matar é a idade suficiente para escolher. Acredito que o inferno tem um lugar especial para os hipócritas.

Kat deu um passo adiante entre a multidão. De todos as sidhe-seer reunidas, em silêncio persistente, a morena de olhos cinza que tinha comandado ao pequeno grupo no atentado contra mim no Barrons Livros e Curiosidades, o dia que matei sem querer a Moira, pareceu-me a mais sisuda, a de mentalidade mais aberta e mais firmemente fixada sobre o objetivo a longo prazo de liberar a nosso mundo dos FAE. Ela e eu nos tínhamos reunido várias vezes, tentando uma aliança provisória. Eu seguia estando aberta a isso. Na metade dos vinte, tinha a tranqüila, e despretensioso, confiança de alguém muito maior. Sabia que tinha influência sobre as demais e me interessava escutar o que tinha que dizer.

- Ela é uma ferramenta, Grande Mestra. E, nós gostemos ou não, pode ser nossa ferramenta mais útil.

- Já não a culpam pelo do Círculo?

- Ela pode ficar e nos ajudar a desfazer a fodida confusão se for inocente.

- Sua linguagem - disse Rowena bruscamente. Fulminei-a com meus olhos

- OH, para de ficar gritando, Rowena. É uma guerra, não concurso de gênios. Alguém riu.

- As guerras necessitam regras!

- As guerras têm que ganhar! - disparei de novo, à satisfação de um coro que murmurava sua aprovação

- O que diz você a uma votação? - propôs Kat

- De acordo - Rowena e eu nos olhávamos com aversão. Poderia lhe dizer que ela não acreditava nem por um momento que eu pudesse ganhar ou ela não teria acessado ao mesmo. Eu não estava segura tampouco, mas calculei que as altas emoções e os anos de descontentamentos por seu mandato me dariam alguma possibilidade. Kat tinha uma grande credibilidade entre as sidhe-seer e ela advogava por mim. Inclusive se perdia, ao menos, saberia com quem poderia contar a meu lado. Kat se virou para fazer frente à sala, repleta até transbordar.

- Isto está sendo deixado a nossa decisão, assim pois, pense bem e digam, Ela fica ou vai? Se estiver a favor de que fique, levanta a mão direita e mantém alta enquanto eu faço a recontagem.

Foi uma apertada votação.

Ganhei por uma estreita margem.

Guardei de cor os rostos de cada mulher que votou contra mim.

- O que está o fodido V'lane fazendo aqui? - exigi, no primeiro momento em que Dani e eu estivemos sozinhas.

Isto foi horas depois. Rowena tinha decidido me empurrar um pouco diante de outras sidhe-seer depois que eu ganhei a votação, para ver se eu me dobrava. Ela me ordenou limpar ao menos uma dúzia de Sombras da abadia antes que pudesse comer ou dormir, para ganhar minha estadia na abadia.

Dobrei-me, desta vez.

Eu gosto de seguir às Sombras, as observar ao final da luz da tarde. Aprendi o suficiente de minhas vizinhas na livraria, assim conhecia todos os lugares nos que querariam ocultar-se mas



aprendi a escolher minhas batalhas. Entendi a importância de me lançar a algumas das brigas menores, para manter o equilíbrio frente a minha competência, para que me subestimem. Rowena deve acreditar que estou cooperando plenamente, bem direitinho até o momento em que suas filas se rebelem e a derroquem. Não tinha intenção de permanecer na abadia muito. Estava aqui por minha lança, pelas respostas e para incitar os distúrbios entre as seguidoras da Grande Mestra. Para despertar à chamada. Fazer a cama à anciã e converter a todas as que pudesse.

- Ele se mostrou o dia que Barrons te levou - diz Dani. - Deveria haver visto! Quando ouviu que tinha ido, voltou-se irracional.

- Os FAE não são irracionais, Dani.

Impassíveis, que raras vezes mostravam emoção. Nem sequer as recentemente adquiridas reações de V'lane poderiam interpretar-se como "irracionais".

Seus olhos se fizeram enormes

- Colega, ele deixou gelada a Rowena.

- Refere-te a convertê-la em um bloco?

Dani estava tão cheia de jargão que era difícil saber o que ela dizia às vezes. Posto que Rowena estava viva, imaginei que tinha que ser literalmente falando. Dani assentiu.

- Do pescoço para baixo. Deixou sua cabeça sem gelar para que pudesse falar e logo ameaçou estalando um de seus dedos sobre o gelo para que ela pudesse olhar-se enquanto se fazia pedacinhos. Uma má sacanagem.

- por quê?

Ela deu de ombros.

- Porque Ro super cagou quando te deixou ir. Ele disse que Barrons não nos tinha deixado opção, mas isso só pareceu irritá-lo ainda mais. Disse que tinha estado entupido vigiando à rainha e não pôde chegar a você. Acredito que tinha previsto fazer o que fez Barrons, e quando se inteirou de que lhe tinha adiantado Barrons por umas horas, fundiu-se totalmente. Pensei que faria gelo com todas nós.

- Por que segue aqui? E depois desse pequeno truque, como chegou a fazer-se tão amigo de Rowena?

Tratei de não pensar no que poderia ter acontecido se V'lane tivesse chegado a mim primeiro.

Não me pareceu que o sexo com um FAE morte por sexo houvesse feito nada mais que me manter *Pri-já*. Custa-me imaginar a V'lane me narrando minhas histórias de infância ou me mostrando as fotos de minha família para ajudar a me recuperar...

Dani sorriu.

- É mais fácil de mostrar.

Ela se moveu para mim tão rápido que era um borrão quando já se foi. E logo, eu também tinha ido, ou, mais bem, o corredor em que tinha estado de pé se foi, e eu não podia fazer nada, fora de ver o movimento e ouvir o apagado ruído. Podia sentir as mãos da Dani em meus ombros. Ela me transladava de um lugar a outro a extrema velocidade. Dava-me um golpe no cotovelo com algo e grunhi.

- Ai! - Disse.

Dani riu dissimuladamente.

- Ajuda manter os cotovelos pegos ao corpo.

- Olhe por onde vai, moça! - gritou alguém.

-Vá, sinto muito! - murmurou Dani. Algo golpeou meu quadril.



-Ai! - disse de novo. Ouvi alguém amaldiçoar, mas se desvaneceu rapidamente.

- Já estamos quase, Mac.

Quando nos detivemos, franzi o cenho e esfreguei o cotovelo. Não é de estranhar que estivesse arroxeadada todo o tempo.

- A próxima vez, só vamos caminhar, de acordo?

- Está brincando comigo? É o mais fanfarrão do mundo mover-se como eu!

Pelo geral não sou tão torpe, mas há mais pessoas fora de seus quartos porque você está aqui e todas querem falar sobre você. Conheço estes corredores de cor. Posso fazê-lo até dormindo, mas a fodida gente está no meio do meu caminho.

- Talvez devesse pôr sinais - disse zombadora - como quando está pedalando como mensageira.

Seu rosto se iluminou.

- Acredita que seria possível? Ri.

- Sem dúvida é.

Olhei ao redor. Estávamos em um grande quarto em uma forma de "U", com uma grande mesa de conferências e dezenas de cadeiras.

- Por que me traz aqui?

Girei-me, olhando atrás, impressionada pelos enormes mapas que cobriam as paredes. Depois de um momento, voltei-me lentamente.

- É a Sala de Guerra, Mac. Onde fazemos um seguimento das coisas.

Toda a sala estava forrada com mapas, pendurado do teto ao chão. Havia notas em todas as partes, com o Post-it pegos em algumas zonas e ampliações de algumas seções. Algumas das cidades têm o emblema do trevo disforme de sidhe-seer, Inc. (SSI), nosso juramento de Ver, Servir e Proteger.

- Onde está a chave? O que são todos estes símbolos e as notas ao pé? Dani viu que eu estava procurando.

- O Shamrocks mostra as sedes das sucursais estrangeiras de Correios Hajas, Inc. não é nenhuma chave. Ro as tem cotadas em uma sala cheia de guardas.

- Temos *muitos escritórios* sidhe-seer?

Estava incrédula. Ali havia mais de nós por todo mundo do que eu jamais tivesse imaginado. SSI, obviamente, tinha tido uma expansão mundial durante muito tempo. Nossa "guerra" também se transformou em mundial, enquanto eu tinha estado fora dela. Os Unseelie não ficaram em um lugar fixo uma vez que tinham sido liberados. Dispersaram-se ao longo de todo o planeta e, de acordo com o que eu estava vendo nos mapas, certas castas pareciam preferir certos climas.

Havia desenhos e notas rabiscados em todas as partes. Demoraria dias em poder absorver tudo.

Caminhei pela sala lentamente.

- Quais são estas?

Assinalei duas áreas juntas, que estavam marcadas com barras de cor marrom.

- Áreas úmidas. Há uma casta de Unseelie que se assobiam pelos pântanos, atacam-lhe tão rápido como as Sombras. Não vamos perto deles.

- E estes? - quadrados firmemente perfilados com marcador negro. Dani estremeceu.

- Alguns deles estiveram transformando meninos, realmente jovens. Eles os mantêm um pouco antes de... fazer coisas com eles. Tratamos de encontrar onde estão e tirá-los.

Inalei bruscamente e segui caminhando. Detive-me quando cheguei a uma coluna de datas, com números escritos junto a elas, que se tinham tachado dúzias de vezes. A data mais recente



era 1 de janeiro.

O número do lado mostrava uns tímidos um bilhão dos quase sete mil e milhões que deveriam ter sido. Assinalei com o dedo e nem sequer tratei de fingir que estava agitada.

- É esta data, esse número diz o que eu acredito que diz? *Quantos...?* Quantos de nós ficamos neste planeta?

- Segundo nossas estimativas - disse Dani - o total da população mundial ficou reduzida a menos de um terço.

Foi uma das poucas completas e bem faladas frases que nunca tinha escutado sair de seus lábios. Olhei-a bruscamente e capturei, durante uma fração de segundo, uma completamente diferente Dani, inteligente os seus treze anos de idade, abandonada por todo mundo que tinha amado ou crédulo, em um mundo enlouquecido. Foi tão rapidamente mascarada por um sorriso que me perguntei se realmente o tinha visto.

- Colega. Bastante intenso né? Seus olhos verdes brilhavam.

- Me diga colega uma vez mais e será para sempre Danielle.

Olhei os mapas. Não ia poder dormir esta noite. Um terço de nossa população mundial estava *morta*.

- Quanto tempo estive... Fora dele? Qual é a data atual?

- 7 de Janeiro. E, sinto muito, só piora.

- O que tem isto que ver com V'lane?

Segue falando, disse a mim mesma, para que não paralise. Perdemos um terço da população de nosso planeta! Mais de dois bilhões de pessoas tinham morrido! Tinham morrido no tempo em que tinha sido um estúpido animal. O sentimento de culpa foi esmagante.

Segui os mapas pela habitação, em busca da Geórgia, com mal-estar interior. O estado tem duas manchas de tinta: um no Sabanah e outro em Atlanta, ambas estão há só umas poucas horas de Ashford, Georgia, minha cidade natal. A maioria das outras manchas estavam nas cidades maiores.

- O que são as manchas escuras? - pedi-lhe, embora acreditasse saber.

- Zonas Escuras - Meu rosto deve ter traído minhas idéias, porque, acrescentou rapidamente

- V'lane comprovou a sua gente. Ele diz que estão bem.

- Recentemente? Ela assentiu.

- Ele vigia. Diz que faz o que pode.

Fiz uma inalação profunda, a primeira desde que tinha posado os olhos nos mapas.

- Como se propagaram as Sombras tão rapidamente? - exigiu - Como puderam atravessar o mar? Está o poder repartido em todo mundo?

- V'lane diz que, inicialmente, estavam-lhes ajudando outros Unseelie nisso, até que as Sombras decidiram esconder-se seu novo pátio de jogos muito rápido. Agora diz que os Unseelie estão lutando entre si pelo território. Alguns deles estão inclusive tratando de jogar o poder fora, para manter fora às Sombras.

Recordei a batalha do céu que eu tinha visto, perguntava-me por que tinha sido.

- Uma vez, quando fui a Dublin em sua busca, vi caminhar a seres humanos com o Rhino-boys, subindo à barra de um bar. Não segui, porque me assustei do que parecia. Eram meninas, Mac. Não sei se *Pri-já*, mas não pareciam. Parecia que foram... porque que queriam - seu olhar se nublou - Mac, acredito que estas vampiresas são um fodido grupo de esquisitos dos Unseelie.

- V'lane tem conhecimento de tudo isto? Os Seelie *não vão fazer nada* a respeito? - eu estava horrorizada.

Conhecia minha geração. Vivíamos em um mundo de oportunidades com gratificações foto



instantâneas ao alcance de nossas mãos, com pouca ou nenhuma censura, e a maioria de meus amigos não tiveram um pai como o meu, que lhes dissesse coisas como: *“Não se deve confundir a intensidade da emoção com a qualidade da emoção, carinho”* ou, quando tinha estado enredada com o rompe corações da classe Tommy Ralston. Quanto mais me fazia sofrer como sua namorada, mais duro trabalhava para conservá-lo. Era como um vício que me fazia sentir mais intensamente, apesar de que me machucava. *“A dor não é amor, Mac. O amor te faz sentir bem”*. Tinha perdido a meu pai. Precisava ver meus pais. Ver com meus próprios olhos que estavam bem.

- V'lane diz que estão tratando de deter o pior dos Unseelie - disse Dani - mas não podem matá-los uns aos outros, porque eles não morrem e nós temos a espada e a lança. V'lane diz que os Seelie as querem para eles, mas até agora nenhum deles tratou de obter. Entretanto, diz que é só uma questão de tempo.

Caos. Completa-se o caos. Os Unseelie livres, a luta contra os Seelie, a luta de uns contra outros, a aquisição de humanos groupies como a banda gótica do Mallucé. Eu não estaria muito surpreendida se o culto do Mallucé simplesmente tivesse convertido a lealdade a este no maior perigo exótico da cidade.

Um terço da população mundial foi!

Tudo porque não tínhamos podido manter os muros até o Halloween. Porque *eu* tinha fracassado. Fechei os olhos e esfreguei-os, como se de algum jeito pudesse me esfregar a horripilante realidade de um mundo com um terço menos das pessoas que deveria ter existido, ou, ao menos, para eliminar da minha mente.

- Ao princípio, não tínhamos nem idéia do que estava passando em nenhum lugar. Não havia telefones, não havia mensagens. Não havia correio eletrônico. Não havia Internet. Nem televisores, nem rádios. Era como viver na Idade da Pedra. Bom, possivelmente não tão mau - permitiu-se um sorriso - mas pode fazer uma ideia. Logo V'lane se ofereceu a ajudar. Disse que podia filtrar-se por aí, reunir informação, averiguar o que era o que estava passando, levar mensagens, tomar o lugar da Ro. Depois de que a gelasse, não confiava nele nem um pouco. Não como ela confia nele. Mas era uma oferta que não se podia rechaçar.

- O que aconteceu ao Sinsar Dubh? Devo considerar que ninguém o teve em suas mãos ainda?

Ela sacudiu a cabeça.

- Alguém o viu recentemente? Ela sacudiu a cabeça de novo.

- Acredito que essa é a verdadeira razão pela que Ro te permite estar aqui e o teria permitido inclusive se tivesse votado em seu contrário. Somente a empurrou no mais difícil. Ela e V'lane estiveram trocando informação, trocando um com o outro. Disse-lhe o que eu disse ter visto na rua o dia que te resgatei...

- Perguntava-me como V'lane podia saber a respeito disso.

Eu poderia ter encontrado os conhecimentos sobre os Príncipes Unseelie incriminatórios, exceto em dois: V'lane e Barrons, pois *sempre* pareciam ter todos os detalhes de tudo. Que não os tivesse já me surpreendia.

-... em troca, lhe contou o que tinha aprendido a respeito de como se movia o Livro. Que ia seguido pela comissão dos piores delitos. Mas agora há tanta violência em todas as partes... e sem jornais nem televisão, que não há maneira de encontrar a fodida coisa.

Pensei nisso e sorri.

- Salvo para mim.

Eu era ainda mais importante agora. Dani sorriu abertamente.

- Sim. Imagino que nós somos as duas maiores arma chuta-rabos que ela tem.



- Mas ela ainda mantém sua espada, não, Dani? Dá-lhe isso quando parece bem? Dani azedou a expressão e assentiu.

Era hora de intrometer-se e Dani, definitivamente, estava preparada.

- Não te parece mal, que duas das mais poderosas sidhe-seer até agora na Abadia não estejam armadas em todo momento? Não acredita, já que é superforte e super-rápida, que merece levar a espada? Arrumado a que inclusive seu ouvido está superdesenvolvido e que por isso me ouviu vir a abadia quando ninguém mais o fez, não? - Ela assentiu.

- É incrível, Dani. Essas mãos são o ativo mais valioso que Rowena tem. E me olhe, não só posso seguir ao Livro, posso anular aos bastardos. Congelá-los, deixá-los frios enquanto os matamos. Recorda a noite que lutamos juntas? - Tinha sido emocionante. Queria fazê-lo de novo. Queria fazê-lo cada noite, até que a noite fora nossa de novo. Queria estar rodando por aí, caçando aos que queriam nos caçar. Não estava disposta a ter medo por mais tempo. Era tempo de expulsar o medo *fora de mim*.

Reduzidos seus olhos, seus lábios exalando um forte fôlego, ela assentiu uma e outra vez. Sua mão da espada lançava estocada e retrocedia, como a minha da Lança quando pensava nos FAE. Perguntava-me se teria em meu rosto um olhar quase não humano... seguro.

Não precisa ver uma janela para saber que a noite estava caindo. Podia sentir o enfoque do crepúsculo em meus ossos, tanto como imaginava devia fazer um vampiro. Não importa as muitas guardas mágicas que estivessem no perímetro da abadia, sem minha lança me sentia como se faltasse um apêndice: ou mais acreditava ser imune aos FAE morte por sexo, embora não confiaria por completo nisso até que tivesse provado em algum outro FAE além de V'lane, mas ainda podiam me capturar se viessem atrás de mim.

E se minha transformação na Pri-já não funcionasse desta vez, poderiam me torturar para eu fazer o que queriam. Eu não era imune à tortura. A dor me incomoda. Muito. Necessitava de minha lança. Agora.

- Dani, você e eu estamos *feitas* para essas armas. Ninguém mais pode as utilizar como nós! Ninguém é tão forte ou tem maior quantidade de habilidades. Por reter a lança e a espada, Rowena faz a *todas* vulneráveis. Como se atreve a sentar-se em seu estúdio com duas das únicas armas que podem matar aos FAE, deixando a toda a abadia desprotegida? Ela é muito velha para usá-los! Se um FAE atravessasse, as guardas não poderiam brigar, seríamos como um bando de patos em uma tiragem de caça. Ela sabe que os Seelie desejam as relíquias, que é só uma questão de tempo que tentem consegui-las. Não deveriam as armas estar em mãos das sidhe-seer mais capazes de defendê-las e mante-las? E não somos nós?

- O que está pensando? Quer que vamos juntas a falar com ela? Unir-nos contra ela? Dizer que nos dê as armas? - Dani me olhou emocionada pela idéia.

Ri.

- Falar? Apenas. Rowena necessita um pequeno toque de atenção. Nós não trabalhamos por ela. Nós não respondemos diante dela. Trabalhamos *com ela*. Por escolha. Ou nada.

O temor lutou contra a selvagem alegria no rosto da adolescente.

- Você sabe que não há volta atrás se queremos fazer isto - disse entrecortadamente.

- Quem quer voltar? - disse friamente. - Quero seguir adiante. E terá que estar sempre olhando por cima do ombro ou preocupando-se pelo próximo passo que alguém está dando, não se pode. A dúvida mata.

- A dúvida mata - disse Dani, ecoando do grito de batalha dando murros no ar - Estou contigo, Mac.



Capítulo 10

Há momentos em minha vida que sinto que estou, exatamente, onde se supõe que devo estar fazendo exatamente o que se supõe que devo fazer. Ele dispõe de muita atenção. São meus pontos de referência cósmica, me fazendo saber que estou no caminho correto. Agora que sou maior, posso olhar atrás e ver onde me perdi em algum momento, aqui e lá e refletir sobre o preço que paguei pelos descuidos: na atualidade trato de afinar muito mais.

Esta noite foi um desses momentos perfeitos: a toda velocidade por Dublin, em um bem preparado Range Rover, sob uma lua cheia tão brilhante que poderia ter conduzido sem luzes se tivesse querido, com Dani a meu lado, armada com a Espada da Luz e eu com minha recuperada Lança do Destino. Senti-me como se pudesse tocar o céu com as mãos, pesá-los, valorizar sua amplitude e comprovar a forma perfeita em que encaixava na palma de minha mão.

Recuperar a espada não tinha sido muito difícil, embora não esperava que fosse.

A verdade é que Dani poderia havê-la pego no momento em que ela tivesse querido. Ela conhecia todos os esconderijos de Rowena e abrir as portas limpamente era uma de suas especialidades. Rowena a tinha controlado por simples medo às conseqüências e Dani, com seus treze anos, sendo tratada como uma espécie de empecilho grande parte do tempo, estava faminta de um pouco de aprovação e atenção.

Agora tinha os *meus* e eram incondicionais. Ou ao menos eu não pregava que devesse me ser servil. Eu nunca faria isso a ela.

A lança tinha sido mais complicada, pois, como tinha imaginado Rowena a levava. Não esperava ser capaz de levá-lo a cabo com sigilo. Só queria agarrá-la e sair apitando. E por isso, e por outro trilhão de razões, necessitava de Dani.

Pedi-lhe que golpeássemos a Rowena a alta velocidade. Enquanto a velha se mantinha ocupada tratando de desenredar-se de mim no chão, Dani ficaria em modo alta-velocidade, apalparia e lhe arrancaria a lança de uma bolsa que a mulher tinha costurado em suas roupas, me agarraria de novo e sairíamos, as duas, como uma bala.

Rowena tinha despertado com seus gritos à abadia inteira. Nós tínhamos fugido em metade da noite, seguidas por gritos de *Traidoras!Traidoras!*

- Não poderemos voltar para a abadia, Mac.

Dani me lançou um olhar, eufórico e, ao mesmo tempo, tão jovem e perda como nunca a tinha visto. Lembrei-me de quando eu era adolescente e não a invejei nem um pouco. As emoções eram tão exageradas e mudavam rapidamente, que era difícil saber em que extremo começavam umas e acabavam outras.

Eu ri.

- OH, iremos de novo, Dani. Necessito algumas coisas dali.

Respostas. Muitas respostas. Amanhã eu gostaria de começar a trabalhar em como entrar na Biblioteca Proibida e juntar minhas próprias tropas de sidhe-seer.

- Ela nunca nos deixaria retornar, Mac. Aliamo-nos e desafiemos a Rowena. Estamos marginalizadas. Para sempre. - Parecia tão miserável como orgulhosa.

- Confie em mim, Dani. Tenho um plano. - que havia fecundado enquanto estava caçando Sombras e as tirando fora - Elas nos deixarão. Prometo isso.

O mais importante é que eu planejava que se aliassem comigo, mas primeiro tinha que lhes fazer uma grande demonstração. Precisava lhes mostrar como poderia ser. Eu sabia o que mais



desejavam as outras sidhe-seer e eu podia dar-lhe e isso era a chave para motivar a qualquer grupo a seguir a um líder. De pé no corredor, enquanto votavam, tinha-o sentido em meu sangue. Estavam fartas das tarefas domésticas, de ser encurraladas e encerradas, cansadas de ver a queda do mundo olhando ao relógio, enquanto faziam quão único Rowena lhes permitiria fazer: recolher aos sobreviventes que pudessem encontrar e as ensinar a fazer uma tarefa patética e derrotada.

O que mais desejavam era caçar e matar aos Fae. E por que não? Tinham nascido para fazê-lo!

Durante seu tempo como Grande Mestra, Rowena não tinha tratado de civilizá-las, as circunscrever, as organizar, mas sim só tinha ido polindo suas superfícies, sem trocar nada do que era importante, porque, no fundo, dentro de cada sidhe-seer havia um caçador, criado para matar aos Fae, lhe espreitar, grunhindo, esperando com ansiedade a oportunidade de fazê-lo. Debaixo da pele, as sidhe, inclusive as mais tímidas, eram criaturas totalmente diferentes. Um exemplo? Veja-se a Mac-rosa passar ao negro.

Eu lhes ia convidar a sair a jogar.

la lhes dar uma oportunidade para desejar, mostrar o que podíamos fazer juntas. Ter só duas armas não era a situação mais desejável, mas não havia outra maneira de fazê-lo. Se eu pudesse motivar a quinhentas sidhe-seer para combater e capturar a muitos Fae impedindo seu rastreio, Dani e eu poderíamos nos centrar exclusivamente em matá-los, em lugar de ter que perder tempo em caçá-los nós mesmas. Por nossa conta, Dani e eu poderíamos ser capazes de matar uma centena em uma noite, mas se os Fae já tinham sido capturados e detidos, poderia matar a mil em umas poucas horas! Talvez mais. E isso era se cada sidhe-seer da abadia conseguisse encontrar e capturar só dois por cabeça!

Não cabe dúvida de que Dani e eu seríamos melhores que as outras sidhe-seer capturando FAE, e que quase qualquer sidhe-seer pode apunhalá-los, mas nunca voltarei a perder minha lança outra vez. Eu diria às outras o mesmo que havia dito a Dani: que nós tivemos que agarrar as armas porque fomos quão únicas podíamos as proteger em caso de que os Seelie viessem por elas.

O que nunca lhes diria é o que eu sabia: que V'lane poderia lançar as armas longe de nós em qualquer momento, se assim o desejava.

Empurrei ao fundo este pensamento e voltei para outro ao que ainda estava lhe dando voltas. Se começássemos a alimentar com carne Unseelie aos seres humanos normais, teríamos em cada homem, mulher e menino, um lutador e um braço com capacidade de defender-se. Adoecia-me pensar que havia milhares de milhões por aí que nem sequer podia ver as Sombras.

- Podem os Unseelie projetar glamour? - perguntei a Dani. - Quero dizer, estão fazendo-se invisíveis para o humano?

Sacudiu a cabeça.

- V'Lane diz que a ocultação é a forma Seelie de fazer as coisas. Ele diz que os Unseelie se apóiam no medo humano. Eles não escondem nada. As Sombras são ainda invisíveis às pessoas normais porque esse é seu estado natural, mas a gente pode ver todas as outras castas, por isso sabemos.

Portanto, outros seres humanos poderiam ver sua morte vir, sempre que não fosse por Sombras. Simplesmente, não podiam fazer nada para evitá-lo. Mas se eles fossem alimentados com carne Unseelie, ganhariam super força, como Mallucé, Derek O'Bannion, Fiona e Jayne, e seriam capazes de lutar. Poderíamos capturar um número muito maior, e não seria um preço digno a pagar embora trocasse ao que comeu em certo nível fundamental? Não estava muito segura de que mudanças causavam exatamente ou como de duradouros poderiam ser, mas não me sentia mal por isso. O medo a minha própria lança tinha sido o maior inconveniente. Não eram



a sobrevivência de nossa raça e de nosso mundo o mais importante, não importando o meio pelo que o obtivéssemos? Em uma competição entre “Seu” ou “Sua vista” eu me decantaria firmemente pelo lado da vida.

- IFP, Mac! - exclamou Dani - De frente! (*N. De T: IFP = Interdimensional Fairy Potholee: buracos Fae interdimensionais*).

Virei bruscamente, derrapando a seu lado. As pessoas eram pequenas, do tamanho da circunferência de um Calliope (*N.de.T: instrumento similar a um órgão com tubos*). Tínhamos visto três até agora. Ela tinha rido quando disse o nome com o que os tinha batizado. Eram mais fáceis de ver na noite. Quando as luzes dos faróis os iluminaram, brilhavam com milhares do que pareciam bolinhas de pó diminutas dançando no ar. O primeiro o tinham visto no pântano que tinha atravessado conduzindo o dia de hoje, brilhava de cor verde pálida, os dois últimos tinham sido de prata. Perguntava-me se sua cor tinha algo que ver com a paisagem interior e os perigos que continha, se as cores similares implicavam, possivelmente, que provinham de partes similares dos reinos Fae. Fiz uma nota mental para começar a escrever o mais que pudesse sobre eles em meu diário. Pensei que poderia organizar explorações tipo explorador. Escolher meia dúzia e enviá-los a aprender tudo o que pudessem sobre os Buracos Interdimensionais. Eram portas das fadas? Existia alguma forma de utilizá-los a nosso favor?

Eram as dez e quarenta e cinco minutos no momento em que chegamos a Dublin. Temos coberto nossa retaguarda abandonando o automóvel, estacionando perto de Tempere Bar e saído com os MacHalos acesos, arma em mão.

Meus sentidos sidhe-seer recolhiam uma enorme quantidade de FAE na cidade. Senti a milhares deles, estendendo-se em todas as direções. Por que tantos? A cidade estava estranhamente tranqüila e ao parecer carecia de vida humana. Não queriam estar os Unseelie onde se encontrasse a maior parte dos humanos? Não parecia que nenhum tivesse abandonado isto absolutamente.

- Está detectando uma tonelada do Fae, Dani? - perguntei-lhe.

- Uh-huh. Essa é uma parte das razões pelas que seguia vindo a te buscar e tratando de averiguar o que estava passando. Era um pouco estranho, entretanto. Acredito que Dublin é, como sua sede oficial ou algo assim.

Fiquei nas sombras, procurando a camuflagem da noite, olhando de um beco escuro a outro mais escuro beco.

Dani não se perdia nem um detalhe.

- Acredito que a maioria deles se foi, Mac. A última vez que vi um desses fódidos horripilantes aqui foi faz algo mais de um mês e foi um muito pequeno. Acredito que saíram correndo e seguiram adiante. Só há mais na abadia, conosco.

Eu mantinha meu MacHalo aceso. Ela não fez nada para apagá-lo tampouco.

- Qual era o bar onde viu aquelas groupies?⁶ - Queríamos começar por aí. Matar tudo o que fosse Fae. Tratar de golpear a qualquer humano o suficientemente estúpido para encontrar-se ali.

- Já sabe o que fazer se nos rodeiam? - recordei-lhe.

- Te carregar e sair correndo? - disse com um sorriso. - Não se preocupe Mac. Cubro-te as costas.

Como hei dito antes: foi um desses momentos perfeitos. Lutamos durante horas,

⁶ -fãs



acumulando mortos. Com cada um dos Unseelie *exterminados*, hei-me sentido mais forte, mais carregada, mais decidida a encontrar e destruir até o último, embora tivesse que esperar até meu último fôlego.

Dani e eu golpeando, apunhalando e cortando no caminho, pelas ruas escuras de Dublin. Bêbadas de nossa própria glória chuta-rabos, fizemos uma canção que um dia se converterá no hino das sidhe-seer de todo o mundo. Mas não sabíamos nesse momento. Só sabíamos que os gritos nos mantiveram bombeando, fizeram-nos sentir invencíveis.

*Estamos tomando de novo a noite! Faça-a luz.
Não teremos medo nunca mais. Eles tomaram o que era meu
E agora é o momento
Para ti e para mim de ajustar contas.
Estamos tomando de novo a noite!*

- Shh! - sussurrou de repente Dani.

Fiquei imóvel, meio cantando e meio trespassando a um Rhino-boy apanhado em minha lança, silenciando sua boca cheia de presas.

Não podia ouvir nada, mas eu não tenho meus sentidos intensificados a menos que tenha comido carne Unseelie, e, *obrigado, mas não*. Vou sobreviver com os dons que tenho.

- Tira sua Lança! - sussurrou.

Fiz e quão seguinte soube, é que estava zumbindo pelos becos de maneira tão rápida e ziguezagueante que queria vomitar. Nunca entendi como Dani é capaz de permanecer em movimento como o faz.

Então chegamos e ela assinalou.

- Olhe Mac!

Olhei e me estremeci. Com todos os Fae na cidade, não tinha sido capaz de distinguir entre as castas, mas eu guardava um ódio especial por esta: Caçadores Unseelie.

Desde tempos imemoriais, caçaram e assassinaram sidhe-seer. Fae encarregados de fazer cumprir a lei e o castigo, os mercenários do poder, que trabalham para quem lhes paga o que seja que queiram neste momento. Trocando de guerra constantemente. Eles têm capacidade telepática e pode entrar dentro de seu crânio e te tocar. Para piorar as coisas, geram um frio que impregna até os ossos e se vêem como o mesmo diabo e vêm a por sua alma.

Dois Caçadores enormes davam voltas no céu, a poucas quadras do rio Liffey. Tinham duas vezes o tamanho dos que tinha visto no passado, mais negros que a noite, com asas de couro.

A cauda bifurcada, garras como minha lança e uns olhos que brilhavam como os fornos do inferno. Estavam arranhando o ar, as garras para frente, gritando algo nas ruas como imaginava que os dragões deviam gritar, produzindo cristais de gelo negro no ar com cada uma dessas mortais asas negras.

-Merda! Pode acreditar? - Dani respirava entrecortadamente. - Estão loucos?

Ela não se referia aos caçadores. Referia-se a aqueles que estavam nas ruas, disparando contra eles.

Pude ver os buracos que faziam em suas grandes asas e como curavam quase imediatamente, enquanto as balas caíam à rua. Podia ouvir o momentâneo-a-tat-tatá das armas automáticas.

Não lhes estavam fazendo grande coisa, mas estavam enchendo o saco. Muito.

Quem quer que estivesse fazendo ia se fazer matar! Olhei a Dani e ela assentiu.

- Melhor vamos salvar seu traseiro - estive de acordo e se voltou para mim. Dava um passo



atrás. - Obrigado, mas são só umas poucas quadras. Vou caminhar.

Voltei-me.

Agarrou-me pelo ombro e estivemos ali rapidamente. Realmente vou ter que saquear uma farmácia do Dramin (*N.de T: pastilhas para o enjôo*), porque quando me deixou outra vez, não pude menos que me inclinar, lutando contra a entristecedora necessidade de vomitar em meu par de sapatos brilhantes de cor negra.

Momentaneamente incapacitada não tinha maneira de chegar à cena de perigo potencial.

A super velocidade era pior que ser peneirada, o segundo é mais suave, enquanto que a super velocidade é um cavalo e um carro em uma estrada cheia de buracos, a velocidade de reação, mas sem choques.

Levantei a vista dos sapatos e pisquei. Por um momento, as palavras não saíram.

- Srta. Lane. É bom saber que está viva. Tinha começado a sentir saudades.

Voltando-se às tropas uniformizadas que havia detrás dele, o Inspetor Jayne grunhiu.

- Fogo!

Capítulo 11

Parecia ter passado uma vida desde aquela entrevista dura, de pé diante de mim, do corpulento inspetor, quando tinha me detido e arrastado a delegacia de polícia e me tinha interrogado pelo assassinato de seu colega e irmão na lei, o inspetor Patrick O 'Duffy. Ao menos a metade de uma vida tinha passado desde que lhe tinha aberto os olhos à existência dos Unseelie que tinham invadido Dublin, dando às escondidas partes de sua carne imortal em seus sanduiches, a tarde que o convidei à livraria para o chá.

Então tinha levado a ele de excursão e o obriguei a enfrentar o que estava acontecendo em sua cidade, com o duplo propósito de solicitar sua ajuda no seguimento do Livro e fazê-lo desaparecer de meu traseiro. Depois disso, tínhamos falado só quando havia uma possibilidade a respeito da localização do livro, de maneira muito cortante, até o dia que me recolheu na rua de novo e me surpreendeu me pedindo que lhe fizesse um *chá especial* uma vez mais. Eu não lhe tinha visto vir, de feito, tinha esperado que fechasse os olhos e a mente ao impossível de explicar, como a maioria das pessoas. Ele me tinha surpreso.

Olhei-lhe especulativamente. Quando seus homens fizeram uma pausa entre as rondas, e disse:

- Ainda está comendo Unseelie? - Ou somente perseguia os que podia ver? Dani fez um som de asfixia.

- Comer Unseelie? Comer-lhe Merda! Está brincando? São pegajosos e alguns deles têm... lama verde e têm... como ... Coisas cheias de pus! Uf. Só... merda! Ugh! - ela tirou a língua e sacudiu a cabeça violentamente. -Uf! - de novo. Encolhi de ombros.

- É uma longa história. Direi isso mais tarde.

- Não há necessidade de conhecer seu fundamento. Não o faça - e fez um som arcadas.

- Um se acostuma a ela, Jayne? - disse. Ele me olhou

- Estive comendo desde o dia que pedi que pensasse.

- Você nunca voltou por mais.

- E depender de você? O que tivesse passado se não estava quando o necessitava? - soprou-.

- Nunca deixei que desaparecessem, porque se o fizesse, não teria sido capaz de ver outros para



conseguir mais. É um círculo vicioso. Terei que preparar para minha mulher no café da manhã de cada dia. Agora, com a grande quantidade deles que há, não é o problema que uma vez foi. Meus homens também comem. Minha mulher alimenta a nossos meninos com sanduíches. Fogo!

Os homens reataram o tiroteio. Gritos de fúria encheram o céu noturno. O ruído era ensurdecedor. Quando finalmente se deteve, espetei-lhe.

- O que está fazendo? Você não pode matá-los! Só lhes está enchendo o saco! ? Pude sentir sua ira, escura, profunda, antiga. Pude sentir mais que isso: uma paciente astúcia nascida da eternidade, a certeza imperturbável de que sobreviveriam a estas moléstias, situadas abaixo na rua, que se atreviam a lhes ofender. Não somos nada. Estávamos próximos a uma morte próxima a ocorrer. Mostraram-se indignados, porque tinha a audácia de lhes olhar, sem estar de joelhos, adorar, orar, pedindo sua permissão para respirar.

Inteirei-me faz uns meses que a telepatia com os caçadores é em ambos os sentidos, ao menos para mim. Eles podem entrar em minha cabeça, mas eu também posso fazê-lo na sua. E não gostam nenhum pinga. Inclusive agora podia sentir a ambos me pressionando, tratando de averiguar o que é que me fazia... diferente. Suponho que não era tão assombradamente conhecido entre os Unseelie como eu retornava desde meu seqüestro por parte do LM e seus Príncipes Unseelie.

- Bom! - disse Jayne - Porque estão nos mijando. Estão em minha cidade e não o toleraremos.

Acreditam que vai ser fácil abater-se sobre minha rua? Espionar-nos? Localizar a nossos sobreviventes? Estamos lhes demonstrando o contrário, não o fazemos agora? Não estão tomando uma fodida rua mais!

Voltou-se de novo para seu grupo de cinqüenta ou mais homens, nitidamente uniformizados e com capacete e emitiu uma ordem em silêncio. Quatro deles se separaram, avançaram pela rua e começaram a colocar uma arma de fogo maciça sobre um tripé. A maioria de seus homens estavam armados com semiautomáticas com mira telescópica, outros com metralhadoras, que, por certo, eram quão únicos pareciam estar tendo algum efeito sobre os Caçadores. Quando Jayne gritou *Fogo!* De novo, eles levantaram suas armas ao uníssonos e dispararam a dois dos Unseelie mais temíveis.

Um sorriso atirou de meus lábios.

Jayne estava provocando deliberadamente aos Caçadores. Os enchendo o saco, porque eles o tinham enchido o saco a ele.

Meu sorriso cresceu. Quando, a meu pesar, tinha alimentado este homem com carne Unseelie, nunca tinha podido prever este momento. Sua perfeição. Sua destreza. Necessitávamos aqui, nas ruas, para que os que sobreviventes continuassem sendo. Este homem nunca deixaria de servir a sua cidade e a sua gente, apesar de que sua missão tinha terminado faz meses. Era policial e protetor até a medula.

Encantada pela fortuna de tudo isso, ri.

Jayne me olhou bruscamente, e por um momento sua expressão sombria estava coberta por um sorriso. A admiração devia ter mostrado em meus olhos, porque disse:

- Isto é o que fazemos Srta. Lane! Somos a Guarda!

- Que se foda a Guarda! - gritou um de seus homens - Somos os *Guardiões*! Uma nova força para um mundo novo!

- Ouvido! Ouvido! - gritaram todos os homens.

Eu assenti agradecida. Os Guardiões. Eu gostei.

- É bom lhe ver, também, Jaime - murmurei. - Sobre tudo tal como está.



Que bênção inesperada. Os caçadores estavam me empurrando agora com mais insistência. Enviei só uma mensagem para cima e não tive necessidade de utilizar uma onça da telepatia para fazê-lo.

Levantei minha lança, sacudi-a ameaçadora. Brilhava como o alabastro à luz de meu MacHalo. Seguindo o exemplo, Dani mostrou sua espada ao ar.

Os Caçadores assobiaram e se tornaram para trás com uma violência tão repentina que a voragem causada pelo bater das asas de suas grandes asas escuras, elevava o lixo das ruas no ar e levantava as tampas dos contêiner de lixo. Fragmentos de tudo isto ricocheteavam em nossos rostos e mãos. As tampas soaram entre os edifícios de tijolo, ricocheteando de parede a parede.

“Vamos te caçar até o fim dos tempos, sidhe-seer. Vamos erradicar seu sangue”.

Eu estava bastante segura de que isso já tinha acontecido, só ficava eu, mas não teria podido responder embora tivesse querido. Eu estava de joelhos, me agarrando a cabeça. Foi uma façanha difícil, levando meu MacHalo e com uma lança.

Tinham-me surpreendido.

Estes Caçadores não só eram maiores. Eram algo mais também. Não eram todos eles iguais? Quando o rei Unseelie fazia seus experimentos e criou sua raça escura, fazia variações em seus temas? Eram algumas das castas mais letais e potentes que outras? Os bastardos quase me tinham partido o crânio com sua ameaça. Não tinha me preparado para isso. Ia ter que considerar a todo Fae que encontrasse a partir deste momento, como uma possibilidade muito aberta a imprevisíveis de variação das formas mais básicas. Isso me incomodou. Uma faca deve ser uma faca. Como ia viver em um mundo no que uma faca poderia ser uma granada? Não ia poder dar nada é obvio. Nunca. Esperar o inesperado.

Eu poderia estar de joelhos por fora, mas não estava por dentro. Procurei essa cova escura onde eu tinha sido tão recentemente um animal. *“Fodam-se, bodes”* e os ataquei.

Eles gritaram. Ouvi dor. Sorri.

As tampas caíram ao pavimento. Os refugos maltratavam minha cabeça e meus ombros. A noite ficou imóvel.

Os Caçadores se foram.

Levantei a cabeça e vi duas silhuetas aladas voando junto à lua. Foi uma imagem horripilante. Ainda mais inquietante era que a lua tinha uma tintura púrpura ao redor das beiras, como uma auréola de sangue.

Era pela justaposição do reino Fae e o reino humano? Estavam as dimensões sangrando juntas, a alterando-se uma à outra? O que seria de nosso mundo depois de uns meses mais? Uns anos mais?

Empurrei-me desde minha posição de joelhos para encontrar Jayne olhando minha lança.

- Essas são as armas das que você falou em nosso chá? - disse. - As que podem matar aos FAE? Inclinei minha cabeça. Eu não gostei da forma em que as estava olhando.

- Nós nunca conseguimos derrubar um desses dragões do diabo.

- *Caçadores* - disse. Irônica e apropriadamente, assinalei-lhe seu equivalente Fae - Estão encarregados de fazer cumprir a lei dos Fae. Embora sejam Unseelie, trabalham para ambos os tribunais, em função de quem pague melhor.

Vi um brilho de diversão em seus olhos escuros, logo desapareceu e ele estava olhando de novo, fixamente, minha lança.

Meus dedos se fecharam ao redor dela.

- Sabemos que não podemos enjaulá-los como aos outros que capturamos. São muito grandes. Mas, com a lança, poderíamos matá-los lá onde caíssem.



- Enjaulá-los? Estão os Unseelie em jaulas? Como?

- Levou-nos algum tempo resolvê-lo. Quando me abriu os olhos ao que estava passando, abri minha mente às velhas lendas. Nós os irlandeses estamos infestados delas. Encontrei-me com toda uma tradição que dizia que os Antigos Primeiros não podia suportar o ferro. Decidi que se os homens lobo odiavam a prata e os vampiros a água benta e o alho, e essas coisas podiam lhes fazer danifico, talvez o ferro pudesse machucar aos Fae.

- Faz? - perguntei-lhe.

- Até certo ponto. Parece interferir com seu poder. Suficiente para poder apanhá-los e manter a alguns deles onde se encontram. Quanto mais puro é o ferro, melhor. O aço não funciona tão bem. - tirou-se o capacete da cabeça e me mostrou o interior. - Nós os recobrimos com ferro. Perdemos uns poucos homens antes de nos inteirar do que seus chamados Caçadores podiam fazer.

O ferro impede aos Caçadores projetar-se em sua cabeça? Ia melhorar meu MacHalo em primeiro lugar em que pudesse fazê-lo!

- Não de tudo. Atenua-se, permite-te sobreviver. Todos escutamos o que você escutou. Não é doloroso. Mas estamos muito acostumados porque eles sempre estão tratando de nos foder. Estamos levando ferro por toda parte: ao redor do pescoço, em nossos bolsos. É com o que fazemos nossas balas.

- Fodidamente brilhante! - Dani exclamou. - Mac, precisamos ferro! Jayne jogou uma olhada a minha lança, e logo à espada de Dani.

- Não sabe o bem que poderíamos fazer com uma de suas armas - Procurou meu rosto. - Isto não seria como as deixar sem armas. Vocês duas poderiam compartilhar a espada.

- Não - Dani e eu valorizamos o momento exatamente igual. Eu estava tensa. Não precisei olhar Dani para saber que se abatia sobre a beira da super velocidade, seu coração zumbindo quase saindo de seu peito.

-Srta. Lane, todos estamos juntos nisto.

-Não estamos juntos.

-Nos olhe. Estamos capturando a centenas de Fae à semana. Encerrando aos que não se podem *desvanecer* no ar. Agora, há um movimento letal para você - disse amargamente.

- Chamam-no "*peneirar-se*" - disse Dani. Ele amaldiçoou.

- Bom, as Sombras retornam e matam a meus homens. Ou escondidas atrás de nós ou nos seguindo, como se estivessem jogando conosco. O pensariam duas vezes se soubessem que tínhamos uma forma de matá-los. Você tem duas armas que podem. Você não pode me dizer que isso seja justo.

- Jayne que caralho é justo? É justo que arrastassem a isto para começar?

- A todos arrastaram a isto - grunhiu. Touché pensei.

- Podemos ajudar em algo - ofereci - mataremos por vocês. Quantos mais mortos Fae houvesse, mais feliz seria.

- Alguns deles ainda escapariam. A menos que você esteja dizendo que vai caçar junto a nós, que estará ali como um exterminador de pragas, para o momento em que os cacemos.

- Não posso. Estou procurando outra coisa e se não o fizer nada disto vai terminar. Seus olhos se entreabriram.

- Não seria o livro que eu lhe estava ajudando a seguir?

- Se não o encontrar, Jayne, nunca vamos poder os expulsar de nosso mundo, e temo, quanto mais tempo tenham caídos os muros, mais fodidas vão ficar as coisas. Talvez de maneira irrevogável.



Ele me mediu com frieza. Por último, disse.

- Farei um favor. Favor por favor. Mas essa não é minha guerra. Importa-me mais que as pessoas sobrevivam que obter vingança. Você poderia aprender disso. Seu Livro está ainda em Dublin.

- Não é meu livro - sussurrei. Quando ele o havia dito, minha coluna vertebral gelou, com calafrios violentos. Como se de algum modo fosse. Ou eu quisesse que fosse. Ou eu tivesse uma premonição do que viria. Sacudi-me. Assim, o Sinsar-Dubh ainda estava em Dublin. Isso explicava por que havia tantos Fae aqui. Estávamos todos à caça dele. Eu não tinha pensado que seria tão difícil de encontrar. Fazia meses já que os muros tinham caído. Não queria ser encontrado pelos Unseelie? Não eram parentes? O que queria desta cidade? Havia um mundo enorme aí fora, com numerosos países e oportunidades para o caos e a destruição. Entretanto, mantinha-se em Dublin. Por quê?

- Tomou a um de meus homens faz algumas semanas, em sua casa, com sua família. Você gostaria de saber o que fez então, Srta. Lane? Depois de dar um passeio por sua casa, sua esposa, filhos, e sua mãe?

Mantive minha cabeça imóvel e não disse nada. Não ia perguntar. Já sabia o que ocorria quando o livro se fazia cargo de um ser humano. Eu tinha visto tantas matanças nos últimos meses que estava ficando sem espaço em minha cabeça para as imagens mais sangrentas.

- Sinto muito - disse, sabendo que não era suficiente. Entendia-lhe por desejar ter uma das Relíquias. Inclusive poderia ter reproduzido seu desejo de ser eu a que estivesse em seus sapatos. A uma amável e gentil Mac lhe importaria. Resultaria bonito isso de compartilhar.

Mas eu não estava em seus sapatos e não ia compartilhar.

- É lamentável que não haja mais arma para repartir - disse com toda sinceridade, mas isso não mudava nada. Tinha bastante do que me preocupar e eu tinha uns planos que eram tão bons ou melhores que os do Jayne. Isso é o que queria dizer quando o disse que podíamos fazer algo: poderíamos passar, uma vez à semana, onde ele e seus homens tinham enjaulado às fadas e matá-los a todos para ele.

- Tivesse preferido não terminar desta maneira - disse em voz baixa e ondeou o ar com um gesto da mão. Seus homens se fecharam ao nosso redor.

Dani se transladou a meu lado, ombro com ombro. Imaginava que para eles éramos duas jovens, aconchegadas perto, intimidadas por tal amostra de mão de obra armada.

- Também eu - acabei de dizer em voz baixa. - Nunca trate de me tirar isso Jayne. Nunca cometa esse engano. O que é meu é meu. Realmente não sabe com quem se está colocando.

- Eu não quero confusão com você, Srta. Lane. Simplesmente estou procurando um pequeno trabalho em equipe.

- Eu já tenho minha equipe, Jayne. - Olhei a Dani e assentiu. Seu rosto se iluminou e sorriu.

- Junta os cotovelos, Mac.

Fiz, embora não evitei um golpe em um par de costelas com o passar do caminho. Todo um coro de grunhidos gratificante, ruído de armas na calçada. Nem sequer nos viram ir.

- Necessitamos o ferro, Mac - disse Dani à medida que avançávamos pela rua, a velocidade normal de novo.

Tínhamos deixado uma grande parte da cidade detrás de nós em questão de segundos. Seu modo de transporte, ainda com minhas náuseas, valia seu peso em ouro.

Eu assenti ausente, ainda refletindo sobre o encontro com o Jayne. Lamentei que tivesse terminado com uma nota de animosidade. Queria a todos os fronts de batalha por nosso planeta unidos, sem fendas pelas que qualquer Fae pudesse penetrar.



- Precisamos algo mais que ferro.

Eu estava ocupada fazendo uma lista mental para rabiscá-la em meu diário mais tarde. Entre a escola secundária e a universidade, meu pai me havia feito tomar um curso de Planejamento Franklin. Disse-me que me ajudaria a conseguir o controle de minha vida. O disse que eu *já tinha* o controle de minha vida: o sol, os amigos, a moda, o matrimônio... Algum dia. *“Isso não é suficiente para você, neném”,* disse.

Argumentei e ele me subornou. Fiz o curso, obrigando a papai a gastar uma fortuna em diários com capas cheias de flores rosadas, rabiscava neles até que me aborrecia e os arquivava. Que pirralha tinha sido.

Um dos princípios fundamentais do curso era que os líderes de grande êxito mantinham diários, amanhã e noite, a fim de permanecer concentrados totalmente em seus objetivos. Eu ia ser um líder bem-sucedido.

- Não tenho uma arma, Mac. Preciso uma arma - Dani se havia tornado para mim e estava caminhando para trás, saltando de um pé a outro, milhares de wates de energia de hiperatividade, devorando uma barra de chocolate. Surpreendeu-me que seu cabelo castanho não chispasse com a eletricidade estática gerada pela fricção frenética contra o pavimento.

Eu ri.

- Todas as armas são boas armas, é isso?

- Não é assim?

Vê-la, era como ver uma bola do ping-pong, ricocheteando de ida e volta: zing-zing, zing-zing. Eu gostei da forma em que pensava.

- Tenho um plano.

- Disse que haveria um dia em que voltaríamos para a abadia. É isto parte disse?

- Claro que sim. - Olhou-me especulativamente. - Como de *super* é seu super-ouvido? Se houvesse alguém realmente furtivo perto, poderia lhe ouvir antes que tropeçassemos com ele?

Seus olhos se entreabriram.

- Como de *furtivo*?

- Muito.

Ela me lançou um olhar suspeito.

- Estamos falando de um Jericó Barrons furtivo? Franzi o cenho.

- Como sabe quão sigiloso é?

- Eu lhe vi o dia que veio a te resgatar. Nove deles eram todos iguais. E nenhum gotejava o que seja que ele resuma.

Abri a boca. Fechei-a. Tratou de processar em meu cérebro tudo o que acabava de dizer.

- Então, eram nove? - disse. - Outros oito homens como Barrons? Exatamente iguais a ele?

- Bom, eles não eram clones, mas sim. Havia outros oito... que estavam com ele. Homens grandes. Maus-rabos. Sua importante demonstração de força fez que fosse. Ro nunca te tivesse deixado ir. - Estava saltando de um pé a outro com tanta rapidez, estava-se voltando difícil de enfocar.

- Não recordo isso! Como é que não lhes vi? Quero dizer, sei que estava... fora de mim, mas...

- Ele não permitiu que nenhum deles estivesse perto de você. Era como se ele nem sequer desejasse que lhe vissem. Nenhum deles era humano, isso é um feito. Tomei fôlego

- Sabe? Como?

Seu rosto estava muito impreciso para vê-lo, mas ouvi o cenho franzido em sua voz.

- Agarrou-me enquanto estava em super-velocidade. Isso não é possível, absolutamente.



Ninguém que seja humano poderia fazer isso.

- Barrons foi capaz de te agarrar? -disse incrédula.

- Diretamente no ar.

- Como podia sequer movê-lo suficientemente rápido para chegar até você em primeiro lugar? - Exclamei. - Havia algo que aquele homem não pudesse fazer? A maior parte de meus planos apoiavam-se em grande medida na super-velocidade da Dani.

- *Exatamente* o que eu pensei.

Tratei de me centrar nela, mas não podia. Estava me dando dor de cabeça.

- Pode se mover mais devagar? - disse, exasperada. - É impossível verte.

- Sinto muito - disse uma mancha de comprimento casaco de couro negro, com luzes do MacHalo e uma espada luminosa. - Acontece quando estou emocionada ou aborrecida. Encheu-me o saco que ele pudesse fazê-lo. Espera.

Era visível de novo, enquanto abria outra barra de chocolate.

- Então, há outros oito como Barrons.

Tratei de envolver minha mente em torno do feito. Onde tinham estado todo este tempo?

Quem era? O que eram? Outra casta de Unseelie da que ninguém sabia?

- Está absolutamente segura? Não é possível que fossem homens normais?

- De maneira nenhuma. Moviam-se raro. Caminhavam mais raro ainda que Barrons, como se ele fosse o mais civilizado do lote. Foi horripilante. Eu os percebi como Fae, mas seguro que não percebi nada humano tampouco. E alguns, tinham seus olhos de forma polidamente alta. Ninguém queria aproximar-se deles. As sidhe-seer estavam pegadas às paredes, tratando de manter-se, na medida do possível, fora de seu caminho. Um deles tinha uma lâmina no pescoço da Ro. Todos estavam armados com Uzi, armas de assalto, não temendo uma merda de ninguém. Podia-se dizer que eram a Morte, inclusive para aquele ao que lhe ocorresse piscar mal. As garotas não podiam deixar de falar disso. Elas estavam aborrecidas, mas... bom, um pouco fascinadas também. Deveria ter visto como esses tipos olhavam. A maneira em que Barrons te olhou. *Que colega* - disse com reverência, e logo me olhou, alarmada. - Quis dizer, *homem*, deveria lhe haver visto. Não me chame Danielle, eu não gosto desse nome.

Havia outros oito seres... como Barrons por aí. E eu logo que podia lhe fazer frente a um.

Quais e o que eram? De todas as coisas que tinha aprendido o dia de hoje, esta foi a que mais me sacudiu. Eu lhe considerava uma anomalia. Único. Não o era. Devo esperar o inesperado.

Outras oito pessoas como ele. Ao menos outros oito, corriji. Quem sabe? Talvez só tivesse levado a um número limitado com ele. Talvez houvesse dúzias mais. E ele nunca me falou deles. Nenhuma palavra.

Qualquer reserva que pudesse ter tido sobre o plano no que eu tinha estado trabalhando ao encontrar com o Jayne, desapareceu.

- Tem razão, Dani - disse. - Necessita uma arma. De feito, temos uma grande quantidade de armas de fogo. E sei exatamente onde se encontram.

Capítulo 12

Era quase o amanhecer no momento em que o ônibus escolar estacionou em frente da abadia.

Odiava renunciar ao Range Rover, mas necessitava um transporte maior. Havia encontrado o



ônibus de cor azul brilhante, com seus lados amassados, pintura cortada e sua transmissão moribunda, fora de um albergue juvenil. Dani e eu o tínhamos enchido com as caixas de armas e os cadáveres dos Unseelie.

Tinha os ossos cansados. Tinha estado em ação durante vinte e quatro horas seguidas e então tinham estado repletas. Não esperava dormir muito antes de seguir adiante com meus planos, mas tinha a esperança de arrebatá-la alguma hora, ao menos de silêncio, e a oportunidade de esclarecer minha mente, para poder refletir sobre todo o ocorrido, sobre tudo o que tinha aprendido.

-A biblioteca da Dama do Dragão está nesta ala, Mac - disse Dani, enquanto se dirigia para a cozinha. - Não se utilizou em anos. - Ela enrugou o nariz. - É poeirenta mais fresca. Durmo ali as vezes em que estão me jogando a culpa de algo ou, simplesmente, quando não tenho vontade de tratar com ninguém. A maior parte desta ala está vazia. Vou falar contigo depois de comer. Du! Homem estou fodidamente faminta!

Quando ela partiu, sacudi a cabeça e sorri. Ela me havia dito que enquanto seguisse comendo, podia passar dias sem dormir. Estava constantemente pondo a prova seus limites. Perguntava-me o que eu poderia ter sido se tivesse crescido conhecendo o que era. Imaginei que também tivesse posto a prova meus limites. Provavelmente tivesse sido muito mais útil do que sentia nesse momento. Eu invejava sua resistência. Eu não tinha esse dom. A falta de sono tinha erodido minha paciência e tinha me embrutecido. Eu não estava em condições de fazer um entusiasmado discurso do tipo *Dêem um salto comigo e vamos chutar uns traseiros*.

Esfreguei-me os olhos. Desejaria poder me esticar em um cômodo sofá, mas não seria muito em breve.

Entrei na abadia por uma porta lateral e me apressei para esta ala. A metade do caminho, dava-me conta que estava sendo seguida.

Sorri com firmeza mas não fiz nada por reconhecê-la. Não estava por entrar em uma discussão com a Grande Mestra em meio de um corredor, no que todas as Sidhe estavam em habitações contíguas, para saltar com o som das vozes, sem dar nem dois centavos por saber do que era que eu queria tratar. Se quisesse uma briga, ia fazer a minha maneira, em meu território. Fiz uma nota mental para averiguar o que Dani sabia a respeito das salas. Seria muito perfeito se pudesse tirar Rowena desta ala e assegurar meu pequeno espaço em sua abadia. Do contrário, nunca ia sentir segura.

Segui as instruções de Dani pelos corredores com pouca luz. Surpreendeu-me que Rowena não ficasse mais perto de mim e de meu ardente MacHalo. Negava-se a dar a conhecer sua posição e posto que nenhum fulgor competia com o meu para limpar a escuridão nas paredes de pedra, isso só podia significar que não levava mais que um par de lanternas. Não tínhamos nem idéia de quantas Sombras se encontravam ainda na abadia. A anciã tinha Pelotas.

Entrei na biblioteca e fui de um abajur a outro, os acendendo. Agradou-me ver um sofá de fio de brocado no que poderia tomar uma sesta. Logo que me liberasse da Rowena.

- Agora não, velha - disse por cima de meu ombro com frieza. - Preciso dormir.

- Estupendo. Você não parecia necessitá-lo tanto faz uns dias.

Senti que o sangue desaparecia de meu rosto. Eu não estava preparada para este enfrentamento. Nunca poderia estar esperta para isso.

- Em realidade, o sono era a última coisa em sua mente - disse com firmeza. Estava zangado. Podia ouvi-lo em sua voz. O que estava zangado? Eu era a que tinha passado através de um corredor emocional.

Minhas mãos se fecharam em punhos, minha respiração se fez mais profunda. Eu não



confiava nele hoje mais do que o fazia faz dois meses.

- Foder era tudo o que queria.

Era o que queria agora também e me horrorizei ao me dar conta. Sua voz trabalhava em mim como um afrodisíaco. Eu estava molhada e pronta. Tinha-o estado desde que começou a falar. Durante dois meses, tinha-me visto apanhada em um frenesi sexual induzido pelos Fae, com um sexo constante e incrível com ele, enquanto escutava sua voz, cheirava seu aroma. Como um cão de Pavlov, condicionada pelos estímulos repetidos para ter uma resposta garantida. Meu corpo o antecipava, esperava com avidez o prazer de sua presença. Aspirei, me surpreendendo a mim mesma, pelo esforço de captar seu aroma, obriguei-o a sair e fechei os olhos, como se pudesse esconder detrás de minhas pálpebras uma verdade irônica: V'lane e Barrons tinham trocado os papéis.

Já não era sexualmente vulnerável ao Príncipe Fae morte por sexo. Jericho Barrons era meu veneno agora.

Queria golpear algo. Muitos algos. Começando por ele.

- Comeram sua língua? E é uma língua preciosa. Sei. Passou-a por cada centímetro de mim. Em repetidas ocasiões. Durante meses - ronronava, mas tinha aço no veludo. Fechei a mandíbula e me volvei, me preparando para lhe ver.

Era pior do que esperava.

Eu estava quase esmagada pelas imagens eróticas. Minhas mãos em seu rosto. Eu em seu rosto. Eu atrás dele. Sentada escarranchado nele, minhas largas unhas rosa de garota má, sexys, envolvendo com ambas as mãos seu grande, comprido, duro ... yeah.

Bem.

Quantidade suficiente de imagens.

Esclareci a garganta e obriguei a me centrar em seus olhos.

Não era muito melhor. Barrons e eu conversávamos sem palavras. E agora me estava recordando, com detalhes graficamente exuberantes, tudo o que havia feito em sua grande cama do Rei Sol.

Ele tinha desfrutado especialmente das algemas. Tinha tantas lembranças de sua língua como ele os tinha da minha. Nunca tinha sido um intercâmbio de jogo limpo, apesar de que eu lhe tinha perguntado muito. Eu nunca tinha entendido por que. Ambos sabíamos que nada tão frágil poderia lhe dominar. Agora que estava lúcida de novo, entendi. Inclusive se só era ilusória, não era um homem que tolerasse a dominação. Tratava-se de que ele controlasse. Ele nunca renunciou a isso. Mas como era a maior parte do que me irritava tanto, me queimando como o sal em uma ferida aberta. Eu tinha estado completamente fora de controle todo o tempo que passamos nessa casa. Ele tinha visto meu mais cru, nu e vulnerável eu, mas nunca tinha mostrado algo de si mesmo que não tivesse tido que extrair de sua cabeça contra sua vontade.

Nunca tinha perdido o controle. Nenhuma só vez.

"Disse-me que era seu mundo".

- Não fui eu. Eu era um animal. - Meu coração pulsava. Minhas bochechas queimavam.

"Nunca queria que terminasse".

- Por que é tão idiota, golpeando meu rosto com minha própria humilhação?

"Humilhação? Assim se chama isto?" Me obrigou a uma lembrança mais detalhada sobre mim. Traguei. Sim, certamente recordava isso.

- Eu estava fora de minha mente. Eu nunca o haveria feito de outra maneira.

"Realmente", seus olhos negros se burlaram e neles eu exigia mais, dizia-lhe que eu queria que sempre fosse assim.



Lembrei-me do que tinha respondido: que um dia me perguntaria se era possível lhe odiar mais.

- Eu não tinha conhecimento. Não tinha escolha. - Procurei palavras para conduzir meu argumento. - Foi tão violação como a que os Príncipes Unseelie me fizeram.

Seu brilhante olhar se tornou negro mate, opaca como o barro, as imagens morreram. Por debaixo de seu olho esquerdo, um pequeno músculo se contraiu, relaxou, contraiu de novo. Esse minuto traiçoeiro foi o *equivalente Barrons* de que uma pessoa normal diria: Isto não foi violação.

- Está se afastando do tema - interrompi-lhe. - Sei. Agora o entendo. Okay?

- Você se arrastava. Você se arrastava quando a encontrei.

- Seu ponto?

- Você se afastou de mim. Fortemente por isso.

- Seu ponto? - apertei. Estava cansada, impaciente e queria chegar ao fundo.

- me assegurar de que estamos na mesma página - cortou. Seus olhos eram perigosos.

- Você fez o que tinha que fazer, verdade?

Inclinou a cabeça. Não era nem afirmação nem negação e me incomodou. Estava farta de sua falta de respostas.

Pressionei.

- Fez-me capaz de caminhar uma vez mais da única maneira que podia. Não tinha nada que ver comigo. Isso é o que me está dizendo, não?

Olhou-me fixamente e eu tinha a sensação de que nossa conversa tinha tomado um giro equivocado em alguma parte, que poderia ter sido de uma maneira totalmente diferente, mas eu não podia pensar em como ou onde se extraviou.

Ele baixou sua cabeça, assentindo.

- Sim.

- Então, estamos na mesma página. Mesmo parágrafo, mesma frase - grunhi.

- Mesma sangrenta palavra - acordou rotundamente.

Tinha vontade de chorar e odiava a mim mesma por isso. Por que não poderia haver dito algo agradável? Algo que não fosse sexo. Algo sobre mim. Por que tinha vindo aqui espreitando, me jogando no rosto que tínhamos estado um na pele do outro? Teria-lhe matado mostrar um pouco de amabilidade, um pouco de compaixão? Onde estava o homem que me tinha pintado as unhas? Que tinha a casa empapelada com fotos da Alina e minhas? Que tinha dançado comigo?

Um meio para um fim. Isso era tudo o que tinha sido para ele.

O silêncio se prolongou. Procurei seus olhos. Não havia uma só palavra que se encontrasse neles.

Por último, lançou-me um leve sorriso.

- Srta. Lane? - disse com frieza, e essas duas palavras diziam muito.

Ele me oferecia formalidade. Distância. A volta às coisas tal como tinham sido, como se nada tivesse passado entre nós. Uma fachada de civilização que nos fizesse capazes de trabalhar juntos quando tivéssemos que fazê-lo.

Seria uma idiota para não aceitá-la.

- Barrons? - selei o acordo. Houve alguma vez em que dissesse a este enigmático homem frio que era meu mundo? Realmente me tinha exigido que o dissesse, uma e outra vez? - Por que está aqui? O que quer? - Estava esgotada e nossa pequena carreira tinha esgotado rapidamente minhas últimas energias.

- Você poderia começar me dando obrigado. - Havia um olhar perigoso em seus olhos, como se se sentisse utilizado. Ele se sentia utilizado? Eu era a que tinha estado mais débil, não ele.



Por quê? Por encontrar algo que era tão importante fazer que tomou todo o tempo desde a meia-noite do Samhain até *quatro dias depois que* veio a me buscar? Não vou lhe dar obrigado por me haver salvado de algo do que não me salvou ao princípio. - Tinha perguntado a Dani no caminho de volta à abadia, quando ele e seus homens me tinham tirado. Ela havia dito que ao final da tarde de 4 de novembro. Por quê? Onde tinha estado e por que não estava comigo?

Ele deu de ombros, deu de ombros com a graça e o poder de um elegante traje do Armani.

- Eu a vejo bem. De feito, está melhor que bem, não? Você caminhou através de meus guardas, sem uma palavra. Nem sequer deixou uma nota na cama. Realmente - burlou-se - depois de tudo o que compartilhamos, Srta. Lane. - Lançou-me um sorriso de lobo, todo dentes e promessa de sangue. - Mas, dá-me obrigado por fazer o impossível para que retornasse de ser Pri-já? Não. O que consigo? - olhou-me friamente. - Que roube minhas armas.

- Você esteve bisbilhotando em meu ônibus! - disse indignada.

- Bisbilhoto condenadamente bem por toda parte, por favor, Srta. Lane. Vou espiar dentro de sua pele, se me der vontade.

- Você acaba de fazê-lo - hei dito, os olhos entrecerrados.

Avançou em um movimento rápido e violento, mas se conteve e fechou os punhos com força.

Eu refleti seu movimento, sem pensar absolutamente, como se nossos corpos estivessem conectados por cordas, como as marionetes. Equilibrei-me para frente, congelei. Minhas mãos fechadas em punhos aos lados. Minhas mãos queriam tocá-lo. Olhei para baixo. Suas mãos eram punhos também.

Endireitei-me e cruzei os braços.

Ele os cruzou, exatamente, no mesmo momento.

Os dois virtualmente voltamos a colocá-los abaixo, aos lados do corpo, no mesmo momento.

Olhamo-nos o um ao outro. O silêncio se prolongou.

- Por que você tomou minhas armas? - disse finalmente.

Sua pergunta despertou, completamente, outra vez. Eu estava perigosamente cansada.

- Necessitava-as. Calculei que era o menos que podia ter depois de todo o sexo que dei.- acrescentei, com uma ligeireza que não sentia.

- Você pensa que pode me roubar? Está fora de controle, Garota Arcoiris.

- Não me chame assim! - ela estava morta. E se não o tivesse estado, a teria matado eu mesma.

- E você sabe.

- Você é o que está fora de controle - disse, só para lhe irritar.

- Eu nunca estou fora de controle.

- Também o está.

- Sou...? - interrompeu-se e desviou o olhar. Logo, com incredulidade - Diabos, não aprendeu nada?

- Que se supõe que tenho que aprender, Barrons? - perguntei. Meu temperamento, já uma corda desfiada, rompeu-se. - Esse fodido mundo daí fora? Que a gente toma tudo de você sem importar se você permite? Que se quiser algo, é melhor que te dê pressa em consegui-lo, porque as probabilidades de que alguém mais o queira também e fará o possível por ganhar? Ou se supõe que tenho que aprender que não somente está bem matar, mas sim, às vezes, pode ser inclusive divertido? Era um verdadeiro jogador o que encontrei em sua cabeça. Quer falar disso?

Quer compartilhar um pouco de intimidade comigo? Não? Acredito que não. Que tal isto: as armas, o conhecimento e o poder, que possa fazer cair em suas mãos, *de qualquer maneira*, o



melhor? Mentir, enganar ou roubar, todo se resume nisso. Não é isso o que pensa? Que a emoção é a debilidade e a astúcia inestimável? Não se supõe que devo ser como você? Não era esse o ponto? - Estava gritando, mas não me importava. Eu estava furiosa.

- Isso nunca foi o ponto - grunhiu, movendo-se para mim.

- Então, qual era? Onde diabo está o ponto? Diga-me que havia alguma espécie de ponto em tudo isto! - Grunhi, dando um passo para ele.

Carregamos como pequenos touros um contra o outro. Um instante antes de chocar, gritei

- Ajudou ao LM a me transformar na Pri-já só para me fazer mais forte?

Sua cabeça se tornou para trás e se deteve tão de repente que impactei nele, ricochetei e caí de traseiro. No chão. Outra vez.

Apartou o olhar de mim, mas por uma fração de segundo vi um olhar completamente indefeso em seus olhos. Não. Ele não. Não só não era, isto... um homem..., por falta de uma palavra melhor,... que desfrutasse matando, estava horrorizado porque eu pensasse aquilo. Uma tensão terrível em meu interior diminuiu. Minha respiração se fez mais fácil.

Eu fiquei no chão, muito esgotada para me levantar. Houve outro desses silêncios longos e tensos.

Suspirei.

Tomou uma respiração profunda. Liberado.

- Eu te teria dado as armas - disse finalmente.

- Deveria ter pedido - admiti a contra gosto. - Mas então você poderia, não sei, provavelmente, as enriquecer com algo mortal, do mesmo modo que fez com o Círculo e me teriam culpado por isso, outra vez - não pude resistir a acrescentar.

- Não acrescentei nada ao Círculo. Comprei-o em um leilão. Alguém me deu isso. Disse-o com tal falta de calor que quase lhe acreditei.

Houve outro comprido silencio.

Deslizou-se uma bolsa de ombro e a deixou cair a meus pés. Era minha mochila.

- Onde conseguiu isso? Eu não o vi na habitação quando fui e a tinha procurado. - perguntava-me onde tinha estado.

- Encontrei-a aqui mesmo, na abadia, enquanto eu estava esperando a que viesse. Franzi o cenho.

- Quanto tempo leva aqui?

- Desde ontem à noite. Passei todo o dia de ontem tratando de te encontrar. Quando te rastreei aqui, já tinha ido. Era mais fácil esperar a que voltasse que perder o tempo em te rastrear de novo.

- Tão pouco confia em sua marca de rastreamento? - Esfreguei a base de meu crânio onde ele tinha estampado sua tatuagem mística. Que tinha falhado, quando o necessitava.

- Posso sentir sua direção geral, mas não posso obter uma imagem sólida de você. Não pude desde que os muros vieram abaixo. Espetacular mais como uma bússola que como um GPS, agora que o reino Fae perfurou o nosso.

- IFP. Eu os chamei Interdimensional Fairy Photoles (*N.de.T: Buracos Fae interdimensionais*)

Ele sorriu levemente.

- Garota divertida, não?

Temos caído em outro silêncio incômodo. Olhei-lhe. Apartou a vista. Eu me encolhi de ombros e apartei a vista também.

- Eu não estava..... - comecei.

- Eu não fiz..... - começou dizendo.



- Que encantador! - V'lane nos separou. Sua voz chegou antes que ele. - Um retrato muito humano da felicidade doméstica. Ela está no chão e ele se sobressaindo por cima dela. Não lhe parece com você, MacKayla? Diga a palavra e o Mato.

Incomodava-me pensar que V'lane poderia ter estado rondando, invisível, nos escutando às escondidas. Lancei-lhe um olhar penetrante quando apareceu. Minha mão se deslizou imediatamente dentro de meu casaco, em busca de minha lança, embainhada sob meu braço. Foi-se. V'lane nunca me deixava mantê-la em sua presença, mas ele sempre me devolvia isso quando partia. Odiava que ele tivesse o poder de tomar minha arma. E se não retornava isso? E se ele decidia mantê-la para seu benefício? Certamente ele teria tomado a lança e a espada faz meses, se houvesse assim querido. Daria isso de novo esta vez também, pensei com frieza. Do contrário o detector do Todo-poderoso Livro mandaria a merda.

- Como se pudesse ? - disse Barrons.
- Talvez não. Mas eu gosto de pensar nisso.
- Tenta-o, Campainha! Pus-me de pé.

V'lane riu e o som era angelical, celestial. Embora já não me afetasse sexualmente, ainda era um golpe de outro mundo. Régio, maior que a vida, sempre seria muito formoso para defini-lo com palavras. Estava vestido de maneira diferente do que jamais lhe tinha visto e acentuava sua perfeição dourada. Igual a Barrons, usava um elegante traje escuro, camisa branca impecável e uma gravata vermelho sangue.

- Consegue um novo assessor de estilo - grunhiu Barrons.
- Talvez decidi que eu gostava de seu estilo.
- Talvez pensou que se parecia mais comigo, ela também foderia contigo? Estremeci-me, mas minha reação não foi nada comparada com a de V'lane.

Congelei-me por um momento, mais rígida que o Homem de Lata sem azeite. Deu-me um calafrio todo o corpo e o gelo rangia no chão. Dei um passo adiante, deixando minha carcaça gelada atrás. Toda a biblioteca, móveis, livros, chão, abajures e paredes brilhavam com uma lâmina magra de gelo. As lâmpadas estalaram uma detrás de outra.

- Basta! - espetei, meu fôlego brotava gelado - Os dois. Estão em plano *"tipo duro"*. O entendo. Mas estou cansada e farta. Assim digam o que devem dizer, sem todas essas posturas, e a seguir, vão-se ao inferno. Barrons riu.

- Bem por você, Srta. Lane.
- O essencial, Barrons. Agora.
- Recolhe suas coisas. Vamos retornar a Dublin. Temos trabalho que fazer. As *sidhe-seer* não lhe salvaram. Eu o fiz.

- Foi Dani quem me resgatou.
- Você teria morrido aqui, se eu não tivesse vindo por você.
- Eu a teria salvado - disse V'lane.
- O essencial, V'lane. E limpe sua desordem. - o gelo estava derretendo - Não vou limpar detrás de qualquer de vocês. E acenda os abajures. Necessito luz.

As luzes brilhavam de novo. A biblioteca estava seca.

- O livro foi descoberto recentemente. Eu sei onde e posso te peneirar perto dele. Pode buscá-lo muito mais rápido comigo que com ele.

- E você informará a Grande Mestra de nossos progressos? - disse secamente.
- Ajudei a Rowena só para aplinar o caminho, para que pudéssemos continuar no momento em que pudéssemos. Eu respondo diante de você, como sempre, MacKayla, não diante dela.



- Depois de sua rainha? - disse amargamente. - que escolheu ficar com ela em lugar de me resgatar .

- Foi o primeiro para mim - disse Barrons disse. - Não havia nenhuma rainha antes de você.

- Sim. Não houve rainha, só quatro dias - recordei. - Mas não acredito que tomasse tanto tempo me encontrar. Vais dizer onde esteve todo esse tempo? O que é que estava antes de mim?

Ele não disse nada.

-Eu não acredito.

Cruzei a habitação e se transladou ao pé da chaminé. Era antiga, feita de troncos, sem conexão de gás. A raiva de V'lane me tinha dado frio. Tinha sido uma noite fria em Dublin e esta ala não utilizada estava minimamente climatizada. Tinha perdido o fogo de minha livraria. Eu queria conforto.

- Faça um fogo, V'lane.

As chamas rangiam e extraía da casca branca um fragrante aroma, antes que eu tivesse terminado de falar.

- Posso satisfazer todas suas necessidades, MacKayla. Não tem mais que perguntar. Teus pais estão bem. Vi-os. Barrons não pode te dar o que eu posso. Esfreguei as mãos, esquentando isso.

- Obrigado por verificá-lo. Por favor, continue fazendo-o.

Em algum momento, eu queria vê-los, embora só fosse da distância. Inclusive se as torres de telefonia celular não tivessem desaparecido, eu não estava segura de que pudesse ter falado com eles nestes momentos. Eu já não era a filha que tinham conhecido. Mas eu era a filha que o amava e que faria tudo o que estivesse em meu poder para protegê-los. Inclusive se isso significava permanecer longe, para que nenhum de meus inimigos pudesse me seguir até ali.

Dava-me a volta. V'lane estava a minha direita, Barrons a minha esquerda. Fez-me graça ver que um sofá, quatro cadeiras e três mesas tinham aparecido nos vinte e cinco metros que havia entre eles. V'lane tinha feito malabarismos enquanto que lhe dava as costas. Como se um móvel pequeno pudesse frear ao Jericó Barrons, que podia mover-se a velocidade do raio e não estão, precisamente, perdidos por seus dois amores. Pela enésima vez, perguntei-me por que. Sabia que nenhum deles nunca me diria.

Entretanto, poderia haver uma maneira...

No ínterim, enquanto eu armazenava minha energia para a tentativa de marcar, disse:

- O essencial, rápido. O que aconteceu aos McKeltars no Samhain?

- O ritual para manter os muros falhou - disse Barrons.

- Obviamente. Detalhe.

- Utilizamos a magia escura. Tentamos tudo. Os Keltar provêm de uma linha de druidas que estiveram durante muito tempo caminhando por uma linha muito fina. Especialmente Recuam. Dageus e Drustan fizeram a primeira tentativa. Quando isso fracassou, Christian e eu tomamos a substituição.

- O que foi exatamente o que fizeram?

- Não pergunte, Srta. Lane. Esse tempo já passou. Era o único que poderia haver feito que funcionasse. Não o fez. Já não é pertinente.

Deixei o tema. Poderia obter maior detalhe do Christian do que nunca obteria do Barrons, e pensava vê-lo logo que fosse possível. Era uma parte integral de meus planos para o futuro. Como se tivesse lido minha mente, Barrons disse

- Christian se foi. Saltei.

- O que quer dizer, com "se foi"?



- Desaparecido. Desapareceu quando o reino Fae entrou no Ban Drochaid, as pedras brancas onde os Keltar realizam o ritual. Ele estava no círculo quando aconteceu.

- Bom, onde se foi? - perguntei, olhando ao Barrons e a V'lane.

- Se soubéssemos, ele não estaria desaparecido - disse secamente Barrons.

- Impossível dizer - disse V'lane- embora tenhamos procurando. Minha rainha está profundamente angustiada por ter perdido a um de seus druidas Keltar em um momento tão crítico. Seus tios, também lhe buscam.

- Tem desaparecido durante dois meses? - estava horrorizada. Onde estava o jovem e sexy escocês? Não deixem que esteja no reino, pensei, sendo feito Pri-já!''Ele tinha essa aula de extraordinário bom aspecto que chamava os FAE. Odiava a pergunta seguinte.

- Não sabemos se esta vivo? Alguns de vocês têm alguma maneira mística de determiná-lo? Sacudiram a cabeça. Suspirei profundamente e esfreguei os olhos. Condenação. Christian era o único homem que tinha conhecido desde que cheguei a Dublin, no que em realidade tinha crédulo, bom, ao menos, mais que em ninguém, e agora se foi. Neguei-me a acreditar que estava morto. Isso seria renunciar a ele. Eu nunca renunciaria a nenhum ser humano.

Não só eu gostava, necessitava dele. Era um detector de mentiras andante. Sua habilidade para discernir a verdade da ficção era um talento que tinha vontade de pôr em prática. E era com estes dois de pé nesta mesma sala com quem eu queria prová-lo. Entrecebrei os olhos. Era... como muito conveniente para ambos que tivesse desaparecido quando ele o tinha feito.

Estava preocupado pelo Christian. Tinha me decepcionado ter perdido a oportunidade de forçar algumas respostas.

Mas agora tinha perdido todas as minhas oportunidades.

- Prepara suas coisas - disse Barrons - Vamos. Agora.

- MacKayla vem comigo - disse V'lane. - Não pode proteger a seus pais. Não pode peneirar. Ela não te escolheu.

Havia suficiente testosterona na sala para todo um exército de homens e eu não era imune a ela. Até sem o glamour, V'lane era mais sedutor que qualquer macho humano vivo. E Barrons, bom, o corpo recorda e se deleitava em cada momento disso. Os dois juntos fazia um pouco difícil respirar.

Olhei de um a outro, considerando minhas opções. Observaram em silêncio, esperando que eu fizesse minha escolha.

Aproximei-me do Barrons.

Seu olhar escuro brilhava com o triunfo. Podia sentir a presunção transbordando-o, quase tão forte como a carga sexual que ele me estava lançando.

- Pensa bem e rápido - assobiou V'lane. - Não seria prudente me alienar, MacKayla. Eu estava pensando muito e rápido.

Fechei a mão ao redor do antebraço Barrons. Não podia ter estado mais contente se lhe estivesse olhando com olhos de gazela e lhe dizendo que ele era meu mundo.

Fechei a mão para baixo, cravei as unhas em sua carne e lhe agarrei.

Seus olhos se estreitaram, logo flamejaram e logo eu não os via absolutamente, porque eu tinha empurrado, empurrado, empurrado violentamente, tinha-lhe apunhalado brutalmente, profundamente, em sua mente, com esse talento de sidhe-seer especial que tinha despertado totalmente em sua cama.

Queria respostas. Eu queria saber por que havia tanta animosidade entre eles dois. Queria saber em quem confiar, embora não fosse o melhor homem, que ao menos fosse o menos-mau.

Empurrei, em busca de qualquer fragmento que pudesse explorar e de repente estava...



No Reino FAE!

Tinha que vê-lo. A paisagem era incrivelmente exuberante, as cores muito ricas, vivos, tão cheios de tom que tinham textura, como a primeira praia a que V'lane me tinha levado meses atrás, onde tinha jogado voleibol com Alina, quando ele me tinha dado o dom de voltar a vê-la, embora só fosse uma ilusão. Mas não se tratava da praia, era a Corte Fae!

Cadeiras de seda vivas cores se agrupavam ao redor de um soalho. Folhas de árvores e flores brotaram de forma incompreensível. A brisa cheirava a jasmim e a sândalo e alguns outros aromas que imaginei que de existir o céu, seria um lugar que cheirasse assim.

Queria olhar ao redor. Queria ver a Rainha em seu estrado, mas não pude girar *minha/nossa* olhar, porque eu era um passageiro na cabeça de...do Barrons.

Eu sou forte. Eu sou frio.

Eu muito grande e eles nem sequer sabem quão poderoso sou. Não me reconhecem, os idiotas.

Eu sou o perigo.

Eu era tudo o que eles deveriam temer, a não ser tivessem vivido tanto tempo que tinham esquecido o medo. Eu lhes ensinaria.

Eu o recordaria.

Eu estava com uma Princesa Fae, enterrado profundamente em sua pele. Ela palpitava a meu redor. Ela era energia, ela estava vazia, ela era sexo que devorava. Tinha as unhas em meus ombros, me arranhando. Eu lhe dava mais prazer do que qualquer de seus príncipes lhe daria jamais.

Eu estava cheio. Eu era inesgotável. Era por isso pelo que me tinha procurado. Correu a voz, como eu queria que assim fosse, de que estava aborrecido e cansado e, ela, tinha chegado a mim, como eu sabia que o faria.

Tinha-me passado meses na Corte, em sua cama, olhando, aprendendo, estudando ao Tribunal Seelie. Em busca de respostas. À sangrenta caça do Livro Maldito. Mas agora me aborrecia e eu já tinha aprendido tudo o que tinha que saber deles, porque eram quão tolos beberam uma e outra vez de um caldeirão místico para esquecer. Como se o esquecimento erradicasse o pecado.

Necessitava-lhes para recordar. Eles não podiam.

Mas eu poderia lhes fazer recordar o medo.

V'lane me observava, como ele tinha estado me olhando a partir do momento em que eu tinha tomado a sua princesa, à espera de que fosse sua outra vez, certamente ela seria; depois de tudo, eles eram imortais. Eles eram deuses. Eles eram invencíveis. À espera daquele momento, quando eu não fosse seu brinquedo protegido. Então ele poderia me destruir.

SAIA DE MINHA CABEÇA!

Cravei as unhas no braço do Barrons e gritei.

Estava brigando comigo. Resisti. Tinha-me empurrado fora do corpo da princesa, enviava-me ao bordo, caindo, ao final de sua memória na corte Fae. Eu estava na periferia de sua mente, me recuperando da inesperada expulsão. Eu mesma me recolhi, forjando em mim mesma um míssil de pura vontade e disparei ao bloqueio que tinha ereto.

AINDA NÃO TERMINEI!



Ricochetei em um muro negro e liso e soube imediatamente que era impenetrável. Era mais forte que eu. Não pude conseguir passar através dele. Poderia me chocar até morrer nele se o tentava.

Mas eu não estava disposta a admitir a derrota. Aproveitei a velocidade indiretamente, como um bumerangue, fazendo um ajuste de último minuto no curso e me desviei para os lados.

O que estava detrás desse muro permaneceria oculto, mas poderia obter algo mais. Sabia que poderia.

E de repente ali estava eu de novo, de pé...

Na corte Fae, olhando à princesa

Barrons criou um muro frente a mim. Mas não o suficientemente rápido. Penetrei-me através dele.

Eu era Barrons, ela estava no chão e eu ria...

Lançou outra parede mas não se reforçava com a suficiente rapidez. Eu a derrubei.

A cadela estava morta.

Lançou uma vez mais a parede. Muito pouco, muito tarde. Rompi-a diretamente antes que existisse.

Cada Fae na Corte da Rainha estava gritando, fugindo para salvar suas vidas, porque o impensável tinha acontecido.

Um deles tinha deixado de existir.

Um dos seus tinha sido assassinado. Por mim / pelo Barrons / por nós.

Eu me afogava, chispando, tentando desesperadamente respirar e compreendi, com horror, que não era o personagem Barrons/Mac o que se afogava. Era meu corpo.

Retirei-me, dava um puxão atrás, tropecei e me separei da mente do Barron. Não foi fácil nos desenredar.

Sua mão estava sobre minha garganta. A minha sobre a sua.

- Que caralho! - V'lane explodiu. Foi a frase mais humana que jamais lhe tinha ouvido pronunciar. Tinha estado nos vendo, mas não tinha nem idéia do que tinha acontecido.

Nossa luta tinha sido privada.

Barrons e eu nos olhamos um ao outro. Liberamos a garganta do outro ao mesmo tempo. Retrocedi um passo.

Ele não o fez. Mas eu não esperava que o fizesse.

- Realmente pode matar a você, V'lane! - exclamei - É por isso pelo que não lhe deixa aproximar-se. Pode te matar. Como?

Barrons não disse nada. Eu nunca o tinha visto tão quieto, tão calado. Voltei-me para V'lane.

- Como? - perguntei.

Eu estava tremendo. Barrons poderia matar aos Fae. Não era de estranhar que as Sombras lhe deixassem tranquilo. - Tinha a lança ou a espada? - mas eu sabia em meus ossos que não tinham sido nenhuma dessas armas. O muro que tinha levantado tinha protegido a resposta. Qualquer arma que tivesse utilizado, era uma que eu não conhecia.

V'lane não disse nada.

- O que tem ele de você? - gritei exasperada.

- Escolha, Srta. Lane -disse Barrons atrás de mim.

- Escolha - acordou V'lane.

- Vão-se ao inferno, os dois! Novo mundo. Novas normas. Meu novo eu. Não me chamem. Já lhes chamarei eu.

- Para me chamar, vais necessitar de novo meu nome - disse V'lane.



- Para que me falte de novo quando necessitar?

- Foi só durante esse breve tempo, quando toda a magia se veio abaixo. Esse momento é impossível de sustentar. Darroc não o tentará de novo. Ele não o necessita. Obteve seu objetivo.

- vou pensar nisso - disse. E o faria. Todas as armas. Bem. Algo caiu ao chão a meus pés. Era um telefone celular.

Não me voltei.

- O que é isso? Duh, não há repetidores de sinal, recorda? - burlei-me.

- Ele funciona - disse Barrons. Deteve-se, para sublinhar seu golpe de graça. - Sempre foi assim.

Minha respiração se deteve. O que estava dizendo não era possível. Girando como um peão, procurei seus olhos.

- A energia caiu! Minha chamada a Dani não conectava. Não voltou a haver serviço! - sabia. Tinha estado controlando-o toda a noite.

Aproximou-se de mim com tanta rapidez que não o vi vir e não tive oportunidade de reagir. Seu corpo se pressionou contra o meu, seus lábios contra minha orelha.

Inclinei-me para ele e inalei. Não pude evitá-lo. Sussurrou.

- OH, vós de pouca fé!. Não para o IYD.⁷

Era o número que tinha programado em minha agenda, que estava se por acaso *me estava morrendo*.

- Mas você nem sequer o *tentou*.

Sua língua tocou meu ouvido. Logo se foi.

Capítulo 13

Sentei-me na beira do sofá, esfregando meus olhos. Precisava dormir um pouco, mas tinha poucas ilusões de conseguir.

Meu encontro com V'lane e Barrons me tinha deixado entrancado como para uma discussão e logo a abadia despertaria e teria um novo jogo de desafios aos quais enfrentar.

Acaricieei a brilhante beleza de minha lança.

Como era de esperar, V'lane havia devolvido quando eu lhe tinha exigido que partisse. Depois de me assegurar a mim mesma com seu peso consolador, coloquei-a de novo na capa que tinha no ombro.

Com a ponta de meu pé elevei minha velha mochila pela correia e enterrei minhas mãos nela procurando meu diário. Estava surpreendida de encontrá-lo. Pensei que alguém o tinha confiscado. Imaginei, e era uma boa e segura hipótese, que tanto Rowena como Barrons o tinham lido.

Esfreguei a capa em relevo de couro, agradecida de vê-lo outra vez, como se fora um velho amigo. Desde que Alina tinha sido assassinada, tinha enchido três cadernos com sentimentos, especulações e planos. Ao princípio, tinha começado um diário como um tributo para ela, um modo de me conectar com sua lembrança. Então aprendi que podia desafogar minhas penas em suas páginas, em vez de ferir meus pais com ela.

⁷ N.deT: IYD= *If you Death = se te está morrendo*)



Finalmente, descobri o que minha irmã mais velha sabia faz muito tempo: que isto era uma ferramenta inestimável para classificar pensamentos, esclarecê-los, aperfeiçoá-los e planejar a futura ação.

Deus, sentia saudades! Quanto daria para me sentar e falar com ela outra vez! Por abraçá-la e lhe dizer quanto a quero. Desde sua morte, compreendi as poucas vezes que lhe havia dito o que ela era para mim. Sempre tinha assumido que nós teríamos décadas juntas, planejando nossas bodas, tendo filhos, enviando-os à escola juntos, tirando fotos de suas festas escolares: uma vida de irmandade. Eu me tinha fortalecido. Não havia tempo para as emoções. Quando tudo isto terminasse, derrubaria na tristeza. Faria a V'lane me levar de novo e me devolver isso no mundo Fae. Concederia a mim mesma o bálsamo da ilusão. Quando tudo isto terminasse, mereceria isso.

Passei as páginas até uma limpa e comecei a fazer os apontamentos de tudo o que tinha aprendido recentemente. Se algo me passasse, queria deixar um registro o mas detalhado possível para o próximo idiota que tratasse de fazer algo com o desastre no que estávamos colocados.

- *Podia caminhar através dos guardas. Todas, ou só algumas?

- *Sou imune ao glamour dos Fae. Devo provar isto em outro Fae além de V'lane.

- *Barrons pode matar aos Fae. Como? V'lane não me diria isso. Por quê?

- *Christian esta desaparecido. Esta vivo?

- *O ritual dos Keltar falhou. O que tentaram e o que saiu mal? Devo aprender mais sobre a magia Druida. É possível que eu possa fazer magia Druida também? V'lane disse uma vez que eu logo que tinha começado a descobrir o que era. Como Dani, preciso provar meus limites.

- *esta Jayne liderando um exercito de cidadãos que o treina, comendo carne Unseelie, protegendo a Dublin. Há ainda pessoas na cidade. Onde? Deveríamos tratar de levá-los a um lugar seguro?

- *O ferro tem uma espécie de efeito nos Fae. Porque passa isto, funciona da mesma maneira em todas as castas? Como de efetiva é uma arma?

Fiz uma segunda coluna na página, uma lista de coisas a fazer.

- *Formar uma tropa para investigar IFPs.

- *Formar uma tropa para compilar ferro para fazer armas e balas.

- *Entrar na Biblioteca Proibida. Encontrar: Que é a profecia de Haven e quem são seus membros? O que são os cinco?

Alguém esteve enviando páginas do diário da Alina. Por seus apontamentos, eu tinha aprendido que independentemente da ordem no que minha irmã tinha tratado de fazer as coisas (imagino que queria deter o Livro e expulsar aos Fae de nosso mundo) ela tinha aprendido que existia uma profecia conhecida por Haven, que eram as Sidhe-seers do Conselho, que dizia que necessitávamos três coisas: as pedras, o Livro e os cinco.

Eu sabia o que eram as pedras: quatro rochas negras azuladas cobertas por runas que, segundo Barrons, poderiam ou traduzir as páginas do Livro Escuro ou "revelar sua verdadeira natureza." Barrons tinha duas delas. V'lane tinha a terceira ou sabia onde estava. Eu não tinha nem idéia de onde encontrar a quarta.

Sabia o que era o livro também. Isso era fácil. Infelizmente, não Tinha nem idéia do que eram *os cinco*.

Esperava que a profecia pudesse esclarecer coisas e imagino que o melhor lugar para olhar



sobre qualquer profecia a respeito das Sidhe-seers era na Biblioteca Proibida da Rowena, que era pelo que estava tão determinada a me assegurar uma posição na abadia. Não me preocupava quão zangada estivesse Rowena comigo. Era o apoio das Sidhe-seers o que procurava.

Adicionei uma mais imediata meta pessoal a minha lista de coisas a fazer.

* Ir com a Dani esta noite ao interior de Dublin e tentar localizar Chester e ao Ryodan.

IYCGM era "Se você não pode me localizar" no celular que Barrons tinha me dado. Tinha chamado uma vez. Tinha-me respondido um homem chamado Ryodan e tínhamos tido uma muito enigmática conversa "ao estilo Barrons". Estava disposta a apostar meu último par de calcinhas limpa, e estava perigosamente em falta delas, a que Ryodan era um do oito do Barrons. Tanto Barrons como o inspetor O'Duffy tinham mencionado a conversa com o misterioso Ryodan em um lugar chamado Chester. Eu tinha querido rastreá-lo durante meses, mas tinha estado distraída passando uma crise depois de outra.

Não tinha nem ideia de onde ficava Chester ou se ainda existia no escombros no que se converteu Dublin, mas se ali havia uma oportunidade para encontrar um dos oito homens que tinham invadido a abadia com Barrons para me liberar, não ia deixar passar. Qualquer homem que conheça o Barrons, qualquer homem no que Barrons confie para que lhe cubra as costas, era alguém com o que eu queria ter um bate-papo caro.

Fiz uma nota sobre parentes:

* Saquear uma loja esta noite para conseguir nova roupa íntima.

Muita. Ir à lavanderia não era algo no que me visse com tempo para fazer em um futuro próximo. Passei uma mão por meu cabelo, minhas unhas largas roçaram meu couro cabeludo. Elas não eram quão únicas tinham crescido. Tinha visto meu reflexo em uma janela ontem à noite, o corte de meu cabelo estava ainda bem, mas já tinha vários centímetros de raízes loiras que me faziam parecer um guaxinim.

* Saquear uma loja para tintura de cabelo e um kit de manicura.

Planejei agarrar mais roupa já que estava nisso. Se isto deveria importar ou não, não sabia, mas a gente respondia às aparências e era motivada a certos comportamentos conforme fosse. Um bem asseado e atraente líder era muito mais influente que um descuidado.

Fiz uma terceira coluna: os objetivos principais a longo prazo que, com esperança, seriam obtidos a curto prazo, porque nosso mundo estava mudando drasticamente, muito rápido. Estes eram os críticos. Estes tinham que cumprir-se.

* Averiguar como conter ao Sinsar Dubh!

Mordisquei a ponta de minha caneta. E então o que? Durante meu primeiro encontro com V'lane, ele tinha me esclarecido que sentia que só havia uma opção, que não havia ninguém mais em quem se podia confiar.

* Entregar o Sinsar Dubh à rainha Seelie, assim ela pode recriar a Canção da Criação para reconstruir os muros e encarcerar de novo aos Unseelie?



Estava preocupada com esse ponto. Não estava em meu sangue confiar em nenhum Fae, mas eu tampouco era exatamente uma memória de armazenagem de dados com alternativas. Não podia me voltar louca me perguntando que fazer com o Sinsar Dubh uma vez que o tivesse. Estava decidida a me concentrar em uma coisa impossível de cada vez. Consigo o Livro, logo dito o seguinte passo.

Tachei o último ponto e escrevi outro:

*Chutar os fodidos traseiros dos Fae até os tirar de nosso mundo!

Eu gostava desse ponto. Sublinhei-o três vezes.

“OH, vós de pouca fé... nem sequer o tentou”.

Estremeci, fechei meu diário e meus olhos. Desde que Barrons partiu, estive tratando de não pensar em seu comentário de partida. Durante as passadas vinte e quatro horas, enquanto tinha estado correndo ao redor da metade da Irlanda, tinha estado revivendo os eventos do Halloween no fundo de minha mente, me agradando em um exercício inútil, me torturando com todas as decisões que eu poderia ter tomado essa noite que poderiam me haver levado a um resultado diferente.

Então Barrons tinha ido e tinha aceso à verdadeira assassina em mim: eu sempre tinha tido o modo de alcançá-lo, justo aí, dentro de minha mochila.

Abri meus olhos, tirei meu celular e folheei os três números que tinham sido reprogramados no telefone quando ele tinha me dado isso. Pressionei o primeiro... o número do Barrons. Sabia que não entraria a chamada. Entrou, me assombrando.

Cancelei a chamada rapidamente. Meu celular soou.

Abri-o de um puxão e grunhi ao Barrons

- Só o estou provando - e imediatamente terminei a chamada. Como funcionavam estes celulares no resto do mundo? O serviço se mantinha em certas áreas?

Troquei meu número a privado e marquei o telefone de meus pais, assim eles não saberiam que era eu a que chamava, me reservando o direito a pendurar se eles respondiam e não podia me obrigar a falar. A chamada não entrou. Tentei o Brickyard, onde trabalhava de garçoneiro em casa. Não entrou a chamada. Tentei outra dúzia de números, sem êxito. Aparentemente Barrons tinha alguma classe de serviço especial.

Procurei o número do IYCGM e o pressionei.

- Mac - grunhiu uma voz masculina.

- Só estou provando. - disse e pendurei

Continue descendo na lista até o IYD.

Meu telefone soou. Era IYCGM. Respondi a chamada.

- Eu não o faria se fosse você - disse Ryodan.

- Não faria que?

- Tentá-lo com o terceiro número.

Não me incomodei em perguntar como sabia. Como Barrons, ele estava a par de todos meus pensamentos.

- Por que não?

- Há uma razão pela que se chama If You're Dying.* (Se você esta morrendo.)



- E qual é?
- Que só se usa quando estiver morrendo - disse secamente.
- Também, como Barrons, eu poderia dar voltas em círculo com ele para sempre.
- Vou fazer a chamada, Ryodan.
- É melhor que isso, Mac.
- Melhor que o que? - disse com serenidade.
- Repartir golpes a destro e sinistro porque está ferida. Ele não é o único que te feriu.
- Ele é o único que te trouxe de volta.

- Sabe qual era sua idéia para me trazer de volta? - cortei. Havia risada na voz de Ryodan.

- Eu me ofereci para o trabalho. Ele não pareceu para nada comovido por minha oferta - a risada se apagou - Não se perca na raiva, Mac, é como gasolina. Pode usá-la como combustível, ou para prender fogo a todas as coisas que lhe importam e termine parada em um campo de batalha chamuscado, com todos mortos, inclusive você... só que seu corpo não tem a consciência tão tranqüila para deixar de respirar.

Suas palavras ressonaram profundamente dentro de mim. Eu estava escarranchada em uma fina linha e sabia. Mas havia uma parte de mim que queria ir justo até a beirada. Queria chauscar o campo de batalha. Só para olhar as malditas coisas queimando-se.

- Se concentre, Mac. Mantém seus olhos no prêmio.

- E que é o maldito prêmio?

- Trabalhamos juntos. Tomamos de novo nosso mundo. Todos ganhamos.

- O que é, Ryodan? - Ele riu.

- Que é o nove teu? - Pressionei-o. Não disse nada. - vou chamar - ameacei. - Adeus - Não pendurei.

Parou de rir.

-Vou matar você eu mesmo, Mac.

- Não, não o fará.

- Mulher - disse e sua voz era de repente tão dura, fria e com um som tão antigo que os finos cabelos de minha nuca se arrepiaram e criaram um caminho que descia por minha coluna - Não sabe nenhuma só coisa sobre mim. A Mac que chamaria o IYD quando não se estivesse morrendo não é a Mac que vou proteger. Escolhe cuidadosamente. Escolhe mal e será a última escolha que faça.

- Não me ameace... - Afastei o telefone de minha orelha e o olhei fixamente sem poder acreditá-lo. Ele tinha-me desligado. A mim. Quão única podia rastrear o livro. Ao MVP* (*Most Valuable Player. O jogador mais valioso.*) da temporada! E nem sequer tive tempo para lhe perguntar o que era Chester e onde podia encontrá-lo!

Meu cabelo se elevou pelo vento e ficou levantado exatamente sobre meu rosto em um total enredo. Os lençóis se agitaram sobre os móveis. As chamas do fogo rangeram e aumentaram até quase sair-se da chaminé. Dani estava parada frente a mim, bebendo suco de laranja e metendo em sua boca o que pareciam ser umas pequenas tortas Little Debbie.

- Temos problemas Mac. Ro esta no ônibus e também a metade da abadia. A merda esta tendo êxito em seu grande momento. È tempo de ir. - Conseguiu resmungar enquanto mastigava um bocado de torta. Cheirou o ar e me olhou tristemente. - Colega! Estavam os dois aqui? Por que não me chamou?

Se, Ro e a metade da abadia estavam no ônibus e "problemas" eram problemas. Estava cansada. Estava enrolada. Estava tão preparada como ia estar. Pus-me de pé e coloquei meu



telefone celular em meu bolso.

- Tem super ouvido. Por que não os escutou você?

- Não é tão bom.

Meus olhos se estreitaram.

- Realmente pode cheirar que eles estiveram aqui? - O que eu daria por seus super sentidos.

Ela assentiu.

- Vou dar minha virgindade a um deles algum dia - gabou-se.

Fiquei momentaneamente muda de surpresa. Não podia começar a enumerar todas as coisas espantosas sobre essa possibilidade.

- Temos tanto de que falar - finalmente pude dizer. De forma significativa acrescentei - Danielle - seu sorriso de marota se desvaneceu e lamentei vê-la ir, assim disse - Não sei por que você não gosta. É um nome tão lindo - Eu sabia por quê. Sua dureza era tudo o que ela tinha.

- Ow. Lamento duvidar de você. Colega - disse me oferecendo a mão.

- Não, obrigado, vou caminhando.

Ela riu dissimuladamente, agarrou meu braço de todos os modos e já tínhamos ido.

Capítulo 14

Foi um caos e Rowena não teve nenhum pinga de êxito em tentar tomar o controle da situação.

Quando Dani se deteve, dirigi-me diretamente para a parte dianteira do ônibus. Guardando a vontade de vomitar, subi no pára-choque e subi no capuz, enquanto estava de pé, olhando para baixo.

Centenas de sidhe-seer me olhavam, com expressões que foram da incredulidade porque nos tínhamos atrevido a desafiá-la e voltar, à curiosidade, a excitação, o medo e a desconfiança flagrante.

Se eu tivesse sido advogada, como meu pai, o ônibus teria sido meu argumento de abertura, cheio a transbordar como estava de Unseelie mortos e armas automáticas, e teria convencido, certamente, a um jurado. As sidhe-seer tinham aberto as portas e tinham começado a descarregá-lo. As armas se amontoavam na grama, entre os Fae mortos. Duvidava que tivessem visto tantos de nossos inimigos de forma tão próxima e pessoal, seqüestradas enquanto Rowena guardava-as. Não pareciam poder tirar os olhos deles, tocando-os com seus dedos, convertendo-se desta maneira e examinando-os.

Inicialmente, eu tinha planejado encher a parte de trás do Range Rover com os chefes Unseelie mortos, para mostrar às sidhe-seer o efeito que tão somente duas de nós podíamos fazer em uma só noite fora na cidade. Mas então tínhamos aprendido o que o ferro podia fazer e roubamos do Barrons um contrabando de armas de fogo, com o que tinha tido que alterar os planos...

Dani tocou a buzina do ônibus para silenciar a multidão. Quando os toques curtos não fizeram efeito, colocou a isso com entusiasmo, fazendo o impossível para que nos escutassem. Por último, fez-se o silêncio.

Rowena, empurrada por um pequeno grupo de sidhe-seer, transladou-se à parte dianteira do ônibus e me olhou.

- Baixa daí agora mesmo - disse.



- Não, até que me tenha ouvido.

- Você não tem direito a opinar. Roubou-me a lança e a espada e deixou a toda esta abadia desprotegida ontem à noite!

- OH, por favor - disse secamente - como a está protegendo você, mantendo as armas consigo e as repartindo em raras ocasiões. O que poderia fazer se os Fae viessem por elas e nos tirassem-nas? E nós não as roubamos. Levei o que era meu, para começar, e dava a Dani o que deveria ter sido seu todo o tempo. Continuando, pusemo-las a trabalhar naquilo para o que estão destinadas: a matança do FAE - fiz um gesto assinalando detrás de mim. - No caso de que não se deu conta, um montão de Fae.

- Devolvam-me isso agora - exigiu Rowena. Sacudi a cabeça.

- Não é uma casualidade. Dani e eu fizemos mais ontem à noite para golpear a nosso inimigo do que você alguma vez deixou fazer a estas mulheres, e não porque elas não possam, mas sim porque você não permite. Supõe-se que nossa missão é Ver, Servir e Proteger. Você me disse que tínhamos nascido para isso. Nos velhos dias, quando chegávamos a um povo, eles nos festejavam e nos ofereciam o melhor que tinham, porque nós fomos suas louvadas e reverenciadas guardiãs. Protegíamos-lhes. Vivíamos e morríamos por eles. Você não deixa a estas mulheres serem guardiãs. Você lhes há feito ter medo até de suas próprias sombras.

- É evidente que tenho uma melhor opinião delas que você. Você baixa daí neste mesmo instante. Não levará a estas mulheres. Nunca o fará.

- Não estou tratando dirigi-las. Estou mostrando suas opções.

Era uma mentira, mas era uma boa e meu coração estava no lugar correto. Levaria isso. De uma forma ou outra. Levantei os olhos da Rowena e me dirigi à multidão.

- A Grande Mestra lhes ensinou a procurar sua herança? Ajudará a aperfeiçoar suas habilidades? Ela contou algo sobre o que está passando? Ou é que ela guarda todas as coisas em segredo para seu Conselho também secreto? - Detive-me em grande medida para enfatizar o que ia dizer a seguir. - Sabe você que o ferro faz mal aos FAE? Que há tropas civis e que aumentam cada dia em Dublin, que estão ativamente caçando aos Unseelie, fazendo nosso trabalho, protegendo às pessoas que ainda estão vivas, disparando com simples bale de ferro? Dani e eu nos encontramos com um batalhão de cinquenta ontem à noite. Eles estavam disparando aos Caçadores, expulsando os de nossa cidade, enquanto vocês dormiam detrás dos muros desta abadia. Enquanto você se escondia em sua segurança, abandonando-os a sua sorte. É isso o que são? É isso o que querem ser?

Houve um momento de silêncio atônito, continuando, uma cacofonia ensurdecadora de vozes. Dani tocou a buzina de novo. Levou-lhe um minuto completo que se fizesse silêncio esta vez.

Kat deu um passo adiante.

- Como caçam os seres humanos? Eles não lhes podem ver.

- A maioria dos Fae já não se escondem atrás do glamour, Kat. Saberiam se alguma vez se lhes deixasse sair. Eles se sentem invencíveis e por que não iam fazer ? Não há sidhe-seer que os detenham. Mas podemos mudar isso.

- Se partirmos de caça, não fará que os Fae se ocultem de novo atrás do glamour? Eu assenti.

- Claro, ficará mais perigoso. E necessitaremos a todas as sidhe-seer com talentos especiais que temos.

- Então, os seres humanos já não lutarão contra eles - preocupou-se - Não vão ser nossos reforços. - o medo sublinhou suas palavras e o entendi. Como poderiam umas poucas centenas de sidhe-seer, com apenas duas armas, ter esperanças de derrotar a um exército de Unseelie? Queria



saber o que Rowena sabia, assim que eu a olhava com atenção quando o disse a Kat:

- Os humanos encontraram uma maneira de abrir os olhos e ver os Fae como nós.

A multidão ficou sem fôlego. Quando a expressão de Rowena não trocou absolutamente, eu soube que era uma arma mais, como a espada e a lança, que tinha retido as mulheres.

- Você sabia! - explodi - Você soube todo o tempo! E nos últimos dois meses, não considerou oportuno usá-lo para ajudar a defender nosso planeta!

- É uma velha ciência e está proibida - Rowena sibilou. - Não tem nem idéia das conseqüências!

- Sei quais são as conseqüências se não se fizer! Vamos perder nosso planeta, parte a parte! Dois milhões já se foram, Rowena. Quantos mais devem morrer? Quantas vidas considera dispensáveis? Era nosso dever guardar o Sinsar-Dubh! Não o fizemos. Agora é nosso dever arrumar esta confusão!

- Você sabia que havia uma maneira de fazer aos humanos estarem mais seguros e não nos disse isso? - Kat olhou a Rowena. - Essas famílias, por todo o campo, às que nos comprometemos a proteger e que perdemos, Poderiam haver se protegido por acaso mesmas? - Seus olhos se encheram de lágrimas. - Pelo amor da Maria, Rowena, perdi meu Sean e ao Jamie! Eu teria podido fazer que eles fossem capazes de ver os Unseelie? Poderiam ter se defendido sozinhos?

- Não é o que está dizendo - cuspiu Rowena - é para vê-los, para o que devem comer a carne viva de um FAE imortal escuro.

A sidhe-seer ficou sem fôlego, fazendo ruídos de asfixia. Entendo-o perfeitamente. Inclusive quando eu tinha estado lutando contra o vício, ainda resultava repugnante.

- O que não está dizendo - Rowena continuou - é que o consumo tem conseqüências indescritíveis! É aditivo e uma vez que um ser humano começa não pode parar. Isto muda à pessoa. Que se pode esperar que faça o canibalismo da carne de nosso inimigo escuro?

Corrompe sua alma! Och, e é isso o que teria gostado de fazer a seus inocentes irmãos, Katrina? Condená-los em lugar de vê-los mortos? - Elevou a voz, forte e com fúria. - O que não lhes está dizendo e deveria fazê-lo se estamos discutindo escuros segredos, é que foi ela que ensinou a esses seres humanos a comer, e ela... -...comeu-os também - anunciei, antes que pudesse fazê-lo Rowena. - E a gente pode chutar o vício. Eu o fiz. - um ponto a favor da Rowena. Como eu suspeitava, tinha lido meu diário. Tratei de revisá-lo a toda velocidade para antecipar no que outro lugar poderia tratar de puxar o tapete debaixo de mim. Tinha enchido com meu coração e minha alma essas páginas. - Rowena diz que te troca. Eu não estou tão segura disso. Julguem vocês mesmas, estou condenada? - ela disse. - Julguem vocês mesmas se, os seres humanos de Dublin, que estão lutando em nossa guerra por nós, são realmente diferentes por haver feito o necessário para sobreviver. Ou sigam tomando cegamente a palavra de Rowena para todas as coisas. Se estiver tão maldita, por que sou a única sidhe-seer ali fora, no fronte, fazendo algo?

- Ei! - Dani saltou, de repente, do capô, aproximando-se de mim. - E o que sou eu? Fígado picado?

- Ondas e grama* - assegurei-lhe. - O melhor dos uísques. (N.deT: "Surfe and Turf" = cheire e cespado, trocadilho intraduzível, algo assim como "o ouro e o mouro", o melhor do melhor)

Ela sorriu.

- Porque ela quer o Livro para si mesmo - acusou Rowena - que é pelo que está ali. Assim poderá tomar o poder por si mesmo.

- OH!Saco! - burlei-me. - Se isso fosse certo, eu mesma me teria aliado com os Unseelie faz muito tempo. Lorde Master nunca teria tido que me voltar *Pri-já*.

- Como sabemos que não o é ainda? - Rowena exigiu.



- Posso caminhar - disse secamente. Ser "*Pri-já*" - ela disse às mulheres- é algo terrível. Mas não só me recuperei disso, mas também adquiri algum tipo de imunidade ao glamour sexual. Agora, V'lane já não tem nenhum impacto de morte por sexo sobre mim.

Tinha toda sua atenção.

- Olhem, podem confrontar o que está aí e lhes fazer mais fortes para isso ou podem ficar detrás destas paredes, obedecendo a ordens até que nosso planeta esteja além da salvação.

Querem falar de condenados, de malditos? Toda nossa raça o está se não fizer algo a respeito!

As mulheres explodiram e se voltaram umas as outras, falando freneticamente. Definitivamente tinha ascendido. Tinha-lhes dado mais informação em uns poucos minutos do que sua Grande Mestra lhes tinha dado em anos. Fez-me sentir mais poderosa do que nunca me havia sentido.

Rowena me lançou um olhar gelado e se voltou para estudar a suas protegidas.

Ela não fez nada para fazê-las calar, nem eu tampouco. Preferi que fizessem o trabalho por si mesmos um pouco mais. Então as cortaria, contaria-lhes meus planos, formaria as tropas e atribuiria as tarefas.

Rowena estava me olhando outra vez.

Suspeitava que queria fazer frente à multidão, mas eu não estava disposta a lhe ajudar a sair de seu silêncio. Queria tocar a buzina em uns poucos minutos e dar meu definitivo e entusiasmado discurso de motim.

O que passou depois aconteceu tão rápido que não pude evitá-lo.

Rowena tirou um apito do bolso de suas roupas e soprou fortemente, três rajadas estridentes. A multidão se calou imediatamente, obviamente, treinadas pelo som. Então ela estava falando, e era muito tarde para detê-la, sem que parecesse argumentação e mesquinha.

Eu teria que deixá-la falar, como o havia feito ela comigo.

- Conheci à maioria de vocês desde seu nascimento - disse. - visitei suas casas, as vi crescer e as trouxe aqui quando chegou o momento. Conheço suas famílias. Fui parte de suas lutas diárias e seus triunfos. Cada uma de vocês é como minha própria filha.

Ela lhes oferecia um doce sorriso, o retrato de um pai muito amoroso. Eu não confiava absolutamente. Perguntava-me se era quão única via a preocupante imagem de uma cobra, sorrindo com dentes humanos.

-Se me equivoquei, não é porque não lhes tenha amado o suficiente, mas sim as amei muito. Quis, como qualquer mãe, manter a seus filhos a salvo. Mas meu amor impediu que minhas filhas se convertam nas mulheres que poderiam e deveriam ser. Impediu-me das conduzir como devia. Cometi um engano, mas já não. Somos sidhe-seer. Somos defensoras da humanidade. Nascemos e criamos para a batalha contra os Fae, e desde este dia em adiante, isso é o que faremos. - Todo o segundo grupo à localização das fontes mais comuns de ferro e manda-o para buscá-lo, a toda pressa. - Ela fez um gesto com a mão ao ônibus detrás dela. - Temos armas suficientes para todos nós! - Gritou triunfante, fazendo que soasse como se o triunfo fosse dela. - Quero balas de ferro para todas!

Apertei os dentes.

- Aprendam às fazer - ordenou. - Estabeleçam uma ferraria nas velhas salas se for preciso. Selecciona um terceiro grupo para explorar Dublin, e, Katrina, já que demonstrou uma e outra vez ser uma líder digna e valiosa, quero que esteja a cargo deste grupo você mesma. Kat brilhava.

Eu estava furiosa.

Neste ponto, eu já sabia que o mais sábio que podia fazer era permanecer em silêncio. Mas



não foi fácil. Havia uma dúzia de comentários mordazes que queria fazer. Avisos de que eu havia trazido às armas, tinha-me informado do ferro, que tinha estado na batalha quando sua preciosa GM tinha estado cega e insistindo em seu contrário. Mas pude ler o estado de ânimo da multidão, e como resultado disso, pôr em prática um dito tão velho como o tempo: *“Melhor o diabo conhecido que o que não conhecemos”*. Sobre tudo, se o diabo que realmente conhece está a ponto de te dar tudo o que você queria de todos os modos.

Não podia competir com isso. Eu era o diabo que tinham conhecido faz só uns poucos meses. E minha impressão não tinha sido precisamente boa. Não com a Rowena a cargo dos meios de comunicação.

A voz da Grande Mestra subiu de volume.

- Quero saber o número de FAE que há na cidade, assim poderemos começar a planejar como e quando atacar. - Ela levantou sua pequena mão no ar e elevou o punho. - Hoje é o amanhecer de uma nova ordem! Já não vou permitir que meu amor por vocês me cegue como fez no passado. Vou levar a minhas filhas com orgulho à batalha e faremos aquilo para o que nascemos. Vamos recordar aos Fae que nos jogaram de nosso mundo por que lhes obrigamos a ocultar-se durante seis mil anos. Vamos recordar lhes por que nos temem e lhes obrigaremos de novo! Sidhe-seer, à guerra!

A multidão explodiu em aplausos. A meu lado, Dani disse:

- Como caralho...? Como fez isto, Mac?

Olhei a Rowena e ela me olhou e tivemos uma conversa inteira em uma só olhada.

“Menina, de verdade acreditava que poderia me tirar isso seu olhar azul intenso se burlou”.
“Touché. Cuida suas costas, velha”.

Tinha ganho, por agora.

Mas não foi uma perda total. Embora Rowena estivesse tomando o crédito para ela mesma, pelo menos as sidhe-seer começavam a fazer tudo o que eu queria que fizessem a falta da exploração dos IFP, mas como, podia esperar. Eu podia ter perdido a guerra, mas tinha ganho algumas das batalhas. Minha primeira tentativa de repente de Estado tinha fracassado. O próximo não faria.

- Política, Dani - murmurei. - Temos muito que aprender. - Nada tinha sido fácil para mim em Dublin. Já não esperava que isto fora, nem ia perder o tempo me queixando de que poderia havê-lo feito melhor.

- Uh-huh - acordou triste - Mas ainda não lhe vou devolver minha espada. Rowena voltou seu sorriso de cobra para nós

- Kat, um longo tempo passou desde que te concedia esta honra - disse. - Você nos levará a vitória levando a Espada da Luz. Dani, da a Katrina. A espada é agora dela.

Cinco segundos depois, eu estava sobre minhas mãos e joelhos em meio de um campo pedregoso, vomitando os restos da barra de proteínas que tinha comido fazia uma hora. Nunca tinha estado em uma viagem mais cheia de buracos e horrível em minha vida.

- O que foi isso? - gemi, limpando-a boca com o dorso da mão. - Hipervelocidade? - eu disse. Dani espetou

- Não vou devolver minha espada!

Olhou-me, de pé junto a mim, seus cotovelos fracos se sobressaindo, com os punhos na cintura, o cabelo vermelho aceso de fogo à luz do sol e quase me pus a rir. Esta garota era um curinga total. Entretanto, nosso ato de desaparecimento ia ter conseqüências. Deixada a meus próprios recursos, teria que me manter assim durante mais tempo. Eu lhes teria devotado cooperação e amparo e tinha tratado de vender-lhe do mesmo modo que havia feito com o Jayne.



Se isto tivesse falhado, eu teria tido a Dani para nos tirar zumbindo dali. Mas teria tentado primeiro e a tentativa teria proporcionado um grande volume de informação a algumas moças. Agora, já era muito tarde. Não me cabia dúvida de que Rowena estava explorando a situação para tudo o que valesse a pena. Nos faria parecer completas traidoras, voltando as costas a toda a Ordem.

Esfreguei os olhos. Estava muito cansada para pensar. Precisava descansar. Então, averiguaria a forma de recuperar as coisas que precisa salvar. Não é que me importasse ser uma pária. Havia-me sentido assim desde que cheguei a Dublin e tinha conseguido estar francamente confortável com isso. Sozinha, já tinha bastante do que me preocupar. Mas para obter meus objetivos, necessitava pelo menos a algumas *sidhe-seer* a meu lado.

- Viu seu rosto?

- Como poderia havê-lo feito? - Tudo o que vi foi uma grande mancha azul de ônibus que passou nos roçando e logo nada.

- Estava malditamente de saco cheio! Ela, realmente, não acreditava que o faria - disse Dani surpresa e me dava conta de que ela mesma não tinha estado completamente segura de que o fosse fazer. Até que o fez, existia a possibilidade de Rowena a perdoasse. Toda a culpa seria minha e poderia voltar para o redil. Já não. Dani era *pessoa non grata*. Não havia volta atrás.

- Estava indo muito bem, não é certo, Mac? Quero dizer, não me estava imaginando isso, verdade? As garotas nos estavam escutando e estavam a gosto conosco?

Eu assenti.

- Homem... torceu muito rápido. Assenti com a cabeça de novo.

Olhamo-nos a uma à outra durante um longo momento.

- *Tia* - disse por último - acredito que somos párias.

- *Tia* - estive de acordo, com um suspiro.

Capítulo 15

Às dez e meia da noite, estava de volta a Dublin e me dirigia a 939 do Rêvemal Street.

Estava bastante segura de ter encontrado o Chester.

Havia três entradas na guia Telefônica abaixo esse nome: uma barbearia, uma loja de roupas para homens e uma discoteca.

Tinha optado pelo clube noturno, por causa da voz do homem que tinha falado na secretária eletrônica do telefone. Luxuosa, com classe, com um toque de perigo, como se tudo o que desejasse estivesse disponível ali, se a gente tinha suficiente dinheiro para comprá-lo, a só um passo, a só uma conversa.

Joguei uma olhada a meu reflexo em uma cristaleira e sorri. Estava a só um passo. Tinha o cabelo úmido e um pouco selvagem. Só lhe tinha jogado um pouco de espuma e tinha deixado a seu livre-arbítrio. Meu batom vermelho e brilhante fazia jogo com a cor das unhas. Ia vestida de couro negro dos pés a cabeça, não por convencimento, mas sim porque era mais prático. O tipo adequado de couro pode absorver algo. O tecido normal não repele o sangue.

Havia energia em meu passo e o fogo em meus olhos. Por fim tinha conseguido algo tão necessário como dormir. Dani e eu nos tínhamos escondido em uma casa abandonada nos subúrbios de Dublin até a tarde, e, logo, tínhamos procurado comida e fornecimentos. Era estranhamente íntimo e incômodo ocupar a residência de alguém que, ou tinha morrido nos



distúrbios do dia do Halloween ou tinha fugido de Dublin, mas necessitávamos um lugar para ficar e parecia ter sentido aproveitar uma das dezenas de milhares de casas desocupadas.

Dado que nossos MacHalos estavam na abadia, nossa primeira parada tinha sido uma loja de esportes, onde adquirimos o suficiente para fabricar duas novas e mochilas com lanternas e baterias. Apesar de que as Sombras pareciam ter deixado Dublin, eu não ia correr nenhum risco.

Logo tinha ido ao centro comercial, onde tingi o cabelo em um banheiro público, lavei-me e me troquei. Dani se havia dirigido para uma loja de eletrônica; mais tarde a encontrei na frente de um montão de equipamento, junto a uma pequena montanha de pacotes de baterias e um montão do DVDS.

Vi alguns dos títulos dos DVD. Meus olhos se abriram. Olhei rapidamente à tela do computador. Felizmente para ela, que via não era um deles.

- Há algumas pornográficas - grunhi - vou chutar sua petunia. Olhou para cima.

- Que fanfarrona está, Mac! - Logo franziu o cenho. - Eu caço e Mato coisas. O que importa o que veja? Estes globos oculares viram de tudo, tia - De algum jeito conseguiu rebolar estando sentada no chão com as pernas cruzadas.

- Não me importa quão dura crê ser. Tem treze anos e há um limite. Não deve ver essas coisas. E se o vais fazer, é melhor que se esconda de mim, porque se te apanho, vais passar por um inferno para me pagar isso.

Empurrou o equipamento de seu colo e ficou de pé.

- Não é ridículo? - cuspiu, seus olhos verdes jogavam faíscas. - Vejo coisas que morrem cada dia, mas não posso ver às pessoas fodendo? Você não é meu chefe. - Agarrou sua mochila e começou a caminhar longe.

Esses não são só pessoas fodendo, Dani. Isso é Hardcore.

- E o que? - burlou-se por cima do ombro. - Como estava você faz uns dias?

- Não foi assim.

- Vai me dizer como era? Ser Pri-já era toda poesia e rosas?

Houve momentos nos que havia sentido algo assombrosamente parecido. Não com os Príncipes Unseelie. Mas sim mais tarde, com o Barrons. Eu o tinha guardado na caixa fechada com cadeado de minha cabeça onde guardo todas essas coisas que não posso dirigir. Logo ia ter que afundar essas coisas em concreto para poder mantê-la fechada.

- Não estou dizendo que não deva olhar às pessoas ter relações sexuais, embora eu gostasse que esperasse uns quantos anos. Digo que deve escolher melhor. Ver o material básico, que mostra o sexo como algo bom.

- Mac - disse cortante - Joga o freio. O mundo fede. Não há nada bom nele.

- Não, não tudo é bom. Só terá que buscá-lo. - Quase me afogo com minhas palavras. Estava soando igual ao meu pai e me surpreendeu saber que ainda acreditava no que havia dito, depois de tudo pelo que tinha passado. Considerando que o arco íris não era de todo negro. Ela se voltou para mim, suas bochechas avermelhadas, os olhos furiosos.

- Seriamente? O que? Nomeia algumas das coisas boas para mim, vale? Por que não me diz algumas? Tenho uma grande ideia. Façamos uma lista. Vamos escrever todas as coisas maravilhosas do mundo, porque eu as estive procurando muito ultimamente e não vi uma merda! - Suas mãos eram punhos e estava tremendo.

Tinha levado vinte e dois anos ser marcada pela tragédia. Que idade tinha Dani quando se afiou seus dentes com o primeiro sangue? Ela me havia dito que sua mãe foi assassinada pelos Fae, fazia seis anos, logo tinha sete naquele momento. O teria visto acontecer? Quanto tempo tinha estado com a Rowena? O que tinha estado fazendo com ela durante todo este tempo essa



desumana anciã?

- O que te aconteceu Dani? - disse em voz baixa.

- Acredita que tem direito a me perguntar isso? Como vou abrir minha pele e a pinçar dentro de mim? Como se pudesse me derrubar como um pequeno bule, porque me tem agarrada por minha aba?

- Não te tenho agarrada por nenhuma aba, Dani.

- Está tentando! Está tratando de me obrigar a derrubar meus segredos! Derrubar tudo aquilo que sabe que uma vez feito te vai deixar como um pedaço de merda, quão mesmo os Príncipes Unseelie fizeram contigo! Igual a esses fodidos estúpidos que nem sequer deveriam haver foddidamente nascido!

Fiquei surpresa pela intensidade de sua reação, desconcertada pela direção que nossa conversa tinha tomado.

-Não estou tratando de me colocar em você, nunca chegaria tão longe. Preocupo-me com você, pequena- dor aguda no traseiro, porco espinho. Assim se anime. Preocupa-me o que vais ser. O suficiente para lutar contigo por isso. E te direi que deve escolher melhor os filmes, comer suas verduras, usar o fio dental e te tratar a si mesma com respeito, porque se não, ninguém mais o fará. Essa é porque me importa!

- Não me conhece!

- *Conheço-te.*

- Me deixe em paz!

- Não posso - disse rotundamente. - Você e eu somos como irmãs. Agora, desfaz desse apertão de angústia adolescente e vamos começar a nos mover. Preciso-te esta noite e temos muito que fazer.

Sempre trabalhei cada vez que papai me fazia o mesmo: fazer algo para manter minha mente afastada de derrubar-se em qualquer emoção que me fizesse sentir como se fosse morrer naquele momento.

Ela me olhou, entrecerrou os olhos, seus lábios desenhando um grunhido, e tenho a impressão de que estava a ponto de explodir e partir. Perguntava-me como meus pais tinham conseguido sobreviver comigo. Perguntava-me por que estava em realidade tão aborrecida. Eu não era estúpida. Havia um subtexto aqui, mas não podia entender qual era. Estava a ponto de lhe dar com o pé quando finalmente se deu a volta e começou a caminhar.

Segui-a em silêncio, lhe dando a oportunidade de esfriar.

A malha de seu comprido casaco de couro negro finalmente relaxou e enrugou entre suas omoplatas. Tomou umas quantas respirações profundas, e logo disse:

- As irmãs se perdoam muito uma à outra, não é assim, Mac? Quero dizer, mais que ao resto das pessoas?

Pensei na Alina e na forma em que tinha caído frente ao pior vilão deste desastre épico, inclusive, sem dar-se conta, tinha lhe ajudado a ganhar poder. De como tinha esperado até que foi muito tarde para que me chamasse. Recentemente, tinha começado a me dar conta de que minha irmã tinha tomado algumas decisões equivocadíssimas. Como não me dizer o que estava passando, logo que se inteirou disso, e tratar de dirigi-lo tudo ela mesma sem pedir ajuda.

A força não era capaz de fazer tudo, se estava sozinho. A força é saber quando pedir ajuda e não ser muito orgulhoso para fazê-lo. Alina não tinha chamado a todos os reforços que tinha e que deveria ter tido. Eu não cometeria o mesmo engano. Entretanto, independentemente de tudo o que tinha feito ou deixado de fazer, não trocou o muito que a amava, e, nunca o faria. Nada poderia.



- Como brigar por que filmes deve ver - esclareceu Dani, quando não respondi imediatamente. Eu estava a ponto de responder quando murmurou.

- Pensei que acreditaria que eu era *muito fanfarrona* por vê-los. Pus os olhos em branco.

- *Já é muito fanfarrona*. E, doçura, as irmãs se perdoam tudo.

- De verdade? Tudo de tudo?

- Tudo.

Ao sair da loja de eletrônica, alcancei a ver seu rosto no espelho de em cima da porta.

Estava desolado.

Minha Dublin já não existia.

Destroçado, quebrados os anúncios de néon brilhante que tinha iluminado os edifícios como um caleidoscópio de cores. Ao passado pertencia as cores, as diversas pessoas que tinham enchido as ruas com ruidosa camaradagem e passando-o bem sem fim; arruinadas as fachadas das centenas de pubs de Têmpera Bar, as luzes de pitorescas filigranas trancadas de metal, e não há música saindo pelas janelas ou portas abertas. Estava em silêncio. Muito silêncio. Toda a vida animal se foi, até os grilos do chão. Nem um motor zumbia. Não havia aparelhos de ar condicionado zumbindo. A gente não se dá conta da quantidade de ruído branco que o mundo faz até que de repente se detém, fazendo parecer que os tempos pré-históricos retornaram.

Esta nova Dublin era escura e horripilante... E ainda não morta. A outrora buliçosa cidade irlandesa era um morto vivente. Podia-se sentir a vida nela, à espreita entre os restos escuros, mas era o tipo de vida em que queria afundar uma estaca.

Dado o número de Fae que pude sentir na cidade, tantos que era impossível diferenciá-los até que estávamos quase em cima deles, encontramos com surpreendentemente poucos Unseelie nas ruas. Perguntei-me se teriam o equivalente de uma convenção ou reunião política em algum lugar com o LM, grande líder da metade bastarda da raça Fae. Tampouco vimos Jayne, por isso supus que estava fora aterrorizando aos Caçadores, em outra parte da cidade.

No transcurso das vinte quadras que caminhamos, "*como Joe's*", como Dani o chamava, porque eu não estava disposta para me encontrar rosto a rosto com o Ryodan, porque tinha a sensação, pela primeira vez, de querer vomitar sobre meus sapatos, encontramos com quatro Rhino-boys (*por que sempre viajavam de casal?*) e uma coisa terrível que se deslizava quase tão rápido como Dani. Tomei o RB e ela serpenteou.

Estávamos no cruzamento entre as ruas Rêvemal e Grandin quando a vi. Se meus sentidos não tivessem estado tão saturados com estática Unseelie pelo grande número que havia, eu poderia ter reagido melhor.

Ao princípio, não podia acreditar nisso. Em minha defesa, pensei que era ele, viam-se tão parecidos, embora soubesse que não podia ser, porque Barrons e eu o tínhamos matado. Então pensei que não devia ter sido uma singularidade. Algumas das castas Unseelie eram inumeráveis, como os Rhino-boys, enquanto que outras eram únicas em sua espécie de nascimento promovido pelo Rei Unseelie, talvez porque até ele as considerava abominações. Tive um mau momento, contemplando o horror que suporia centenas ou inclusive milhares deste tipo de Unseelie soltos pelo o mundo, e nesse momento perdi o elemento surpresa. Devia haver feito algum ruído pequeno, porque ela se voltou de repente, seus nove pés de corpo leproso coroados por um rosto alargado e aplanado que era todo ele uma boca voraz. Em um abrir e fechar de olhos, avaliou-me e me desprezou. Eu era do gênero equivocado.

Dani queria a glória. Tentou congelar o quadro; haveria dito que não se incomodasse: esta se peneirava; sabia por que seu contraparte masculina uma vez se havia peneirado em uma rua



frente a mim e, se não fosse pelo Barrons, me teria matado.

A Unseelie se desvaneceu no ar, deixando a Dani de pé a uma quadra de mim, a espada para trás, furiosa por ter perdido sua opção de matá-la.

- Que caralho era Mac? - disse. - Nunca vi um assim antes. E você?

- Barrons o chamou o Homem-Cinza. Nós lhe matamos. Acreditei que era único em sua classe, mas, esta só pode ser a Mulher-Cinza.

- Qual é sua especialidade? - Dani olhou morosamente fascinada.

Eu tinha estado assim uma vez: obcecada com todas as formas terríveis em que poderia morrer nas mãos dos Unseelie. Ou em garras. Ou em centenas de bocas de dentes afiados, como Alina.

- Têm preferência pela beleza humana. Barrons diz que destroem o que nunca podem ter, devoram-nos como um manjar delicioso. Procuram o encanto da perfeição física e escolhem aos seres humanos mais atrativos para seduzi-los. Alimentam-se através do tato, drenando sua beleza, através das chagas abertas em suas mãos, até que roubaram tudo o que terá que roubar, deixando a suas presas tão horríveis como eles são.

Eles não matavam a suas vítimas, deixavam-nas sofrer em sua nova vida, e, em ocasiões, voltavam a visitá-los, sustentando-se de seu horror e sua miséria. Tinha visto o Homem-Cinza alimentar-se duas vezes. Tinha sido especialmente terrível para mim, porque, durante anos, eu tinha utilizado descaradamente o favor de meu olhar, paquerando, batendo minhas pestanas a um policial de tráfico, simulando a sensual estupidez da loira para conseguir meu objetivo. Antes de chegar a Dublin, pensei que meu aspecto era, virtualmente, o único poder que tinha e perdê-lo haveria feito me sentir sem valor.

- Barrons diz que as vítimas, inevitavelmente, se suicidam - ele disse - porque não podem confrontar a vida, vendo-se como se vêem.

- Vamos empacotar a essa cadela - disse Dani friamente.

Eu sorri, mas o sorriso se desvaneceu rapidamente. Tínhamos chegado a nosso destino; olhei e me caiu a alma. Queria respostas e tinha estado contando, em grande medida, conseguindo algumas aqui, mas o 939 do Rêvemal foi uma decepção total.

Faz uns meses, o granito elegante do Chester, o mármore gentil e a fachada de madeira que tinham sido famoso como um estabelecimento superior na cidade, aborrecidamente rico e fastiadamente formoso, mas, como o resto de Dublin, pôs-se de joelhos no Halloween, e, agora, o sofisticado edifício de três andares era uma ruína. Os vidros rangiam sob minhas botas à medida que contornava os refugos dos distúrbios. Os pilares de entrada de mármore estavam profundamente marcados por cortes que parecia ter sido feitos por algo com garras de aço. Os luxuosos abajures de gás uso francês tinham sido arrancadas da calçada e jogadas em um montão retorcido, bloqueando a entrada do clube, como se os Unseelie encarregados disso tivessem tido um ódio especial pelo lugar.

O clube tinha cabos pendurados por diante da pilha de escombros. Quebrado em pedaços. A frente e os lados do edifício estavam cobertos com grafites. Entre as luzes e o pôster do clube, não havia nenhuma maneira de entrar no edifício pela porta principal.

E não havia razão para fazê-lo.

O Chester estava tão deserto como o resto da cidade.

Golpeei-me a palma com um punho enluvado. Estava farta dos becos sem saída e de não obter respostas

- Vamos caçar à Mulher-Cinza. Ela tem que estar por aqui, em alguma parte - gruí.

- Por quê? - Dani me olhou sem compreender.



- Porque estou frustrada e zangada, por isso.
- Mas eu não estive nunca em um clube - protestou. - Inclusive me vesti para a ocasião.
- Isso não é um clube, Dani. É um edifício destruído.
- Há todo tipo de material aqui!
- Como o que? Sombras celebrando uma festa entre os escombros de tudo isto? Ela riu.
- Ai, homem, se me esqueci que está surda! Não pode ouvir a música. Tem um ritmo fresco, diferente da maioria do que ouvi. Estive escutando-a há uns blocos. Abaixo, Mac. Temos que ir para baixo.

Dani tinha razão: a música era diferente. Mas, como logo descobriria, não era a única coisa diferente em Chester. De feito, nada ali era normal. O clube trocava todos meus paradigmas e fecharia de repente muitas mudanças dos que o mundo tinha sofrido enquanto eu tinha estado... ocupada.

A entrada ao clube estava por detrás: uma discreta porta metálica maltratada que parecia uma entrada de adega esquecida. Se Dani não tivesse sido capaz de escutar a música, teria ido, passando do lugar e sem suspeitar nada.

A porta chiou ao abrir-se para uma abertura estreita e negra. Suspirei. Odeio ter que estar embaixo da terra, mas, de algum jeito, sempre acabo aí. Desenganchei o MacHalo de minha mochila, acendi todas as luzes e coloquei isso na cabeça. Dani fez o mesmo e descemos pela escada entre o resplendor das luzes, abrimos uma segunda porta e descendemos por uma segunda escada. Encontramo-nos em meio de um hall de entrada, de tipo industrial, decorado com bom gosto, com um tipo de elegância urbana e de cara, duas altas portas duplas.

Ainda não podia ouvir a música. As portas tinham que ser muito grossas. Retraí-me no lugar sidhe-seer de minha cabeça, tentando fazer alguma ideia do que era que podia esperar, mas o canal estava cheio de estática, só que mais forte. Dani se inclinou para mim, estreitando seus olhos.

- Não acredita que deveria haver guardas ou algo assim?
- Acredito que o que procure vida na noite de Dublin e averigüe onde está este lugar poderia ser, em si mesmo, toda a guarda que necessita - disse secamente. Empurrei a porta. Não se moveu. - Isso se conseguia abrir a porta. - Tirei o MacHalo e o atei, ainda aceso, em minha mochila. Revolvi-me o cabelo depois de tirar o capacete.

Dani se uniu a mim e juntas abrimos a porta e lançamos nosso primeiro olhar ao Chester.
"Amo-te tanto que deveria me matar agora...".

A música estava tão alta que o baixo fazia vibrar os ossos. Estavam soando o tema da Marilyn Manson "If I Was Your Vampire", mas tinha sido remasterizado a um ritmo completamente diferente, um pouco sonolento, um pouco mais escuro, algo que não tivesse acreditado possível.

Fiquei na porta e olhei.

Aqui estava a nova barra da Têmpera, mas underground.

Chester: Slick, chique, sofisticação urbana unida a fibra industrial. Cromo e cristal, branco e negro. Frieza erótica, vilmente sexual. A Manhattan elegante casado com a máfia irlandesa.

"Tudo é negro, não há volta atrás...".



O lugar era enorme, as mesas dobradiças. As pistas de baile escalonadas estavam lotadas de corpos quentes. Ocupava quase todo o espaço. Fiquei assombrada de ver que muitos dos seres humanos que tinham sobrevivido e que ainda estavam em Dublin, estavam de festa. Em outras circunstâncias, poderia ter sido uma agradável surpresa.

Mas estas não eram essas outras circunstâncias.

Dani me agarrou pelo braço. Sairia uma marca.

- É fodidamente irreal - disse quase sem respirar.

Cabeceei. Sou Sidhe-vidente. Para mim, as coisas são simples: há duas raças, humanos e FAE.

Eu trabalho com V'lane porque é um meio para conseguir um fim: salvar meu povo. Vou trabalhar com a rainha dos Fae pela mesma razão. Mas está programado em meus genes, codificado em meu sangue, que estas duas raças sempre estiveram destinados a viver separadas e é meu trabalho manter as coisas dessa maneira.

O Chester era um pesadelo para uma sidhe-seer. Estava cheio de Fae e seres humanos, mesclados. Não, era pior que isso. Estavam *"confraternizando"*.

OH!A quem queria enganar? Jovens, pessoas atraentes por dúzias estavam paquerando descaradamente com os Unseelie. Em uma das pistas de baile, meia dúzia de garotas lambiam as afiadas presas a um Rhino-boy amarelado com línguas muito rosas. Seus olhos saltados brilhavam, grunhia como um porco e chutava com seus cascos.

Em outra pista de baile, uma loira se levantou a camisa e esfregava os seios nus frente a um Fae escuro, alto, sem rosto, enquanto que outras duas mulheres tratavam de apartá-la para que elas pudessem ter seu turno.

Em uma cabine, um garçom masculino sem camisa, mostrando seu abdômen cinzelado, com a pele muito azeitada, acariciava as... uh... úberes de uma coisa que nunca tinha visto antes e esperava não voltar a ver.

A meu lado, Dani ficou rígida.

- EW!Só ew! Isso é asqueroso. - Ela fez um ruído de náuseas na parte posterior de sua garganta. Logo riu de mim. - Claro, que, isso lhe dá um novo significado à frase *"dava o dedo"*, não é assim?

- O que? Onde? Ela assinalou.

Uma mulher estava chupando eroticamente a ponta do dedo de um Rhino-boy rechonchudo, que lhe tinha dado cortando o de sua mão.

Inspirei profundamente, a realidade do que estava passando aqui me golpeava totalmente entre os olhos. Os seres humanos não só estavam suavizando as relações com a nova raça exoticamente má porque fosse algo diferente e emocionante, mas sim, como Dani tinha temido, os Unseelie tinham suas próprias vampiresas.

Minha geração tem uma enfermidade incurável, a obsessão profunda com os não-mortos. A versão muito romântica é óbvio: a imagem admirada e inofensiva, não o verdadeiro possivelmente da questão: ele está realmente morto e realmente te mata.

Enquanto observava, a mulher mordeu com força e começou a mastigar com uma expressão de êxtase quase religioso.

Estas pessoas estavam comendo carne Unseelie, mas não para lutar contra eles e recuperar nosso mundo, mas sim por desejo.

A carne Unseelie, a nova droga.

- Elas comercializam com o sexo para ascender - disse rotundamente.

- Parece como... - disse Dani. -...se essas putas esperassem que eles as escolhessem. Essa idéia era muito horrível de contemplar.



Uma jovem gótica com olhos febrilmente brilhantes se aproximava.

- É melhor que te dê pressa! A canção quase terminou!

- E o que? - disse Dani.

A garota gótica a olhou de cima abaixo.

-Não é má idéia. Desajeitada e torpe, só poderia intrigá-los. Gostam de experimentar. Não terá que olhar a Dani para saber que sua mão tinha entrado em seu comprido abrigo por sua espada.

- Tranqüila, Dani - disse em voz baixa. - Você não é assim.

Mas a garota já estava em marcha, languidamente intensa.

- Vocês devem ser novas. Eles jogam uma só vez cada noite e enquanto se está reproduzindo a canção pode tratar de convencer a um deles para que te escolha. Do contrário, não lhe permitem se aproximar deles. A competição é feroz. Pode levar semanas que te note.

- O que te escolha para que? - animei-a.

- Onde estiveste todo este tempo? Para te fazer imortal como eles. Se você comer suficiente carne santificada, converte-te em imortal também. Então pode ir ao Reino Fae com eles!

Entrecerrei meus olhos. Comer Unseelie poderia realmente produzir essa mudança? Ou os Fae escuros estavam capitalizando uma mentira? Inclinação-me a acreditar neste último. Mallucé tinha comido constantemente, durante muito tempo e nunca se converteu em imortal.

- Quanto é suficiente? - lancei. Ela deu de ombros.

- Não sei. Ninguém sabe ainda. Ainda o estamos tentando. Mas o conseguiremos.

Tive quatro vezes! É incrível! E o sexo, OMG!⁸ Vejo-te no reino FAE - cantava alegremente, e saiu correndo; não tive que ouvir ninguém mais dizê-lo, embora ouviria tantas vezes durante os próximos meses que queria matar alguém, mas compreendi que acabava de ouvir uma das muitas novas frases que se murmurariam neste novo e estranho mundo.

- Isto é pior que um IFP - murmurou Dani. - Sinto-me como se estivesse apanhada em um IFCF.

Levantei uma sobrancelha.

- Amontoado Interdimensional de Fae Fodendo (*N.de T: IFCF= Interdimensional Fairy Cluster Fuck*) -disse com amargura. - Não vêem o que está acontecendo? Não sabem que os Unseelie estão destruindo nosso mundo? Não vêem que vamos morrer se não os detemos?

Ao parecer, não lhes importava. Necessitava um gole. Mau. Os empurrões pela multidão, dirigi-me ao bar.

Capítulo 16

Uma versão muito industrializada do Trent Reznor, "Closer", estava soando quando subi a um tamborete do bar e gritei à costas da garçonete que necessitava um gole de uísque, desse da prateleira de acima, e que fosse rápido.

"Procuro sentir algo em meu interior"...

Devido a minha experiência recente, tinha um entendimento muito maior da metade mais

⁸-N.deT: OMG= OH my god= OH, meu dues.



escura da raça Fae do que alguma vez tivesse desejado. Eu conhecia o vazio que os empurrava.

Eu tinha sido o alimento para sua fome sem fundo.

Chester estava cheio de abominações do Rei Unseelie e os seres humanos estavam lhes dando a bem-vinda, competindo para fazer-se notar por eles, dispostos a deixar que eles se sentem em seu interior se isso era o que fazia falta para conseguir sua dose, seduzidos pela promessa de maior força e sentidos, e, a tentação da imortalidade. Eu nunca tinha entendido por que alguém queria viver para sempre. Sempre me pareceu que a morte emprestava à vida certo patetismo, uma tensão necessária.

- Talvez dois bilhões de nós precisasse morrer - murmurei. Eu estava de mau humor.

- vou tomar um, também. - Dani se içou em um tamborete a meu lado.

- Boa tentativa.

- É que alguma vez vais deixar que cresça? Ou vais ser como outros?

Olhou-me, logo modificou seu pedido original por dois dedinhos de Macallan. Papai tinha feito o mesmo por mim a sua idade. Firmeza no amor.

Uns óculos de sol caíram na parte superior da barra de cromo gentil, acompanhadas de um profundo “*Ei, formosa*”.

Volteio olhar ao garçom e dei um coice. Era o menino de olhos sonhadores que tinha conhecido no museu enquanto procurava OOP's (*N.de.T: objetos de poder*) e mais adiante me surpreendeu ao lhe encontrar trabalhando com Christian, no Departamento de Línguas Antigas de Trinity College. Meu primeiro impulso de prazer porque tivesse sobrevivido, foi esmagado pela suspeita. As coincidências me põem nervosa.

- Um mundo pequeno - disse com frieza.

- O suficientemente grande - mostrou um sorriso fácil. - a maioria das vezes.

- Novo trabalho?

- Mudanças na cidade. Nos postos de trabalho, também. E você?

- Desempregada. Ninguém compra livros. - Eles estavam fora de minha busca.

- Tem um aspecto diferente. Tinta preta, preciosa? Toquei o cabelo.

- O que terá que fazer.

- O suficiente para sobreviver.

- É difícil dizer quando o suficiente é suficiente.

- Olhe quem está trabalhando onde.

- Olhe quem está bebendo onde.

- Eu posso dirigi-lo. E você?

- Sempre. - lançou-me outra desses sorrisos e desceu do bar os copos, enchendo os de maneira rápida e vistosa.

A meu lado, Dani se asfixiava, cuspia, respirava sibilante e começava a tossir descontroladamente. Quando dei uns tapinhas nas costas, ela se apartou e cravou seu olhar.

- O que quer fazer? Matar-me? - chiou, quando pôde falar. - Isto é gasolina! Quem quer beber isto?

Eu ri.

- Terminara desenvolvendo um gosto por ela.

- Acredito que “*esta*” já tem todos os gostos que necessita! - disse agarrando um punhado de cerejas do bar, enchendo-a boca com elas e saltou de seu tamborete. - As pessoas maiores são estranhas - disse baixinho.

- Onde acredita que vai?

- A jogar uma olhada por aqui.



Eu não gostava da ideia e disse.

- Vamos, Mac, sou super-rápida e superforte. Ninguém pode me tocar. Sou eu a que deveria estar preocupada com suas possibilidades, tartaruga.

Posto assim, ela tinha razão.

- Vou sair para respirar, Mac.

Saltava com inquietação de um pé ao outro e seu olhar me informou que ela estava a ponto de fazê-lo, tanto se lhe dizia sim como se lhe dizia não. Tive uma súbita compreensão pela Rowena, coisa que não desejava: Como se concentra a mãe de uma menina que é mais rápida que você, mais forte que você e, muito possivelmente, mais inteligente?

- Não vá longe e não por muito tempo, Trato?

- Trato.

- E tome cuidado! - o vento frisava seu cabelo. Ela já se foi.

- Quem é? - O moço de olhos sonhadores estava de volta. Um copo se chocou no balcão de cromo. Bebi isso, fiz uma careta. O fogo explodiu em meu estômago. Com voz entrecortada disse

- Uma amiga.

- Me alegro disso em tempos como estes.

- Como encontrou este lugar?

- Igual a você, imagino.

- Duvido-o.

- Encontrou Christian?

Referia-se ao dia em que lhe tinha chamado ao Departamento uma dúzia de vezes, procurando o escocês. Tinha estado muito preocupada porque Barrons tinha usado a Voz comigo para que lhe revelasse que os McKeltars lhe estavam espiando e tive medo de que Barrons caçasse ao Christian e lhe fizesse mal.

- Sim. - Não vi nenhum ponto em lhe dizer que o tinha perdido de novo, possivelmente de maneira permanente.

- Viu-lhe ultimamente?

- Não. E você?

- Não. Eu gostaria.

- Por quê? - suspeitando.

- É bom ter amigos em tempos como estes.

- Que esperas deste lugar? ? - por que estava aqui? Outro menino bonito na busca da imortalidade?

- A vida e a morte, formosa. Foi assim desde o começo e será assim até o final.

- Qual é seu veneno? Quer viver para sempre também?

- Quero um pouco de paz e tranquilidade. Uma garota formosa. - riu. - Um bom livro.

- O homem detrás de meu próprio coração. Eu adoro um bom livro também.

No espelho de cima do bar, algo me chama a atenção. Tencionei-me. Em uma cabine detrás de mim, Uma Mulher-Cinza (*N.deT: Gray-woman, como o Gray-Man dos livros anteriores*)

Estava de mão com um musculoso garçom, que antes tinham estado paquerando com a coisa com bocas. Pude ver tanto o que realmente era e como o que parecia ser. Para ele, era uma Princesa Fae, inumanamente formosa, sua mente nublada de sexualidade, olhando-o com adoração.

Só pude ver a abertura, gotejando, lesando-o enquanto lhe acariciava, com a que chupava sua vida, cheia de dentes podres, seus olhos enganosos, pele fina de pergaminho de cor cinza.

Ela estava fazendo seu trabalho por debaixo dele. Ele não ia durar nenhuma hora. Minha



mão se dirigiu a o coldre do ombro por debaixo de meu casaco.

- Tome cuidado, formosa - disse em voz baixa o menino dos olhos sonhadores.

Separei meu olhar do espelho e lhe olhei. Estava olhando meu casaco, me vendo mover a mão debaixo dele. Ele não podia saber o que estava procurando.

- Do que está falando? Olhava detrás de mim.

- Estão aqui e... bom, agora vais entender .

Grandes mãos sobre meus ombros. Havia dois homens detrás de mim. Pude senti-los. Grandes, elétricos, homens poderosos.

- Tira essa coisa - grunhiu um - Vamos tirar isso e nunca lhe devolveremos. Primeira regra da casa: este é um terreno neutro. Segunda regra da casa: se romper a regra, morre.

- Tira suas mãos de mim - espetei-lhe.

- Temos à garota. Quer vê-la outra vez? Se levante! Meus olhos se entreabriram. Como tinham chegado a Dani?

- Não há nenhuma maneira que...

- Somos mais rápidos.

- Como Barrons? Não houve resposta.

Bom, tinha encontrados "aos oito", ou, pelo menos, a dois deles. E tinham Dani. Suspirando, levantei-me e olhei para a Mulher-Cinza no espelho, mas não se deu conta, muito ocupada servindo-se a si mesmo um prato de garçom musculoso. Meu sangue fervia. Já não era nem remotamente bonito. Barrons me havia dito que o Homem-Cinza rara vez tomavam tanto que suas vítimas morriam. Ao parecer, a Mulher-Cinza tinha grandes apetites. Revisei minha estimativa: tinha outros dez minutos, como máximo.

O moço dos olhos de sonho se refletiu no espelho debaixo deles. Fiquei olhando. Não parecia o mesmo no espelho. Ele estava... impreciso nos borde e ... isso era mau, muito mau. Estremeci-me, golpeada por um estremecimento gelado da alma. Tratei de fixar seu reflexo. Quanto mais me esforçava, mais impreciso se tornava. A forma confusa se esclareceu e me lançou um olhar penetrante.

- Não fale com isso, formosa. Não fale nunca com isso. Eu olhava boquiaberta.

- Isso quer dizer a Mulher-Cinza?

- Isso - Cuspiu a palavra com tal repugnância que me estremeci.

Olhei no espelho, logo o real, não o reflexo e de repente pude respirar de novo. Ele era um moço. Um formoso menino de olhos sonhadores. Não algo do que eu queria sair correndo.

- O que é o que há dito? Olhou-me sem compreender.

- Eu não hei dito nada.

- Agora - o homem detrás de mim grunhiu com impaciência. - Mova-se!

Acompanharam-me até uma escada larga de cromo, até o último andar do Chester. Detrás de uma balaustrada de cromo, paredes de vidro escuro, forravam toda a circunferência da planta superior, suave, sem portas nem cabos.

Joguei uma olhada a um de minhas escoltas ao outro. Não tinham pronunciado uma palavra desde que fecharam suas mãos ao redor de meus braços e encaminharam através da multidão. Tampouco o fazia eu. Mas pude sentir do que pareciam: de violência desatada. Ambos pareciam ter uns trinta anos, muito musculosos. O homem a minha esquerda tinha as mãos com cicatrizes. Eram homens maciços. Havia algo em seus olhos que me fez decidir manter minha boca fechada até que tivesse uma melhor compreensão de minha situação, era a mais prudente das ações.

Olhei para baixo à medida que subia as escadas. O garçom estava no chão, morto.



A Mulher-Cinza já estava procurando um brinquedo novo. Minhas mãos se fecharam em punhos. Caminhamos ao longo da parede de vidro escuro, até uma marca de rasgos indefiníveis na superfície que indicava uma porta, porque o homem a minha direita colocou sua mão sobre o vidro. Um painel se deslizou a um lado, revelando uma grande sala construída inteiramente de vidro, encurralada pelas vigas de metal. Podia ver tudo o que acontecia fora dela. O perímetro do teto estava recoberto com pequenos abajures e inumeráveis câmaras de segurança. Ali estavam as vísceras do clube. Não passava nada em qualquer lugar do Chester que não se visse aqui.

- Trouxemo-la como você disse, Ry.

Empurraram-me dentro. O painel se fechou detrás de mim com um assobio suave. A habitação estava escura, mas resplandecia pelos painéis LCD. Dava um passo para recuperar o equilíbrio. Por um momento pensei que estava caindo, mas era uma ilusão criada pelo chão, que também era de duplo vidro. Estava tão fracamente iluminada a sala que quão único via eram linhas: um escritório, umas cadeiras, uma mesa e um homem de pé na sala, de costas a mim. Tudo debaixo da sala, entretanto, era claramente visível. Fez-me sentir como se cada passo fosse um salto de fé.

- Casas de vidro, né, Ryodan?

A primeira vez que tinha chamado IYCGM em meu telefone celular, Ryodan me tinha repreendido, disse-me que a gente que vivia em casas de cristal não deveria jogar pedras, o que implica que minhas metas não eram mais elevadas que as do Barrons. Agora, aqui, de pé, contemplava seu mundo do interior de uma. Considerava suas próprias metas tão antigas? Entrecebrei os olhos. Não havia outra habitação além desta em que estávamos quase às escuras. Escondia-se em sombras, olhava fixamente.

Depois de um momento, disse, sem voltar-se

- por que veio Mac?
- Os seres humanos por que alimenta aos Unseelie?
- Não há coação em meu clube. Só desejo. Mútuo.
- Não entende o que estão fazendo.
- Não é meu problema.
- Estão morrendo. Alguém tem que despertá-los à realidade.
- Estão apaixonados pela morte.
- Estão equivocados, confundidos.
- Não é meu problema.
- Poderia fazer algo a respeito!

- Devo? - disse. - Parece-lhe essa dali uma multidão amistosa para você? Treme no bordo de outro motim, entretanto, você quer jogar a assessora moral. Os homens crucificaram por menos. Não faz falta ver as ruínas de um trem para saber quando as vias estão bloqueadas e os freios falharam. Todos estes são restos de trem, Mac. Só uma coisa tem meu interesse agora. Potencial. Barrons pensa que você tem.

Seu tom o deixou claro.

- Mas você não - disse rotundamente.
- Você me preocupa.

- Você me preocupa também. - Dei uns passos mais na habitação. Queria ter uma melhor visão dele. Queria saber o que estava vendo. Como Barrons e minhas escoltas, Ryodan era alto, bem construído. Perguntava-me se era um requisito para ser o que eram: os fracos não estavam permitidos. Vestia calça escura e uma camisa branca impecável, mangas enroladas em seus fortes e musculosos antebraços. Um bracelete de prata, idêntico ao do Barrons, brilhou em seu pulso.



- Todo mundo parece pensar que é a solução, não? - disse. Encolhi de ombros.

- Não todo mundo. Rowena não o fazia.

- Pensou que poderia ser o problema?

- O que quer dizer?

- Por que acredita que segue tendo tantos encontros com o Livro, quando todos outros que o estão procurando alguma vez podem fazer-se nenhuma idéia de onde está ele? Inclusive Darroc, seu ilustre amo, não pode aproximar-se dele. Esteve tomando seus próprios Unseelie, mastigando-os e cuspidos-os por cima de seu ombro. Mas ninguém que realmente o deseje pode encontrá-lo. Exceto você.

- Sou um detector do OOP's - recordei-lhe. - Eu sou quão única pode senti-lo. Isso é suficiente potencial para você?

- Em efeito. Mas potencial para que? pensaste que possivelmente não seja você a que está sempre procurando o Livro, mas sim ele encontra a você?

- O que está dizendo?

- O que te parece que o Livro quer, Mac?

- Como vou saber? Morte. Destruição. Caos. Igual ao resto dos Unseelie.

- O que quereria você se fosse o Livro?

- Eu sou diferente e isso é fácil. Eu gostaria de não ser o Livro.

- Talvez não seja tão diferente. Talvez queira também não ser um livro.

- Tem outras formas. É a Besta, também.

- Fez a Besta mal a alguém? Não acredita que não o faria se pudesse? Não é sua natureza? Estudei suas costas, refleti sobre suas palavras.

- Está dizendo que a Besta é só glamour. Que, como qualquer Fae, cria uma ilusão.

- O que acontece sua verdadeira forma é só um livro? Um que não pode caminhar, nem pensar, nem mover-se, nem fazer nada por sua própria conta?

- Está me dizendo que acredita que se leva às pessoas só para ter um corpo? Olhou às telas do LCD sobre sua cabeça.

- Não sei o que penso. Considero tudo. Se alguém olha o tempo suficiente, vê o que quer ver. Os Unseelie têm fome, prisioneiros esfomeados, por que o Rei Unseelie lhes deu uma existência vazia. E se o Livro se fez depois corpóreo? Uma forma móvel que lhe desse autonomia? Um corpo que pode manter e controlar? Uma vida própria?

- Então, por que teria que matar as pessoas se necessitar?

- Talvez não o faça. Talvez, são como escravos que se rompem. Ou talvez uma parte deles se acerte para recuperar o controle por uns momentos e deter o que o livro está fazendo da única maneira que podem. Ou talvez esteja ganhando tempo, esperando o momento certo. Talvez tenha a capacidade dos Fae prognosticando possibilidades, configurando os acontecimentos para obter certos fins. Falou o Livro contigo?

- Sim.

- Barrons disse te chamou por seu nome.

Eu nunca tinha contado isso. Devia me haver ouvido falar essa noite. Eu acreditei que só tinha falado em minha cabeça.

- E o que? Não sei como sabia meu nome. - se gostava do jogo dos "talvez", eu podia jogá-lo também. - Talvez saiba ele o de todo mundo. Não sei o que quer dizer, mas o Livro me repugna. Logo que posso me aproximar dele. Sou muito boa e ele é muito mau.

- Seguro - não poderia havê-lo dito com mais segura.

- O que quer dizer esse "seguro"? - disse à defensiva.



- Bem e mau som só duas cara de uma mesma moeda, Mac. Se essa moeda permanecer no ar o suficiente, é fácil que caia pela cara equivocada. Talvez o Livro sabe algo de você que te faz diferente. Que faz que te queira. Faz-lhe pensar que se fizesse uma tiragem, você seria a cara mais valiosa entre qualquer das demais.

O que estava dizendo não tinha sentido. E isso me tirava de gonzo.

- Como o que? E se esse fosse o caso, então por que não me tomou já? Teve muitas oportunidades.

- Darroc esperou seu momento, procurando o momento perfeito. Talvez ainda não esteja preparada para a mudança. As raças de vida eterna têm paciência eterna. Se viver o tempo suficiente, pode sentir que te divertir hoje, é que hoje é bom. Todo o sentido do bem ou do mal, a moral, em todo seu valor, podem deixar de existir.

Com a exceção dos dois compartimentos nos que apóia tudo: o estancamento e a mudança, a atitude clássica dos Fae. É obvio, a imortalidade faria isso.

- Assim acredita que o Livro se diverte, à espera do momento adequado para saltar? Acordada. Nunca vai ser um momento adequado para saltar sobre mim.

- A soberba, assim como a ira, freqüentemente, é um defeito fatal.

- Darroc me perdeu. Não conseguiu o que queria. Ainda estou de pé. E ainda estou lutando. E nunca trocarei de cara - disse com frieza.

- Segue de pé devido a alguém, Mac. - assentiu com a cabeça à sala que estava olhando. - Não se esqueça. Nunca tinha visto nada como ela e vi muito.

Mudei a seu lado, aparecendo na habitação. De perto, pude distinguir as formas. Dani estava em meio de quatro homens, girando sem cessar, espada em alto, grunhindo.

- Se lhe fizer mal, Mato você - eu disse. Não me importava que fosse trinta centímetros mais alto que eu e duas vezes meu peso.

- Digo o mesmo.

De repente, Dani entrou em hipervelocidade, então todos desapareceram e logo apareceu de novo Dani, rodeada por quatro homens.

- Ela não deixou de tentar sair desde que a trouxe aqui. Perguntou-me quanto tempo poderia sobreviver.

Não muito tempo sem comer, mas eu não ia dizer a ele Olhou-me.

Voltou o rosto para mim, olhou para baixo. Formoso, frio homem. Seus olhos eram os mais claros que tinha visto. Este era um homem que não sofria nenhum conflito consigo mesmo. Ele não tinha problemas para ser o que era. Olhamos um ao outro.

- O negro te senta bem - murmurou. - Barrons te viu assim?

"*Paciência eterna*" murmurei pelo baixo. Afrouxou a gravata e sob o pescoço de sua camisa branca, havia uma meada de cicatrizes, com uma longa e má, do lado esquerdo do ombro a orelha. Eu não precisava ser uma enfermeira para saber que se curou de uma ferida, faz muito tempo, que teria matado à maioria dos homens. Quanto tempo atrás?

- Diverte-se hoje, Ryodan?

Seus lábios se curvaram. Voltou a olhar a Dani e, depois de um momento, assentiu.

- Assim é. Mais que do que o hei feito nos últimos... anos.

- Só tem treze anos.

- O tempo remediará.

- Preocupa-me, Ryodan.

- Reflete. Vou dar um pequeno conselho, Mac. A vida é um oceano, cheio de ondas. Todas são perigosas. Todas podem afogar. Nas circunstâncias adequadas, inclusive o mais suave fluxo



pode tornar-se uma marejada. Saltar sobre as ondas é para um guerreiro de fim de semana. Escolha uma onda, cavalgue sobre ela. Isso aumentará suas probabilidades de sobrevivência. - olhou a Dani por um momento e logo disse - Essas são as regras de minha casa.

- Seus amigos já me disseram as duas primeiras. Primeira: terreno neutro. Segunda: romper a primeira é mortal.

- Não se matam Fae dentro de meu clube. Entre as paredes que estão sob meu amparo.

- Acabo de ver um de seus protegidos Fae matar a um humano.

- Se forem o suficientemente estúpidos para estar aqui, são o suficientemente estúpidos para morrer.

- Isso significa que pode matar também a seres humanos? - disse com doçura. Havia dois em particular que acabavam de captar minha atenção. Derek O'Bannion, o irmão mais novo do mafioso irlandês que tinha morrido depois de que lhe roubasse a Lança do Destino, mão direita atual do Lorde Master, e que estava cruzando a pista de baile sob meus pés. Acompanhava-lhe Fiona, a mulher que dirigia a livraria do Barrons, até que ela tratou de me matar, e que logo Barrons tinha despedido.

Agora só faltava muito mesmo lorde Master e uns poucos príncipes Unseelie, e todos meus inimigos estariam no mesmo lugar.

- Há normas especiais para você, Mac. Não pode matar nada nem ninguém em meu clube, Fae ou humano. Sua luta será fora destas paredes. E se a crença do Barrons em seu potencial é infundada, não poderá esconder-se em nenhum lugar. Cada um de nós irá atrás de você.

Não dignifiquei sua ameaça com uma resposta.

Golpeou ligeiramente o cristal e fez um gesto com a mão esquerda. Três dos homens desapareceram. Dani se apagou. Então, de repente, ali estava ela de novo, e um dos homens assinalava com sua espada sua garganta.

- Se alguma vez voltarem para meu clube de novo, tomaremos suas armas e nunca as devolveremos. Está claro?

- Como o chão que piso.

Capítulo 17

Sentia-me como a Rainha da Oposição, hostilidade e tensão em todas as partes aonde ia.

Sempre me aventurando, mas nunca ganhando.

Ontem à noite me dava conta de que não era a única com problemas de confiança. Nenhum dos jogadores de Dublin confiava em ninguém. Eu tinha cometido o engano de supor, desde que Barrons tinha elegido Ryodan para ser meu guarda-costas, que quando fosse ver lhe apoiaria isso.

Não só não o fez, mas também tinha duvidado de meus motivos a seu nível mais profundo, havia questionando meu caráter fundamental. Ele me havia assinalado como o Livro poderia ser depois de mim, tinha-o desenhado como um parente. Eu estava tão longe do mal, como o Pólo Norte estava do Pólo Sul.

- Atirando pedras, em meu traseiro - murmurei.

Ali tinha estado, de pé em sua casa de cristal, deixando que os Unseelie se alimentassem dos seres humanos e acusava, a mim, de ter problemas morais.



Eu estava em um estado horrível. Dani e eu tínhamos tido que retornar, quase furtivamente, a nossa casa depois de ser expulsas de Chester por quatro dos *homens* do Ryodan.

Os olhos de Dani estavam febrilmente brilhantes e tinha estado cuspindo fúria, mas, sob o fronte de bravatas, estava pálida e assustada. Entendi. Justo quando pensava que por fim se converteu em um poder medianamente decente no tabuleiro, trocando seu peão por uma torre ou um cavalo, um rei ou uma rainha vinham a lhe recordar quão inútil foi.

Isso me punha malditamente doente.

Estava desvelada no sofá, dormir na cama de um estranho me tinha parecido raro, assim revolvi-me até quase o amanhecer. Logo dormi como uma morta durante umas horas e despertei ao sentir que o ar alvoroçava meu cabelo seguindo o ritmo de Dani: zing-zing, zing-zing.

Baixei as pernas da beira do sofá e me sentei, olhando desfocada. Apesar de que estar na abadia tinha sido mau para Dani, em muitos sentidos, Rowena e as outras mulheres tinham mantido a adolescente superdotada, ocupada constantemente. Tinha muita energia, muita angústia por havê-la deixado a sua sorte durante muito tempo.

Quando lhe propus ir espiar à abadia, para saber quando Rowena tinha previsto enviar as garotas a explorar em Dublin, mostrou-se aliviada com a perspectiva de algo que fazer.

- Ninguém saberá sequer que estou ali - prometeu, agarrando sua espada e o escudo e jogando sua mochila sobre um ombro. - Quando quer que volte?

- Só te assegure de que seja antes que escureça.

Quando se foi, contemplei a chaminé de mau humor. A casa que tínhamos ocupado ilegalmente, assim como o resto de Dublin, à exceção do Chester que supus estava alimentado por uma dotação completa de geradores subterrâneos, não tinha eletricidade ou gás. Não só era escura, estava congelada. E, é obvio, estava chovendo fora. Atirei do edredom que tinha roubado da habitação, para pô-lo mais comodamente ao redor de meus ombros e me sentei, tocando castanholas os dentes. Eu teria dado um olho do rosto por uma xícara de café. Onde estava V'lane quando mais o necessitava? Vi uma pilha de troncos e tratei de decidir onde o proprietário anterior poderia ter guardado as partes partidas.

Ouvi que a porta da cozinha se abria.

- Que se esqueceu Dani? - Chamei.

Uma silhueta apareceu na porta entre a cozinha e sala de estar.

- Tinha começado a pensar que a menina nunca iria - disse uma voz profunda e musical.

Eu não tenho a hipervelocidade de Dani, mas consegui algo próximo a ela. Em um momento, estava sentada no sofá sentindo lástima por mim mesma e ao seguinte tinha as costas pega contra a parede do fundo, agarrando a lança.

Nesse momento, enfrentei a uma dura realidade: poderia odiar profundamente, um ódio que, inclusive, poderia ser o mais forte que eu houvesse sentido nunca, mas ainda não estava o suficientemente forte.

Ainda precisava aliados.

Ainda necessitava a tatuagem de Barrons e ainda necessitava o nome de V'lane em minha língua, apesar de que não era totalmente confiável. Necessitava ao Jayne e a seus homens, e necessitava as *sidhe-seer*. E odiava ter que necessitar de alguém.

- Trouxe-te café, MacKayla - disse lorde Master, entrando na sala. - Ouvi que você gosta de forte e doce, com um montão de nata.

- Onde ouviu isso? - Eu estava tremendo. Mordi-me a língua o suficiente para extrair sangue, me centrando na dor e deixei de tremer.



- Alina. Falou a respeito de você, muito. Mas fingiu que foi sua amiga, não sua irmã. Escondeu-se de mim. Pensa nisso quando te lembra dela. Por que ocultou sua existência? Porque ela sentiu, desde o começo, que algo sobre mim não era de confiar? Mas ela me escolheu de todos os modos. Queria-me de todas as formas.

- Não quero. Você está mentindo. Você deve ter encontrado seu diário e lê-lo.

- E ela escreveu em seu diário como você tomava o café? Raciocina um pouquinho, MacKayla.

- Você fez uma conjectura afortunada. Fora de minha casa!

Olhei minha pistola, que jazia no chão, junto ao sofá. Deveria havê-la tido na mão, mas sua voz me tinha enviado voando do sofá, toda instinto e nada intelecto. A única razão pela que tinha a lança era porque tinha estado em meu colo enquanto voava. Embora o Lorde Master tivesse sido Fae, a Rainha Seelie lhe tinha castigado convertendo-o em mortal. Agora era meramente um humano, dirigindo aos Unseelie. Poderia matá-lo com uma arma? Estava mais que disposta a tentar. Duvidava que me deixasse me aproximar o suficiente com a lança. Surpreendeu-me que tivesse chegado tão perto sem um Fae peneirando junto a ele.

- Sente-se e bebe seu café. E ponha a lança longe.

Olhou à chaminé, murmurou algumas palavras e as chamas saltaram levando o frio.

- Como fez isso? Você não é Fae.

Os Fae não são os únicos jogadores na cidade. Seu ilustre benfeitor me ensinou bem.

- V'lane? - disse.

- Não.

Algo dentro de mim ficou muito quieto.

- Barrons?

- Ele me ensinou muitas coisas. Incluída a Voz. "*ajoelhe-se*"

- Me beije o traseiro.

- Disse "*de joelhos, ante mim, agora*".

Tomei fôlego. Capas e capas de vozes ressonavam na sala, me empurrando, tratando de invadir minha mente, fazê-la sua. Era uma Voz tão forte como a que Barrons tinha utilizado em mim.

Sorri. Era uma moléstia, nada mais. Parecia que tinha encontrado esse lugar dentro de mim ao que me tinha enviado Barrons onde tinha a força para resistir a Voz. Lástima que ainda não entendesse o que era. Não tinha nem idéia de como usar a Voz, mas já não tinha efeito sobre mim. Era livre. Era outra das coisas que tinha mudado em mim. Uma mais poderosa.

- Não - disse. Dava um passo para o sofá e para minha pistola.

- Olhe pela janela - Foi uma advertência. - Toca a arma e eles a peneirão. Olhei e gemi.

- Dani.

- Ela é quase tão impressionante como você. Se pudesse sentir o livro, eu não te necessitaria. Mas ela não pode, e você e eu vamos chegar a um acordo, de uma maneira ou outra. Sente-se, embainha a lança, se esqueça de uma coisa tão estúpido como disparar e escuta.

Nunca tivesse obedecido, mas além da janela, nesse dia frio e chuvoso, dois Príncipes Unseelie mantinham Dani entre eles.



Por suas bochechas estava correndo sangue e estava tremendo violentamente. Ela não tinha frio. Nem sequer estava se molhando. Supus que aos APODRECIDOS não gostavam de molhar-se. Estava tremendo de calor. Desejo. Do tipo destrutivo.

Sua espada brilhava como o alabastro, esquecida em um atoleiro de barro na grama. Eu sabia que não podia havê-la tocado. De algum jeito, haviam-lhe feito atirá-la, igual ao LM fazia comigo.

Estava começando a pensar seriamente que sempre me tocava o palito curto no sorteio. É o que acontecia com todas as sidhe-seer. Como de boas fomas com tantas limitações? Seguíamos recebendo empurrões a nosso redor.

Empurrei uma cadeira diante da janela para poder manter uma vigilância constante sobre ela. Não tinha idéia do que faria se os Príncipes não se freavam como o estavam fazendo agora, mas eu gostaria de fazer algo. Estavam estáticos, vestidos. Melhor que ficassem assim. Eu estava procurando os dois Príncipes que haviam me virado do reverso. Muito perto de ter tomado minha alma.

Um dia lhes mataria, embora fosse a última coisa que fizesse. Mas era o suficientemente sábia para que o dia de hoje não fosse esse dia.

- Fale - disse firmemente.

Ele o fez. Bebi meu café, irritantemente bom, enquanto que lorde Master me contava uma história a respeito de ser expulso do Reino por desafiar à rainha, por tentar devolver sua raça à antiga maneira, quando os Fae tinham sido adorados como os deuses que foram, em lugar de viver como ovelhas ao lado dos insignificantes mortais.

Ele me disse como lhe tinha despojado de sua essência Fae e transformado em mortal, como tinha se encontrado sozinho em nosso mundo, humano e frágil. Tinha sido jogado nu, sem armas e sem dinheiro humano no centro de Manhattan, em uma estação de metro. Logo que tinha sobrevivido aos primeiros minutos, tinha sido atacado por um grupo de bandidos, seres humanos cruéis que levavam couro e correias, cabeças rapadas e soco inglês.

Ele me disse que por um tempo que tinha estado alienado, horrorizado por um corpo que sentia dor, que precisa comer, beber e fazer deposições, que tinha descoberto aos germes e aterrorizou-se mortalmente depois de tantas centenas de milhares de anos sem, nem sequer, ser capaz de compreendê-lo. Que tinha vagado, sem lugar para descansar, sem dinheiro ou com a capacidade de cuidar sua forma finita, débil, que necessita tantas coisas e que lhe causava tanta miséria. Ele, um Deus, reduzido a mexer no lixo humano em busca de sustento que mantivesse seu corpo vivo. Tinha matado para conseguir roupa, tinha mendigado como um animal. Tinha estudado seu novo entorno, decidido a encontrar uma melhor maneira de sobreviver, e o que é mais, convencido de que podia fazer muito mais que meramente sobreviver.

Queria vingança.

- Verá - disse - você e eu não somos tão diferentes não? Vamos detrás da mesma coisa. Mas você, entretanto, está equivocada.

- E você não? - soprei - Parto. Pôs-se a rir.

- Perspectiva, MacKayla. A sua está enviesada.

Pouco a pouco, disse-me, abriu-se passo do fundo.

Quando por fim tinha aprendido a satisfazer suas necessidades básicas, fez um descobrimento surpreendente: sua nova forma sentia mais que meras necessidades. O aborrecimento e a falta de paixão da imortalidade começaram a desvanecer-se. O medo à morte inesperada despertou certas facetas de sua natureza. A emoção despertava nele sensações que nunca tinha tido, nem podido ter, como Fae. A loucura foi substituída, durante um tempo, por



pura luxúria, mas finalmente sua cabeça limpou. Com sua existência sob controle, começou a procurar o poder no plano humano, seguindo um plano.

O conhecimento Fae e centenas de milhares de anos dos atuais lhe tinha dado uma clara vantagem. Sabia onde procurar as coisas que queria e como as usar quando as encontrava.

Tinha descoberto dois dos Espelhos Chapeados em uma casa de leilões em Londres, correu o risco da terrível maldição de Cruzamento e encontrou seu caminho para os Unseelie, onde tinha feito um pacto com os mercenários Caçadores, para que lhe ajudassem a recuperar o que lhe correspondia e tinha-lhe sido injustamente tirado: sua natureza Fae essencial.

Treinou-se com um bruxo em Londres, a quem lhe roubou preciosos exemplares de páginas arrancadas do Sinsar-Dubh, que tinha transpassado a seguir a Barrons, em troca de um curso intensivo nas artes Druidas no que tinha se sobressaído Darroc, dotado como Fae com o intelecto e a compreensão do cosmos.

- por que não se limitou Barrons a agarrar suas páginas?

- Por um tempo, levamos caminhos paralelos em nossos planos. Ele não mata a ninguém que pense que poderá lhe ser útil no futuro.

Mercenário até a medula. Soava como o homem que conhecia.

- O que é?

- Considere as possibilidades do que não é. Ele não estava me dando caça pelo que fiz a você. Não basta isso, MacKayla? Você é uma ferramenta para ele. A ferramenta funciona de novo. Está satisfeito.

- Como puderam ser arrancadas as páginas do Sinsar-Dubh? - troquei de tema rapidamente. Se fizesse caso omissa da faca que me tinha atravessado o coração, talvez se fosse.

Deu de ombros. Não tinha nem idéia. Tinham completo seu propósito. Agora necessitava a coisa real. Havia seguido conseguindo poder ali onde se encontrasse. Os caçadores lhe ensinaram a comer menos Unseelie, para proteger sua frágil existência mortal.

- Por que lhe ajudar eles?

- Eu lhes prometi a liberdade. E daí foi. - Era um herói entre os Unseelie, disse-me e logo os Seelie o reconheceriam também como tal. Sim, tinha desobedecido a sua rainha. Mas havia muitos outros que nunca tinham sido tão duramente castigados. O delito que tinha cometido merecia uma sentença de morte? Havia outros Seelie que sentiam como ele, que queriam voltar para as velhas maneiras. Seu único delito tinha sido tratar de obter o que muitos deles em segredo desejavam. Teria que ter sido recompensado por defender a seus irmãos. Inclusive a gente opôs a um castigo tão horrível, pois a vida humana, *tão curta como a piscada de um olho*, era tão comicamente curta que carecia de valor. Tinha perdido a eternidade, por romper uma única regra. Queria voltar. Era isso tão mau?

Fiz um gesto com a mão quando se deteve.

- Não vi isso antes - disse.

- É um toca-discos em miniatura; está soando "*My Heart Bleeds for You*" (N.deT: *Meu coração sangra por ti*). E a mim que me importa? Você me fez Pri-já - Entrecebrei os olhos, lhe estudando.

Teria sido o quarto? Haveria me tocado este monstro?

- *Você se fez Pri-já*. Eu te dava outras opções. Rechaçou-as.

- Acredita realmente que os Unseelie continuarão te obedecendo agora que já não estão encarcerados?

- Eu lhes liberei. Eu sou seu rei agora.

- Então, o que impediria que um deles te matasse, e depois tomasse o Livro para si mesmo?



- Estão muito bêbados de liberdade para ver mais à frente do momento. Estão de festa. Fodem. Não acredito.

- Nunca se sabe. Um deles poderia sair dela. Os governantes foram derrocados em todos os tempos. Olhe o que está tratando de fazer com sua rainha.

- Tenho o Amuleto de Cruzamento. Eles o temem.

- Quanto tempo espera você que isto dure? Já não é Fae.

- Serei de novo, logo que possa obter o Livro.

- Caso que um deles não o primeiro mate. Ele fez um gesto desdenhoso.

- Os Unseelie não desejam pronunciar-se. Depois de uma eternidade no inferno, só desejam ser livres para satisfazer seus apetites. - Seu rosto ficou duro e frio como o mármore. - Mas não vou explicar minha carreira a um simples humano.

Nesse momento pude ver claramente o gélido Fae imperioso que uma vez tinha sido e, que seria outra vez, se lhe dava a oportunidade. Afirmava ter trocado por sua experiência com a mortalidade. Se for certo que tinha feito, e tinha um montão de dúvidas a esse respeito, poderia muito facilmente trocar de novo, rapidamente.

- Está sendo muito simples agora mesmo, amigo. Canibalizou a sua própria raça. Ouvi que o tribunal Seelie tem um especial e horrível castigo para isso.

- Então, mais os vale não saber de você, MacKayla - disse com frieza.

Olhamo-nos mutuamente um comprido momento, logo ondeou seu comprido cabelo e esboçou um sorriso pretendendo ser encantador. Em outro tempo e lugar, se não tivesse conhecido e soubesse o que era, provavelmente teria funcionado. Era um formoso, culto e poderoso homem e a cicatriz em seu rosto o fazia ainda mais interessante. Alina imaginei, o teria achado realmente fascinante quando se conheceram. Não havia nada nem remotamente parecido a ele em Ashford, Geórgia.

Como se de algum jeito tivesse recolhido meus pensamentos sobre ela, disse:

- Vim a Dublin, porque me inteirei de que o Sinsar-Dubh tinha sido visto na cidade. Foi então quando conheci sua irmã.

Caí totalmente. Queria ouvir falar da Alina, inclusive, a ele. Morria de fome por conhecer os últimos dias de minha irmã.

- Como se conheceram?

Tinha entrado em um pub onde estava sentada com os amigos. Olhou para cima e sentiu como se todos os outros no bar tivessem desaparecido, deixando-os só a ele e a ela. Mais tarde havia dito a ela que sentia a mesma coisa.

Tinham passado a tarde juntos. E a noite. E a seguinte e a seguinte. Tinham sido inseparáveis. Descobriu que não era como outros seres humanos, que também enfrentava a um novo ser que não entendia e que não tinha nem idéia de como dirigir. Eles aprenderam juntos. Tinha encontrado um aliado em sua busca do Livro, em sua busca para restaurar sua natureza Fae. Tinham sido condenados por outros.

- Mentiu-lhe. Você pretendeu ser um sidhe-seer - acusei. - Não o teria ajudado nunca do contrário.

- Isso é o que você diz. Eu acredito que ela teria feito. Mas estava assustada e eu não queria correr riscos. Fez-me sentir coisas que não entendia. Fez-me sentir as coisas que ela tinha desejado toda sua vida. Liberei-a. No trajeto ela ria. - Fez uma pausa e um sorriso leve curvou sua boca. - Quando ria, a gente se voltava a olhá-la. Ela era... os seres humanos têm uma palavra... Alegria. Sua irmã a conhecia.

Odiava-o por ter escutado sua risada, por saber que ela era a alegria, pelos séculos em que



havia tocado, este monstro que tinha me violado em corpo e alma, e meus olhos deveram lhe queimar, porque seu sorriso desapareceu.

- Você disse a verdade. Eu não a matei, o que significa que alguém que continua caminhando por aí fez. Está tão segura de que eu sou o vilão. E se seu verdadeiro vilão está mais próximo a você do que parece?

- Vou de novo ao x da questão: Você me fez Pri-já. - Cuspi, lançando a seguir - Houve quatro Príncipes Unseelie comigo.

-Três.

Eu fiquei olhando. Sabia que tinha sido quatro.

- Você foi o quarto?

- Isso não teria servido para nada. Não sou Fae neste momento.

- Então, quem foi o quarto? - minhas mãos se fecharam em punhos em meu colo. Ser violada era bastante mau. Ser violada e não saber se seu quarto violador era alguém que conhecia era ainda pior.

- Não há quarto.

- Não acredito nenhuma palavra do que diz.

- O quarto Príncipe Unseelie foi assassinado centenas de milhares de anos atrás, na batalha entre a rainha e o rei. Essa menina (lançou-lhe um olhar pela janela) matou a outro quando tratava de te recuperar na abadia.

Uma lembrança de meu estado quase inconsciente surgiu claramente: Situada no frio chão de pedra, acreditando que a salvação estava perto. Um guerreiro de cabelo da cor das chamas. Uma espada. Lembrei-me. Era uma lembrança vergonhosa. Eu queria matar a Dani por matar a meu mestre.

E ainda estava zangada com a Dani por matar ao príncipe, mas, por uma razão completamente diferente: Eu queria ser a que matasse a esses bastardos.

- Os Príncipes querem vingança. Querem que lhes deixe tê-la. Eu sou quem mando.

Fiquei olhando-o, não pela ameaça, a não ser, ainda, tratando de digerir que não havia nenhum quarto príncipe. Como não tinha sabido o LM que o quarto estava ali? Houve um quarto ou eu tinha imaginado isso?

- Que tentou Barrons fazer de você, MacKayla? E V'lane? Uma ferramenta para seus propósitos. Não são diferentes de mim. Meus métodos foram, simplesmente, mais diretos. E mais diretamente eficazes. Todo mundo está tratando de usá-la. - olhou pela janela. - Se não fosse por sua intervenção, eu teria tido êxito. Eu teria agora o Sinsar-Dubh e estaria de volta ao Reino.

- Deixando nosso mundo em um completo desastre.

- O que acredita que Barrons faria? Ou V'lane?

- Pelo menos tratar de pôr os muros de novo acima.

- Está tão segura?

- Está tratando de me fazer duvidar de todo mundo.

- Se obtiver o Sinsar-Dubh para mim, MacKayla, vou reclamar aos Unseelie e restabelecer a ordem em seu mundo.

Nenhuma palavra a respeito da restauração dos muros.

- E dará a minha irmã de novo? - disse secamente.

- Se assim o desejar. Ou você pode vir nos visitar no reino.

- Não é gracioso.

- Não tinha intenção que fosse. Tanto se deseja acreditar como se não, ela me importava.

- Vi seu corpo, bode!



Suas pálpebras meio caídas, a boca apertada.

- Como fiz eu. Eu não a matei nem ordenei fazê-lo.

- Disse-me que vinha por ela! Que ela tinha medo de que não a deixasse sair do país! Ela queria voltar para casa!

Levantou as pálpebras. Estava perplexo. Em um rosto humano, isso se teria chamado uma expressão de dor.

- Ela disse isso?

- Ela estava chorando no telefone, escondendo-se de você!

-Não - Sacudiu a cabeça. - Não de mim, MacKayla. Não acredito que ela pensasse que era eu. Conhecia-me melhor que isso. Sim, tinha-me descoberto. Sabia o que era. Mas ela não tinha medo de mim.

- Deixe de mentir! - pus-me de pé. Ele a tinha matado. Eu tinha que acreditar nisso. No imenso mar de incógnitas em que se converteu minha existência, havia uma certeza e era minha tábua de salvação. Lorde Master era o mau. Tinha matado Alina. Essa era uma verdade absoluta.

Minha verdade inquebrável. Eu não podia renunciar a ela. Eu não poderia sobreviver em um estado de paranóia total.

Colocou a mão em sua jaqueta, tirou um álbum de fotos, e o atirou no sofá.

- Espero que me devolva isso. É meu. Vim em paz hoje - disse - e lhe ofereci uma oportunidade mais, uma alternativa à guerra entre nós. A última vez que se negou, você viu o que fiz. Três dias, MacKayla. Virei por ti em três dias. Fique preparada. Fique disposta. - olhou pela janela. Colocou a mão em seu casaco de novo e esta vez tirou o Amuleto em sua grossa corrente de ouro.

Brilhava com seu toque. Olhou-o por um momento, logo a mim, como se duvidasse em prová-lo. Eu era uma sidhe-seer e uma Null, impermeável à magia Fae. Funcionaria em mim? Esperar o inesperado me disse. Eu não podia fazer hipóteses.

- Permitirei manter à menina, desta vez. Ela é meu presente para você. Posso te dar muitos, muitos presentes. O seguinte preço que pedirei pela dívida não será... Como você diria... reembolsável.

Golpeou fortemente na janela e assentiu. Os príncipes se foram.

Dani caiu em um atoleiro de barro. O LM desaparecido.

- Fizeram-me atirar minha espada, Mac - disse Dani, tocando castanholas com os dentes. Sequei-lhe brandamente o sangue das bochechas.

- Sei carinho. Já me disse isso. - sete vezes nos últimos três minutos. Era tudo o que havia dito desde que a ajudei a levantar do atoleiro, procurei um bule de metal, abri duas garrafas de água, e as esquentei no fogo que o LM tinha feito à esquerda, começando a limpá-la.

- Não sei como sobreviveu - disse, e começou a chorar.

Sequei-lhe as bochechas um pouco mais, empurrando seu cabelo, contrastante e cavando-o como faziam minha mamãe e Alina, mostrando sua inquietação quando eu chorava.

Não chorou muito. Chorou como uma tormenta que se desatou depois de haver-se estado preparando durante muito tempo. Eu suspeitava que estivesse chorando por coisas das que não sabia nada e nunca saberia. Dani era uma pessoa intensamente privada. Chorou como se seu coração estivesse destroçado, ao igual a sua alma, estava perdida nas lágrimas, e a abracei, pensando em como a vida é estranha. Teria podido dizer que estava participando plenamente da vida de novo, em Ashford, Geórgia, mas cem por cento ao reverso.

Eu não tinha tido nem idéia do que a vida ou o amor eram.

A vida não surgia pelo sol e os lugares bonitos. A vida tinha uma raiz mais forte com um



pouco de chuva e um montão de merda como fertilizante. Embora o amor possa crescer em tempos de paz, tempera-se na batalha. Papai me disse uma vez, quando eu lhe havia dito algo a respeito de como aperfeiçoar sua relação com mamãe, que eu não tinha visto os primeiros cinco anos de seu matrimônio, onde tinham lutado como demônios, estrelando o um contra o outro como duas pedras gigantes. Com o tempo, erodiram-se mutuamente, fazendo um ajuste perfeito, convertidos em uma só parede, suas fortalezas fazendo soar suas debilidades, suas debilidades reforçadas por suas fortalezas.

Comecei a falar com Dani de meus pais. A respeito do que tinha sido crescer em um lar feliz, no profundo Sul. A respeito dos dias de aroma a Magnólia e mormaço, da lenta afeição a remar e as festas na piscina. Acalmou-se em meus braços. Depois de um tempo, deixou de chorar e se recostou no sofá, me olhando como um gato guia de ruas olharia um restaurante, com seu nariz pego à janela.

Quando ela saiu em direção à abadia, guardei cuidadosamente em minha mochila, sem abrir, o álbum de fotos que o LM tinha atirado no sofá. Eu sabia que ia necessitar tempo para estudar atentamente as fotos, um luxo que não tinha agora.

Dirigi-me, neste dia cinza e chuvoso, à livraria de Barrons.

Capítulo 18

Desviei-me do caminho, em direção a Chester, esperando que a Mulher-Cinza estivesse pelas imediações. Ia passar muito tempo perambulando pelas ruas, fora do clube de Ryodan.

"Dentro de seu clube" poderia estar sob seu amparo, mas isso não significava que seus arredores não fossem zona de caça livre.

Aproximei-me em silêncio, tensa com a batalha, disposta a plantar as palmas de minhas mãos nessa bruxa: anulo e a apunhalo e faço a dança da vitória sobre seu horrível corpo. Mas os Unseelie que encontrei no caminho à livraria eram sozinho Rhino-boys. Meia dúzia deles.

E o que eles faziam me confundia tanto que terminei caminhando pela rua empedrada, com a lança embainhada, as mãos nos bolsos, olhando-os fixamente enquanto eles me olhavam fixamente. Acredito que todos tínhamos grandes que lhe fodam pegos em nossas rostos. É um pouco difícil dizê-lo com esses olhos pequenos e brilhantes presas, mas sei o que digo.

Estavam arrumando as luzes e as reajustando cuidadosamente nas calçadas. Estavam recolhendo escombros, substituindo as lâmpadas. Havia vassouras e martelos pneumáticos, materiais de calagem, carrinhos de mão e concreto.

Supunha-se que devia matá-los. Era o que eu fazia, para o que parecia. Mas eles estavam reconstruindo Dublin.

Eu queria voltar a ver Dublin integro. Significava que estavam trabalhando para restabelecer também o poder?

- Estão vocês fazendo algo para manter fora às Sombras? - Sacudi a cabeça pela singularidade de que acabava de iniciar uma conversa com um Rhino-boy, me perguntando se meus dias poderiam chegar a ser mais estranhos, mas meus dias sempre eram estranhos.

- Porcos - grunhiu um deles, e o resto mostrou seu acordo, soprando. - Comem de tudo. Não deixam nada para o resto de nós.

- Já vejo - decidi deixar que terminassem de limpar o primeiro bloco e matá-los em meu caminho de volta. Com as mãos nos bolsos, reatei minha caminhada.



- Preciosa garota-garota, quer viver para sempre? - um deles grunhiu a minhas costas. Todos bufaram e sopraram como se de alguma brincadeira se tratasse. Possivelmente, comê-los em troca de sexo, em realidade não te daria a imortalidade, mas se alguma e até agora desconhecida ETS*⁹ Fae

- Tenho algo que pode chupar garota-garota.

EW!

- Não houve sorte - disse com frieza.

Deveriam me haver deixado ir. Eu lhes tivesse deixado ir. Mas os Rhino-boys não são as mais brilhantes lâmpadas da caixa. Escutei o som de seus cascos, movendo-se ao meu redor. Seu suborno não tinha funcionado, por isso havia trocando as táticas da força bruta. Tinham escolhido à mulher equivocada para meter-se. Odeio aos Unseelie.

- Pensem duas vezes - adverti-lhes.

Suspeito que os Rhino-boys dificilmente pensam alguma vez.

Uns momentos mais tarde, seis deles tinham morrido e eu estava caminhando para a livraria, bem aborrecida, porque tinha tido que matá-los antes que terminassem o cabeamento das luzes.

A última vez que tinha visto a livraria era a tarde daquele Halloween infernal que estaria para sempre gravado em minha memória, como a segunda pior noite de minha vida. Todas as luzes exteriores tinham estalado. Eu não estava segura do que esperar quando girasse pela rua que uma vez tinha considerado o *caminho a minha casa*.

Detive-me, olhei e sorri levemente. É obvio.

Em uma rua de edifícios muito danificados e saqueados, só a Livraria estava intacta. A fachada restaurada com a elegância do Velho Mundo do edifício de quatro andares de tijolo estava impecável. Os refletores montados na parte dianteira, traseira e laterais, que tinham estalado a última vez que os vi, agora tinham sido substituídos. As luzes de cores brilhantes que proclamavam BARRONS LIVROS E CURIOSIDADES tinham sido penduradas perpendiculares à construção, suspensas sobre a calçada em um mastro de latão elaborado, e que rangia, já que se balançava com a chuvosa brisa. O pôster de néon que brilhava brandamente na porta de polarizados vidros, rezava: FECHADO. Ambarinas tochas em spots de bronze iluminavam o arco de pedra calcária da entrada do saguão da livraria. Portas de vidros adornadas com diamantes cereja, localizadas entre as colunas de pedra calcária, brilhavam à luz.

Perguntava-me se a livraria significava tanto para ele, que tinha chegado a tais extremos.

Tinha algum valor sentimental? Ou se trata simplesmente de sua posse, de sua declaração diante do mundo em geral, que nada nem ninguém poderia tomar o que era dele?

Entrei no alpendre e tentei abrir a porta. Não estava fechada com chave. Abri-a.

Nunca me canso diante da primeira visão de minha loja. Uma vez que passasse a sensação imediata de distorção espacial, como se tivesse aberto a porta de uma cabine de telefone antigo só para descobrir que está no interior da Biblioteca do Congresso, observa-se que o luxo e a comodidade nunca foram tão facilmente da mão.

A sala principal tem perto de oitenta metros de comprimento por dezoito metros de largura e uma abóbada de cinco andares com um mural no teto. No segundo, terceiro, quarto e quinto andares, prateleiras para livros em linha, de teto ao chão, em elegante curva, atrás de elegantes corrimões que permitem o acesso, enquanto que as escadas se dispõem sobre rodas lubrificadas

⁹ (*N.deT: ETS=Enfermidade de Transmissão Sexual)



de uma seção a outra.

Mas é o primeiro andar onde passo quase todo o tempo, com suas bibliotecas independentes repleto das últimas e mais elevadas leituras, de teto ao chão de madeira polida, com tapetes de felpa dispersas. Dois assentos de tipo confidente, a proa e popa, cadeiras opulentas, cômodos sofás Chesterfield de brocado cobertos por suaves tecidos, repartem-se em torno de minha amada pausa da chuva e o frio de Dublin, minha fantástica chaminé de gás esmaltada.

Olhei meu bem sortido porta revista (tristemente antigo agora) e a minha caixa registradora. Sorri, era antiga, desses com sinos de prata pequenas que soavam cada vez que a gaveta se abria. Transladei-me ao balcão.

Uma nota estava apoiada no livro de registro.

"Bem-vinda a casa, Srta. Lane".

- Arrogante burro infestado de excesso de confiança. As chaves estavam no balcão do lado.

Perguntava-me que carro teria deixado desta vez. Eu ia tirar as chaves quando, de repente, bombardearam-me as emoções, intensas e confusas. Foram acompanhadas por uma inundação de lembranças: o dia em que tinha caído neste lugar, minha ansiedade por estar perdida, a primeira reunião com Barrons, minha ingênua convicção de que era exatamente o tipo de homem com o que nunca teria um encontro.

- E não tivemos nenhum - esmaguei a nota em meu punho. Acabava de ter sexo completamente desinibido. Meses dele.

Fechei os olhos, mais lembranças deste lugar se estrelaram sobre mim: a noite que tinha visto o Homem-Cinza devorar a beleza de uma mulher e me tinha precipitado aqui procurando respostas, sem idéia do que andava mal em mim, mas que já suspeitava tinha um caráter permanente, a noite que tinha aceitado sua oferta de uma moradia do quarto andar com vistas ao beco e me mudei, o dia que meu pai tinha vindo me buscar e me dava conta de que nunca poderia voltar para casa em Ashford até que conseguisse acabar com a loucura de Dublin, ou não teria que me preocupar, porque se não tinha tido êxito voltaria para casa da mesma maneira que Alina, em uma caixa, a noite que lhe tinha dado a Barrons um bolo de aniversário, que comi sozinha, depois de havê-lo estrelado ele contra o teto.

Aspirei seu aroma. Estava perto, a uns metros de distância. A luxúria quase fez que caísse de joelhos. Foi um amante incansável. Não havia nada fora dos limites com ele.

- Srta. Lane?

Coloquei as mãos nos bolsos e abri os olhos. Estava de pé no balcão, olhos escuros, caracteristicamente impassível.

- Barrons?

- É um Hummer.

- Alpha? - disse esperançada.

Seu olhar de obsidiana burlou: *"Gastaria eu meu tempo com algo menos"?*

- Dani está fora - disse.

- Dani retornou à abadia.

- Eu também fiz.

- ouvi que não é bem-vinda.

- Será breve. Tenho planos. E necessito de você.

- Você me necessita? - disse secamente. - Pensei que já se deu conta disso.

Ele fazia. Seguia me derrubando. E seguia voltando de novo, um pouco mais forte cada vez. Mas ainda não estava o suficientemente forte. Um dia o estaria. Até então, Barrons era o único



que assustava a todos meus inimigos. Se IYD realmente esteve operação no Halloween, definitivamente, isso me garantia as mais altas probabilidades de sobrevivência. Estava saltando sobre o fluxo, tratando de evitar a queda. Correto ou incorreto, bom ou mau, eu tinha elegido: Barrons era minha onda. Mas não havia forma de que eu vivesse sozinha com ele. Necessitava um pára-choque e meu pára-choque necessitava, também, um lugar para viver.

- Dani pode ficar aqui?
- Ela corre mais perigo a seu lado.
- Não acredito que se vá. Ela tem uma mente própria.
- Então, encontraremos a maneira de convencê-la de que é melhor para ambas.
- Pode demorar uns dias. - De acordo com o LM, só tinha três, de todos os modos. - me dê uns poucos, ao menos.

Uma vez que estivesse aqui, tentaria mantê-la conosco. E a poria a trabalhar com sua super vista e seus outros sentidos em averiguar que era o que estava em sua garagem e como nós poderíamos chegar ali. Poderia ser minha onda, mas não era minha tábua de surfe. O conhecimento e a utilidade eram tudo o que se interpunha entre mim e a ressaca.

Observou-me por um momento, logo assentiu com força.

- Quarenta e oito horas. Mantenha a essa menina sob controle e fora de meu caminho. E há novas normas. Um: mantenha-se afastada do Chester. Isso significa ao menos dez quadras ao redor. Dois: Você compartilha toda a informação pertinente comigo sem que *eu tenha que perguntar*. Três: Mantenha à menina afastado de minha garagem. Quatro: Se tratar de entrar a força em minha cabeça, eu colocarei a minhas mesmas debaixo de suas calças.

- OH! Isso é mentira total!

- Olho por olho*. - Seu olhar descendeu a meus seios, e de repente, tive uma repentina e detalhada lembrança de mim, tirando a camisa de um puxão, enquanto meus seios saltavam para fora, meneando-se - Ou preferiria teta por teta?* (*N.deT: trocadilho intraduzível, Tit for tat, olho por olho, frente a tit for tit, teta por teta*)

- Não há necessidade de ser grosseiro.
- Não posso pensar na necessidade infinita de ser grosseiro.
- Guarde para você.
- Que melodia tão diferente assobia agora.

- Parece zangado, Barrons. Frustrado. O que acontece? Tornou-se um pouco viciado em mim?

Seus lábios se tornaram atrás, deixando ao descoberto os dentes. Sentia-os em meus mamilos. Quase podia senti-los ali agora.

- Nós fodemos, Srta. Lane. Inclusive as baratas fodem. Comem umas a outras, também.
- Mesma página, Barrons.
- Mesma sangrenta palavra - acordou.

OH, sim, aqui estamos, trabalhando juntos outra vez. Tudo estava bem, ou ao menos voltando para a normalidade, na Livraria.

- Eu realmente vou viver no Barrons? Com o Barrons? - Dani exclamou, saltando de um pé ao outro para trás enquanto caminhávamos através de Tempere Bar.

Estávamos de caminho para interceptar às sidhe-seer. Dani se inteirou de que um grupo de várias dúzias, dirigido por Kat, vinha à cidade esta noite, para explorar.

- Não - disse secamente - com, mas sim como o LM e seus secuaces.
- Vou viver com o Barrons! Fodida merda Santa! É muito fanfarrão!
- Não te incomoda que não tenhamos nem idéia do que é ou se for bom ou mau?



- Não. Nem um pouquinho - Seus olhos brilhavam.

Dei um bufo. Estava falando completamente a sério. Oxalá pudesse ser tão singelo. Mas eu não podia. O correto e o incorreto, o bom e o mau me importavam. A culpa era de meus pais. Dotou-me de um sentido massivamente impossível da ética.

- Estamos quase ali, Mac. Ouço-as matar por diante. - Ela inclinou a cabeça, e logo seus olhos abriram-se. - Ah, vai ser mau, Ro encherá o saco. Ela lhes disse que não brigassem, não importa o que acontecesse! Só ouço que estão diminuindo e onde. Apressemos-nos, Mac. Já não soam como que esteja sendo bom!

Eu não tive nem tempo para preparar a mim mesma para o mau momento. Tinha a mão em meu braço e já nos tínhamos ido.

Dani me soltou diretamente no centro da luta. Era enorme, desordenada e enchia a rua de um extremo do bloco até o seguinte. Dani gosta da ação. Por desgraça, esquece que o resto de nós não somos tão rápidos como ela. Chegou com sua espada desenbaçada, muito a gosto, movendo-se no modo de hipervelocidade, mas a mim tomou um momento soltar minha lança da cava. Nesse momento, algo me golpeou na parte posterior da cabeça tão forte que vi as estrelas e alguns dos suportes de meu MacHalo saíram voando em três direções diferentes. Grunhindo, dava-me a volta e cravei minha lança na cabeça de um... Unseelie acredito. Tinha três coisas redondas sobre seus ombros com dezenas de ranhuras que arrojavam um líquido gelado e ácido ao cair.

Então, a luta se converteu em um borrão de movimento, dando pesadas, anulação e lance. Vislumbrei os olhos de Kat, seu rosto aterrorizado. Não me cabia dúvida que era sua primeira briga e tinham saído de um nada.

Entre os Unseelie, entrevi a outras sidhe-seer. Elas estavam tratando desesperadamente de manter sua posição. A maioria das vezes, os dons dentro de nós estão latentes, mas a presença dos FAE e, especialmente, o participar da batalha os acordava. Pude ver que estavam nesse estado especial de sidhe-seer que se faz mais forte, mais rápida, mais resistente, mas não era suficiente. Havia muito medo em seus olhos.

O temor se traduz em vacilação e a dúvida mata.

Se uma já foi atrás de alguém em um sulco de aceleração e está tratando de incorporar-se a uma estrada, mas tem medo de fazê-lo, vai muito lenta, parando e arrancando e com cada vez mais incerteza... já sabem o que quero dizer. Aí está, cercada pelo tráfico, apanhada detrás da indecisão desenfreado e sabe que se não atuar em conjunto e te funde, vais terminar por ser golpeada.

Assim era como as sidhe-seer estavam brigando. Amaldiçoei a Rowena por não as treinar melhor, por proteger as de maneira tão completa que seus presentes eram um perigo para sua própria saúde e a minha. Dani e eu trabalhávamos juntas, costas com costas, cortando e apunhalando em nosso caminho através da multidão dos Unseelie.

- Ajuda! -ouvi Kat gritar. Olhei violentamente para o som. Estava apanhada entre duas coisas grandes aladas com garras e dentes que se pareciam horivelmente a aves de rapina.

Avaliei e atuei.

Mais tarde, eu gostaria de me romper a cabeça por minha decisão. Perguntaria que loucura temporária se deu procuração em mim. Mas eu sabia que eles não poderiam tocá-la e mais ela poderia, assim como sabia, que ela estaria morta de qualquer outra maneira e ninguém morreria em meu tempo se eu tinha algo que dizer sobre isso.

- Kat! - gritei. Quando olhei, retirei meu braço e lancei minha lança a ela e vimos que ia voando, até o extremo.



Seus olhos se abriram pelo assombro. Lançou-se no ar, enganchou a lança, aterrissou brandamente sobre a ponta de seus pés e os trespassou com um movimento fluido, de esquerda a direita.

Foi formoso. Se eu tivesse tido um gravador, o teria reproduzido uma dúzia de vezes.

E ali estava eu, sem uma arma.

Logo tive um acessório de couro no rosto que provavelmente deveria me haver quebrado o nariz, mas não o fez e era eu a que estava sob ataque e perdi de vista Kat e a lança. Fechei minhas mãos sobre meu atacante, anulando-o. Embora estivesse congelado, retirei a minha mente, ao lugar sidhe-seer especial. Sem minha lança, eu era uma merda e necessitava de mais poder.

De repente, a rua se desvaneceu e eu estava dentro de minha cabeça, olhando para baixo a um atoleiro negro enorme. Era esta a origem do que lhe fazia Sidhe-seer, este vasto lago de obsidiana?

Eu nunca o tinha visto antes, quando tinha estado pinçando. Era eu muito mais forte agora já que podia ver mais claramente e indagar mais a fundo?

A potência radiada de suas profundidades escuras rangeu no ar da cova em que me encontrava. Senti algo na água, à espera na escuridão.

O que se ocultava debaixo da superfície sabia tudo, podia fazê-lo tudo, não temia a nada. Estava me esperando. Para chamar luz. Para usá-lo como meu direito de nascimento.

Mas a dúvida, tão vasta como o habitat aquático da coisa, imobilizou-me.

E se o que fazia vir das profundidades não era uma parte antiga de mim absolutamente, a não ser uma coisa totalmente diferente?

Se isso fosse eu, eu poderia usá-lo.

Mas se por alguma torcedura estranha dos acontecimentos, e nenhum acontecimento era muito estranho em minha existência cotidiana, o que estava ali era algo que não era eu, isso poderia *me usar*.

Não confiei em mim mesma. Não, não confiei naquele lugar de sidhe-seer.

Por que teria que fazê-lo? Eu nem sequer sabia que existia até faz uns meses. Até que não soubesse mais a respeito do que era ou não era, não ia provocar a nenhuma incógnita. Minhas habilidades atuais teriam que ser suficiente.

Sacudi a cabeça fortemente e estava na rua, com uma coisa a ponto de tomar um bocado de mim.

Agachei-me.

Sua cabeça voou para um lado e seu corpo deslizou para a pavimentação de pedra, deixando a Dani, que era quem o tinha feito, sorrindo.

- Poe sua cabeça junto a seu traseiro, Mac. Trocamos de patrão: Eu anulava, ela matava.

Não sei quanto tempo lutei sem minha lança. Mas foi suficiente para me fazer uma idéia do que estava pedindo a minhas irmãs de armas. Amaldiçoei a Rowena por enviá-las a Dublin sem armas, sem balas de ferro. Eu nunca permitiria a tais objetivos caminhar.

Sigo procurando Kat, mas não a encontro na desordem. Sem minha lança, sinto-me nua, exposta. Sinto-me mau.

Fechei minhas mãos em alto, para um Unseelie com corpo de escaravelho de grossa carapaça prateado. Não se congela. Retirei meu punho e de repente havia outra mão ao redor da minha e quando me joguei para frente, Kat e eu afundamos a lança em sua armadura, juntas. Quando se estrelou contra o pavimento, olhei sobre meu ombro.

Kat sorriu, assentiu com a cabeça e soltou a lança, deixando-a em minha mão. Logo me deu as costas e adotou meu patrão, como o que tinha com Dani.



Apesar de que não era Null, ela tinha um golpe cortante e fizemos uma grande equipe. Dani se emparelhou com outra sidhe-seer e a batalha se prolongou.

Mais tarde, sentamo-nos nos meio-fios, apoiadas nos edifícios e estendidas nas calçadas, sujas, salpicadas das variações mais repugnantes de sangue Unseelie, eufóricas e esgotadas.

- O que aconteceu? - pedi a Kat. - Como ficou entupida em meio de tantos deles? Ela se ruborizou.

- Crescemos acostumadas a que Dani esteja conosco. Ela ouve o que nós não podemos. "Acredito que deve ter começado depois de que nós entrássemos na cidade, atraídos pelo chapéu" - deu um golpezinho ao MacHalo - ou talvez pelo ruído dos ônibus. Reuniram-se mais à medida que avançávamos, ganhando tempo, procurando um lugar estreito onde nos cercar. Se não tivessem vindo... bom. Alegra-me que o fizessem.

Avaliei o açougue. Havia várias centenas de Unseelie mortos na rua.

- Fizemo-lo bem. Com armas de fogo e um plano, podemos fazê-lo melhor. Kat assentiu.

- Podemos falar claro? Inclinei minha cabeça.

- Suas diferenças com a Grande Mestra doem a todas.

- Deveria cair na conta e entrar em razão.

- Suas diferenças nos doem também - Kat disse cortante. - A Guerra não é o momento para um golpe de estado. Se segue lutando contra ela, acabará por destruir o reino que depois governará.

Houve um coro de assentimento na rua.

- Não estou tratando de governar. Só estou tratando de ajudar.

- Os dois tratam de governar. E estamos dizendo às duas que parem. Estivemos falando desde que você e Dani saíram. Queremos que retornem. Não nos importa se mantiver as armas. Mas não estamos dispostas a trocar a direção da Rowena pela tua. Queremos as duas. Se estiver de acordo, ajudaremos em tudo o que possamos e faremos que Rowena o aceite também. Da forma em que o vejo, nem você nem Rowena nos podem obrigar a aceitar a nenhuma das duas. Mas estamos dispostos a apostar a que podemos obrigar a dois a trabalhar juntas pelo bem maior. Isso é o que ambas dizem que estão procurando, não?

- Não vou viver na abadia, Mac! - disse Dani saltando sobre seus pés. - Disse que eu poderia viver com o Barrons.

Olhei de Dani a Kat, tendo em conta suas palavras. Ela tinha ganho o tanto e me sentia um pouco envergonhada de mim mesma. Eu havia feito disto algo pessoal contra Rowena. Tinha tratado de dividir e conquistar e, agora, não era o momento de dividir as lealdades sobre algo. Já tínhamos muitos problemas tal como estava.

Minha meta atual, pela que enviei a Dani à abadia, era saber quando as sidhe-seer chegassem, assim poderia as levar a batalha, lutando com elas até a vitória e recuperar uma posição na abadia. Kat estava me oferecendo uma mão estendida. Quinhentas sidhe-seer poderiam obrigar a Rowena a cooperar comigo e tudo o que tinha que fazer era me morder a língua, muito.

- Estou convencida, Kat. Convince a Rowena.

- Mas disse... - Dani explodiu.

Suspirei. Eu queria que fosse meu pára-choque. Mas Barrons tinha razão em um ponto também: não se tratava só de mim.

- Preciso que esteja mais segura, Dani. Depois de que os Príncipes Unseelie tomassem hoje, temo isso não é possível se estiver comigo.

As sidhe-seer ficaram sem fôlego.



- O que foi tomada pelos Príncipes Unseelie, Dani? O que? Como? Onde lhe levaram?

O que aconteceu? De repente, Dani foi o centro de atenção. Poliu-se e começou a lhes contar todo o acontecido.

Vi o show da Dani, sabia deslumbrar e queria fazê-lo, com um sorriso débil, triste. Eu não estava disposta a renunciar a ela.

Ou dar a cara o resto da noite a sós com o Barrons. Prefiro lutar contra outra miríade de Unseelie.

Olhei a Kat.

- Vamos ou seja na abadia, amanhã. Se a velha se comportar, eu também. Tem minha palavra.

Ela me lançou um olhar, elevando a cabeça, logo a baixou até a lança atada em minha coxa.

- Eu não necessito sua palavra, Mac. Deu-me algo mais esta noite que já dizia tudo.

Capítulo 19

- MacKayla.

Estávamos a uma quadra da livraria quando a voz de V'lane deslizou da escuridão, uma variação orquestral em um sonho erótico. Os Fae têm vozes extraordinárias, melodiosas e ricas. Com notas que vibram sob a pele, elegantes e sensuais, filtrando-se em suas terminações nervosas. Se a Canção da Criação era realmente uma canção, não estou segura de que um humano pudesse sobreviver a escutar.

Eu estava acostumada a ter o que eu chamaria um *impulso sexual normal*. Embora alguns de meus amigos estivessem seriamente obcecados com ele. Suponho que pensaram que encheriam o vazio de propósitos que tanto afeta aos de minha geração, ao tratar de encontrar seu lugar no mundo.

Mas ser Pri-já me trocou, deixou-me com uma consciência voraz de todas as coisas sexuais. Ou talvez, foram às relações sexuais com o Barrons as que fizeram. Não sei. Tudo o que sei é que estou muito mais a tom com as matizes eróticos do que estava acostumado a estar. O murmúrio do Príncipe Seelie foi uma completa carícia de meu corpo e o apreciei, por um momento, antes de apagá-lo.

- V'lane! - exclamou Dani.

Riu, e se eu não tivesse sido imune ao Fae morte por sexo, teria estado a sérios problemas. Era pura sedução, formoso Fae dourado que irradiava puro calor sexual. Comecei a pensar que é, simplesmente, parte de sua natureza, que não pode fazer mais do que outros homens podem fazer para evitar que goteje sua testosterona. Acredito que alguns machos de ambas as espécies, simplesmente, são mais.

Dani não era imune. Seus olhos estavam febrilmente brilhantes, sua pele avermelhada, os lábios entreabertos. Pude ver nesse momento a mulher que chegaria a ser.

- Basta, V'lane. Deixa-a em paz.

- Eu não acredito que ela queira. Quem melhor para desperta-la à forma e a textura do Eros? Fixar a barra de medir, por assim dizê-lo.

- Uh-huh - disse Dani com voz rouca. - Eu gostaria.



- Não me importa o que você crê ou o que ela queira e não se fixará nenhuma barra de medir. Ela vai ter uma vida normal. - Pelo menos, o mais normal que pudesse. - Dani, entra na livraria. Reunirei contigo em uns minutos.

- Mas não quero...

- Agora - disse. Ela o olhou.

- Arrumado a que Barrons está aí - pensei, e V'lane o disse - Se esfrie, assim ela poderá sacudir de seu jugo.

Levantou e baixou os ombros.

Dani suspirou, como se, subitamente, liberou-se de algumas tensões internas das que não estava de tudo contente de liberar-se e logo olhou de V'lane e à livraria outra vez, como se tratasse de escolher entre uma banana split e um cremoso sorvete.

- Bem - ela disse e brilhou na escuridão. Na porta, arrojou um sorriso insolente por cima do ombro e me disse - Tome seu tempo, Mac. Barrons e eu temos coisas das que falar.

Contive uma gargalhada, recordando minha própria adolescência. Os pesadelos de desconforto e tensão nervosa que tinha sido. De bons sentimentos, muito torpe para as palavras e muito necessitada. Confiava em que Barrons desviaria habilmente seu culto aos heróis. Só comigo fazia o asno constantemente.

Olhei-a até que estive na segurança do interior e a porta se fechou detrás dela. Embora não havia indícios da Zona Escura que uma vez estive próxima à Livraria, ainda existiam e não confiava nas ruas cheias de sombras além da livraria.

Olhei a V'lane. Ele me estudava com atenção.

- Estiveste lutando. Está bem, MacKayla?

- Estou bem. - Meus reflexos esta noite tinham sido dinamite. Apesar de que tinha havido alguns golpes esmagadores, tinha conseguido esquivá-los ou retroceder no último minuto e minimizar seu impacto cada uma das vezes. Nem sequer me sentia golpeada em nenhum lugar. Não havia cortes. Nem contusões. Sentia-me fantástica. Eu adorava esta elegância minha fortaleza.

Os focos na parte superior da Livraria se acenderam. A rua de repente se fez brilhante. Eu não tinha dúvida de que Barrons estava a ponto de sair.

V'lane disparou à livraria um formoso gesto imitação de desgosto, e, depois tinha seus braços ao redor de mim e nos tínhamos ido.

Tornamos a aparecer no alto do céu, na noite escura. Estava tomando minha mão.

Cometi o engano terrível de olhar para baixo brevemente. Voltei meu olhar para cima outra vez. Eu estava em um nada. Negro ar debaixo de meus pés.

Por que não caio?

Logo que o pensei, comecei a cair. Equilibrei-me sobre ele, envolvendo meus braços e pernas a seu redor e lhe aferrei para salvar a vida.

Seus braços me embalaram imediatamente.

- Deveria haver feito isto faz muito tempo, MacKayla - ronronou. - Desfruta. Não te deixarei cair. Olhe para baixo.

- Definitivamente não - Não tinha nem idéia de quão alto estávamos, mas fazia frio. Apertei os olhos fechados. - Estamos passando o momento no céu? Flutuando? - isto me angustiava enormemente. Estou bastante segura de que fomos criados com pés, porque se *supõe* que devemos caminhar pela superfície do planeta. Palavra chave: *superfície*, nem por cima nem por debaixo dela.

- Sentiria-se mais segura em um desses meios de transporte que com freqüência caem em



picado?

- Não é com frequência.

- Tudo o que se requer para pôr fim a uma vida mortal é uma queda dessas, e, entretanto, assume o risco. Os seres humanos são irracionais e tolos.

- Esta irracional e insensata humana quer que seus pés estejam no chão.

- Tenho um presente para você, MacKayla. Eu me hei... qual é essa palavra... - calou-se, e me surpreendia ao me dar conta de que havia uma nota de brincadeira em sua voz. - Ah, tenho-o - disse à ligeira. - ...Esforçado. Trabalhei para te dar este presente. Não me limitei a agitar minha varinha FAE e o consegui assim.

Estava brincando. Não estava segura do que era o que me desconcertava mais: flutuar no céu da noite ou escutar V'lane brincar. O LM afirmou que tinha trocado pela exposição aos seres humanos. Também V'lane?

- Esta é a melhor maneira de apresentar meu presente.

- Já olhei para baixo quando chegamos aqui. Há muito espaço escuro. Acredito que vi as estrelas.

- As estrelas estão por cima de nós. Olhará de novo. - seu tom de voz deixava bem claro que ia seguir pendurando aqui toda a noite se não fizesse o que ele me dizia.

Com um suspiro, abri os olhos, entrei em pânico ao olhar para baixo e apertei os olhos, fechando-os de novo. Então me dava conta do que acabava de ver e meus olhos se abriram de novo. Estávamos a vários milhares de metros de altura e as luzes da cidade brilhavam muito por baixo.

Luzes da cidade! Estamos por cima de uma aura brilhante que só podia ser uma grande área metropolitana.

- Pensei que o poder se foi! -exclamei.

- estive trabalhando com outros Seelie para vê-lo restaurado - disse com orgulho.

- Onde estamos?

- Debaixo de nós está Atlanta. Na costa, as luzes de Savannah. - Assinalou. - Ali, Ashford. Você disse que manteria a seus pais seguros. Quando Barrons me adiantou por uma mera questão de minutos em seu resgate, dirigi meus esforços a salvar aos que lhe importam. Barrons nunca dedicou-lhes nem um pensamento. As Zonas Escuras que se tragaram a cidade mais próxima a sua casa e ameaçavam estendendo-se, foram erradicadas. Restabeleceu-se a energia. Inclusive agora, os seres humanos estão aprendendo a defender-se. Meu presente para você é sua volta a Geórgia.

Olhei as luzes e logo a ele.

- Poderia fazê-lo com todo mundo?

- Grande parte de nossa energia provém de nossa habilidade para manipular as dimensões além da tua, mas a malha da dimensão humana é... viscoso, espesso, as leis da física não são tão flexível como as nossas.... Esta alteração requer muito tempo e a cooperação com outros Seelie e muitos seres humanos.

Em V'lane isso significava "não". Ele havia feito por mim e não o faria mais.

- Seus pais estão a salvo. Quer vê-los?

Traguei-me o nó que tinha aparecido de repente em minha garganta. Mamãe e papai estavam ali.

Em uma dessas luzes brilhantes debaixo de mim, a uma simples peneira de distância. Sempre tinha sido uma simples peneiração de distância, mas de algum jeito, em Dublin, com quatro mil quilômetros entre nós, tinha sido mais fácil manter bloqueado o feito em minha mente



para não ser tentada. Assim não doeria, nem me preocuparia, nem me arriscaria a expor sua existência a meus inimigos; eu tinha metido a Mamãe e a Papai em minha caixa fechada com cadeados, com todos meus outros pensamentos proibidos. Isto era o que Alina fazia conosco também?

Fiquei sem fôlego. Não deveria. E sabia.

- me leve a rua do Brickyard - disse. - Quero caminhar por ali.

Estava aqui e não pude resistir. Queria ver meu mundo de novo. Queria percorrer as ruas de minha cidade natal cheias de carvalhos e forradas de magnólias. Queria estar fora de minha casa e olhar a janela de meu dormitório. Queria ver se podia encontrar algum rastro da menina que uma vez tinha estado nestas ruas ou se tinha sido totalmente absorvida por um *sonho* Fae escuro. Não me atrevi a me arriscar a ser vista, assim teria que permanecer na sombra, mas trabalhei muito nisso ultimamente.

Empurrou-me ligeiramente para baixo, minhas botas assentaram no pavimento.

Ali estava Brickyard, sua fachada escondida entre duas quinquilharias. As luzes estavam acesas por dentro e por fora. Nada tinha mudado. Corri até a entrada e olhei em uma janela.

OH, quão equivocada estava! Tudo tinha mudado. A polícia de Ashford, os bombeiros, o prefeito e perto de uma centena de vizinhos se encontravam dentro e eu não tinha que romper uma janela para saber do que estavam discutindo: estratégia. Os muros tinham caído e todo mundo sabia. Se tivesse havido jornais nacionais em funcionamento, os titulares não fariam de outra coisa. Os Fae eram visíveis e aqui estava a base dos esforços de minha cidade por proteger-se.

Eu queria ir e ajudar. Educar. Tomar as armas e proteger.

- O lugar e o propósito não estão aqui, MacKayla.

Obriguei-me a afastar, me fundindo como um ladrão na noite.

Fazia calor em janeiro aqui em Ashford, algo não muito incomum. Passei-me natais entre tormentas de gelo. Passei-as em calça curta e camiseta. Esta noite era uma destas últimas. Enquanto caminhava, inspirei profundamente. Não havia nada florescido nesta época do ano, mas juro que o profundo Sul sempre cheira a magnólias, azáleas silvestres, chá doce e, em algum lugar, a frango frito. Em um mês, os pensamentos floresceriam por toda a cidade, Ashford enlouqueceria entre violetas, junquinhos e tulipas.

Estava em casa. Sorri.

Estava a salvo!

Sem Sombras nem Unseelie, luzes por toda parte.

Girei em círculos, encantada, no meio da rua.

Como tinha perdido meu mundo? Como me sentia perdida tão longe!

Tudo parecia exatamente igual. Sentia como se nunca tivesse ido. Como se a três quadras abaixo e duas ruas mais, se encontrassem mamãe e papai, e Alina jogando Scrabble¹⁰, esperando

¹⁰ - O **scrabble** é um jogo de tabuleiro em que 2-4 jogadores procuram marcar pontos formando palavras interligadas usando pedras com letras num quadro com 225 quadros.

Este jogo foi inventado em 1938 com o nome de *Criss Cross*, foi recriado e rebatizado em 1949 e comercializado nos Estados Unidos da América, de onde se espalhou por todo o mundo.

A fabricante de jogos Estrela chegou a produzir uma variante do tabuleiro em plástico e com ranhuras, com letras em peças plásticas encaixáveis em cima das ranhuras do tabuleiro e em outras peças.



que eu chegasse em casa da escola noturna ou do trabalho e unisse a eles (e acabasse com minha petunia pelos chãos, derrotada, porque Alina e papai sabiam palavras que qualquer outra pessoa razoável alguma vez tivesse aceito, como “*regurgitar*” ou “*enchironar*” (Jarro) e, em realidade, quem conhecia essas palavras?), e nos ríamos e me preocupava com o traje que ia usar amanhã e ia dormir com nada mais inquietante em minha mente que se minha petição a OPI* (*N.deT: Empresa cosmética*) de não retirar meu tom favorito tinha sido escutado. Tinha um certificado rosa e dourado, muito formoso, que me conferia o título de afiliada honorária da OPI, que tinha pendurado com grande orgulho ao lado de meu secador e de minha maquiagem. OH, as provas e tribulações de uma jovem protegida.)

A casa dos Brooks, com orgulhosas colunas brancas sulinas na parte superior de um disco circular grande. Não havia lugar de comparação com a dos Jennings, com suas torres românticas e carregadas de persianas brancas. Caminhava pelas ruas, bebendo os lugares de interesse.

Eu sempre tinha pensado que Ashford tinha uma rica história, mas na realidade era muito jovem, tão somente uns poucos séculos em comparação com os milênios de Dublin.

Logo estava fora de minha casa, de pé na rua, doente de antecipação.

Não tinha visto mamãe desde 2 de agosto, o dia que a tinha deixado para ir a Dublin. Meu último olhar de papai tinha sido em 28 de agosto, quando o deixei no aeroporto de Dublin e o enviei de volta para casa. Tinha pirado para me encontrar, determinado a me levar de volta a Ashford com ele. Mas Barrons tinha falado com ele, coagido, para que não se preocupasse comigo, plantado somente Deus sabia que ordens na cabeça de meu pai para ir e não voltar. Odiava, tanto como apreciava o que Barrons fazia. Jack Lane era um homem que me queria muito. Nunca teria me deixado e eu nunca teria sido capaz de lhe manter a salvo.

Fui silenciosa pelo caminho. Uma dúzia de metros da porta, um espelho apareceu suspenso no ar diante de mim. Estremeci, como se alguém tivesse caminhado sobre minha tumba. Os Espelhos já não são simples coisas para mim. Da noite que vi o prateado que Barrons mantém em seu estúdio da livraria e observei o trancado, as criaturas escuras moverem-se dentro dele, olhar até meu próprio reflexo foi inquietante, como se todos os espelhos fossem suspeitos e algo escuro e terrível pudesse materializar-se em qualquer momento detrás de meu ombro.

- Se por acaso estava considerando saber como se via - disse V'lane, dando um passo até situar-se detrás de meu ombro.

Olhei-me.

No momento em que tinha visto minha casa, minha mente retrocedeu à curvilínea e bonita moça que tinha deslocado pelo passeio frente à cabine faz muitos meses, seu cabelo loiro e comprido balançando-se, saia branca curta mostrando suas perfeitas pernas douradas (quando foi a última vez que tinha me depilado?), manicura e pedicura meticulosamente esmaltadas, bolsa e sapatos a jogo, joalheria em consonância.

Olhei para mim mesma agora.

Era uma mulher selvagem, vestida dos pés a cabeça de couro negro. Havia emplastos de betume viscosos de cor verde em meu matagal de cachos cor meia-noite. Estava manchada por fluídos corporais de vil aroma dos Unseelie. Com unhas mal feitas e quebradas, levando uma mochila de couro negro cheia de luzes e munições, levando um capacete de bicicleta maltratado e levando uma arma semiautomática.

Marcou-se um tanto.

- Faz desaparecer - disse secamente. O espelho se esfumou.



Eu não pertencia aqui. Nada bom podia sair com minha presença. Claro que poderia pedir a V'lane que me desse algo bonito e limpo, com o glamour e a graça de uma visita, mas o que podia dizer? O que esperava obter? E com cada minuto que permanecesse aqui enviaria um potencial convite para uma desagradável visita meus pais.

Depois de tudo o que tinha acontecido depois de tudo o que tinha visto, ainda não podia voltar para casa.

Havia todo um mundo em problemas aí fora. Mamãe e papai estavam a salvo. Senti um arrebatamento de gratidão por volta de V'lane e me virei para ele.

- Obrigado - disse. - Significa muito para mim que os proteja.

Ele sorriu e acredito que esse foi o primeiro sorriso real que tinha visto em seu rosto. Cegava.

- Você sempre é bem-vinda, MacKayla. Vamos? - estendeu-me uma mão. Tivesse-a tomado, deveria havê-la tomado, mas nesse momento ouvi vozes.

Martelando minha cabeça, escutei. Meu coração constrangido. Eram mamãe e papai. Estavam no terraço coberto que dava à piscina, na parte de trás de nossa casa, com arbustos densos em ambos os lados que ofereciam privacidade com nossos vizinhos.

Poderia me esconder atrás dos ramos de acebo e, ao abrigo de seu olhar, vislumbrá-los um momento. Morria de fome por vê-los.

Tirei meu MacHalo, deixei minha mochila e a pistola

- É sozinho um momento - sussurrei. - Fique aqui. Voltarei.

- Eu não considero prudente.

- Não é sua decisão. Atrás.

Meti-me nas sombras perto de minha casa.

- Falamos disto uma e outra vez, Rainey - dizia meu pai. Incrustada em silêncio entre os arbustos e esperei com fome.

Mamãe e papai estavam sentados em poltronas de vime branco no alpendre. Mamãe estava bebendo vinho e papai um copo de bourbon. Esperava que não estivesse bebendo muito. Tinha sido um mau momento depois da morte da Alina e ele tinha mudado de um lugar a outro licor com muita frequência para meu gosto. Papai não era um bebedor, é muito ativo para isso. Mas o assassinato da Alina nos havia fritado a todos. Absorvi o rosto de minha mãe com avidez. Seus olhos estavam claros, seu rosto brandamente delineado e tão formosa como sempre. Meu coração se encheu de emoção. Morria de vontade de tocá-la, de abraçá-los aos dois. Papai parecia tão robusto e formoso como sempre, mas tinha mais prata no cabelo do que eu recordava.

- Sei que há perigo ali - disse mamãe. - Mas não posso suportar isto sem sabê-lo! Simplesmente me asseguraria de que está viva.

- Barrons disse que estava. Estava aqui quando me chamou.

Barrons tinha chamado a meus pais? Quando? Como tinha conseguido linha? Maldita seja, queria saber qual era seu fornecedor de serviço telefônico!

- Não confio nesse homem nem um pouco.

Nem eu, mamãe. E me deitei com ele. Meu rosto se esquentava. *Sexo e mamãe* são duas idéias que não encaixam bem em minha cabeça ao mesmo tempo.

- Temos que ir a Dublin, Jack.

Em silêncio, quis dizer mil "não" a mamãe. Papai suspirou.

- Tratei de voltar. Lembra-se?

Pisquei. Que? Quando? O que tinha ocorrido? Mamãe se equilibrava sobre ele.

- Esse é o ponto, exatamente, Jack. Acredita que esse homem te hipnotizou, plantando um



bloqueio em sua mente que te impediu de trazê-la para casa, obrigou-te a abandoná-la, e, de algum jeito lhe impede de retornar, não podia subir ao avião, ficou muito doente, mas o momento em que saía do aeroporto estava bem. Três vezes tentaste ir! Entretanto, aceita sua palavra de que nossa filha está bem?

Poderia me haver surpreso até com uma pluma. Meu pai sabia que Barrons lhe havia feito algo, *um woo-woo*, e acreditava realmente possível? Papai não acreditava em *coisas woo-woo*. Foi ele quem me tinha ensinado um abjeto rechaço de todas as coisas paranormais. E minha mãe e ele estavam tão acalmados, bebendo suas bebidas, discutindo estas coisas?

- Não podemos ir ali agora. Já ouviu o que disse o Oficial Deaton. A realidade Fae se mesclou com a nossa. Os poucos aviões que decolaram ou têm caído em chamas ou desapareceram.

- E um vôo privado?

- Do que serve fazê-lo se formos morrer na tentativa de chegar até ela?

- Temos que fazer algo, Jack! Preciso saber que está viva. Não, necessito mais que isso. Temos que dizer-lhe Deveria havê-lo feito então, quando estive ali, quando teve a oportunidade.

Dizer-me o que? Afundei-me mais profundamente nos arbustos, toda ouvidos.

Papai se esfregou os olhos. Dava-me conta, pela expressão de seu rosto, que ele e mamãe tinham tido esta conversa muito ultimamente.

- Nós tínhamos prometido que nunca falaríamos disso. Estive a ponto de cair pela frustração. Falar *do que*?

- Fizemos outras promessas que temos quebrado - disse mamãe cortante. - Isto é o que nos meteu nesta situação, para começar.

- O que quer que lhe dissesse, Rainey?

- A verdade.

"Vamos, papai, solta-o".

- Qual é a verdade? A verdade de uma pessoa é para outra pessoa.

- Não jogue o advogado comigo, Jack. Eu não sou o jurado e este não é seu argumento inicial - disse secamente mamãe.

Abriu a boca e a fechou, olhando-a envergonhado. Depois de um momento, disse:

- Mac tinha suficientes problemas já lutando com a morte da Alina. Não havia maneira de que eu pudesse lhe falar de uma mulher irlandesa louca e uma profecia ainda mais louca. Nossa menina esteve lutando contra a depressão durante meses. Tinha já bastante em seu prato.

Profecia? Mamãe e papai sabiam da profecia? É que *todos* sabiam algo a respeito da maldita coisa, menos eu?

- O que ouviu todos esses anos atrás quando escavou procurando os registros médicos de Alina não parece tão louco agora, não? - disse mamãe.

Papai tomou um gole de bourbon. Soprou e pareceu desinflar-se.

- Cristo, Rainey, passaram quinze anos. Perfeitamente normais.

- Ela destrambelhou sobre os Fae. Quem não teria pensado que estava louca?

Não estou segura de que papai a tivesse ouvido falar. Bebeu o resto da taça de um gole.

- Deixei a Alina fazer *uma* coisa que prometi que nunca deixaria que nenhuma delas fizesse - disse mais ou menos.

- *Ambos a deixamos fazer* - disse bruscamente mamãe. - Deixa de se culpar. Eu a deixei ir a Irlanda também.

- Não queria. Te pressionei.

- Os dois tomamos a decisão. Sempre tomamos as grandes decisões juntos.

- Bom esta foi uma decisão em que não estava ali para me ajudar a tomá-la. Quando estava



em Dublin com Mac, ainda não me falava. Nem sequer pude conseguir que telefonasse.

- Sinto muito - disse mamãe depois de uma larga pausa. - A dor... - interrompeu-se e senti um nó no estômago. Estava pondo esse olhar em seus olhos de novo. Essa que tinha golpeado meu coração todos os dias até que me tinha escapado a Dublin.

Papai olhou fixamente e, diante de meus olhos, ele mudou. Vi-lhe inflar-se, sacudir suas próprias emoções e levantar-se a si mesmo por ela. Convertido em seu homem. Sua rocha. Sorri. Queria-lhe muito. Tinha arrastado a mamãe esperneando e gritando de dor uma vez antes e eu sabia que podia estar tranqüila, ele nunca permitiria que a pena lhe roubasse mais. Fora o que fosse o que me tivesse passado.

Levantou-se e se aproximou dela.

- Que acredita que devia lhe dizer Rainey? - disse papai em voz alta, sacudindo-a, impedindo que sumisse em seu mutismo - *"Neném, sinto te dizer isto, mas segundo uma antiga profecia, há uma coisa equivocado em você e é a condenação do mundo inteiro" (*)* - Soprou e pôs-se a rir. - Ri comigo, Rainey. Vamos! - atirava-lhe dos pés. - Não é nossa garota. É uma casualidade. Sabe que é falso. (* *N.deT: a redação da profecia é muito confusa, pois emprega palavras que podem significar "mau", mas também "equivocado" ou "distinto" e outras que podem ser "condenação" mas também "destino", "predestinação".... não sei se explico, pus esta interpretação porque parece ser a que mais quadra com a interpretação que Mac lhe dá*)

Amordacei a mim mesma. A mão à boca, cambaleando para trás e quase caí.

Havia uma coisa equivocado em mim? Eu ia condenar ao mundo inteiro?

- Sua mãe as deu porque ela acreditava - disse mamãe com preocupação.

- Isto é o que a senhora louca supunha - disse com firmeza papai. - Ela não tinha uma só prova. Interroguei a fundo. Nunca tinha visto esta suposta profecia e não me pôde assinalar a ninguém que o tivesse feito. Pelo amor de Cristo, Rainey, é um país que acredita nos duendes, os arcos íris e suas panelas de ouro! Posso defender meu caso?

- Mas há Fae, Jack - insistiu mamãe. - A louca tinha razão nisso. Estão aqui, agora, em nosso mundo, destruindo-o.

- Circunstancial. Uma predição exata não faz uma profecia completa.

- Ela disse que uma de nossas meninas morreria jovem e a outra, lamentaria não estar!

- Alina quase morreu quando tinha oito anos, recorda? Mas não o fez. Era jovem. O feito de que ela morresse aos vinte anos não significa nada, a mulher disse algo certo, e não quer dizer que certamente haja nada de mal na Mac. Acredito que os Fae são muito mais propensos ao fatalismo com nosso mundo do que qualquer ser humano é. Além disso, eu não acredito no destino e você tampouco. Acredito no livre-arbítrio. Todos os conselhos que lhe demos todo o amor e a sabedoria que choveram sobre ela, são suas posses agora e acredito que isso é suficiente. Conheço nossa filha. Ela é boa.

Agarrou suas mãos e tomou em seus braços.

- Meu amor, ela está viva. Sei que está. Posso senti-lo em meu coração. Soube quando Alina estava morta. E sei que Mac não.

- Está dizendo isto para me fazer sentir melhor. Esboçou um leve sorriso.

- Está funcionando?

Minha mãe lhe deu um murro à ligeira.

- OH! Você!

- Quero-te, Rainey. Quase te perdi quando perdemos Alina. - Beijou-a. - Não vou perder-te agora. Talvez haja alguma maneira de ficar em contato com Barrons de novo.



- Se soubesse com certeza... - disse mamãe.

Voltou a beijá-la, lhe devolveu o beijo e senti uma estranha sensação de vergonha, porque meus pais estavam fazendo *o bastante*.

Entretanto, observá-los era reconfortante. Tinham um ao outro e havia um amor entre eles que poderia resistir algo. Alina e eu sempre tínhamos intuído, que, embora nossos pais nos adorassem e fariam algo por nós, eles se amavam mais entre si. No que a mim respeita essa era a forma em que deveria ser. Os meninos crescem, seguem adiante e encontram seu próprio amor. O ninho vazio não deve deixar aos pais em duelo. Deve deixá-los preparados e muito contentes de continuar vivendo sua própria aventura, que, é obvio, inclui numerosas visitas aos filhos e netos.

Joguei um longo olhar atrás e fui me reunir com V'lane.

Voltou para meu lado em silêncio e me ofereceu sua mão, mas sacudi a cabeça.

Recolhi minhas coisas, fui à caixa do correio e tirei o álbum de fotos do LM de minha mochila.

Passei as folhas uns momentos até que encontrei a imagem perfeita de Alina, de pé diante da entrada arqueada de Trinity College. Ela sorria, com a boca aberta em uma gargalhada. Sorri.

Dava-lhe a volta e rabisquei no reverso

Ela era feliz.

Quero-lhes, mamãe e papai.

Estarei em casa logo que possa. Mac.

Capítulo 20

- Poderá me encontrar se tiver necessidade de mim, MacKayla - disse V'lane, quando se materializou na rua, fora da livraria.

Tinha estado pensando nisso mesmo. Não havia nenhuma discussão quanto a que V'lane era o elevador mais rápido do negócio. Dani era muito rápida em terra, mas não atravessava os oceanos. Peneirar-se era uma ferramenta de incalculável valor. Inclusive se V'lane aparecia só a metade das vezes que o chamasse, seria melhor que nada. Nunca contaria com ele de novo, mas o usaria se pudesse.

-Não sempre poderei vir se o faz. Quando minha rainha não me têm ocupado com tarefas, estou ocupado lutando com outros Seelie contra nossos irmãos escuros. Eles não consideram que sua terra seja suficiente. Tratam de nos arrancar a nossa também. Minha rainha está em um perigo cada vez maior, como minha casa. - Deixou-me em seus braços, inclinado para meu rosto e passou um dedo brandamente sobre meus lábios.

Olhei para cima. Eu ainda estava intumescida por ver mamãe e a papai, pela conversa que tinha escutado. Queria que me desse seu nome de novo, e rapidamente, assim poderia me arrastar a mim mesma ao interior, tomar banho e meter-se em uma cama cálida e familiar. Puxar dos lençóis até tampar a cabeça e tratar com todas minhas forças de dormir imediatamente, assim não teria que pensar.

"A condenação do mundo".

De maneira nenhuma. Eu não. Tinham a pessoa equivocada e a profecia equivocada. Sacudi a cabeça.

Ele interpretou mal.



- É um presente - disse secamente.

Ferido, príncipe orgulhoso. Toquei-lhe o rosto. Tinha-me presenteado a minha mãe e a meu pai, minha cidade inteira, todo o estado da Geórgia de novo.

- Estava movendo a cabeça por algo no que estava pensando, não por suas palavras. Sim, eu gostaria de ter seu nome, V'lane.

Lançou-me esse sorriso brilhante de novo, então, sua boca posou sobre a minha. Desta vez, quando me beijou, o impronunciável nome Fae se deslizou doce como o mel, veludo em minha língua, e se balançou ali, quente e delicioso, enchendo a boca com uma festa de sabor e sensações indescritível antes de fundir-se com sua carne. A diferença das outras vezes que tinha implantado seu nome em minha língua, esta se sentia natural, discreta. Também a diferença daqueles tempos, eu não estava maltratada por seu erótico ataque, obrigada ao orgasmo por seu contato. Foi um beijo extraordinário, mas sem invadir, deu sem tomar.

Deu um passo atrás.

- Estamos aprendendo um do outro - disse. - Começo a compreender Adam. Pisquei.

- O primeiro homem? Sabe um pouco do Adão (**N.deT: Adão=Adam em inglês*) e Eva? - V'lane não parecia do tipo que estuda os mitos da criação humana.

- Não. Um de minha espécie que escolheu converter-se em humano - esclareceu. - Ah, Barrons vem grunhindo. - Deu o surpreendente equivalente de uma risada humana e se foi. Toquei instintivamente minha lança. Estava na capa. Franzi o cenho. Tinha-me esquecido de comprová-lo. Teria ido? Voltei-me.

"Grunhindo" era uma palavra suave. Barrons estava na porta e se as olhadas matassem, eu teria sido esfolada viva na rua.

- As pessoas pensariam que já teria conseguido tudo o que um Fae lhe meteria na boca e que podia suportar, Srta. Lane.

- As pessoas poderiam pensar que já empurrei fora de minha boca a todos os homens que sou capaz de suportar. Um dia vou escolher beijar a um homem. Não porque esteja sendo violada e não porque deva retornar de um estado chamado Pri-já e não porque esteja dando o equivalente místico de um telefone celular sem todos os problemas habituais de serviço de telefonia, mas sim porque fodidamente desejarei fazê-lo!

Passei junto a ele. Não se moveu um ápice. A eletricidade chispava onde nossos corpos roçavam-se.

- Amanhã de noite. Dez em ponto. Esteja aqui, Srta. Lane.

- Estou lutando com as sidhe-seer - atirei em cima de meu ombro.

- As chame cedo. Ou procure outro lugar para viver.

Ao meio dia do dia seguinte, Dani e todas as outras sidhe-seer da abadia, reuniram-se em uma de suas cafeterias, sentadas ao redor das mesas, escutando como Rowena se dirigia à multidão, e, OH, essa mulher sabia dominar!

A GM era uma ardilosa política consumada. Escutei, guardando suas táticas em minha memória. Analisei as palavras que escolheu como as unia como jogava com a emoção por tudo o que valia a pena.

Sim, disse, podia deixar de lado suas diferenças com a pícara jovem sidhe-seer que nunca tinha sido devidamente capacitada e cuja irmã tinha traído a todo mundo ajudando a seu amante, o malvado LM, a deixar livres aos Unseelie para matar a milhares de milhões de pessoas em todo mundo, incluídos duzentas das nossas. Sim, estaria de acordo em fazer o que sentia que devia fazer para ganhar a batalha mais importante a que a humanidade se enfrentou jamais. Não podia apartar-se em consciência ou tirar as roupas que tinha usado durante quarenta e sete anos, duas



vezes mais do que a sidhe-seer tinha de vida, mas ia estender sua mão em sinal de bem-vinda, se era o que suas amadas filhas consideravam imperativo que fizesse, apesar dos numerosos argumentos de peso para o contrário.

Depois de seu breve discurso, pude ver a dúvida em alguns dos rostos das mulheres de novo, assim que fiquei e dei meu discurso. Sim, eu gostaria de deixar a um lado minhas diferenças velhas que me tinha rechaçado a primeira noite que me tinha conhecido, sem nem sequer perguntar meu nome, que me havia dito em términos muito claros que fosse morrer em outro lugar e a deixasse sozinha, quando era óbvio que era uma sidhe-seer com uma desesperada necessidade de ajuda. Por que não me havia feito uma de suas filhas? Por que a mim não tinha *amado* essa noite? Foi culpa minha que não tivesse nem idéia do que era? Por que não tinha me tomado?

Mas eu o perdoaria e, sim, eu gostaria de trabalhar com a mulher que tinha oculto as armas que podiam matar Fae, negando-se a que as Sidhe-seer fizessem o trabalho que tinham nascido para fazer e levava a cabo uma campanha de difamação constante contra minha irmã, cujo maior engano foi deixar-se seduzir por um Fae convertido em humano, com centenas de milhares de anos de experiência de criar ilusões e seduzir.

Quem de nós poderia não ter caído em tais circunstâncias? Tinham conhecido a V'lane.

Se quiserem atirar pedras, agora era o momento de fazê-lo, ou, nunca. Alina tinha visto em última instância, através do LM e tinha pago com sua vida. Uma vez mais, onde tinha estado Rowena quando minha irmã estava tratando de entender o que era? Como nos tínhamos perdido Alina e eu neste bolo, abandonadas a uma vida sem formação?

Eu estava ansiosa por fazer o que sugeria Kat, ela disse muito contente de trabalhar juntas para objetivos comuns, pondo as necessidades das Sidhe-seer em primeiro lugar. A partir deste momento, prometi, não falaria mal à GM, sempre e quando ela fizesse o mesmo por mim.

Sentei-me.

Ela cooperaria, disse Rowena desde seu pódio, apesar de que continuamente eu lhe tinha demonstrado ser pouco confiável e perigosa, me aliando, por gosto, com V'lane.

- Perdão, também o fez você – assinalei.

- Só pelo bem maior.

- Você não me permitiu ser parte de um bem maior. Você me negou a bem-vinda aqui. Kat nos freou.

- Stop se Centre! Grande Mestra, devemos deixar de lado nossas diferenças. Não parece? Rowena era ainda um momento, logo assentiu com a cabeça fortemente.

- Plena cooperação? - pressionou Kat.

Rowena estudou a assembléia reunida em silêncio. Vi o momento preciso no que reconheceu que tinha perdido muito terreno com seu rebanho, e devia voltar a ganhá-lo aqui e agora.

Nós dois devíamos puxar o carro juntas ou o carro ia se afastar nos deixando detrás.

- Sim - disse com firmeza.

- Estupendo - pus-me de pé - Então, onde estava o Livro contido? Como pôde ser contido? E, pelo mundo! Como pôde perder-se?

O rugido na sala foi ensurdecador, como eu tinha esperado que fosse. Esta, depois de tudo, era a pergunta que tinha circulado entre estas paredes, entre sussurros e segredos durante mais de vinte anos.

Voltei a me sentar, curiosa por ver como ia livrar se desta. Eu não tinha dúvida de que o faria.

- Que aborrecida é, Mac! - disse Dani, sorrindo. - Acredito que a temos agora.



Eu sabia que não. Rowena era muito inteligente para ser apanhada facilmente.

Quando a multidão se acalmou finalmente, nos informou com humilde gravidade de que, infelizmente, essas questões não estavam dentro da jurisdição para poder falar delas. Que embora a mim parecesse que ela era a única responsável, a abadia, sempre tinha sido dirigida como uma democracia regida pelo Haven e todas suas ações e decisões tinham que ser passadas ou rechaçadas por ele, especialmente em assuntos de tanta delicadeza e perigo. Devia-se falar com o Conselho Superior, apresentar nossas perguntas e obedecer a seus ditados. Por desgracia (e muito convenientemente para ela, observei secamente), alguns deles não estavam em casa neste momento. Mas logo que se...

- Bla, bla, bla, bla, bla - murmurei. - Quando chegar o momento em que tenha algo que nos dizer, os Unseelie terá matado a milhões de seres humanos mais.

Não importa. Estava de volta entre os muros da abadia. Já era hora de trabalhar no plano A. Esta reunião tinha sido o plano B. Olhei a Dani.

- Disse que tinha estado tratando de entrar na Biblioteca Proibida. Sabe onde está a sala vinte e um?

Seus olhos brilhavam.

Capítulo 21

Dani conhecia seu caminho ao redor do labirinto infinito de corredores de pedra da abadia, como qualquer sidhe-seer dos cinco primeiros círculos de ascensão, disse-me com orgulho. Havia sete círculos de ascensão em total e o sétimo é o mesmo Haven. Kat e sua equipe estavam só no terceiro. Ela não estava sujeita a tais limites, confiou-me Dani com ar de suficiência. Rowena a tinha colocado além de tais assuntos, sob seu cargo pessoal.

- Então Rowena te disse onde estavam todas as bibliotecas? - isso não soava como a GM que eu conhecia.

Bom, não, não exatamente. Possivelmente, bom, talvez tivesse aprendido a maior parte do que sabia da abadia antes da Rowena e as outras mulheres se dessem conta de que uma suave brisa significava que ela estava perto, quando ainda podia farejar livremente. O que importava? Ela sabia e isso era mais do que qualquer das outras sabia! Havia levado anos localizar as bibliotecas, e, ainda não estava segura de um par delas porque não podia descer por esses corredores, mas se figurou que deviam sê-lo, porque o que outra coisa teria Rowena escondido?

- O lugar é enorme e mortiferamente raro Mac - disse-me. - Há partes da abadia que não têm sentido. Espaços perdidos que pensa que algo deve ser, mas que não são.

Eu queria ver todos esses lugares, mas agora tinha que me centrar nas bibliotecas. Eu logo que tinha dormido a noite anterior. A conversa que tinha escutado entre meus pais haviam estando dando voltas como um disco rachado em minha cabeça. *"Neném, sinto te dizer isto, mas segundo uma antiga profecia, há algo mal contigo e vai condenar ao mundo inteiro"...*

Antes, já tinha estado ansiosa por ter em minhas mãos a profecia. Agora que se supunha que tratava de mim, estava desesperada. Eu não acreditaria que se referia a mim até que o visse com meus próprios olhos, e, inclusive então, provavelmente ainda não o faria, a menos que estivesse escrito meu nome completo e dissesse algo tão indubitavelmente incriminatorio como: *"Cuidado com a malvada MacKayla Lane; ela é uma peça do trabalho. vai condenar ao mundo inteiro, essa mulher"*.



Dei um bufo. Absurdo. Alina sabia algo disto? Por isso me tinha mantido tão longe?

Não só por meu próprio bem, mas também porque tinha aprendido algo de mim que lhe fez me ter medo, pelo bem do mundo?

- Não - disse com ironia.

- É, seguro - defendeu-se Dani - posso lhe mostrar isso... Voltei a me fixar no presente.

- Sinto muito, estava pensando em voz alta. Acredito e quero ver esses lugares. Mas em primeiro lugar, às bibliotecas.

Passamos de um corredor ao seguinte. Todos me pareciam iguais. A abadia era enorme. Sem Dani, poderia ter vagado durante dias, tratando de encontrar o caminho. Antes de chegar à abadia pela primeira vez, tinha investigado e aprendido que a enorme fortaleza de pedra tinha sido construída em terra consagrada no século VII, quando uma igreja construída por São Patrício no ano 441 dC se queimou. Essa igreja tinha sido construída para substituir a um círculo de pedra ruído, que alguns diziam, faz muito tempo, consagrou-se a uma irmandade pagã antiga. O círculo de pedra tinha estado precedido por um *Shian* ou montículo Fae, que, supostamente, tinha escondido dentro dele uma entrada ao Outro Mundo.

Tradução: Este ponto específico da terra, com esta longitude e latitude exata, tinha sido um lugar de grande importância, sagrado e protegido, tão antigo como eram capazes de descrevê-lo os registros, e não tinha nenhuma dúvida, ainda mais atrás. Por quê? Devido a que um Livro de poder indescritível tinha ficado preso debaixo durante milhares e milhares de anos?

A abadia foi saqueada no ano 913, reconstruída em 1022, queimada em 1123, reconstruída em 1218, queimada em 1393 e reconstruída em 1414. Foi ampliada e fortalecida cada vez.

Ampliou-se no século XVI e mais ainda no século XVII, patrocinada por um rico doador anônimo até completar o retângulo de edifícios de pedra, o pátio interior e a adição de moradias, diante do assombro dos aldeãos, para albergar a milhares de residentes.

Este mesmo doador desconhecido comprou a terra ao redor da abadia e converteu o enclave no lugar autossuficiente que era hoje. Se alguma vez tinha tempo para atuar em lugar de estar sempre tão ocupada reagindo, queria saber quem era o doador desconhecido.

Olhei a meu relógio. Eram as três pm e meu tempo estava escasso. Supunha-se que devia cumprir com as *sidhe-seer* em Dublin às sete e, continuando, com o Barrons às dez, ou seja com que propósito. Dificultando ainda mais meu calendário de encontros, pendia sobre mim a ameaça do LM de retornar em três dias, que me punha compreensivelmente incômoda, pois não era capaz de decidir que dia era esse. Estava contando com o dia de ontem e isso significava que retornaria no sábado pela manhã? Ou é que tinha a intenção de começar a contar desde sexta-feira e então voltaria no domingo? Ou, talvez quisesse dizer que me permitiria três dias e ele tinha previsto retornar o quarto. Tudo era irritantemente vago. Não só me tinha ameaçado, mas também nem sequer me tinha dado uma data e hora para meu iminente... o que fosse.

Pensava falar disso esta noite com o Barrons. Ele era minha onda. Eu contava com ele para manter ao LM longe de fazer qualquer tipo de ameaça.

Voltar para minha escassez de tempo.

- Terá que ir aos corredores proibidos, Dani. O que te mantém fora? - Imaginei grossos muros de pedra bloqueando-os, talvez, levava portas brindadas com combinações de números tão largas como Pi.

Eu não podia esperar nada melhor. Ela me lançou um olhar azedo.

- Fodidas e estúpidas guardas.

Dani sabia onde estavam dezoito das bibliotecas. Havia três lugares na abadia aos que nunca tinha sido capaz de aproximar-se. No primeiro ponto ao que me levou, as guardas estavam



gravadas no chão de pedra a intervalos de dez metros ao longo e largo da sala, desaparecendo pela esquina.

Passei entre as guardas do corredor, quase sem pestanejar, enquanto que Dani animava triunfante detrás de mim. Ao dobrar a esquina, passei entre mais guarda cheguei a uma alta e esculpida porta.

A porta não era tão fácil de passar. Estava cheia com guardas e runas de aspecto estranho. Provei com o pomo. Não estava fechada, mas o momento em que o toquei, tive a sensação horrível de cair de uma grande altura e imediatamente senti que estava sendo vigiada, vulnerável alvo no olho de alguém, a um instante de colocar um balaço em minha nuca.

Retirei a mão e o sentimento se desvaneceu.

Tomei uma respiração profunda e tratei de abrir o pomo de novo. Imediatamente me senti como se me tivessem metido em um pequeno cubículo subterrâneo escuro e tinha só uns momentos antes de me afogar!

Retirei a mão de novo.

Respirava levianamente e tremia, mas estava de pé no corredor, perfeitamente bem. Olhei as runas da porta e de repente me dei conta do que eram. Desde que tinha chegado a Dublin, tinha-me convertido em uma voraz leitora de livros sobre o paranormal, devorando artigos sobre temas que foram dos druidas e vampiros, às bruxas, em busca de feitos, tão fictícios como mitológicos. Estas eram as runas de repulsão! Trabalhavam amplificando os medos inatos de quem tratasse das cruzar.

A terceira vez que agarrei o pomo, meu corpo estava coberto de formigas de fogo, mordendo com sanha, e recordei como, aos sete anos, pensei que seria divertido de jogar na terra vermelha como a seda da colina e elas me tinham aterrorizado deles após.

"Isto não é real".

Preparei-me e obriguei a maçaneta a girar, enquanto as formigas arrancavam tiras de carne de meus dedos.

A porta se abriu e a atravessei, afogando um grito pela sensação de rasgão de minha pele. Toda sensação se deteve no instante em que cruzei a soleira.

Olhei para trás. A madeira da soleira estava também gravada com runas de repulsão.

Tinha entrado! Estava em uma das Bibliotecas Proibidas!

Olhei ao meu redor com ansiedade. Não era especialmente impressionante. Não em comparação com minha Livraria. A sala era pequena, sem janelas, e, apesar de ter um montão de desumidificadores, úmida. Entre as prateleiras e mesas cheios de livros, pergaminhos e objetos de coleção, dezenas de abajures ardiam. Rowena não queria correr o risco de que as Sombras acessassem a suas preciosas coleções.

Movi-me pela sala e comecei a procurar nas primeiras mesas, enquanto Dani vigiava o corredor. Como temia, não havia catálogo de registro nas Bibliotecas Proibidas. Embora a sala fosse pequena, uma busca exaustiva poderia levar dias.

Dez minutos mais tarde, Dani gritou e saí a toda pressa da sala, cruzando a soleira cheia de conjuros, para encontrar a uma multidão de sidhe-seer avançando através da linha de guardas.

Kat estava no fronte da multidão.

- Rowena disse que conseguiu passar através de algumas de suas guardas e que te encontrava nos arquivos proibidos. Ela nos mandou te deter.

Bom, isso respondia a uma de minhas perguntas. Perguntava-me, agora que me podia mover entre as guardas a vontade, se ela as tinha enviado antes que eu entrasse. Surpreendia-me que não fosse a mesma Rowena quem tivesse vindo.



- Para me deter, teriam que ser capazes de cruzar a linha de guardas - Olhei seus pés, no bordo da linha quase invisível de símbolos - e não parece que possam.

- Eu posso passar a maioria - disse Barb, empurrando diante dela. - Não é tão especial.

Jo também pode fazê-lo - deu-se a volta. - Onde está Jo? - olhou a Dani. - Não estava aqui mesmo?

Dani deu de ombros.

- foi.

- Não estamos aqui para te deter, Mac - o geralmente solene olhar cinza de Kat dançava de entusiasmo. - Estamos aqui para te ajudar a procurar.

Rompi as linhas das guardas com borracha de mascar, sim, com borracha de mascar. As guardas são coisas delicadas, fáceis de danificar se se podem tocar.

Para poder as tocar, terá que ser capaz de passar através delas, o que normalmente faz o feito das tocar um ponto discutível, mas neste caso, eu precisava fazer desaparecer a faculdade de repelir a minhas irmãs de armas para que pudessem as atravessar.

Na maioria dos casos, todo o necessário para escavar uma guarda é romper sua continuidade, interromper seu desenho, curto circuito o fluxo de energia que gera. Às vezes, se romper mal transformam-se em outra coisa, mas eu não sabia então e a sorte estava de meu lado esse dia.

Embora pudesse danificar os desenhados na porta, não podia fazer nada a respeito das runas de rechaço esculpidas na madeira da soleira. Cada sidhe-seer que o cruzou teve que enfrentar-se a seus demônios pessoais.

Todas elas o têm feito, estava muito orgulhosa de vê-lo.

Deixei-as na biblioteca, dezenas de jogos de mãos cuidadosamente dispostos a passar as páginas antigas, a desenrolar delicadamente cilindros, levantando estátuas e caixas, procurando algo de utilidade.

Dani e eu nos mudamos à biblioteca do lado. O acesso não foi tão fácil esta vez. Uma vez mais havia barreiras múltiplas de gordas, mas cada, era mais forte que a anterior. Eu passei pela primeira com relativa facilidade, a segunda com um grunhido. A terceira me gerou um pequeno choque e fez que meu cabelo rangesse. Fui marcando cada uma delas com um lápis de lábios que levava em meu bolso ao passar, assim Dani poderia me seguir.

Na quarta havia apertando os dentes, amaldiçoando a quem tinha posto estes desenhos antigos. Rowena? Queria aprender a fazê-lo.

Cometi o engano de tratar de saltar através da quinta, para conseguir que o mal-estar passasse com mais rapidez e me estreei contra ela como se fosse um muro de tijolo. Ricochetei e caí de traseiro.

Dani riu dissimuladamente.

Retirei meu cabelo dos olhos e a fulminei com o olhar.

- Tia. Passa-me todo o tempo.

Levantei-me e com cautela me aproximei. Não era uma simples linha de guardas. Havia capas delas, brilhantes, umas em cima de outras. Até a data, as que eu tinha visto eram prateadas e de aspecto delicado.

Estas tinham uma tintura azulada, linhas mais nítidas e formas mais complexas. Agora que estava prestando muita atenção, podia sentir o frio ligeiro que emanavam. As páginas do Livro do Kells não dizia nada da complexidade destes desenhos. Os nós se convertiam em criaturas fantásticas, transformavam-se em incompreensíveis equações matemática e logo se retorciam de novo. Eu não sabia nada de guardas. Onde estava Barrons quando lhe necessitava?



Passei dez minutos tratando de atravessá-la. Se ia para ela, ricocheteava. Se tratasse de empurrar lentamente para frente, simplesmente não se rendia, como se realmente fosse um muro que eu não podia ver.

- Prova com sangue - sugeriu Dani. Olhei-a.

- por quê?

Ela deu de ombros.

- Às vezes, quando Ro precisa vencer um conjuro muito potente, usa sangue. Algumas das guardas que colocou na saída de sua cela a levavam. Imagino que já que pode cruzar a maioria delas, seu sangue poderia fazer algo. Se não, pode provar com o meu.

- O que faço com ela?

- Não sei. Verte um pouco em cima delas.

Depois de um momento de reflexão, decidi que não podia me fazer dano. (Chegaria o dia em que descobriria que estava equivocada). Acrescentar sangue a algumas runas é ainda mais estúpido que lançar gás em um incêndio e, em alguns casos, em realidade as transmuta em guardas vivas. Um conselho: nunca deixe gotejar seu sangue de forma indiscriminada nas runas cuja origem desconhece!

Coloquei a mão sob minha navalha.

- Não se aproxime, talvez algo vá mau - disse.

Coloquei a palma para cima, tão perto da barreira de runas como pude sem ser rechaçada e fiz um corte superficial. Ow. O sangue emanava.

Voltei a mão para que gotejasse no chão.

Nada gotejava. Voltei a mão e olhei. Não havia nenhuma ferida. Cortei-me a palma de novo, esta vez mais profundamente.

- Ai! - encheu-se de sangue. Dava-lhe a volta. Nada gotejava. Franzi o cenho. Sacudi-a. Apertei a mão em um punho.

- O que acontece, Mac?

- Espera um segundo - voltei a mão de novo. Não havia corte.

Apertando a mandíbula, coloquei a palma da mão no chão e cortei rápido, duro e profundo. O sangue gotejava. Bom para mim. Deteve-se. Cortei de novo, mais profundo. Caía de novo e um arroio magro correu para o bordo dos símbolos.

Os desenhos assobiaram, o chão de pedra se estremeceu e se evaporaram antes que meu sangue as houvesse tocado.

Pude atravessar a barreira, embora não sem dificuldade.

- Vamos, Dani.

Não se tinha acabado a tormenta ainda. Podia sentir coisas por diante. Coisas piores.

Não houve resposta.

Dava-me a volta. Havia um muro de pedra detrás de mim.

- Dani? - chamei. - Dani me ouve?

"Não está permitido estar aqui. Você não é uma de nós".

Dava-me a volta. Uma mulher estava no corredor, bloqueando o caminho. Era loira, formosa, com olhos de gelo.

- Quem é você? - perguntei.

"Vai agora ou sofrerá nossa ira".

Dava um passo adiante e imediatamente senti uma dor insuportável. Cambaleei para trás.

- Tenho que entrar na biblioteca. Estou procurando respostas.

"Não está permitido estar aqui. Você não é uma de nós".



- Ouvi a primeira vez. Só quero olhar um pouco.

“Vai agora ou sofrerá nossa ira”.

Tratei de raciocinar com ela, só para me dar conta de que, apesar de uma dor esmagadora que se abatia sobre mim cada vez que tentava dar um passo adiante, a mulher não era mais que o equivalente místico de uma mensagem gravada.

Não importa o que dissesse, repetia as mesmas duas coisas, uma e outra vez. Não importa quantas vezes tratei de me impulsionar, a dor me levava de volta.

Não me cabia nenhuma dúvida de que estas salas impenetráveis protegiam segredos inestimáveis. Tinha que passar.

Havia outras ferramentas a minha disposição. Abri a boca e lancei o nome de V'lane.

Ele estava ali antes que eu tivesse terminado de falar, sorriu, por uma fração de segundo. Logo, dobrou-se de dor. Sua cabeça dourada se tornou para trás. Em realidade me sussurrou como um animal.

E desapareceu.

Eu olhava boquiaberta. Olhei para trás, à mulher.

“Não está permitido estar aqui. Você não é uma de nós”.

Não havia maneira de avançar que pudesse ver nesse momento. Não tinha nenhuma carne

Unseelie comigo para tratar de comê-la, a ver se me fazia o suficientemente imune para suportar a dor e continuar. E, total, depois do que acabava de passar a V'lane, não estava segura de se ter temporariamente algo Fae correndo por minhas veias me ajudaria ou me limitaria ainda mais.

Não estava muito surpreendida quando descobri que a parede de pedra detrás de mim era uma ilusão.

Entretanto, atravessá-la doía como o inferno.

Capítulo 22

- O LM veio para ver-me ontem – disse, quando entrei pela porta principal da Livraria.

As luzes do exterior do edifício belamente restaurado eram tênues, banhando a rua e a entrada abobadada com uma luz âmbar claro. As luzes do interior são igualmente tênues. Ao parecer, Barrons já não considera as Sombras uma ameaça.

Não pude vê-lo, mas sabia que estava aqui. Agora, estou em sintonia com a mínima baforada do Jericó Barrons. Oxalá não o estivesse. Lembrei-me do momento em que dançamos e ele riu; eu, então, não tinha preocupações, mas era... sozinho... um formoso animal. Tudo era comer, dormir e sexo.

Ah, a vida simples!

Estiquei-me. Havia um objeto de poder, ou vários, em algum lugar da livraria. Se for um, era um potente chuta cú, se não, eram vários de uma potência menor. Senti-o em meu estômago. Um fogo frio no poço escuro de meu cérebro. Os OOP's já não me fazem sentir doente. Fazem que me sinta... viva.

- Disse que você era o imbecil que lhe ensinou A Voz - continuei. - É curioso como se esqueceu de mencioná-lo quando tentava me ensinar.

- Não me esqueci de nada, Srta. Lane. Omiti.

- Evitou.



- E mentir, e enganar e roubar - acordou.
- Se o sapato encaixar...
- Você tem prioridades absurdas - saiu das sombras, entre as estantes.

Olhou-me de cima abaixo. Só uma vez antes, eu tinha visto o Jericho Barrons com jeans e uma camiseta. Era como um Bugatti Veyron de 16 válvulas, com motor de 1001 cavalos de força, mas com o corpo de um Shelby do 65. A força e o aspecto sofisticado de um esportivo. O efeito é inquietante.

Tinha mais tatuagens agora dos que tinha tido faz uns dias. Quando lhe tinha visto pela última vez, vestido só com o brilho de seu suor, só seus braços estavam marcados. Agora havia complicados desenhos em vermelho e negro, dos bíceps às mãos. Um bracelete de prata brilhava em seu pulso. Tinha correntes de prata em suas botas.

- Londrino né? - disse.

"E você o diz?", disseram esses olhos escuros, deslizando-se por meu conjunto de couro negro.

- O que têm de absurdo minhas prioridades? - evitei. Não me preocupava absolutamente o que pensasse de minha equipe. - Você odiava meu arco íris, agora não gosta do couro. Há algo que goste de mim?

- O LM, como você lhe chama, enviou a seus Príncipes a violá-la e, possivelmente, tenha-a violado ele mesmo e só agora menciona que... o que? Chamou-a? Trouxe-lhe flores? E a resposta a sua pergunta é sua pele, Srta. Lane.

Faria como que não tinha ouvido suas últimas palavras.

- Não flores. Só café. Não do Starbucks, entretanto. Daria um olho do rosto por um café com leite grande do Starbucks.

- Eu não ofereceria tão alegremente seu olho. A gente nunca sabe quando necessitará. Para ser uma mulher que foi violada recentemente, certamente, parece enfasiada.

- OH, por favor, Barrons quanto mais posso perder?

- Nunca pergunte.

- Por que lhe ensinou? Dá-se conta de que, sem querer, talvez inclusive inadvertidamente...

- Nenhuma palavra mais, Srta. Lane.

- ...pôde ser você quem lhe ajudou a assassinar a minha irmã?

- Esta tensa.

- Estou? Que mais lhe ensinou?

- Umas poucas artes menores dos Druidas.

- Em troca do que?

- O que lhe disse Darroc? Prometeu a sua irmã de novo?

- É obvio.

- E disse a seu violador que o pensaria?

- Disse que ia voltar por mim em três dias. E que seria melhor que estivesse disposta.

- Mas você... - Barrons disse em voz baixa, dando um passo mais perto - ah, minha querida Srta. Lane, você acreditava que não tinha nada mais que perder. Quando vencem esses três dias?

- Isso é o que realmente me incomoda. Não sei. Estou vagamente aborrecida.

Barrons me olhou, logo um leve sorriso curvou os lábios, e, por um momento, pensei que riria.

- Os nervos. Ameaçando-a sem precisar nada a respeito.
- Exatamente meus sentimentos.



O sorriso tinha desaparecido. Seu rosto mostrava frieza.

- Não irá de meu lado de novo. Suspirei.
- Estava bastante segura de que diria isso.
- Quer que te leve de novo?
- Não.

- Então, não será estúpida? Não irá correndo para o perigo, precisamente no momento mais inoportuno, aparentemente por uma causa nobre, só para ser seqüestrada pelo vilão, não por tua culpa, mas sim porque depois de tudo, tinha que fazer o honorável, porque há algumas coisas pelas que vale a pena morrer? - disse secamente.

Inclinei a cabeça.

- Eu não sabia que lia tantas novelas.
- Conheço os humanos.
- Já! Finalmente admite que não é um deles.
- Não admito nada. Quer verdades de mim? Deveria ver-me em lugar de me olhar.
- Por que destruiu o bolo de aniversário lançando-o ao teto?
- Estava tratando de celebrar o dia em que nasci. Vamos, Srta. Lane. Tenho algo que te

mostrar.

Voltou-se e se trasladou à parte traseira da loja sem olhar atrás para ver se lhe estava seguindo.

Eu o segui. Um grande OOP estava justo diante.

- A quem teve que matar para conseguir a terceira? - olhei. A terceira das pedras necessárias para *revelar* a verdadeira natureza do Sinsar-Dubh, brilhava estranha, com sua cor negro-azulada sobre o escritório de seu estúdio.

Olhou-me.

"Está segura de querer saber?", seu olhar escuro burlava.

- Retiro a questão - disse apressadamente. - V'lane tem a quarta, verdade? - Nesse sentido, perguntava-me onde V'lane teria ido e por que. O que lhe tinha ocorrido nesse corredor com guardas? Por que me sussurrou e que era o que tinha causado dor? Eu tinha esperado que se peneirasse pouco depois de que ocorresse, ou, explicar ou ser seriamente enumerou para mim.

"Eu acredito que sim".

- Mas não sabe onde.

"Não no momento".

- Deixa de falar sem falar. Tem boca: usa-a. - Incomodava-me a intimidade implícita de nossos diálogos sem palavras.

- Usava minha boca faz uns dias. Você também.

- Deixa de me recordar isso grunhi.

- Pensei que nós tínhamos passado já da fase de desculpas desnecessárias. Corrige-me se me equivoco.

Aproximei-me da mesa, atraída e repelida de uma vez pelo poder gotejante da pedra coberta de runas. Reconheci que era a que eu tinha roubado da guarida do Mallucé. Era a menor das três. A segunda era duas vezes maior e a terceira ainda maior. Seus bordos estavam bruscamente cortados, como se tivessem sido esculpidas pela grande força de uma substância com compostos químicos muito diferentes e seguindo umas leis físicas que não eram de nosso mundo. Dispostas próximas umas às outras, cada uma das três emitia um delicado som de tinido cristalino de diferente duração e tom. O som era impressionantemente belo. E intensamente perturbador. Como o repicar dos sinos do inferno.



- Disse que se as quatro se reuniam, eles cantariam uma canção de criação. A Canção ou tra menor? Há canções menores?

- Não sei.

Estava inquieta. Que Barrons admitisse sua ignorância me incomodou tanto como o som procedente das pedras.

Aproximei-me de tocar uma delas. Quando minha mão passou por cima dela, seu brilho explodiu, tão brilhante que me doíam os olhos. Joguei minha mão para trás.

- Interessante - murmurou Barrons - Está pronta para um experimento? Olhei-lhe fixamente.

- Quer rodear as esquinas do Livro com estas três Para estudá-lo, ver como podia reagir e, ver se nada mais ficava de manifesto.

- Você joga?

Considere-o um momento, recordando o que tinha ocorrido a última vez que ele e eu tínhamos ido perseguir o Livro.

A coisa tinha trocado abruptamente de rumo e dirigido diretamente para nós. Quase tinha convertido ao Barrons em seu escravo. Tinha ido para o Barrons, não para mim. Não havia nada mau em mim. Eu era boa. Eu era a mesma Mac de sempre. Papai havia dito que eu era tão boa como quando tinha vindo ao mundo. Todo mundo sabia quão sábio era Jack Lane.

- Claro - disse.

Enquanto ele reunia as pedras e começava às envolver em tecidos de veludo, eu olhava o espelho Unseelie. Tinha estado justo debaixo de meu nariz, em seu estúdio, durante meses, mas nunca havia sentido, nem uma vez, sua essência Fae, nem que fosse parte de uma vasta rede de Relíquias Unseelie. Estava fechado agora, fazendo-se passar por um espelho perfeitamente normal.

- Como funciona? - perguntei-lhe.

Continuou envolvendo as pedras em silêncio.

- OH, vamos - disse com impaciência. - Não que esteja tratando de me colocar em sua cabeça para descobrir algum de seus preciosos segredos. Os Fae estão arruinando meu planeta e vou chutar seus traseiro por isso. Todo conhecimento, boas armas... bem!. Assim, desembucha.

Não levantou a vista do que estava fazendo, mas pude ver um leve sorriso jogando em seus lábios.

- Às vezes penso que te nega a me dizer as coisas só para me irritar.

- Mas você nunca faz nada só para me irritar - disse secamente.

- Não quando se trata de algo que poderia ser importante. O que acontece se fico apanhada em algum lugar sem mais saída que através de um Espelho? Eu nem sequer saberia como usá-lo.

- Você acredita que teria as bolas necessárias para entrar em uma dessas coisas?

- Talvez se surpreendesse - disse com frieza.

- Não, se fizer tudo igual como fode.

Eu não ia deixar que me deslocasse com sua alusão ao sexo.

- Quero aprender, Barrons. Ensina-me. Se eu soubesse sozinha uma fração do que você sabe, as probabilidades de sobreviver seriam maiores.

- Talvez pudesse ser que não quisesse.

- Poderia cooperar? - disse, exasperada.

- Eu não conheço essa palavra - burlou-se com voz de falsete.

- Estou tratando de me armar, assim poderei lutar igual fodo - critiquei - Mas se nega a me ajudar - odiava-lhe quando me recordava meus momentos Pri-já.

- Estava começando a perguntar-se se alguma vez diria essa palavra, Srta. Lane. Houve um



tempo em que não tinha reservas. “Foda-me, Jericó Barrons” me disse, manhã, tarde e noite.

Há dois tipos de mel verbal que uma mulher do Sul pode lubrificar em suas palavras quando o necessita: o tipo que atrai às moscas derrete os corações dos homens e levanta outras de suas partes, ou do tipo que faz que um homem queira aconchegar-se e morrer. Empreguei este último.

- Não sabia que conseguir que fale fosse tão fácil ou o haveria dito faz cinco minutos. Foda-me, Jericó Barrons.

Levantou a cabeça e pôs-se a rir, mostrando intermitentemente seus dentes brancos. Tirei minhas unhas das palmas de minhas mãos.

- Os Espelhos - disse, quando tinha deixado de rir - uma vez foram contados por dezenas de milhares, inclusive, alguns dizem que eram infinitos. As coisas Fae tendem A...

- Sei. Ter vida própria. Trocam e evoluem de maneira estranha.

- Quando o Rei Seelie os fabricou...

- Rei Unseelie - corrija.

- Foi primeiro Seelie. E deixa de me interromper se quiser que continue falando. Quando o rei Seelie os fabricou, eles formaram uma rede de absoluta precisão e previsibilidade. Foi uma invenção brilhante. Foi o primeiro método dos FAE para viajar entre as dimensões. Entrar em um deles te depositava imediatamente no “Salão de Todos os Dias*” (*N.deT: Hall of All Days*).

- O que é o Salão de Todos os Dias?

- O Salão é... bom, pensa nele como um aeroporto: a chegada principal e o ponto de partida de toda a rede. Está cheio de Espelhos que se conectam com os espelhos em outros mundos, em um sem número de outras dimensões e tempos. A gente pode estar no Salão, examinar as luas individualmente e escolher entre centenas de milhares de lugares para visitar. Foi a versão Fae de... uma agência de viagens quântica.

- V’Lane me disse que o rei criou originalmente o Espelho para sua concubina, não para os Fae. Adicionou que o rei o criou para que pudesse viver dentro dos espelhos, nunca envelhecesse e tivesse outros mundos para explorar até encontrar uma maneira de fazê-la Fae como ele. - Perguntei-me uma vez mais o que lhe tinha acontecido a V’lane esta tarde. Apesar de que sabia que não podia contar com ele, sentia-me um pouco nua sem seu nome em minha língua.

- Disse a ele também que, quando a rainha sentiu a energia da criação do rei, quis saber o que tinha feito e que, para dissipar suas suspeitas, porque ela odiava a sua concubina, disse que havia feito como um presente para ela?

- V’Lane disse que o rei deu à rainha só uma parte deles.

- Infelizmente, teve que dar à rainha o elo que continha o Salão de Todos os Dias. Sua concubina tinha só uma pequena parte do que havia feito para ela, isolado do resto. Para compensar, ele construiu a sua concubina a fantástica Mansão Branca, em uma colina, uma casa de habitações infinitas, terraços e jardins. Ele a fez acessível só a aqueles espelhos que penduravam das paredes de seu próprio escritório privado.

- Assim, há duas partes separadas de Espelhos. - Isso era muito para absorver. - Uma é uma coleção de espelhos infinita, possivelmente, que conectam com outras dimensões, mundos e tempos, do aeroporto “principal” no Salão de Todos os Dias. A outra está selada fora da rede, menor, e é onde vivia a concubina. Suponho que uma vez que ela morreu essa parte nunca foi usada de novo - refleti. Os espelhos eram fascinantes. Não podia imaginar que se possa atravessar um espelho e imediatamente ser transportado a outro mundo ou outro tempo.

- V-lane lhe disse muito - Barrons soava irritado.

- Diz mais que você. Faz-me pensar em quem confiar.

- Lema de sobrevivência: Nunca confie em um Fae. Disse como morreu a concubina do rei?



- Ele disse que odiava aquilo no que o rei se converteu e lhe deixou da única maneira que podia. Acabando com sua própria vida.

- Incomodou-se em assinalar que tudo o que o rei tinha feito, havia feito por ela? Acredita que ela pensou nisso antes de decidir matar-se? Ocorreu a ela que algumas vezes as boas vontades se tornam escuras no que para outros poderia ser uma virtude de merda?

- Não soa como que ele se fizesse escuro a ela. Soa como se estivesse contando com que ela ia morrer e disposto a fazer algo para evitá-lo.

- Perspectiva, Srta. Lane. Consiga um pouco. O LM havia dito o mesmo.

- Pensa que a concubina deveria ter apreciado que seu amante se convertesse em um asno obsessivo e passado por cima dos resultados terríveis de seus experimentos? Talvez se em lugar de gastar todo seu tempo, não foram dezenas de milhares de anos os que ela esperou? Tratando de fazê-la viver para sempre, tivesse-a amado sozinho durante toda a vida mortal da que ela dispunha, ela teria sido feliz!

Barrons me olhou fugazmente.

- Os Espelhos são um desastre agora - continuou bruscamente. - Não há nada predisível aproxima deles.

- Porque Cruce os amaldiçoou. Quem era exatamente Cruce? - ouvia seu nome, mas isso era tudo. Eu nem sequer sabia se era Seelie ou Unseelie. - E qual foi a maldição?

- É irrelevante. Está morto.

Barrons colocou as pedras em uma bolsa de couro negro com delicadas e brilhantes runas e o atou com um cordão de couro. No momento em que selou a bolsa, o repique cessou e as pedras ficaram em silêncio.

- Mas a maldição não morrerá jamais. Corrompeu aos espelhos de forma irrevogável. O que antes era uma rede de fácil navegação é agora um lugar de completo caos. Agora, alguns Espelhos lhe levam ao Salão, mas outros não. Mundos e dimensões se fraturaram e estão divididos pelo IFP'S. Alguns dos principais espelhos se fizeram pedacinhos, enquanto que outros surgiram a uma existência que nunca deviam ter. Muitas das duplas vias dos Espelhos do Salão, são agora só o bilhete de ida a um terreno baldio. Os espelhos mudaram, fundindo-se em reflexões ilusórias. O Salão colidiu com o reino da concubina, com algumas parte do Reino Fae e, alguns, estrelaram-se em O Sonho*. (*N.deT: The Dreaming= O Sonho*)

- O Sonho! - exclamei. - Há realmente um reino Fae com esse nome?

- Não pertence aos FAE. O Sonho é muito mais antigo e não pertence a ninguém. É o lugar onde todas as esperanças, as fantasias, ilusões e os pesadelos dos seres sensíveis, estão ou descansam o que prefira acreditar. Para complicar as coisas ainda mais, a maldição Cruce causou rasgaduras nos muros da prisão Unseelie, e agora os Espelhos conectam com o cárcere também.

- Bom, então, por que não escaparam os Unseelie antes?

- Alguns o fizeram. Mas a prisão Unseelie é tão grande que poucos descobriram as fissuras nas paredes, e os Espelhos são tão impossíveis de navegar, que só um punhado conseguiu encontrar seu caminho no mundo. As pessoas poderiam estar perdidas dentro da rede de Espelhos para sempre. É um reino do presente, mas contém resíduos do passado. Alguns dizem que são também as projeções de todas as possibilidades, que realmente converteram o Salão de Todos os Dias no que sempre foi e sempre será. Não há garantias. Os Fae os evitam por completo.

- Mas você não. Nem o LM.

- Há muitas formas de artes druidas que, utilizadas com discernimento, podem selar partes dos Espelhos, garantindo certo grau de controle sobre o transporte temporário em um espaço limitado. Dependendo do espelho no que tenha que trabalhar, haverá maior ou menor... mal-



estar. O frio em alguns deles é difícil de suportar.

Já sabia. Tinha visto quando o atravessou com ela, recoberta dos cristais de gelo de seu sangue. Eu havia sentido uma gelada rajada de ar que adormecia até a alma.

- E matou a mulher com a que atravessou o Espelho, por que.... - minha voz era como açúcar sobre o fio de uma navalha.

- ...Porque queria. - Igualou a ligeireza açucarada de meu tom. - Não esperava isso, verdade, Srta. Lane? Não só há uma resposta, mas também uma incriminação, em seu livro. Vamos - disse, e seu escuro olhar brilhava com impaciência súbita. - A noite não durará para sempre.

- Como é a prisão Unseelie? - queria saber se era o lugar frio que às vezes via em meus sonhos. Se for assim, como poderia eu saber dela?

- Multiplica o frio de meu espelho como infinito.

- Mas, a que se parece?

- Não há sol. Não há erva. Não há vida. Só penhascos e escarpados de gelo. Frio. Escuridão. Desespero. O ar cheira ao mesmo. Há três cores somente: branco, negro e azul. A malha do lugar carece da composição química necessária para que qualquer outra cor exista. Sua pele seria tão branca como ossos branqueados. Seus olhos, negro mate. Seus lábios, azuis. Nada cresce. Só há fome sem sustento. Luxúria sem satisfação. Dor sem fim. Há monstros que não têm nenhum desejo de sair, porque são monstros.

- Como sabe tudo isto? - perguntei-lhe enquanto nos dirigíamos à parte de trás, assumindo que selecionaríamos algum carro incrível da coleção ainda mais incrível de Barrons.

- Basta. Diga-me, Srta. Lane, se pudesse voltar para os dias em que Alina ia a Trinity, deteria-a verdade?

- Absolutamente - disse sem vacilar.

- Sabe que isto poderia jogar de muitas maneiras? O livro já estava solto. Isto ia acontecer, tanto se viesse a Dublin como se não. Só uma variação diferente sobre o mesmo tema destrutivo. Teria-a mantido em Ashford para conservá-la com vida, nunca se teria informado pelo que era e provavelmente teria morrido na mais completa ignorância às mãos de algum Fae?

- Não há uma terceira opção? - disse irritada. - Qual é a porta número três? Não viu alguma vez o programa Let's Make ao Deal? (*N.de T: Let's Make ao Deal = Façamos um trato*)

Ele me lançou um olhar. Obviamente, não.

- O que vamos conduzir esta noite? - perguntei-lhe ao chegar ao pomo da porta.

Capítulo 23

- Não penso montar *isso* - havia momentos nos que tinha que pôr os pés no chão Barrons e este era um deles.

- Se cale e segue adiante.

Se tivesse sacudido minha cabeça mais violentamente, meu pescoço teria quebrado.

- Vamos. Agora.

- Em seus sonhos.

Nós íamos viajar em um Caçador Real.

Barrons tinha conseguido, de algum jeito, abater a um Caçador, e estava, em terra, no beco entre a Livraria e a garagem; uma dessas terríveis bestas cujo principal objetivo era erradicar minha espécie da face da terra. É certo que era um dos menores, do tamanho de duas estreitas



casas de dois andares em lugar de um complexo de apartamentos de cinco andares, e não era um desses enormemente mortais dos quais Jayne tinha disparado, mas ainda assim, era um Caçador Real, a casta responsável pelo assassinato de inumeráveis sidhe-seer durante milhares de anos. E ele esperava que eu o tocasse?

Eu não o havia sentido porque estava de algum jeito... umedecido.

Estavam de cócoras, mais negro que o breu, olhar satânico, com asas coriáceas e olhos de fogo, chifres e uma cauda bifurcada. Suas exalações expulsavam rajadas de fumaça pelo beco, para a que foi a maior Zona Escura da cidade. O espaço entre a livraria e a garagem estava vinte graus mais frio que o resto.

Coloquei a mão no casaco e agarrei minha lança.

- Não se atreva - disse Barrons. - Está sob meu controle. Olhamo-nos um ao outro.

- O que teve que oferecer a um Caçador para conseguir que faça isto? Como se pode pagar a outro mercenário?

- Você deveria sabê-lo. Como estão seus preciosos princípios ultimamente? Franzi o cenho. Depois de um momento, soltei a lança.

- Pode-se cobrir a cidade muito mais rapidamente do que poderíamos fazê-lo em um carro. Vocês... IFP, como os chama, não nos incomodarão, o qual lhe converte na opção mais inteligente de transporte.

- Sou uma sidhe-seer, Barrons. Ele é um Caçador. Adivinha o que é o que os Caçadores caçam? Sidhe-seer. Não vou subir.

- O tempo está breve, Srta. Lane. Move seu traseiro.

Investiguei mentalmente ao Caçador, tentando recolher suas intenções, esperando encontrar um poço turvo de pensamentos homicidas para as sidhe-seer. - Não havia mais que uma parede de gelo negro. - Não posso chegar a sua mente.

Eu não gostava no absoluto.

- E esta noite ele não pode chegar à tua, assim deixa-o como está e faz o que te digo. Entrecebrei os olhos.

- Você não pode controlar a um Caçador! Ninguém pode! Seu olhar escuro se burlava.

- Tem medo.

- Não tenho - espetei. É obvio que tinha. A coisa podia estar suspeitosamente umedecida e aparentemente alheia a minha presença, mas o temor jazia em meu sangue. Eu tinha nascido com um alarme em meu subconsciente profundo.

- E se isto nos sacode de cima assim que desperte?

Não sangrava como estava acostumado a fazê-lo, mas, estava bastante segura de que meus ossos se rompiam tão facilmente como os do resto das pessoas.

Barrons caminhava em frente do Caçador. As chamas saltaram de seus olhos quando o viu. Cheirou ao Barrons e um pouco do calor pareceu morrer. Quando Barrons tirou a bolsa que continha as pedras de sua jaqueta, o Caçador pressionou seu nariz contra ela e pareceu cheirá-la.

- Ele sabe que estaria morto antes de poder fazê-lo - disse em voz baixa.

- Isso nunca me vai deixar subir com minha lança e eu não vou renunciar a ela - disse entre evasivas.

- Sua lança é a menor de suas preocupações.

- Onde se supõe que vou me agarrar? - perguntei.

- Têm a pele frouxa entre as asas. Agarra-o como a crina de um cavalo. Mas ponha estes em primeiro lugar. - Lançou um par de luvas para mim. - E mantém os postos. - Eram de uma malha estranha, grossos mais flexíveis. - Não quereria tocá-lo com a pele nua. - avaliou-me - O resto de



você deve estar bem.

- Por que não quereria tocá-lo com a pele nua? - perguntei-lhe com receio.
- Em marcha, Srta. Lane. Agora. Ou te atarei com uma corrente nessa maldita coisa.

Demorei um pouco em me acomodar, mas uns minutos depois me encontrava na parte traseira de um Caçador Unseelie.

Compreendi por que me tinha dado as luvas. Irradiava um frio tão intenso que se lhe houvesse tocado com minhas mãos nuas, tendo em conta a umidade que o recobria, estas teriam congelado sobre sua couraça pele. Estremeci, agradecida por minhas várias capas de roupa de couro. Barrons estava montado atrás de mim, muito perto e elétrico para minha comodidade.

- Por que gosta do aroma das pedras?
- Foram esculpidas entre as paredes da fortaleza do rei Unseelie. É o equivalente de seu bolo de nozes, frango frito e esmalte de unhas - disse secamente.
- Cheira a casa.

O Caçador lançou um sopro de ar cheio de fumaça, enchendo a rua com o aroma acre de enxofre. Então desdobrou suas asas e com um bombeamento maciço de suas asas coriáceas, separou e as agitou na noite escura; uma ducha de cristais de gelo negro caiu nas ruas.

Fiquei sem fôlego e olhei para baixo, observando como a livraria se fazia menor. Levantamos mais e mais alto no céu, nesta noite fria e escura.

Estávamos sobre o Trinity College e a Têmpera Bar!

Ali estava a delegacia de polícia e o parque. Ali estava a fábrica do Guinness, com a plataforma em que fiquei olhando a noite que me dava conta que tinha me apaixonado por esta cidade. Ali estavam as plataformas e a baía, estendendo-se até o horizonte.

Odiava a igreja onde meu mundo se derrubou. Inclinei minha cabeça para trás e olhei às estrelas, rechaçando tanto sua visão como as lembranças. A lua era de um branco brilhante, mais brilhante do que deveria ter sido, rodeada de uma estranha aura sangrenta como a que tinha visto faz algumas noites.

- O que acontece com a lua? - pedi ao Barrons.
- O mundo Fae está sangrando no teu. Olhe essas ruas ao norte do rio.

Olhei longe do purpúreo bordo da lua onde estava apontando. Os paralelepípedos molhados brilhavam com o tom lavanda delicada da intensidade de um néon, riscando dúvidas de prata com a luz. Era formoso.

Mas algo estava equivocado e era profundamente inquietante, como se não houvesse cor só as pedras. Como se alguma forma de vida microscópica, parecida com um líquen Unseelie, crescesse sobre nosso mundo, manchando-o, transformando-o tão certamente como a maldição de Cruce tinha transformado os Espelhos.

- Temos que evitar que as coisas mudem - disse com urgência. Em que ponto as mudanças voltariam permanentes? Eram já?

-É por isso que alguém poderia pensar que você não deveria perder o tempo discutindo sobre o modo mais eficaz de viajar - Barrons soava francamente zombador.

Olhei a *"meu modo de viajar"*, seu punhado de pele como a tinta, obstinado com minhas mãos enluvadas.

Eu montava um Caçador Unseelie! Tinha havido alguma sidhe-seer na história da humanidade que houvesse feito tal coisa? Dani não ia acreditar. Vi farrapos de névoa passar por cima da cabeça satírica, coroada com letais chifres de ébano. Sentia a tensão em sua pele enquanto batia suas asas. Estudei a cidade além delas.

Havia um comprido caminho para baixo.



- Sabe que o Inspetor Jayne dispara a estas coisas? - disse preocupada.
- Jayne está ocupado em outras coisas neste momento.
- Não pode saber tudo. - agora era eu a que soava maliciosa.

Deu ao Caçador um tapinha como a que qualquer poderia dar a um cavalo.

Esta se voltou em postura de ataque, girou seu pescoço estirado, lançou um olhar incendiário de ódio por cima de seu ombro e soltou um magro brinco de fogo por uma fossa nasal em um sinal de recriminação inconfundível. Barrons riu.

Tenho que admitir que, além de um Barrons muito perto e do frio, eu gostei do passeio. Foi uma experiência que nunca esquecerei. É curioso como, quando as coisas parecem mais escuras, os momentos de beleza se apresentam nos lugares mais inesperados.

Dublin estava ainda sem eletricidade, desde fazia meses, e o vento e o tempo levaram toda a fumaça e a contaminação no mar. Nada de chaminés fumegantes, nenhuma emissão de gases dos automóveis. Não havia halo de luzes da cidade competindo com a brilhante luz da lua. A cidade estava limpa. Era o mundo tal como estava faz centenas de anos. As estrelas brilhavam faiscantes no céu noturno de Dublin como o faziam na Geórgia rural.

O rio Liffey divide a cidade pela metade, suas numerosas pontes dissecadas a rota do rio prateado todo o caminho até a baía.

Para o norte, Jayne estava com seus homens, ocupado de feito, lutando contra uma horda de Unseelie que eu nunca tinha visto antes, a poucas ruas do beco onde minha irmã tinha morrido. O luto me transbordou, mas o afundei de repente com tanta força e rapidez em minha caixa fechada com cadeado que apenas o senti.

No lado sul, passei em silêncio por cima de minhas irmãs sidhe-seer. MacHalos ardentes, dirigidos pela Kat e Dani, exploravam as ruas, fazendo todo o dano que podiam.

Dani odiava que fosse sem ela esta noite e tinha defendido ferventemente que sua super-força bem poderia ser necessária em caso de apuro. Mostrou-se mais conciliadora por meu aviso de que Barrons era mais rápido que ela.

Voamos durante horas, dando voltas em círculos. Eram quase quatro da manhã quando por fim senti o Sinsar-Dubh.

Fiz imediatamente, pois esmurrava minha cabeça com golpes assassinos em minhas têmporas, estendendo-se para abranger meu crânio como um parafuso de banco cada vez mais estreito.

- Tenho - disse firmemente, apontando na direção geral.

O Caçador nos levou. Sobrevoávamos os telhados enquanto tratava de localizar sua posição precisa. As torres da igreja afiadas e as chaminés estavam uma dúzia de metros debaixo de nós. Quanto mais baixo estávamos, mais intensa era minha dor e mais fria sentia. Balbuciando entre meus dentes, tremendo na miséria, guiava-o: *esquerda, não, à direita, não, dêem a volta aqui, sim, não. Date pressa, está escapando! Espera, não posso senti-lo! Ai está outra vez!*

De repente, o Sinsar-Dubh se deteve. Tínhamo-nos passado cinco ruas e tivemos que riscar um círculo para voltar atrás. Os Caçadores não viram como os Porsches.

- O que está fazendo? - exigiu Barrons.
 - Além de me matar? Não sei. - nem me importava neste momento. - Está seguro de que temos que fazer isto?
 - Só é dor, Srta. Lane, e de duração finita.
 - *Tenta você* funcionar com a cabeça partida em dois e com alguém batendo seu cérebro.
- Não há algum feitiço druida que possa fazer que seja útil?
- Falta-me a tatuagem, a prática e o tempo. Além disso, não estou seguro de que funcionasse



e embora recentemente me exigisse que te vestisse de vermelho e negro, não tenho nenhum desejo de verte levá-lo permanentemente.

- E as lembranças, simplesmente, seguem vindo - murmurei, e rodei os olhos. O movimento, junto com as náuseas, quase me fez vomitar.

- Só porque parece esquecer quem salvou seu traseiro. Infelizmente, não as muitas coisas que lhe tinha feito.

O Caçador pregou suas asas e caiu ao chão em silêncio. Baixei e caí no pavimento, vomitando.

- Onde está? - Barrons exigia antes que eu tivesse terminado. Limpei a boca com o dorso da mão.

- De frente. Três blocos - supus.

- Pode caminhar?

Eu assenti e agüentei as arcadas para não vomitar de novo. Como não tinha comido do almoço, já não ficava nada que vomitar. Consolei-me perversamente com a dor.

Obviamente eu não era a que ia condenar ao mundo. Se eu fosse tão má, ao livro teria gostado de mim, queria que me aproximasse não me repugnaria. Ryodan estava equivocado. O Sinsar-Dubh não queria ter nada haver comigo.

Aproximamo-nos, Barrons à espreita, eu tropeçando. Atrás de nós, o Caçador se elevou, perdendo-se em uma tormenta de neve repentina de gelo negro.

- Adeus a nosso modo de viajar - disse com acrimônia. Tão horrível como me fazia sentir o Sinsar-Dubh, não havia maneira de que fosse capaz de fazer a comprida viagem de volta à livraria. Tinha a esperança de que as pedras tivessem êxito em encurralá-lo, inclusive sem a quarta, e, talvez, assim, diminuiria a dor que me causava.

- Voltarei quando o Livro se foi - e insistiu em manter certa distância. Eu não lhe culpava absolutamente. Só desejaria poder fazer o mesmo.

A duas ruas de distância, com o Livro fixo em meu radar, minha dor desapareceu bruscamente, sem motivo aparente. O Sinsar-Dubh estava justo diante.

Pus-me de pé direito pela primeira vez desde que desmontamos e tomei uma respiração profunda, agradecida.

Barrons se deteve.

- O que é?

- Já não me dói - voltei-me a lhe enfrentar em meio da rua deserta.

- por que não?

- Conseguiu-me.

- Postulado.

Lancei-lhe um olhar que dizia, *Postulado isto*.

- Eu não gosto - grunhiu.

Nem a mim tampouco. Mas, ao mesmo tempo, o fazia. Odeio a dor. Sempre soube o que faria um papel terrível como vítima de torturas. Se alguém me arrancasse uma de minhas unhas, vomitaria os feijões como um gêiser.

- Mas ainda o sente? Eu assenti.

- Comeu Unseelie? - acusou.

- Duh, seu detector do OOP está aqui. Não posso rastrear se comer.

- Entretanto, não sente dor absolutamente?

- Nem um grama. - De feito, sentia-me muito bem. Cheia de energia, carregada, pronta para algo. - E o que? - apontei - vamos estar aqui toda a noite ou fazer algo? - livre de agonias, estava



pronta para encará-lo de frente.

Avaliou-me, sua expressão tensa. depois de um momento, disse:

- Abortamos. Vamos - Deu a volta e começou a afastar-se.

- Está brincando? - o disse bruscamente a suas costas. - Estamos aqui. O encontramos.

Vamos ver o que podem fazer essas pedras!

-Não. Se mova. Agora.

- Barrons, estou bem...

... E não deveria está-lo. - deteve-se e se voltou para me olhar.

- Talvez me tornei mais forte. Sou imune a um montão de glamour Fae agora, e posso caminhar entre as guardas. Talvez só tomasse por surpresa e meu corpo se ajusta depois de uns minutos.

- E, ao melhor, está jogando conosco.

- Talvez esta seja uma oportunidade única para aprender algo a respeito.

- Talvez te tenha como sua escrava e nem sequer sabe.

- Talvez pudéssemos estar aqui toda a noite debatendo os “talvez”, ou, poderíamos pôr seu plano em ação e ver o que acontece! Você é o que arrastou a isto do primeiro momento. Não seja galinha agora. - Dava-lhe as costas e comecei a partir na direção oposta, para o Sinsar- Dubh.

- Alto aí imediatamente, Srta. Lane!

- O que aconteceu o “*não há medo, não faremos prisioneiros*”, Barrons? teremos que nos esconder em alguma parte? - arrojé por cima do ombro.

Um momento depois, estávamos ombro com ombro, partindo juntos.

- É impossível - grunhiu.

- Disse a frigideira à chaleira... - disse com doçura.

- Toma isto. - Entregou-me uma das pedras, envolta em veludo. Inclusive dentro da coberta negra e espessa, brilhava negro azulado, logo que a toquei. Olhou-me, duro, insondável.

- Que se supõe que vou fazer com ela?

- Passamos O'Connell. Eu darei um rodeio até o lado oposto da intercessão e me aproximarei por detrás. Quero triangular com precisão as pedras. No momento em que nos tenha tanto ao Livro como a mim à vista, coloca sua pedra na esquina leste da intercessão. Vou posicionar as outras duas onde devem estar.

- Que esperas que aconteça?

- No melhor dos casos? Conte. No pior dos casos? Corremos como o inferno.

Capítulo 24

Dirigi-me rua abaixo depois que Barrons se foi, segura de que nós estávamos em bom caminho. Ocorreu-me que talvez as pedras que levávamos eram a razão de que eu não sentisse nenhuma dor. Talvez, nós poderíamos conseguir que estivessem mais perto, erigindo uma espécie de barreira protetora. Tinham sido criadas para arriar e conter o Livro. Por que não foram proteger elas a quem quer que as levem de seus efeitos daninhos?

Apressei-me à intercessão e me coloquei na esquina designada, esperando.

E esperando

O livro se estava movendo muito tranqüilo, como se estivesse dando um passeio.

Vêem. Maldição se mova. Era um fae ou um humano quem o levava? A cidade zumbia com estática Fae, fazendo impossível conseguir um espionista sobre qualquer canal.



Como se me tivesse escutado, o Livro começou a mover-se mais rapidamente, dirigindo-se à direita de onde nós o queríamos.

Então repentinamente somente... foi.

- Que o... - fiz-me girar em um círculo, meu radar estava em alto, procurando, testando a noite. Eu não podia recolher nada, nem sequer uma débil ardência.

Joguei uma olhada detrás da rua. Barrons não estava em nenhum lado que pudesse ver.

Eu não gostei nem um pouquinho. Não devíamos nos haver dividido. Assim era sempre, como as más coisas sucediam nos filmes, e isso era exatamente o que sentia justo neste o momento: a ingênua, colocando-se em um horroroso sistema. Nada de luz, só em uma cidade de monstros, com um receptáculo antigo, sensível ao mal puro em alguma parte em minha imediata vizinhança, mas não perceptível para mim, e sem pista do que fazer depois.

Girei-me imediatamente, com uma pedra em minha mão e a lança na outra.

- Barrons - disse imediatamente. Não houve resposta. Tão repentinamente como tinha, o livro estava, de novo, em meu radar. Mas agora estava atrás de mim!

Eu chamei o Barrons outra vez, ainda não houve resposta.

Coloquei minha lança debaixo de meu braço açoitando tirando o celular e teclando seu número. Quando respondeu, o disse que se moveu e para onde.

- me espere, estarei ali...

- Mas esta se movendo. vamos perdê-lo. Está se adiantando - pulsei fim e saí atrás do Livro.

Precipitei-me para ele, tratando de captá-lo, quando o Livro de repente parou; podia sentir que estava mais próxima do que tinha pensado ao princípio. Caminhei mais perto. Todas minhas leituras sobre esta coisa estavam torcidas esta noite.

Congelei.

Estava justo ao dobrar a esquina, talvez a seis metros de distância de mim.

Se andasse até a esquina e girasse minha cabeça ao redor desta, veria-o.

Podia senti-lo ali, perfeitamente ainda, pulsando energia escura. O que estava fazendo? Era esta sua idéia do jogo do gato e rato? estava... entretido?

Começou a mover-se outra vez.

Para mim.

Onde infernos estava Barrons? Isto tinha parado.

Estava tentando me assustar? Se for assim, estava funcionando.

E se Ryodan estava equivocado? E se a Besta realmente tinha substância e podia me despedaçar? E se qualquer que a estivesse levando tinha uma arma e podia me voar a cabeça? Tinha medo E se me retirava, o Livro poderia tomá-lo como um sinal de debilidade, no modo em que um leão pode cheirar o medo, e vir depois detrás de mim, sem que tudo isto merecesse a pena.

Pus minha melhor fanfarronice e dava um passo adiante. Também se moveu.

Estremeci-me. Estava em toda a esquina agora.

O que estava levando-o? O que estava fazendo? O que estava planejando? Não sabê-lo estava matando.

Eu era uma sidhe-seer. Eu era um detector do OOP. Isto era para o que fui feita.

Apertei minha mandíbula, quadrei meus ombros, parti para a esquina e me vi cara a cara com um psicopata puro.

Ele riu de mim, e eu realmente desejei que ele não estivesse, porque seus dentes eram como lâminas de motosserra que zumbiam sem parar detrás de seus lábios magros. Ele os chiou para mim e riu. Seus olhos eram negros sobre negro, sem fundo. Alto e gasto, cheirava a coisas



mortas, como caixões de forros podres, a sangue e manicômio. Suas mãos eram brancas e tremiam como as traças quando morrem. Suas palmas tinham bocas, que gotejavam gotas prateadas.

Sob um braço, estava metido um livro de capa dura que se via completamente inofensivo. Mas não era o Sinsar Dubh que me manteve quieta.

Olhei fixamente ao rosto do psicopata. Tinha sido uma vez Derek O'Bannion.

Eu tinha a lança e O'Bannion tinha estado comendo Unseelie, apunhalando-o, mataria-o possivelmente. Mas se eu o matava em quem voltaria a pôr toda sua atenção o Sinsar Dubh próximo?

Em mim.

Abruptamente, ele deixou de rir e deu um puxão ao Livro, tirando o de debaixo seu braço. Sustentou-o com ambas as mãos o mais longe possível de seu corpo, e por um momento pensei que ele me estava oferecendo isso. Nós estávamos tão próximos que, se eu tivesse querido, poderia ter estendido a mão e tomá-lo. Eu não teria estendido a mão e nem o teria pego por nada do mundo. Então, atirou-o e fez girar o volume ao redor, como se o texto, o que havia dentro nem remotamente o parecia, estivesse ao reverso e fosse ilegível. De sua boca veio uma choramingação como o de um metal que chia sobre outro metal, e ele abriu e fechou seus lábios como se tentasse formar palavras, mas nada saísse. Durante um instante, vislumbrei o branco ao redor de suas pupilas.

Estava aquele horror em seus olhos? Ele simplesmente tinha resmungado “Ajuda” com aqueles dentes metálicos? Quis correr. Mas não podia deixar de olhar.

Então seus olhos foram, de novo, negro puro e seu corpo se convulsionava, como se lhe ordenassem funcionar e resistisse em todo momento.

Seus dedos, fechados sobre os borde do Livro, um livro de capa dura inofensivo. Diante meus próprios isto aos olhos tinha o aspecto de um livro negro, terrivelmente antigo, com fechaduras intrincadas; tudo isso desapareceu e o livro se estava abrindo nas mãos de O'Bannion, e eu sabia que algo que houvesse dentro do psicopata do Derek O'Bannion, não queria que o livro fosse aberto. Preferiria morrer sem ter vislumbrado nunca nenhuma só página. Mais ainda, nenhuma só linha.

Ainda estava obrigando-o a que o abrisse.

Seus dedos começaram a queimar-se, logo suas mãos eram chamas e ele gritava.

As chamas lhe lambeiram por cima de seus braços, estenderam-se abaixo, por seu peito e suas pernas, afundou-se seu rosto, e, de repente, Derek O'Bannion brilhou como luz quente e fez erupção em cinzas que explodiram e se estenderam a três metros em cada direção.

Limpei freneticamente, a cinzas que estavam agarradas a meu cabelo e as cuspi de meus lábios.

Uma rajada gelada dispersou todo o rastro do que tinha sido O'Bannion. O Sinsar Dubh caiu com um ruído surdo ao chão, a meus pés.

Aberto.

Capítulo 25

Quando cresci, comecei a conhecer meus limites. O bastante bonita como para que os jogadores de campo sempre me pedissem uma dança, mas nunca o suficiente para ser a garota do



quarterback. O bastante inteligente para ser universitária, mas não o suficiente para ser neurocirurgiã. Podia levantar o quadro de alumínio de minha própria bicicleta para baixar a do ralo do teto na garagem, mas não podia me mover na bicicleta que meu pai tinha tido desde que estava a escola de leis.

Não há conforto em conhecer seus limites. Só uma zona segura. A maioria da gente quando encontra a sua, permanece ali durante o resto de suas vidas. Esse é o tipo de vida que pensei que ia viver.

Há uma linha muito fina entre ser estúpido e saber que tem que provar seus limites, se realmente quiser uma vida completa.

Estava em um ponto muito delicado dessa linha neste momento. O Sinsar-Dubh estava aberto a meus pés.

Evitei olhá-lo no primeiro momento que o vi no pavimento. Não olhar para baixo, não olhar para baixo, era meu mantra.

O mero feito de abri-lo tinha incinerado O'Bannion.

Se olhasse suas páginas nuas, o que é o que me faria?

Meio sussurrei, meio assobiei o nome do Barrons e logo me golpееi pelo absurdo de minha ação. Acreditava que se fazia menos ruído o Livro não me ia perceber?

Olá! Fixou-se em mim. De feito, eu era seu único objetivo. Tinha estado jogando comigo do momento em que tinha aparecido em seu radar aquela noite.

Por que eu? Ou jogava com qualquer pessoa que descobrisse perto?

- Barrons - gritei- onde diabos está?

Minha única resposta foi o eco ricocheteando nos edifícios de tijolo da rua, estranhamente silenciosa.

Mantive o olhar fixo para frente e tratei de encontrar a Coisa a meus pés com o lugar Sidhe-seer de minha mente.

Tenho-o!

Mas estava... inerte.

Eu não estava recebendo nenhuma leitura que emanasse dele, absolutamente. Devido à pedra que levava em minha mão? Devido a que queria enganar-me da mesma forma em que enganou a todos outros? Fazendo-se passar por algo sem importância?

Era muito possível. Havia muitas incógnitas. Eu estava equivocada. Não estava em um precário equilíbrio entre a estupidez e a prova de meus limites. Milhares de desconhecidas estupidezes estendiam-se a ambos os lados da linha em que me encontrava.

Teria que retroceder, um caminho reto e estreito por essa linha, fazendo grandes esforços para não cair para nenhum lado.

Quero esperar Barrons. Não me arriscar.

Dei um passo atrás. Logo outro. Logo, um terceiro e o salto se enganchou com algo sólido, tropecei e comecei a cair.

O instinto básico de tratar de me equilibrar me fez pôr as duas mãos e olhar ao chão.

- Merda! - olhei para cima.

Mas já era muito tarde. Já tinha visto as páginas. E eu não podia deixar de olhar. Caí de joelhos e me ajoelhei diante do Sinsar-Dubh.



Ajoelhei-me diante dele porque, enquanto as páginas passavam, tinha visto a mulher loira de olhos de gelo que antes estava de sentinela, me proibindo a entrada a uma das coleções mais importantes do Haven. Tinha-a visto passar de uma cena do livro a seguinte. Precisava saber quem era e como chegar a seu lado. Precisava saber tudo o que o livro soubesse dela. Como a conhecia?

"Precisa saber", Barrons se burlava mais tarde, "não é que o que sua Eva disse ao Adão quando arrancou sua maçã?"

"Não é minha maçã", repus. "tentaste arrancá-la também. Não estamos todos procurando o mesmo, pensando que "necessitamos" o que o Livro tem em suas páginas? Não tenho idéia do que lhe prova, mas algo o faz. Diga-me, Barrons, claramente: exatamente quanto tempo estiveste procurando e por quê?"

Ele não quis responder, é obvio.

Como disse, milhares de estupidezes a ambos os lados da linha.

Entretanto, de joelhos diante dele neste momento, eu estava absolutamente segura de que estava ao bordo de uma epifania. Conhecimentos verdadeiramente úteis estavam a minutos, não, a só uns segundos de distância. O conhecimento de que me daria o controle sobre minha vida, o poder sobre meus inimigos, que poderia arrojear luz sobre os mistérios que não pude resolver, me ensinaria a dirigi-los, a ter êxito, me dar tudo o que quisesse.

Enquanto procurava essas duas páginas em constante mudança, estava atormentada pelo zumbido de um inseto em meu ouvido.

Dava tapas sem cessar, mas se negou a partir. Estava ocupada. Havia coisas aqui que eu precisava saber, além de minha compreensão. Tudo o que tinha que fazer era deixar ir, deixar de me preocupar. Aprender, absorver, ser. E tudo estaria bem.

Depois de um tempo, o zumbido se converteu em um gemido. O gemido se converteu em uma nota. A nota a um bramido, até que me dava conta de que não era um inseto, a não ser o rugido de uma pessoa para mim.

Falava-me de mim mesma: quem era eu, quem não era o que eu queria e o que eu não queria.

- Para agora mesmo! - trovejou a voz - Se levante, Mac. Tira seu traseiro daí agora mesmo! Ou terei que te matar eu mesmo!

Girei a cabeça bruscamente. Fiquei olhando à rua. Entrecerrei os olhos, olhei. Barrons entrou em meu foco.

Tinha uma expressão de horror em seu rosto. Mas não estava dirigida ao Livro aberto em meus joelhos, nem tampouco estava dirigida a mim.

Centrava-se no que estava atrás de mim.

Calafrios gelaram minha espinha dorsal. Que fazia ao Jericó Barrons estremecer-se de horror?

Seja o que for, estava-me respirando no pescoço. Agora que me tinha sacudido do transe no que estava, eu podia senti-lo, malévolo e zombador, além de divertido e rindo, justo atrás de minha orelha.

- O que é? - disse em voz baixa, sem me voltar.

- Infinito. Eterno. - Ouvi um som como o da correia de uma serra e senti uma rajada de ar que cheirava a azeite, a metal e decadentemente quente em minha bochecha. - Sem limite. Livre.

- Corrupto. Uma abominação que nunca deveria ter existido. Diabólico.

- Rostos de uma mesma moeda, Mac - disse a voz do Ryodan.

- Nunca vou voltar-me.



- Talvez algo esteja mal contigo, Júnior - disse suave e doce, a voz da Alina.

Barrons estava tratando de avançar para mim, golpeando com seus punhos em um muro invisível. Voltei a cabeça.

O'Bannion escondido atrás de mim, seu corpo gasto pressionado contra o meu, o aroma da morte nos rodeando, uma horrível serra de correntes a trinta centímetros de meu rosto.

Ele chiava os dentes e ria. *"Surpresa! não se diz assim?"*

Eu não tinha que olhar atrás para saber que o Livro não estava estendido no pavimento. Nunca tinha estado.

Eu não tinha visto uma coisa assim. Tudo tinha sido uma ilusão, glamour. O que significava que o Sinsar-Dubh, de algum jeito, tinha penetrado em minha mente e tirado imagens que, a seu julgamento, importariam-me, manteriam-me ocupada. Uma parte de meu cérebro devia ter estado pensando na mulher, perguntando-se como ia conseguir transbordá-la pela manhã.

Só me tinha mostrado um espionista do que eu queria ver, logo me manteve ocupada com uma busca elusiva, com imagens esquemáticas, tudo promessas, sem substância.

Enquanto, em realidade, escondeu-se atrás de mim, fazendo... o que? Onde estava? Antes de olhar as páginas não estava ali.

- Te estudando. Degustando. Conhecendo, Mac. - O'Bannion acariciou meu braço. Sacudi-me.

- Doce. Tão doce - o fôlego de O'Bannion estava em meu ouvido.

Recolhi minha vontade, lancei-me com uma cambalhota, arrastei-me pela calçada, me afastando.

- EU TE DIREI QUANDO TERMINAMOS!

Caí esmagada à rua, esmagada pela dor e me dava conta de que as pedras não tinham estado me protegendo, nem havia nenhuma mudança em minha força ou habilidades. O Sinsar-Dubh tinha me liberado de minha dor e me podia devolver isso em qualquer momento que escolhesse.

E escolheu agora.

Elevou-se por cima de mim, aumentando, estendendo-se, transformando-se na Besta, me dizendo com detalhes muito gráficos: o que podem fazer minhas pedras insignificamente pequenas, que só poderiam conter a um idiota, para lhe frear, para, nem sequer, suavizar a grandeza de uma coisa tão ilimitada e perfeita como ele?

Rasgava-me com lâminas de cor vermelha, calor e frio, negras pontadas de ódio e desesperança.

A agonia gritou dentro de minha pele. Eu não podia lutar. Não podia fugir.

Só podia ficar ali, gemendo, imobilizada pela dor.

Quando voltei em mim, tomou um momento averiguar onde estava.

Pisquei sob a luz tênue e me mantive imóvel, realizando uma rápida avaliação física de mim mesma.

Senti-me aliviada ao me dar conta de que a dor atual que estava experimentando era uma dor residual. Minha cabeça era um hematoma gigante. Meus ossos pareciam ter sido esmagados, engessados e logo que começavam a cicatrizar.

Comprovação interna completa voltei minha atenção a meu entorno.

Estava na livraria, apoiado em meu sofá Chesterfield favorito diante do fogo, na área de conversa posterior. Estava gelada até os ossos, envolta em mantas.

Barrons, de pé diante da chaminé, um homem alto, uma forma poderosa rodeada de



chamas, estava de costas para mim.

Lancei um suspiro de alívio, um pequeno ruído em uma sala tão grande, mas Barrons se voltou imediatamente e um som gutural, animal, saiu do mais profundo de seu peito. Gelou-me o sangue. Foi um dos sons mais desumanos que jamais tinha escutado. A adrenalina apagou minha dor. Eu me levantei de quatro patas sobre o sofá, eu mesma como um animal selvagem e fiquei assim.

- Que saco é? - grunhiu. Seus olhos escuros fulguravam antigos e frios em seu rosto. Havia sangue em suas bochechas. Sangue em suas mãos. Perguntava-me se tinha chegado a mim. Perguntava-me por que não se incomodou em tratar de lavar-se. Perguntei-me quanto tempo tinha estado fora.

Como tinha chegado até aqui? Que hora era, de todos os modos? O que havia feito o livro comigo?

Logo sua pergunta penetrou em mim. Apartei o cabelo dos olhos e comecei a rir.

- O que sou eu? *O que sou eu?*

Eu ria e ria. Não podia evitar. Agarrei-me os flancos. Não poderia jurar que não houvesse um pouco de histeria nisso, mas depois de tudo o que tinha passado, pensei que tinha direito a um pouco de loucura. Ri-me tanto que não podia respirar.

Jericho Barrons *me perguntava o que era eu!*

Ele fez um som de novo, como o de uma serpente de cascavel, um gigante estava agitando sua cauda, alertando em seu peito. Deixei de rir e o olhei. O som me gelou da mesma maneira que o Sinsar-Dubh o fez. Isto me fez pensar que a pele do Jericho Barrons "poderia ser um jérsei que nunca me quereria pôr".

- "*Se ajoelhe Srta. Lane!*"

Merda. Usava a Voz comigo!

E estava funcionando!

Caí do sofá, em um matagal de mantas e me pus de joelhos, apertando os dentes. Pensei que era imune à Voz! A do LM não tinha trabalhado em mim! Então, Barrons era melhor em tudo.

- "*O que é?*" - Rugiu.

- Não sei! - Gritei. Não sabia. Mas estava começando a me perguntar isso O comentário de V'lane essa noite na abadia me perseguia com uma frequência cada vez maior: "*Eles deveriam ter medo*", havia dito, "*tem que começar a descobrir que é*".

- "*O que estava fazendo o Livro contigo?*"

- Não sei!

- "*O que estava fazendo você enquanto estava na rua?*"

- Não sei! Quanto tempo estive ali?

- Mais de uma hora! Converteu-se na Besta e te eclipsou. Merda, não podia chegar a você! Merda, nem sequer podia verte! "*O que estava fazendo?*"

- Me contemplando. Degustando. Me conhecendo - respondi - Isso é o que me disse. Para já a Voz, Barrons!

- Pararei a Voz quando você seja capaz de me fazer deixar de usá-la, Srta. Lane. "*Se levante*".

Pus-me de pé, sobre minhas pernas trementes pela dor residual de cada grama de meu corpo. Odiava-lhe nesse momento. Não havia necessidade de me dar patadas quando estava caída.

- Luta contra mim, Srta. Lane - grunhiu, sem ajuda da voz. - "*Agarra a faca e curta sua mão*".

Joguei uma olhada à mesa de café. Uma faca de manga de marfim com uma folha dentada brilhava à luz do fogo. Horrорizou-me em me encontrar indo para ela. Tinha estado aqui antes. Isto



era exatamente o que tinha estado fazendo quando ele tratou de me treinar no passado.

- Luta!

E ao igual no passado, alcancei-a.

- Merda, olhe dentro de você! Odeie-me! Luta! Luta de qualquer forma que possa! Minha mão se deteve. Foi para trás. Avançou de novo.

- "*Se corte profundamente*" - disse entre dentes com a Voz. - "*Faz que doa como o demônio*". Meus dedos se fecharam ao redor do punho da faca.

- É uma vítima natural, Srta. Lane. Caminha e falas como uma escrava Barbie - burlou.

- Olhando como a irmã do Mac é assassinada. Olhando como Mac é violada. Olhando como violam a Mac. Olhando como fodem a Mac. Olhando como Mac é esmagada na rua pelo Livro. Olhando a Mac morta em cima do montão de lixo da parte de trás.

Aspirei com um fôlego agudo, aflito.

- "*Agarra a faca!*"

Levantei-o entre sacudidas.

- Estive em sua pele - burlou. - Conheço-te por dentro e por fora. Não há nada ali. Nos faça um favor a todos e morre para que possamos começar a trabalhar em outro plano e deixar de pensar que talvez possa deixar de foder e ser capaz de algo.

OK basta!

- Não me conhece nem por dentro nem por fora - espetei - É possível que tenha estado em minha pele, mas nunca se colocaste dentro de meu coração. Adiante, Barrons, faz que me faça picadinho mesmo. Adiante, joga comigo. Me empurre, minta. Mate-me. Seja o mesmo burro de sempre. Gira a meu redor tudo triste, enche o saco e reservado, mas se equivoca sobre mim. Há algo dentro de mim ao que deveria ter medo. E não pode tocar minha alma. Nunca tocará minha alma!

Levantei a mão, retirei a faca e a lancei longe. Deslizou-se pelo ar, diretamente na sua cabeça.

Evitou-o com graça sobrenatural, um sussurro de movimento, preciso e só o necessário para não ser golpeado.

O punho vibrou na madeira do suporte da chaminé ornamentada junto a sua cabeça.

- Que lhe fodam, Jericho Barrons, e não da maneira que você gosta! Fodasse, porque não pode me tocar! *Ninguém* pode!

Chutei a mesa. Golpeou-lhe nas acnes. Agarrei um abajur da mesa. Joguei diretamente na sua cabeça. Esquivou. Agarrei um livro. Golpeou-lhe no peito.

Riu seus olhos escuros e brilhantes, com alegria.

Lancei por ele, dava-lhe um murro no rosto. Ouvi, com satisfação, algo ranger em seu nariz.

Não tratou de me devolver os golpes ou me rechaçar. Simplesmente envolveu seus braços a meu redor e me esmagou contra seu corpo, me apanhando com os braços pegos a seu peito.

Então, quando pensei que só poderia me espremer até morrer, deixou cair a cabeça para frente, ao oco de meu ombro, onde nascia meu pescoço.

- "*Sente falta de foder comigo, Srta. Lane?*" - Ronronava em minha orelha. A Voz ressonou em meu crânio, pressionando por uma resposta.

Eu era alta, forte e orgulhosa em meu interior. Ninguém me possuía. Não tinha que responder a nenhuma pergunta que não desejasse, nunca mais.

- Você adoraria saber, verdade? - ronronei. - Quer mais de mim, não, Barrons? Coloquei-me debaixo de sua pele profundamente. Espero que tenha ficado viciado em mim. Eu era um



selvagem, não é assim? Arrumado a que alguma vez tinha tido sexo como esse em toda sua existência, né? Ancião. Arrumado a que sacudi seu pequeno mundo perfeitamente disciplinado. Espero que me deseje tanto que lhe doa como o inferno!

Suas mãos estavam, de repente, cruelmente apertadas em minha cintura.

- Há só uma pergunta que importa Srta. Lane e essa é a que nunca consegue perguntar.

A gente é capaz de graus variáveis de verdade. A maioria passa suas vidas inteiras fabricando uma meada complicada de mentiras, inundada na má fé, fazendo isto só para sentir-se a salvo.

A pessoa que realmente vive, tem uns poucos momentos preciosos de segurança, aprende a prosperar em qualquer classe de tormenta. Esta é a verdade que pode te fazer afastar a vista ou que te faz como é. Débil ou forte. Vivo ou morto. Demonstra. Quanta verdade pode aceitar Srta. Lane?

Podia sentir sua mente esfregando-se contra a minha. Era uma sensação incrivelmente sensual. Queria tirar meus pensamentos como eu havia martelado com ele pelos seus, só que me seduzia para que abrisse minha mente, me fazendo florescer como uma flor por seu sol apontava-me uma de suas lembranças.

Então já não estava na livraria, longe de querer matar ou, quem diabos sabe? Beijar a Jerico Barrons e estava...

Em uma tenda.

Abrindo o peito de um homem com uma faca ensangüentada.

Levantei de novo o braço e golpeei com o punho os ossos que protegiam seu coração. Fechei a mão ao redor dele.

Rasguei-o.

Eu já tinha violado a sua mulher, que estava ainda viva, vendo seu marido morrer, como tinha visto morrer a seus filhos.

Levantei seu coração por cima de meu rosto, apertado no punho, deixando gotejar o sangue...

Estava tratando de me afogar na cena do massacre. Forçando-me, detalhe por detalhe, muito graficamente. Mas havia algo mais. Havia algo atrás dela.

Isso era o que eu queria ver.

Recolhi minha vontade, retraiu-se e me lancei à cena que estava me forçando. Iniciou-se pelo centro, como uma tela de cinema, revelando outra tela atrás dele.

Mais massacre. Ele rindo.

Procurei esse lago frágil e escuro em meu centro sidhe-seer. Eu não convocava ao que havia em suas profundidades, simplesmente lhe roguei que me concedesse um pouco de sua força. O que havia debaixo desse lago me deu isso de boa vontade, inflando meus músculos mentais.

Empurrei todas as telas, até que finalmente não houve mais e me acabei caindo de joelhos em uma nuvem de areia em...

Um deserto.

Era o anoitecer.

Tenho um menino em meus braços. Olhou para a noite.

Não vou olhar para baixo.

Não podem confrontar o que está em seus olhos. Não posso não olhar.

Meu olhar se vai a contra gosto, com avidez para baixo. O menino me olha com total confiança.



Seus olhos o dizem: sei que não me deixará morrer. Seus olhos dizem: sei que fará parar a dor.

Seus olhos o dizem: Confiança, Amor, Adoração, Você é perfeito, você é meu mundo, você é o que me manterá seguro.

Mas eu não posso mantê-lo a salvo. E não posso fazer cessar sua dor.

A amargura me enche a boca com a bÍlis. Volto a cabeça e vomito. Nunca entendi nada da vida até este momento.

Eu sempre procurava só meu próprio benefício. Mercenário até a medula.

Se o menino morrer, nada importará já, porque uma parte de mim se irá com ele. Até agora eu não era consciente dessa parte. Não sabia que existia. Não sabia que importava. Irônico que a encontrasse no momento de perdê-la.

Sustento-o. Balanço-o. Chora.

Suas lágrimas caem sobre meus braços e queimam minha pele.

Olhou esses olhos cheios de confiança.

Vejo-o ali. Seu ontem. Seu dia de hoje. Os amanhãs que nunca serão. Vejo sua dor e isto me despedaça.

Vejo seu amor absoluto e isto me envergonha.

Vejo a luz, essa luz perfeitamente formosa que é a vida. Sorri. Ele me dá todo seu amor com seus olhos.

Começa a desvanecer-se.

Não! Rujo. Não vais morrer! Não me deixe!

Olhou fixamente a seus olhos durante o que parece um milhar de dias. Vejo-o. Sustento-o dele. Ele está ali.

Foi-se.

Há um momento, nos moribundos, de transição. Da vida à morte. De cheio a vazio. Logo desaparece. Muito rápido. Volta! Volta! Dá vontade de gritar. Preciso só um minuto mais. Só um sorriso mais. Só uma oportunidade mais para fazer as coisas bem. Mas se foi. Foi-se. Aonde foi? O que acontece com a vida quando se vai? Vai a alguma parte ou se trata simplesmente de uma fodida parte? Trato de chorar, mas não sai nada.

Algo ressona profundo, em meu peito. Não o reconheço.

Já não sou o que era. Olhou a outros.

Nenhum de nós é.

As imagens se detiveram. Estava de volta na livraria. Estava tremendo. A dor era como uma ferida aberta em meu peito. Estava sangrando pelo menino que acabava de perder, sangrando pela Alina, por todas as pessoas que morriam aqui, nesta guerra que tinha sido incapaz de acautelar.

Atirei para trás e lhe olhei. Se ele pensou que ia devolver lhe olho por olho, estava equivocado.

Eu estava em carne viva. Estava desequilibrada. Se ele me tocava agora, poderia ser agradável.

Se ele fosse agradável agora, poderia lhe tocar.

Seu rosto estava impassível, seus olhos negro mate, seus punhos estavam apertados em seus flancos.

- Barrons, eu...

- Boa noite, Srta. Lane.



Capítulo 25

- Não poderíamos ter tomado algo mais rápido? - lamentei, enquanto passávamos carros abandonados e esquivávamos IFPS no que parecia um passo de caracol. Barrons me olhou.

- Todos os Caçadores estavam ocupados esta noite.

- Bem, ao menos poderia aumentar a velocidade? – Me queixei.

- E terminar em outro IFP? Movem-se, caso não tenha notado.

Já sabia, e me parecia extremamente injusto. Estáticos, eram previsíveis, mas os últimos dois que tínhamos encontrado em nosso caminho dentro da Irlanda estavam soltos, flutuando a vários metros do chão, indo à deriva aonde fora que o vento os levasse. Esquivar os IFP imóveis era bastante difícil. Esquivar os que flutuavam de maneira irregular parecia um desses bailes que alguém faz quando tenta apartar-se de alguém na rua e os dois seguem dando um passo ao mesmo lado, tratando de sair do caminho do outro. Só que neste caso, parecia que o IFP queria *dançar*. Tomando em seus braços. Tragando-te.

- Do último nos custou quarenta minutos sair.

O problema era que não podia sair deles facilmente. Uma vez que estava dentro de um, parecia trocar astutamente, ocultando o ponto de entrada. Tinha que pinçar ao redor para encontrar uma saída.

- Bom ponto - concedi.

Estava aborrecida, inquieta e impaciente por chegar à casa de campo da anciã. E aqui estávamos, nos movendo pesadamente ao longo, tomando nosso tempo, no Alpha*. (*O planeta imaginário criado pelo Isaac Asimov.*)

Joguei uma olhada ao interior do Hummer e vi um CD no assento traseiro. Perguntei-me que escutava Barrons quando estava sozinho. Meti-o no aparelho de som. Ressonou Rob Zombie:

“O inferno não os ama. O diabo as rechaça, o diabo as rechaça”...

O desligou de um golpe o aparelho de som. Levantei uma sobrancelha.

- Poderia ser mais banal, Barrons?

- 'Banal' é, simplesmente, outra palavra exagerada pelos meios de comunicação com o objetivo de que as massa comuns, ou seja, você, Srta. Lane sejam dessensibilizados por ela, mas que tudo por seu próprio prejuízo, porque lhes hão feito incapazes de reconhecer o perigo que vêm fixamente dos olhos de um animal selvagem ou do canhão de uma arma carregada.

- Não sou comum e sabe - Eu nunca admitiria que ele tivesse um ponto de validade. Os neurônios espelho nos faziam coisas graciosas, faziam-nos mentalmente viver coisas que observávamos nos ativando tanto se realizávamos a ação nós mesmos ou simplesmente olhávamos a alguém mais realizando a ação, nos instrumecidos pedaço por pedaço. Mas quem necessitava aos meios de comunicação para dessensibilizar-se? O que ia eu a ser depois de viver uns poucos meses mais em minha própria vida? Instrumescida por completo.

-Se olhe. Todo fibroso e mesquinho.

- Fibroso. Pensa que isso é uma palavra, Srta. Lane?

- Quem era o menino? - disse.

Por um momento não disse nada. Então

- Faz perguntas absurdas. O que senti? Pena. Que relevância tem algo tão corriqueiro como o nome do menino ou a importância que o tenha sobre minha existência?



- Talvez me ajudasse a entendê-lo.

- Ele morreu. Senti pena. Fim da história.

- Mas isso não é tão simples como parece, verdade, Barrons? - Estreitei meus olhos. - Não é o fim da história.

- Tente, Srta. Lane. Só tente.

Inclinei minha cabeça apreciativamente. Eu realmente nunca tinha alcançado a provar os bordos de sua mente; enquanto ele o estava esperando.

- O deixei fácil ontem à noite. Irrompeu em minha cabeça.

- Convidou-me. Esfregando tudo contra minha mente.

- Convidei ao massacre. Não aonde foi dali. Há um *preço* por isso. Não pense que vais escapar sem pagá-lo. Simplesmente atrasei a condenação.

Tremi a um nível celular, rechaçando identificar a emoção que havia atrás disso.

- Tenta, Barrons - burlei - só tenta.

Ele não disse nada. Olhei-o. Havia uma estranha tensão em seu lábio superior. Tomou um segundo me dar conta que Barrons estava tentando não rir.

- Está rindo de mim - disse com indignação.

- Se olhe, fanfarronando. Empurrou um pouco dentro de minha cabeça ontem à noite e agora pensa que é a Ostia – me lançou um olhar penetrante. Esta dizia, *Entra em minha pele, vê tão profundo como eu vou, então poderá fanfarronar sobre algo. Até então, é débil, Srta. Lane* - E para que saiba, poderia haver te detido.

Poderia havê-lo feito? Ele não era um presumido. Jericho Barrons tinha me deixado ver sua pena? Por quê? Que demônios significava isto?

Ambos vimos a mancha que flutuava ao mesmo tempo.

Ele deu um puxão ao volante. Apenas e pudemos esquivar o IFP que ia à deriva.

- Essas coisas são perigosas! De onde vêm? São novos ou eram imóveis e de alguma maneira foram cortados e agora se movem?

Ele manteve seu olhar fixo na estrada.

- Parece como se tivessem sido cortados por alguém. Provavelmente os Unseelie, só para acrescentar mais caos ao azar.

Conduzimos durante um tempo em silêncio, ocupados com pensamentos privados. Suspeitei que ainda estivesse pensando sobre os IFP que iam à deriva, mas eu em troca tinha seguido adiante para a preocupação e a excitação pela mulher que em só umas horas íamos ver.

Depois dos exaustivos eventos da noite anterior, não fui para cama até quase às oito da manhã e logo tinha dormido até que Barrons tocou a minha porta às cinco da tarde.

"Uma Sidhe-seer esta esperando lá embaixo, havia dito". Eu tinha posto jeans e uma camiseta e tinha precipitado abaixo, esperando encontrar Dani.

Era Kat, eufórica, com informação. Elas tinham encontrado a uma mulher que podia falar conosco, uma mulher que podia nos falar das *"malvadas coisas da abadia"*, as que tinham acontecido a mais de vinte anos atrás. Tinham tropeçado com ela por acaso, enquanto procuravam sobreviventes no campo. Ela tinha rechaçado deixar sua casa no campo. Não queria escutar nada sobre estar perto desta *"poluída terra"* e lhes tinha insistido não respirar nenhuma só palavra a Grande Mestra sobre ela ou selaria seus lábios para sempre. Ela tinha empunhado e agitado um bengala forjado no ferro mais puro e lhes havia dito que ela conhecia uma coisa ou duas sobre os Velhos e que estava sozinha *"por mim mesma, melhor dos que estavam vocês"*!

- O que ela te disse? - tinha exigido.

- Nenhuma maldita coisa. Disse que tínhamos que levar algo para lhe demonstrar que nós



não estávamos aliadas com essas *miss sidhe frenéticas*.

- Como que?

Kat se tinha encolhido de ombros.

- Eu tinha o pressentimento de que ela se referia a algo Seelie. Nós pensamos na Dani e a espada mais... - Ela tinha ficado calada e eu tinha entendido suas preocupações. Era mútuas, eu inspirava um pouco mais de confiança que a impulsiva adolescente. - Ela parecia assustada de que ajudássemos aos Unseelie. Parecia saber bastante sobre os Fae.

Eu teria estado pronta para sair nesse mesmo momento. Convencer Barrons tinha sido a parte difícil.

Ele tinha estado determinado a ficar perto do pesado amparo de guardas da livraria, enraizado em seu território, até que nós tivéssemos tratado com lorde Master.

- Mas preciso saber tudo o que possa a respeito da profecia - tinha insistido - e seja o que seja que ela saiba a respeito de quando escapou o Livro. Quem sabe o que esta mulher poderia nos dizer?

- Nós sabemos tudo o que precisamos saber - havia dito ele rotundamente. - Temos três das quatro pedras e quatro dos cinco Druidas.

Tinha ficado com a boca aberta.

- Os cinco que precisamos são Druidas? Os cinco são pessoas? Que infernos? Todo mundo sabe dessa profecia menos eu?

- Isso parece - havia dito secamente. - Os Keltar, fodidos arrogantes, acreditam que eles são os cinco Druidas: Dageus, Drustan, Ciam, Christopher e Christian. Mas, Christian está desaparecido e V'lane tem a quarta pedra. Sinceramente Srta. Lane acredito que você é o curinga que pode fazer a todos os outros desnecessários. Coloco todas minhas apostas sobre você.

Infelizmente, eu não estava tão segura de que classe de *curinga* era eu. Estava assustada porque havia algo na profecia a respeito de mim e não era algo bom. Mas não tinha porque contar isso a ele. Em troca, argumentei que seria um engano renunciar a qualquer oportunidade de aprender tudo o que nós pudéssemos sobre o livro. E se esta mulher sabia como escapou quem sabia o que ela nos poderia dizer?

"Traz a mulher aqui", havia dito.

Não havia possibilidade de movê-la, Kat tinha me informado. Sua idade só podia comparasse a sua obstinação, carrancuda e com uma pronunciada tendência a dormir sem importar o momento. Assim, aqui estávamos fazendo nossa viagem ao longínquo bordo do Country Clare.

Onde tal Nana O'Reilly, de noventa e sete anos de idade, estava nos esperando.

Eu tinha visto casinhas de campo antes, mas esta se levava a palma. Iluminada pelos faróis dianteiros do Hummer, era a vista da extravagância. Um montão de rocha desigual, palha e musgo que caía através de um pátio de escalonados jardins que, no verão, cederiam a um nascimento de flores, guarnecidas por estátuas de fantasia e fontes de pedra Escheresque. * (*Conhecido por suas gravuras, xilografias e litografias que tratam sobre figuras impossíveis e mundos imaginários.*) Mais à frente, o Oceano Atlântico brilhava com a lua prateada e a brisa salgada.

Não havia Sombras aqui. O perímetro do pátio estava rodeado de guardas.

Quando conduzimos sobre a linha das guardas, estremeci. Barrons não teve absolutamente nenhuma reação. Eu tinha estado olhando-o com cuidado do momento em que os faróis recolheram o débil brilho prateado das guardas, curioso por ver se lhe incomodavam.

Ele era o retrato da perfeita tranquilidade.

- *Alguma vez sente* as guardas? - perguntei-lhe irritada.

- Sabia que estavam aí - Típica não resposta do Barrons.



- Suas tatuagens lhe protegem?

- De muitas coisas. De outras, não - Outra não resposta.

Sáímos e caminhamos pelo quase muito íngreme caminho de ladrilho, para a porta da casinha de campo. Era verde, grafite com muitos símbolos. O trevo verde disforme era inconfundível. Nana O'Railly conhecia nossa ordem. Como?

Kat abriu a porta quando toquei. Tinha ido à casinha de campo antes que nós, esperando suavizar nossa visita com ela, água fresca e caixas de provisões da cidade para a anciã.

Olhei atentamente dentro da casinha de campo. As velas se queimavam e um fogo enérgico.

- vou atender minha própria porta, ainda não estou morta! - Nana O'Reilly deu uma cotovelada em Kat para apartá-la. Ela usava seus cabelos grisalhos em uma trança larga sobre um de seus ombros. Seu rosto tinha as rugas de um velho capitão do mar depois de quase um século de viver na borda e não tinha dente. Deu ao Barrons um remelento olhar e disse - "*os de sua classe*" têm que aguardar aqui.

Com isto, ela me deu um puxão dentro e fechou de repente a porta no rosto do Barrons.

- De que *classe* são? - disse imediatamente em que a porta esteve fechada.

Nana me lançou um olhar que sugeria que eu era muito estúpida para viver.

Kat sentou à anciã em uma cadeira perto do fogo e cobriu seus ombros com um edredom descolorido de retalhos de diferentes tipos de tecido. A manta se via como se tivesse sido feita faz décadas com a roupa que ficava pequena a seus filhos.

- Perguntarei também - disse Kat com curiosidade - De que *classe* são?

- Vocês estão loucas, moças? Não são de nossa classe.

- Já sabemos isso, mas que classe é? - disse. Nana se encolheu.

- Por que se preocupariam vocês? Aqui é branco e ali não é branco. O que mais necessitam que isso?

- Mas, eu sou branco - disse rapidamente. Kat me deu um estranho olhar - quero dizer, você pode ver que Kat e eu somos como você verdade? Nós não somos como ele. - Se ela podia discernir a verdadeira natureza das pessoas, eu queria conhecer a minha.

Seus remelentos olhos cor café se apropriaram de mim como sanguessugas lamacentas.

- Colore seu cabelo, faz. Qual é o verdadeiro?

- Loiro

Ela fechou seus olhos e por um pequeno momento tive medo de que a anciã dormiu.

Então seus olhos se abriram com um olhar quebrado e sua boca se abriu em uma pegajosa *Ou* de surpresa.

- Amor da Maria – suspirou - Eu nuca esqueci um rosto. A *mija* da Ilha! Nunca pensei lhes ver outra vez antes que eu passasse!

- *Mija*? - disse.

Kat me olhou com assombro.

- Filha - disse ela.

O nome de minha mãe era Isla O'Connor.

Eu tinha um inconfundível rosto parecido a minha mãe, disse-me Nana, na forma de meu rosto, a textura de meu cabelo, meus olhos, mas mais que tudo em minha forma de ser. Na forma em que minhas costas fluíam para meus ombros, o modo em que me movia, inclusive o ângulo no que inclinava às vezes minha cabeça quando falava.

Parecia-me com minha mãe.

O nome de minha mãe era Isla O'Connor.

Eu poderia repetir esses dois pensamentos uma e outra vez durante horas.



- Esta segura? - Tinha um taco em minha garganta e logo que podia tragar. Ela assentiu.

- Incontáveis eram os dias em que ela e meu Kayleigh jogavam em meus jardins. Com suas mechas loiras, moça, eu a teria confundido a você com seu espectro. *(NdeT: Esta velhinha fala muito estranho, mas é algo assim como que ela se parece tanto a sua mama, que se não fora pelo cabelo tingido ela a tivesse confundido com o fantasma da mama de Mac.)*

- Conte tudo.

Os olhos de Nana se estreitaram.

- Ela carregava algo, nunca estava sem isso. - Seu olhar fixo estava nublado. - Embora depois isso se perdesse. Sabem vocês o que era?

Lança.

- Algo Seelie?

Nana cabeceou e meus olhos se alargaram. Devagar, coloquei minha mão em meu casaco e tirei minha lança,

- Minha mãe levou isto?

Os olhos de Nana desapareceram em um montão de rugas quando sorriu.

- Eu me sentia angustiada por não vê-la outra vez! Escutei contar que tinha caído em mãos infames. Resplandecia com a glória do céu, isso fazia. Se, sua mãe levou a Lança do Destino e minha própria querida Kayleigh levava a Espada.

- Tudo - disse, me ajoelhando ao lado de Nana perto do fogo. - Quero saber tudo!

Isla O'Connor tinha sido a Sidhe-seer mais jovem que alguma vez obteve a posição de Mestra do Haven, *a porta-voz para o Grande Conselho*, na história da abadia. Uma Sidhe-seer tão dotada não tinha nascido desde fazia tanto que ninguém podia recordá-lo. A Grande Mestra temeu que as linhagens antigas estivessem muito diluídas por uniões imprudentes e não fiscalizadas como para outra vez produzir tais descendentes. *Só olhem a esses gallóglagh MacRorys e MacSweenys, reproduzindo-se com os Escandinavos e os Pictos!*

- Gallowglass - esclareceu Kat - Uma ordem de guerreiros mercenários.

Ninguém sabia quem era o pai de Isla. Minha avó, Patrã O'Connor, o rosto de Nana se iluminou em um sorriso de prazer quando disse seu nome; elas tinham sido nessa época tão amigas que eram como irmãs nunca se casaram. Ela tinha tido a Isla a uma idade tardia e levou o nome do pai de sua filha até a tumba, tumba que, a propósito, estava a uns poucos quilômetros ao sul se por acaso tinha interesse em ir apresentar meus respeitos.

Patrã! Esse era o nome que Rowena tinha mencionado o dia que eu estava procurando OOPs no museu e ela me tinha encontrado na rua. Ela tinha insistido em que eu me parecia com ela, mas tinha sido incapaz de compreender como era isso possível. Ela havia dito que sabia. Agora entendia por que: Rowena conhecia minha avó!

- Há outros O'Connor, além de mim? Nana soprou.

- Eire *(antigo nome da República da Irlanda 'em irlandês')* está cheio deles. Família distante. Nenhum com uma linha tão potente como a de Patrã.

Rowena havia me dito que não ficavam mais O'Connor! Referiu-se ela sozinho a minha linha direta? Preocupei-me, no melhor dos casos, ela tinha me enganado e no pior, tinha mentido.

Embora a Grande Mestra tivesse desdenhado a linhagem *não aprovada* de minha mãe, Nina continuou, ninguém tinha disputado a Isla o feito de ser a Sidhe-seer mais capacitada que alguém tinha conhecido alguma vez na abadia. Quando o tempo passou, ela e a filha mais velha de Nana, Kayleigh, não só tinham sido iniciadas no círculo mais privado e consagrado da abadia, mas sim foram designadas às posições de maior poder ali.

Sua vida tinha sido benta. Canção de ninar estava orgulhosa. Ela tinha criado bem a sua



Kayleigh, tinha-a levantado os *Velhos Modos*.

Os olhos da anciã se fecharam e ela começou a roncar.

- Desperta-a – disse

Kat acomodou a manta mais apertada ao redor dela.

- Ela viveu quase um século, Mac. Imagino que seus ossos estão cansados.

- Precisamos saber mais.

Kat me deu um olhar de recriminação.

- Ainda não escutei nada sobre a profecia ou o Livro.

- Exatamente por isso temos que despertá-la!

- Se enfoque menos em sua família e mais em nossos problemas - castigou-me Kat.

Tomou vários minutos de sacudi-la gentilmente e encher de caricias, mas finalmente a anciã esteve de novo acordada. Não parecia ter nenhuma consciência de que ficou adormecida e continuou com a conversa como se nunca tivesse parado.

Este tinha sido um tempo de grande esperança, disse. As seis linhas das Sidhe-seer mais potentes tinham começado a ficar mais fortes outra vez: as Brennans, as O'Reillys, as Kennedys, as O'Connors, as MacLoughlins e as O'Malleys. Cada casa produzia filhas com presentes que Despertavam mais logo, desenvolvendo-se mais rapidamente.

Mas as coisas tinham mudado e dias escuros tinham chegado, dias de quando Nana andou na terra e sentiu a maldade sob seus pés. O chão mesmo tinha sido... corrompido. Algo asqueroso tinha despertado e estava comovendo o ventre da terra. Ela tinha mandado a suas garotas a descobrir a fonte. Mandou-as detê-lo, a qualquer custo.

- Você é uma Sidhe-seer também? – perguntei - também viveu na abadia?

Nana estava adormecida outra vez. Sacudi-a. Não funcionou. Estava roncando. Kat chamou à anciã. Acrescentei uma segunda bolsa a sua taça.

Cinco minutos mais tarde, embora sua cabeça ainda cabeceasse perigosamente, seus olhos estavam abertos e bebia a goles.

Ela não tinha sido útil na abadia. Não importava o estudo. Seus ossos conheciam a verdade. Que mais necessitava uma mulher que o conhecimento de seus ossos? Aprender mofou-se, confundia aos ossos. Ler cegava a visão. As conferências ensurdeciam os ouvidos. *Olhem a terra, sintam o chão, provem o ar!*

- Dias escuros - enrolei-a para enfocá-la. - O que aconteceu?

Nana fechou seus olhos e esteve em silêncio, portanto tempo que tive medo de que dormiu outra vez. Quando os abriu, brilhavam com as lágrimas não derramadas.

As duas meninas que uma vez tinham jogado em seu jardim, tinham mudado. Ficaram reservadas, temerosas, intercambiavam olhadas preocupadas. Elas já não tinham tempo para uma anciã. Embora ela tivesse sido a que lhes tinha ensinado o caminho e as tinha posto em curso, tinham-na deixado. Elas sussurravam sobre o que faziam, pelo qual Nana só tinha recolhido pedaços e peças soltas.

Lugares ocultos dentro da abadia. Tentações escuras.

Um livro de grande magia. Duas profecias.

- Duas? - exclamei.

- Afirmativo. Uma esperança prometida. Uma praga de destruição sobre a terra e mais. Ambas dependiam de uma só coisa.

- Uma coisa? - exigi. - Ou uma pessoa?

Nana sacudiu a cabeça. Não sabia. Tinha assumido que era uma coisa. Um acontecimento. Mas poderia ter sido uma pessoa. Kat tirou a taça da mão da anciã antes que se derramasse. Ela



estava dormindo outra vez.

- Como estava contido o Livro na abadia? - apertei. Ela me deu um olhar vazio.

- Onde o guardaram? - Tentei. Ela deu de ombros.

- Quando foi levado ali e por quem?

- disse-se que a rainha dos doine (*quer dizer como pessoas*) sidhe o colocou ali na bruma do tempo. - Um ronco agradável saiu dela.

- Como consigo escapar? - Disse forte e ela despertou de um salto.

- Escutei dizer que foi ajudado por uma, no circulo mais alto.- Ela me deu um olhar triste - Uns dizem que sua mãe.- Suas pálpebras se fecharam. Seu rosto se apaziguou e sua boca caiu aberta.

Empunhei minhas mãos. Minha mãe nunca teria liberado o Sinsar-Dubh. E Alina não era uma traidora. E eu não era má.

- Quem era meu pai?- Exigi.

- Ela está adormecida, Mac - disse Kat.

- Bom, desperte-a outra vez! Temos que saber mais!

- Amanhã é outro dia.

- Cada dia conta!

- Mac, ela esta cansada. Podemos começar outra vez amanhã. Ficarei passando a noite. Ela não deveria estar sozinha. Não deveria ter estado sozinha todo este tempo. Ficara também?

- Não - grunhiu Barrons do outro lado da porta. Inalei devagar. Exalei. Estava confundida.

Tinha uma mãe. Conhecia seu nome.

Sabia de onde eu vinha

Precisava saber muito mais!

Quem era meu pai? Por que tínhamos conseguido nós, as O'Connor, tão má fama? Culparam a minha mãe, logo a minha irmã e agora eu? Isso me enfurecia. Queria sacudir à anciã e despertá-la, forçá-la a continuar.

Estudei-a. O sono tinha depravado seu rosto murcho e se via pacífica, inocente, um sorriso indireto tocava seus lábios. Perguntei-me se ela estava sonhando com duas moças jovens que jogavam em seus jardins. Quis ver também.

Fechei meus olhos, chegando até esse lugar Sidhe-seer e encontrei muito fácil beber a goles as beiras de sua mente. Era como seus ossos, cansados e sem defesa.

E ali estavam: duas moças, uma com cabelo escuro, a outra loira, talvez com sete ou oito anos, atravessavam correndo um campo de urze, agarradas pela mão e rindo. Era minha mãe uma delas? Pressionei mais forte, tratando de dar forma ao sonho de Nana, fazer que me mostrasse mais.

- O que esta fazendo? - sussurrou Kat.

Abri meus olhos. Nana me olhava fixamente, assustada e confundida, suas mãos estavam apertadas sobre os braços de sua cadeira de balanço.

- Esse é um presente para dar, não para tomar!

Parei e deixei cair minhas mãos aos flancos.

- Não pretendia assustá-la. Pensei que você não me sentiria ali. Só queria saber como era ela.

Sinto muito. Só queria saber como era minha mãe - balbuciei. A raiva por que ela me tinha parado competia com a vergonha do que tinha feito.

- Vocês não sabem como era ela - os olhos de Nana se fecharam indo à deriva outra vez. - Sua mãe esteve na abadia onde vocês estão. Procurem suas lembranças. Ali vai encontrá-la, Alina.



Pisquei.

- Eu não sou Alina.

Um suave ronco foi sua única resposta.

Capítulo 26

Tinha sido, disse Barrons, uma enorme perda de tempo e ele não me escoltaria para ver a anciã outra vez.

Como poderia ele dizer isto? Explodi. Eu tinha conhecido o nome de minha mãe esta noite!

Conhecia meu próprio sobrenome!

- Os nomes são ilusões - grunhiu ele - etiquetas absurdas aproveitadas pela gente para lhes fazer sentir-se melhor sobre a intangibilidade de seus débeis estoques. Sou isto. Sou aquilo -burlou ele - Vim de tal e tal. Portanto sou... absolutamente o blah-blah que você quer reclamar. Maldito inferno, se me permitir.

- Começa a soar perigosamente como V'lane - era uma O'Connor, de uma das seis linhas de sidhe-seer mais poderosas e isto me importava. Tinha a tumba de uma avó que poderia visitar. Poderia lhe levar flores. Poderia lhe dizer que eu vingaria a todas.

- É irrelevante de onde veio. O que importa é aonde vai. Não entende? Não consegui te ensinar nada?

- Bate-papos - disse - ensurdecem os ouvidos.

Nós ainda discutíamos horas mais tarde, quando ele deixou o Hummer na garagem atrás da livraria.

- Somente você não gosta porque ela conhecia algo sobre o que você não sabe! - acusei.

- Uma velha bolsa de superstições rurais - mofou-se - Cérebro privado de comida faminto de batatas.

- Século incorreto, Barrons.

Ele franziu o cenho para mim, pareceu fazer alguns cálculos, logo disse:

- E o que? É o mesmo resultado. Privado de comida por algo. Interpretando cegas visões, bate-papos que ensurdecem os ouvidos... meu traseiro.

Saltamos do Hummer e fechamos de repente as portas com tanta força que se estremeceram. Sob meus pés, o andar da garagem tremeu. O concreto em realidade retumbou, fazendo vibrar minha pele, quando um som de algo que só poderia ter nascido no lado mais longínquo do inferno encheu o ar. Olhei-lhe fixamente através da capota do Hummer. Bem, ao menos uma de minhas perguntas tinha sido posta a descansar: Independentemente de que fosse o que havia sob sua garagem, não era Jerichó Z. Barrons.

- O que tem ali, Barrons? - Minha pergunta quase foi afogada por outro elevado uivo desesperado, angustiado. Isto me fez querer correr, fez-me querer chorar.

- O único modo em que alguma vez, possivelmente, poderia fazer negócios é se fosse um livro, e um que precisamos, e como não o é, a merda. - Ele saiu da garagem.

Segui-o.

- Bem.

- Fiona - grunhiu.

- Disse 'Bem' não Fiona. - estrolei-me contra suas costas.

- Jericó, faz muito tempo "disse uma voz ligeiramente acentuada, cultivada.



Saí de trás dele. Ela se via espantoso, com uma saia que lhe abraçava os quadris, botas fabulosas que se aderiam às linhas esculturais de suas pernas longas e uma blusa de corte baixo que marcava cada voluptuosa curva. Uma capa longa aveludada lhe cobria ligeiramente seus ombros, agitada com cuidado na brisa da noite. Emanava sensualidade Fae sobre sua pele.

Perfume caro. Sua pele impecável era mais pálida que antes, mais luminosa, seu lápis de lábios vermelho sangue, seu olhar fixo francamente sexual.

Minha lança estava em minha mão imediatamente.

Ela estava ao lado de uma dúzia de guardas do Lorde Master vestidos de negros e carmesins.

- Suponho que você não é bastante importante para merecer o amparo dos príncipes - disse com serenidade.

- Darroc é um amante ciumento - disse ela ligeiramente - Ele não lhes permite aproximar-se de mim, eles devem girar sua cabeça. Ele me diz o alívio que é ter a uma mulher em sua cama, depois do suave gosto da menina que cortou em pedaços.

Tomei um profundo fôlego e ia lançar-me, mas a mão de Barrons se fechava como um punho de aço ao redor de meu pulso.

- O que quer Fiona? - Perguntei-me se ela recordava que Barrons era tão mais perigoso quanto mais suave era sua voz.

Por um breve momento, quando ela olhou Barrons, vi o desejo imperturbável, vulnerável em seus olhos. Vi o dano, o orgulho, o desejo que nunca deixaria de comê-la. Vi o amor.

Ela amava a Jericó Barrons.

Inclusive depois de que ele a tinha jogado por tratar de me matar. Inclusive depois de aceitar ao Derek O'Bannion e agora ao LM.

Inclusive com a carne fresca do Unseelie correndo através de suas veias, amante dos habitantes mais escuros de novo Dublin, ela ainda amava ao homem que estava de pé meu lado, e sempre o faria. Amar a algo como Barrons era uma dor que não invejei.

Ela devorou seu rosto com sensível interesse, procurou seu corpo com ardor não dissimulado.

Então seu olhar se fixou em sua mão enganchada ao redor de meu braço e isto a esvaziou imediatamente do amor e a queimou com a fúria.

- Você não se cansou dela ainda. Decepciona-me, Jericó. Eu teria perdoado um desejo passageiro, como perdoei tantas coisas. Mas você prova meu amor muito longe.

- Nunca pedi seu amor. Ele advertiu repetidamente. Seu rosto mudou, esticando-se, e assobiou.

- Mas você tomou todo o resto! Pensa que se deve trabalhar assim? Eu poderia ter posto a arma em minha cabeça, mas você é o único que põe as balas! Pensa que uma mulher pode dar tudo a um homem ainda retendo seu coração? Não nos fizeram assim!

- Não pedi nada.

- E não deu nada- cuspiu ela - Sabe como se sente compreender que uma pessoa em que você confiou com seu coração não tem nenhum?

- Por que está aqui, Fiona? Para me mostrar que tem um novo amante? Para pedir para voltar para minha cama? Esta cheia e sempre estará. Para pedir perdão por tratar de destruir a única possibilidade que tinha matando-a?

- A única possibilidade que você tinha para que? - Tirei isso de cima de imediato. Zangar-se com ela por estar perto de me matar não tinha sido o motivo absolutamente, mas sim por o feito de que eu era de algum modo, sua única possibilidade em algo.

Fiona me olhou bruscamente, logo ao Barrons, e começou a rir.



- Ah, que absurda delícia! Ela ainda não sabe. Ah, Jericó! Você nunca mudará verdade? Deve ter tanto medo... - Bruscamente, sua boca se abriu em uma inalação repentina, seu rosto se congelou e ela caiu ao chão, olhando assustada e confundida. Suas mãos revoaram para cima, mas não alcançaram seu destino. Ela se enrugou languidamente no chão.

Olhei fixamente. Havia uma faca enterrada profundamente em seu peito, diretamente em seu coração, com bastante sangue ao redor. Não tinha visto Barrons lançá-lo.

- Assumo que ela veio com uma mensagem - disse ele com frieza, a um dos guardas.

- Lorde Master espera - O guarda cabeceou para mim. - Ele disse que é última oportunidade.

- Tirem isto - Barrons jogou uma olhada a Fiona - de meu beco.

Ela estava ainda inconsciente, mas não permaneceria assim por muito. Sua carne estava mesclada com bastante Unseelie para que uma faca em seu coração não a matasse. O Fae escuro em seu sangue curaria as feridas. Depois, tomaria minha lança para matar o que ela era agora. Ou, possivelmente, a arma que Barrons tinha usado sobre a Princesa Fae. Mas sua faca, seguro, tinha tido êxito em calá-la.

O que ela tinha estado a ponto de dizer? O que eu não sabia sobre Barrons do que poderia ter medo que averiguasse? O que "absurda delícia"?

Joguei uma olhada a "minha onda", a que eu tinha elegido para me levar por este mar perigoso. Senti-me como um menino que arranca pétalas de margarida: Confio nele, não confio nele, confio nele, não confio nele.

- E você pode dizer ao Darroc - disse Barrons - que a Srta. Lane é minha. Se ele a quiser, pode malditamente vir e consegui-la.

Capítulo 27

Fui diretamente acender a lareira de gás na manhã seguinte e a pus na temperatura mais alta que pude.

Tinha tido o sonho da fria e formosa mulher de novo. Estava sozinha, algo andava muito mal nela, mas era algo mais que dor física, havia sofrimento em sua alma. Eu chorava em meu sonho e minhas lágrimas se transformaram em cristais de gelo em minhas bochechas. Ela tinha perdido algo de tal importância que já não lhe importava viver.

Como de costume, tinha despertado gelada até os ossos. Nem sequer uma ducha fervente tinha reduzido o frio. Odeio ter frio. Agora que tinha acordado de que eu tinha tido este sonho toda minha vida, lembrei-me também de como, saltando desde minha cama, de menina, com os pés congelados e tocando castanholas com meus dentes, tinha deslocado ao quente conforto dos braços de meu pai. Lembrei-me dele me envolvendo em mantas e lendo para mim. Ele punha a voz "voz de pirata", embora em retrospectiva não tenha nem idéia por que, e dizia: *"Ahoy, Matey: Ali as fomes fazem coisas estranhas no sol de meia-noite com tal de conseguir o ouro..."*

E como Sam McGee, tinha estado o suficientemente quente para chispar em sua pira funerária, estremecia bem quente nos braços de meu papai, emocionada pela loucura da muito dura busca de ouro no Ártico, o cadáver de um amigo atrás de um trenó, porque devia queimar seu cadáver nas margens do Lago do LaBarge e manter assim uma promessa feita aos mortos.

Enquanto esquentava as mãos ante o fogo, pude ouvir Barrons através da porta contígua, em seu estúdio, falando com zango a alguém por telefone.

Tínhamos trocado mais de oito palavras desde ontem à noite, depois de que ele tinha



apunhalado a Fiona.

Olhei enquanto abria a porta de trás, tendo em conta todo tipo de perguntas.

Mantinha a porta aberta, esperando que eu passasse, sob seu braço, enquanto me olhava de forma zombadora.

- O que? Nenhuma pergunta Srta. Lane? Retirando ao Barrons, disse friamente.

- Boa noite, Barrons.

Sua suave risada tinha me seguido até a escada. Não teria tido nenhum sentido fazer perguntas. Eu não ia fazer um novo exercício de futilidade.

Esquentei uma xícara de água no forno microondas atrás do balcão e acrescentei três colheres de chá da lojas de comestíveis de café instantâneo. Abri a gaveta dos cobertos.

- Maldita seja.

Não havia açúcar e não tinha nata na geladeira. Eram esses prazeres singelos os que tinham chegado a significar muito para mim.

Suspirando, apoiei-me no balcão e comecei a tomar meu café amargo.

- Diga a essa merda arrogante que o digo eu, por isso - disse Barrons. - Preciso de todos. Não me importa o que pensa a respeito Lor.

Parecia que estava reunindo às tropas. Perguntava-me se eu gostaria de conhecer os homens de Barrons, além do Ryodan. Estava decidida a esclarecer coisas com Darroc, acabar de uma vez e me tirar de seu caminho. Estava mais que disposta a seguir com esse plano, enquanto fosse eu a que enterrasse a lança no intestino desse filho da puta que tinha começado toda esta confusão, que matou a minha irmã ou ordenou sua morte e fez que me violassem. Necessitava que um dos perigos de minha vida desaparecesse. O perigo atual com o que convivia, às mãos cheias, era mais que suficiente.

Esperava que fosse hoje. Esperava que o LM partisse para a livraria e enchesse as ruas com seus Unseelie. Tinha a esperança de que Barrons alinhasse aos seus... o que fossem. Chamaria Jayne e seus homens e às outras sidhe-seer. Teríamos uma batalha para acabar com todas as batalhas e nós seríamos os vencedores, não tinha nenhuma dúvida a respeito. Não era sozinho pelo sonho pelo que estava gelada. Minha decisão sobre isso era um bloco sólido. Estava inquieta como um animal enjaulado. Estava farta de me preocupar com as coisas que poderiam acontecer. Queria que acontecessem *já*.

- Não, não é mais importante que isto. Nada é, e, sabe o que... - Barrons grunhiu - Quem caralho lhe há feito responsável? - Uma pausa. - Então pode se foder fora de minha cidade.

Minha cidade. Pensei nessa frase, perguntei-me por que Barrons sentia dessa maneira. Ele nunca dizia "*nosso mundo*". Ele sempre disse "*seu mundo*". Entretanto, chamava *sua cidade* a Dublin.

Simplesmente porque tinha estado nela tanto tempo? Ou é que Barrons, como eu, tinha sido enganado pela graça de seu mau gosto, caído em seu encanto e as dualidades de suas cores?

Olhei a meu redor, "*minha livraria*". Assim era como eu a chamava. Como às coisas de nosso coração, "*nossas*", tanto se o eram como se não. E se Dublin era *sua* cidade, significava que ele tinha um coração, contrariamente às crenças da Fiona?

- Nah - burlei e bebi meu café.

Não tenho idéia de quanto tempo isso esteve agitando-se na porta antes que me desse conta.

Mais tarde me perguntei se alguém tinha entrado e a tinha posto ali, enquanto eu, ignorante na distância, tentava espiar Barrons. Talvez aparecesse através dos vidros polarizados e me viu.



Fez uma careta ou uma risada afogada de vilão. Perguntava-me se tinha sido Fiona a que o tinha posto ali. Odiaria-a, conhecendo-a, teria ficado olhando, desfrutando de minha dor.

- Darroc virá - Barrons estava dizendo, enquanto eu entortava os olhos para a porta. – Ele disse a Fiona que tenho três das pedras e que sei onde está a quarta

Ele tinha? Quando? Havia ido ver a ontem à noite enquanto eu dormia? A ideia me fez sentir... traída.

Rodeando o balcão, caminhei lentamente para a parte dianteira da loja, onde batia uma suave brisa sobre o diamante porta de vidro duplo. Foi o movimento o que chamou minha atenção. Quem sabia quanto tempo poderia me haver levado encontrar ele de outra maneira?

Barrons disse:

- É possível que ela pode fazer tudo isto desnecessário. Mas ainda é muito cedo para dizer.

A uma dúzia de metros da porta, reconheci-o. Afastei a vista, como uma avestruz que esconde sua cabeça na areia acreditando que assim estará a salvo.

Mas eu não estava segura.

- Não pode ser - disse.

Olhei para trás, avancei para a porta, abri-a e brandamente tirei a fita que sustentava no cristal. Era.

Olhei durante um longo momento, então fechei os olhos.

- O LM não vem - disse a Barrons, entrando em seu estúdio.

Como sempre, meu olhar deslizou com inquietação para o grande espelho que era parte da vasta rede de Espelhos Unseelie: porta de entrada a um inferno desolado, terra de gelo e monstros. Mas minha fascinação/medo adquiria um novo patetismo hoje e uma nova relevância.

- Não pode saber - soltou Barrons.

Sentado atrás do imenso escritório, parecia esculpido do mesmo material, tendo, denso e forte pela cólera.

Lancei-lhe um sorriso. Era isso ou me jogar a chorar e não havia maneira de que o fizesse com o que estava acontecendo.

- Problemas em casa? Os meninos não estão se comportando? - disse com doçura.

- Ao grão, Srta. Lane.

Comecei a lhe entregar o que tinha tirado da porta dianteira. Minha mão tremia. Refiz-me e quando o estendi de novo, minha mão estava perfeitamente estável.

Jogou uma olhada à foto.

- É sua irmã. E o que?

De feito o era. Ela estava rindo, com uma risada dessas de toda a boca aberta, de pé na entrada do Trinity College.

- Dê a volta - disse firmemente. Fez.

-Lê.

- *"Ela estava feliz"* - leu - *"Quero-lhes, mamãe e papai. vou estar em casa logo que possa. Mac"*. Fez uma pausa antes de continuar. Um puxão muscular na mandíbula. *"1247 LaRuhe. Quinta Prata à direita. Traz as pedras. Se você trouxer Barrons, ambos morrem"* - Ele me olhou. - Ele tem a seus pais. Merda.

Com isso quase o resumiu.

- Este é um plano terrível - disse Barrons pela décima vez.

- Você é o que me veio com isso - recordei-lhe. - E eu aceitei. Não vamos voltar agora. Continuei colocando as coisas em minha mochila.

Não havia outra maneira. Eu queria uma confrontação e ia consegui-la. Mas não como eu



esperava.

- Olhe Barrons, encheu minha cabeça com mais conhecimentos a respeito da vida do que ninguém há feito jamais, exceto meu pai. Entre os dois, se não puder sobreviver, deveria ser fuzilada. Deveria tirar da miséria a todos.

- Isso foi um agradecimento, Srta. Lane? Pensei isso e encolhi de ombros.

- Sim.

Atrás de mim, ele fez um ruído estranho.

- Hei aqui. Não vai.

- Porque te agradeci? Que classe de lógica é essa?

- A do tipo de pessoa que sabe que com o agradecimento não se sobrevive. Não aprendeu nada?

- Ele tem a meus pais.

- E se agarra a você, poderia conseguir o mundo inteiro.

- Ele não vai por mim. Vou fazer exatamente o que me disse que fizesse. Sem separações.

Não há decisões independentes. Irei à casa, tirarei uma foto de onde está, a mostrarei ao Espelho, assim como o texto que você me deste. Entre isso e minha marca, você me rastreará. Vais trazer com vocês... o que seja que estão contigo detrás de mim ou chegarão de outra maneira, e nos resgatará. - E eu mataria ao LM. Enterraria minha lança até o punho em seu peito. Talvez, em seu globo ocular. Ficaria ali vendo como começava a apodrecer. Esperava que ele morresse lentamente.

- Os Espelhos são muito imprevisíveis. Algo poderia ir mal, inclusive no breve tempo que se demora em passar de um a outro.

- Você me perguntou se tinha pelotas. Agora já sabe. Além disso, ele me necessita, recorda? Ele não vai correr nenhum risco.

- Cada vez que utilize o Espelho, está tomando uma possibilidade. Especialmente se está levando OOP'S. A magia provoca mudanças nos lugares de imprevisível poder.

- Sei. Já me isso dito cinco vezes. Vou manter minha lança e as pedras ocultas na bolsa.

- Com os buracos nos muros da prisão e a maldição de Cruzamento... não há sangrenta maneira de dizer tudo o que podia sair mau. Não, Srta. Lane, isto simplesmente não funcionará.

- Vou, Barrons, com ou sem sua ajuda.

- Eu poderia te deter - disse, tão brandamente, que eu sabia que ele não só estava considerando-o seriamente, mas também expondo onde ia me encadear.

Inspirei profundamente.

- Recorda o menino que morreu em seus braços?

As aletas de seu nariz se incharam. Seu peito se sacudiu.

- Não me obrigue a viver isso, Barrons. Não escolha essa dor para mim. Não tem direito.

- Eles não são seus pais biológicos.

- Acredita que o coração só segue ao sangue?

Uns minutos mais tarde, quando já saía pela porta, virei minha cabeça à direita, para o que tinha sido a Zona Escura maior da cidade.

Sabia que durante o tempo que demorasse em percorrer as quatorze ruas até chegar aos 1247 de LaRuhe, estaria empapada em suor, mas não queria correr riscos. A viagem através do Espelho podia ser gélida e, por isso, tinha-me abrigado profusamente. Se por acaso saía de noite, levava meu MacHalo. Se por acaso tinha que estar ali algum tempo antes que Barrons me encontrasse, e, se por acaso meus pais necessitavam comida, levava em minha mochila um montão de barras de proteínas, água, carne Unseelie e uma miscelânea de artigos que Barrons se



empenhou em colocar. No caso de que o LM insistisse em vê-las, tinha as três pedras em um saco negro com delicadas runas brilhantes. Minha arma estava sobre meu ombro e minha lança debaixo dela. Não esperava necessitar algum dos elementos que trazia, mas não tinha a intenção de ir a nenhuma parte sem um pacote totalmente equipado até que os Fae tivessem sido erradicados de nosso mundo. Pela décima vez nos últimos dois dias, teria gostado de ter o nome de V'lane em minha língua e voltei a me perguntar onde estaria e o que teria passado com ele.

Meu celular estava em minha mão, preparado para tomar uma foto e remeter-lhe ao Barrons para que pudesse ver o destino do LM no cristal. Olhei-o. Havia algo que me incomodava que o havia feito desde que tinha me contado seu plano. Havia uma incongruência espreitando na beira de minha consciência. Um feito que não descansava comodamente com outros.

- Se não entendi errado, todos os Espelhos mostram seu destino. E esperas que o do LM mostre seu destino também. Então por que este Espelho mostra um caminho sinuoso através dele que parece ser um cemitério frequentado por demônios? Isso não é um destino.

Ele não disse nada.

- Vinculaste mais de dois Espelhos juntos, não? - franzi o cenho. - O que acontece se LM fez o mesmo? O que acontece se não mostra seu destino por isso?

- Ele não é o suficientemente hábil para acoplar Espelhos. Quando vêm minhas epifanias, vêm fortes e rápidos.

- OH, Deus, tenho-o! - exclamei.

Não eram de estranhar que ele não tivesse querido me explicar os Espelhos! O espelho no estúdio se conectava com o que havia debaixo da garagem!

- Você "acopla" os Espelhos para formar um corredor cheio de guardiões demônio porque se alguém encontrar seu caminho no espelho, nunca sobreviveria à manopla com o que você os domina.

Em lugar de que um espelho conectasse diretamente com outro, tinha organizado uma multidão de espelhos para formar um corredor comprido e mortal.

- Por isso o construiu três andares por debaixo da garagem! Por isso não pude encontrar a entrada! Esteve diante de meu nariz em *minha* livraria todo este tempo!

- Sua livraria? - Soprou. Logo se pôs a rir. - Sai disto com seus pais, as pedras e Darroc morto, Srta. Lane e te darei a maldita coisa. De repente me senti sem fôlego.

- Estamos falando figurativa ou literalmente?

- Literal. Chaves, estoque e depósitos.

- Escritura e tudo? - meu coração martelava. Eu adorava a Livraria.

- A loja. Nem minha garagem nem minha coleção de carros.

- Em outras palavras, sempre estará atrás, me respirando no pescoço - disse secamente.

- Nunca duvide - lançou-me um sorriso de lobo.

- Me emprestará o Viper?

- E o Lamborghini.

Capítulo 28

O 1247 do LaRuhe estava exatamente igual à primeira vez que o vi em agosto passado.

Faz seis meses, quando cheguei a Dublin, eu não acreditava, nem remotamente, em nada paranormal, nunca tinha visto um Fae em minha vida e não teria acreditado que existisse algo



assim por nada do mundo.

Logo, apenas duas semanas depois, tinha parado justo onde estava agora, em meio de uma Zona Escura, vendo como lorde Master introduzia um fluxo de Unseelie em nosso mundo, através de uma porta feita com um dólmén¹¹ de pedra, que estava escondida em uma adega desta casa.

Quanto tinha demorado para mudar meu mundo? Duas piolhentas semanas!

A alta e elegante casa de tijolo do 1247 do LaRuhe, com sua fachada de pedra calcária, estava tão fora do lugar no bairro industrial em ruínas como eu em meio de toda esta confusão.

Um delicado cercado de ferro cercava um jardim de terra e grama com três árvores esqueléticas e moribundas. Muitas grades das janelas estavam pintadas de negro. Produziu-se uma enorme cratera de terra atrás da residência. V'lane não só havia "esmagado" o dólmén do LM, como eu lhe tinha pedido o dia em que me deu de presente a ilusão de jogar voleibol com a Alina na praia, mas sim havia destruído qualquer sinal de sua existência, deixando um buraco. Arrependi-me de não ter sido mais específica e lhe haver convidado a demolir a casa também. Então eu não estaria aqui, a ponto de entrar de novo e passar por um dos espelhos que tinha encontrado tão terríveis a primeira vez que os tinha visto. Por outra parte, o LM não faria mais que me enviar de um lugar terrível a outro, estava segura.

Subi as escadas, abri a porta e entrei no hall, minhas botas golpeavam sobre o elegante chão de mármore obsidiana e marfim. Passei sob um lustre de brilhante luz, mais à frente, umas escadas duplas, belamente adornadas e um mobiliário luxuoso.

Eu sabia que acima estava o dormitório de Lorde Master, com sua magnífica e alta cama uso Luis XIV, caídas aveludadas, um quarto de banho suntuoso e um guarda-roupa fabuloso. Eu sabia que ele usava a roupa mais fina, os sapatos mais caros. Sabia que ele tinha um gosto delicioso. Queria o melhor em tudo. Incluindo a minha irmã.

Não tinha sentido atrasar o inevitável. Além disso, queria entrar e terminar com isto para poder reclamar minha livraria. Barrons tinha me assombrado com sua oferta. Não sabia o que fazer com ele. Agora estava esperando, na livraria, ver minha foto. Seus... Sócios estavam supostamente fechando-se atrás de mim. Entrei na larga e formal sala, onde umas dúzias de grandes espelhos de beiras douradas penduravam das paredes e caminhei pela casa, onde estavam as últimas novidades de móveis do Sotheby's e Christie's.

O primeiro espelho da direita era completamente negro. Perguntei-me se estava fechado. Parecia morto. Olhei com curiosidade. O denso negrume de repente se inchou e se expandiu e por um momento temi que fosse explodir desde seu marco dourado, crescesse como a Massa e me tragasse. O topo de sua crista palpitou fortemente, fez um som de aplainamento e se desinflou. Depois de um momento, inchou de novo. Esmagado. Desinflado. Estremeci. Era um coração negro gigante pendurado na parede, bombeando na distância.

Mudei. O segundo espelho mostrava uma moradia vazia.

O terceiro estava aberto em uma cela que continha meninos humanos. Chegaram através dos barrotes para mim, com ossudos e pálidos braços e suplicantes olhos. Fiquei gelada. Havia uma centena deles ou mais metidos na pequena cela. Estavam sujos e machucados, com a roupa estragada.

Não tinha tempo para isto. Não podia me permitir a emoção. Aproximei-me do espelho e

¹¹ - Os **dólmens** são monumentos megalíticos tumulares coletivos (datados desde o fim do V milênio a.C. até ao fim do III milênio a.C., na Europa, e até ao I milênio, no Extremo Oriente). O nome deriva do Bretão *dol* = mesa e *men* = pedra. Também são conhecidos por **antas**, **orcas**, **arcas**, e, menos vulgarmente, por **palas**. Popularmente, são também por vezes designados por *casas de mouros*, *fornos de mouros* ou *pias*.



agarrei meu celular para tomar uma fotografia, para que, mais tarde, depois de ter liberado a meus pais, Barrons me ajudasse a encontrar este lugar no Espelho e liberá-los. Mas justo quando estava a ponto de pressionar o botão, um dos meninos abriu a boca e me espetou um comentário tão vicioso que nenhum menino humano diria e me fez uma sugestão que nenhum menino humano me faria; retrocedi apressadamente, me amaldiçoando por permitir que a emoção nublasse minha mente.

Dani havia dito que alguns dos Unseelie encarceravam meninos. Com esse pensamento horrível em minha mente, olhei o Espelho e a seus habitantes, com um olhar influenciado pelo medo e a preocupação, procurando pistas. Se eu tivesse podido pensar com clareza, me teria dado conta da maldade sutil dos *meninos*, da forma de suas cabeças, da ferocidade pouco natural em seus rostos pequenos.

Não economizei uma olhada ao quarto espelho, mas andei diretamente por volta do quinto. Em um ângulo leve para que o LM não me visse fazê-lo, fiz uma foto e a enviei ao telefone celular do Barrons, logo deslizei meu telefone em meu bolso.

Só então deixei que o impacto da cena me golpeasse. Nós tínhamos um destino definido.

Estava em minha sala de estar, em minha casa, em Ashford, Geórgia.

O LM tinha a minha mãe e a meu pai atados às cadeiras e amordaçados, com uma dúzia de guardas vestidos de carmesim e negro de pé ao redor deles.

O LM estava em minha cidade natal! O que havia feito? Havia trazido Sombras com ele?

Estavam os Unseelie caminhando pelas ruas, inclusive agora, alimentando-se de meus amigos? O único lugar que tinha me esforçado por manter seguro, não estava!

Deixei que V'lane me levasse ali, por minha debilidade, tinha estado de pé fora de minha própria casa. Era esse o ato fatal que chamou a atenção de LM? Ou o tinha sabido sempre e só agora decidiu fazer uso disso?

No espelho, através dos quinze metros que nos separavam, meu pai negou com a cabeça. Seus olhos disseram: *“Não se atreva, neném. Você fica nesse lado do Espelho. Não se atreva a comercializar consigo mesma por nós”*.

Como não ia fazer? Ele foi o que me ensinou que o coração tem razões que a razão desconhece, era o único encontro do Pascal que eu recordava. Nem toda a razão do mundo poderia haver feito que eu me afastasse agora, inclusive se não tivesse tido ao Barrons como guarda-costas. Inclusive sem uma rede de segurança, eu caminharia pelo arame. Eu podia ter encontrado o nome de minha mãe biológica na noite anterior. Podia inclusive ter começado a pensar em mim mesma como Mac O'Connor, mas Jack e Rainey Lane eram minha mãe e meu pai e sempre seriam.

Aproximei-me da parede. Os olhos de papai eram selvagens, e eu sabia que, se não fora pela mordança, ele estaria me rugindo.

Aproximei-me e entrei no Espelho.

Parte 3

Mas, agora, vemos por um cristal escuro e, a verdade, antes de ser revelada por completo, cara a cara, sozinha mostra fragmentos (ai! quase ilegíveis) dos enganos do mundo, então devemos explicar detalhadamente seus sinais, fielmente, inclusive quando nos pareçam escuras ou, ao menos, como se estivessem amassados por uma vontade totalmente dobrada ao mal.



- Umberto Eco -
"O Nome da Rosa"

Capítulo 29

- Bom para você, por vir - burlou LM - Bonito chapéu.

Entrar no Espelho era como pressionar para frente em uma membrana pegajosa. A superfície ondulada se espessou quando me tocou. Quando tratei de passar através dela, resistiu. Empurrei com mais força e tive que fazer um considerável esforço para obrigar à bota a ferroar a pele prateada. Coloquei o quadril.

Entretanto, o espelho seguia pressionado para mim com uma elasticidade flagrante.

Por um momento fiquei em meio de cada mundo, meu rosto no Espelho, a parte de trás da cabeça na casa, uma perna no Espelho e a outra fora. Justo quando pensava que me expulsaria como um elástico gigante produziu... Uma sucção, cálida, úmida e desagradável que me lançou ao outro lado, tropeçando.

Esperava encontrar a mim mesma de pé na sala de estar, mas estava em algum tipo de túnel com uma membrana úmida de cor rosa. O salão de minha casa estava mais longe do que tinha visto de fora do espelho. Havia doze metros ou menos entre meus pais e eu. Barrons tinha se equivocado. O LM era mais hábil com os Espelhos do que pensava. Não só era capaz de acoplá-los, mas também o túnel não tinha sido visível desde mais à frente do cristal. Em linguagem teísta, este set era para o LM. Mas não havia forma de que ganhasse a partida.

- Como se tivesse escolha.

Limpei o rosto com uma manga, retirando uma capa magra de placenta fedorento e escorregadia. Gotejava de meu MacHalo. Tinha pensado em tirar isso antes de entrar no Espelho (já que é um pouco difícil para que a gente tomar a sério quando o está usando), mas agora me alegrei de não havê-lo feito. Agora não haveria rostos de assombro, pois o resto das pessoas evitava os Espelhos.

- "Tinha opção" - diziam os olhos de meu pai com fúria - "escolheste a opção equivocada".

Os olhos de minha mãe diziam muito mais que isso. Começou com o desastre de meu cabelo, negro, despenteado, saindo por debaixo de meu "chapéu", seguindo como uma bala pelas calças de couro ajustados que usava minhas unhas tão curtas, pela arma automática que deslizava sobre meu ombro, golpeando em meu quadril, e que tinha tido que ajustar ao sair.

Dava um passo para frente.

- Não tão rápido - disse lorde Master. - me mostre as pedras.

Levantei minha arma para colocar a outra mão em minha mochila, abri-a, tirei o saco negro e o levantei.

- Tire-as! Mostra-me elas -

- Barrons pensa que não seria uma boa ideia.

- Você disse que não participasse Barrons e me importa um caralho o que pense.

- Você me disse que não lhe trouxesse. Tive que o envolver. Ele é o que tinha a pedras.

Alguma vez tratou de roubar algo do Barrons? A expressão de seu rosto disse que sim.



- Se interferir, eles morrem.

- Recebi sua mensagem alta e clara a primeira vez. Ele não vai interferir. - Precisava estar mais perto. Tinha que estar entre o LM e seu guarda e meus pais quando Barrons e seus homens chegassem. Precisava estar à distância de punhalada. Barrons tinha previsto configurar seu Espelho para conectar-se a qualquer destino no que estivesse LM, mas havia dito que tomaria tempo, dependendo da localização. *“Procura evasivas”* - tinha pedido. - *“Uma vez que tenha a foto, trabalharei na conexão com o outro extremo. Meus homens irão atrás de você logo que tenha o lugar desbloqueado”*.

- Baixa a lança, sua arma e a pistola da parte traseira das calças, a navalha da manga e as facas de suas botas. Tira tudo.

Como sabia onde estavam todas minhas armas?

Minha mãe não podia ter estado mais surpreendida se tivesse sabido estava me deitando com a metade da equipe de futebol americano de Ashford e fumasse crack entre touchdowns*. (NdeT: pontos da partida)

Lancei-lhe meu olhar mais tranquilizador. Ela estremeceu. Ao parecer, o que eu considerava tranquilizador, ultimamente saía um pouco... selvagem, suponho.

- Mamãe, foi um mês duro como poucos - disse à defensiva. - Explicarei tudo mais tarde. Meus pais se vão - ela disse ao LM. - vou cooperar plenamente. Tem minha palavra.

- Eu não exijo sua palavra. Tenho seus últimos parentes vivos. Ser de duração finita preocupa enormemente aos seres humanos. Alina me disse que seus pais morreram em um acidente de carro quando tinha quinze anos. Entretanto, mentiu. Faz que alguém se faça perguntas, não? Eu nunca teria pensado em buscá-lo até que me trouxe até aqui.

Como o tinha conduzido até ali? Como havia ido atrás de mim a Ashford? Poderia ser V'lane? Havia uma duplicidade em V'lane? Trabalhava com lorde Master?

- Não são meus parentes - disse com frieza. - Meus parentes estão mortos. Quando matou a Alina, acabou com o último de minha linha, exceto a mim. - Tinha a esperança de lhe fazer acreditar que o valor de meus pais era um pouco menor do que ele acreditava. Sempre quis trabalhar no cinema. - Nós fomos adotadas.

Lancei uma olhada a minha mãe, embora soubesse que não devia. Seus olhos brilhavam com lágrimas. Estupendo. Não gostava de muitas coisas de mim e agora tinha machucado seus sentimentos. Eu estava bateando pelotas fora a mil.

LM não disse uma palavra. Só se aproximou de meu pai e lhe golpeou no rosto com o punho. A cabeça de meu pai se tornou para trás e o sangue brotou de seu nariz. Deu uma sacudida aturdida e seus olhos disseram *“Fora daqui, neném!”*.

- Muito bem! - gritei. - Menti! Deixa-o em paz! Lorde Master se voltou para mim.

- A mortalidade é a debilidade consumada. Dá forma à existência, com cada respiração. Não é de estranhar que os Fae sempre tenham sido deuses para os de sua classe.

- Não para mim.

- Atire suas armas.

Deixei que minha automática deslizesse ao chão, atirei a pistola da parte traseira das calças, deixei cair a navalha da manga da jaqueta e extraí uma faca de cada bota.

- A lança.

Fiquei olhando. Se tratasse de atirar a lança através dos doze metros que nos separavam, do que serviria? Inclusive se pegasse a morte no coração, era em parte humano e não ia morrer imediatamente. Eu não tinha nenhuma dúvida, de que, ao menos um de meus pais seria o segundo morto depois de que a tivesse jogado, se não eram ambos.



“Procura evasivas”, havia dito Barrons.

Tirei minha lança de sua capa e a deslizei por debaixo de meu casaco. No momento em que a descobri, rangeu e provocou raios brancos irregulares no ar. O alabastro brilhava quase com cegadora luminosidade, como se desenhasse o poder do reino Fae a seu redor.

Não pude fazer que minha mão a soltasse. Meus dedos não se afrouxavam.

- Atire agora - voltou-se para minha mãe e apartou seu punho.

Grunhi quando joguei a lança longe de mim. Deslizou-se pela parede do túnel de cor rosa brilhante. O canal carnudo estremeceu, como se doesse.

- Deixa-a. Você. Sozinha - apertou - Se afaste das armas e me mostre as pedras.

- Sêrio Barrons disse que não.

- Agora.

Com um suspiro, retirei as pedras da bolsa e desprendi o tecido de veludo em que estavam envoltas.

A reação foi imediata e violenta: o túnel sofreu um espasmo, gemendo da profundidade de suas paredes úmidas e o chão tremeu sob meus pés. As pedras brilharam com luz negro azulada. As paredes se contraíam e se ampliavam, como se trabalhassem para me expulsar e de repente, estava cegada por uma luz sinistra, surda a tudo, mas ouvindo o rumor do vento e a água. Apertei os olhos, fechando-os para não me deslumbrar. Não havia nada ao que agarrar-se. Apertei as pedras, tratando das cobrir e quase perdi o pano de veludo na tormenta. Minha mochila golpeou contra minhas canelas e foi arrancada de minhas mãos.

Gritei no vento, chamando a meus pais, ao Barrons, infernos! Inclusive a LM! Senti que era rasgada em dez direções diferentes. Meu casaco estava sendo arrancado de meus ombros, ondeando na brisa. Lutei para empurrar as pedras de novo à bolsa.

De repente, tudo estava em silêncio.

- Eu disse - grunhi, mantendo os olhos fechados, em espera de que a queimadura da retina desaparecesse - Barrons aconselhou que não se fizesse. Mas, escutou-me? Não. - Não houve resposta. - Olá? - disse com cautela. Ainda não havia resposta.

Abri os olhos.

Tinha desaparecido o canal membranoso de cor rosa. Estava em uma sala da cor ouro mais puro.

As paredes de ouro, chãos de ouro, inclinei minha cabeça para trás e o ouro se estendia até o que eu podia ver. Se havia um teto, este estava fora de minha linha de visão. Elevavam-se imponentes paredes de ouro para nenhuma parte.

Estava sozinha.

Nem Lorde Master, nem guardas. Nenhum de meus pais.

Olhei para baixo, com a esperança de encontrar minha arma, minhas facas e minha mochila. Não havia nada, só o suave chão de ouro sem fim.

Olhei os muros, procurando desesperadamente minha lança. Não houve brilho de alabastro que encontrar.

De feito, dava-me conta, já que me voltei em um círculo lento, de que não havia nada nas paredes de ouro, exceto centenas, não, milhares, não, fiquei olhando ao longo de todo o caminho que desaparecia além da vista, milhares de milhões de Espelhos.

Tratando de absorvê-lo, provei com o infinito. Eu era um minúsculo ponto em uma representação linear do tempo, que se estendia sem cessar em ambas as direções, fazendo de mim a inconsequência total e absoluta.

- OH, merda, merda, merda. Sabia onde estava.



No Salão de Todos os Dias*.

**(N.deT: duvidei com a tradução, em princípio pus Salão Eterno, mas depois de relê-lo, acredito que expressa melhor o que é em realidade, deixá-lo como a tradução literal do inglês: Hall of the All Days : Salão de Todos os Dias, quando lerem o que é, no seguinte capítulo valorem qual lhes parece a melhor interpretação)*

Capítulo 30

Não tinha nem ideia de quanto tempo estava aqui.

O tempo, neste lugar, convertia-se em uma coisa impossível de avaliar.

Sentei-me no centro do Salão de Todos os Dias com os joelhos dobrados, apartando a vista do dourado chão, porque se olhasse ao meu redor sentia vertigem e pequenez, tratando de fazer um balanço de minha situação.

Problema: Em algum lugar no mundo real, em minha sala de estar, em Ashford, Geórgia, Lorde Master ainda tinha a meus pais.

Imaginava que estaria seriamente de saco cheio.

Não era minha culpa. Ele era quem tinha insistido em que lhe mostrasse as pedras. Adverti-lhe sobre isso. Mas a culpa era tão irrelevante como minha presença neste vasto lugar, indiferente, eterno.

Ainda tinha a meus pais. Isso sim era pertinente.

Tinha a esperança de que Barrons, inclusive agora, se dirigisse a toda velocidade através do Espelho reconfigurado de seu estúdio, assim como a de que seus companheiros estivessem irrompendo no 1247 do LaRuhe, e, de que esse túnel rosa escorregadio que havia ali (de um aspecto muito parecido a certa parte da anatomia feminina, a meu parecer) estivesse intacto e que só me tivesse expulso devido a suas *dores de parto*, e, de que dentro de uns momentos meus pais estivessem a salvo.

O mal é que isso era muita esperança para meu gosto.

Não importava. Eu tinha sido neutralizada, e muito eficazmente. Arrancada do set e arrojada em uma sala quântica cheia de variáveis, nenhuma das quais me permitia calcular uma única equação que fosse capaz de entender.

Havia milhares de milhões de espelhos a meu redor. Milhares de milhões de portais. Entretive-me um tempo em escolher entre quinze tons distintos de cor rosa.

Depois de um momento, olhei o relógio. Parou-se às 1:14 P.M.

Tirei a jaqueta e comecei a me despir, colocando a bolsa que continha as pedras em minha cintura. O Salão estava muito quente para as capas de roupa que vestia. Tirei o suéter e o pulôver de ponto de manga larga e os ateí ao redor de minha cintura, continuando, pus o casaco de novo.

Realizei um inventário dos artigos que levo sobre minha pessoa.

Uma faca, uma adaga antiga escocesa, do que o LM não sabia nada, subtraído da Livraria e atado a meu antebraço esquerdo.

Vidrinhos de cristal cheios de carne Unseelie metidos em meu bolso esquerdo. Duas barras de proteínas medidas em um bolso interior, esmagadas.

Uma MacHalo, ainda amarrada por debaixo de meu queixo. Um telefone celular.

Também fiz um inventário do que já não tinha. Nem pilhas nem lanternas.



Nada de água. Nem lança...

Detive-me aí. Isso era bastante mau.

Tirei meu celular do bolso traseiro da calça e marquei o número de Barrons. Acostumei-me tanto a sua invencibilidade que, realmente, esperava que soasse, e quando não o fez, fiquei atônita. Ao parecer, inclusive seu serviço de telefonia tinha pontos mortos, e se não ia funcionar em algum lugar, podia entender que fosse precisamente aqui onde não o fizesse. Inclusive se tivesse tido o nome de V'lane, duvidava que tivesse servido de algo neste lugar.

Minha própria mente quase não funcionava aqui. Quanto mais tempo permanecia sentada, mais estranhamente me sentia.

O Salão não se limita a ser uma confluência de portas infinitas para espaços e tempos alternativos. Muitos dos portais faziam que o Salão vivesse e respirasse fluxo e vazante. O Salão era o tempo. Era antigo e jovem, passado, presente e futuro, tudo em um.

A liberdade emanava um sentimento de distorção por albergar o Espelho Prateado propriedade de Barrons.

Estes milhares de milhões de espelhos que estavam na mesma sala, criavam um efeito agravado exponencialmente, tão espacial como temporalmente. O tempo aqui não era linear, era... Minha mente não podia enfocá-lo, e embora eu fosse parte disso, não conseguia de tudo. Não me importou. Eu era essencial. Eu era um menino. Era uma mulher carcomida pelos anos. Era a morte. Era a fonte de toda a criação. Eu era o Salão e o Salão era eu. Um pouquinho de mim parecia com sangrar em cada porta.

A dualidade não podia nem começar a descrever. Como este lugar em si mesmo, eu era todas as possibilidades. Era a sensação mais terrível que jamais tinha tido.

Tentei IYCGM. Não havia serviço.

Fiquei olhando IYD durante muito tempo.

Ryodan me havia dito que me mataria se eu o utilizava sem necessitar.

Meu primeiro pensamento foi que *eu gostaria de lhe ver chegar aqui e tentar*. Meu segundo pensamento foi que melhor não, porque então ele estaria aqui também, e, realmente, me mataria.

Eu não poderia nem começar a lhe apresentar um argumento convincente de que me estava morrendo. Não é que eu gostasse de minha situação atual, mas, realmente estava em perfeito estado de saúde, sem nenhuma ameaça aparente para minha vida nas imediações. Apesar de que parecia estar cada vez mais... confundida por momentos.

Lembranças de minha infância tinham começado a mover-se em minha mente, parecendo muito vivos e tentadores para ser simplesmente lembranças.

Saltei à ligeira sobre eles e encontrei o que mais eu gostava.

Meu décimo aniversário: Mamãe e papai tinham preparado uma festa surpresa para mim.

No momento em que decidi me centrar nele, encheu-se de um interesse dramático, e não eram sozinhos meus amigos rindo e celebrando os presentes, a não serem reais tão reais que esperavam que me unisse a eles no salão, onde estavam o bolo e o sorvete. Vi todo o acontecimento, ali no ouro fundido do chão de que tinha querido apartar a vista. Passei meus dedos sobre a visão. O ouro ondulava depois das gemas de meus dedos, e eu tocava nossa mesa do jantar, sentava-me nela, escorregando dentro de meu corpo de dez anos sentado na cadeira, rindo de algo que Alina havia dito. Alina estava morta. Isto não era o *agora*. Isto não era real.

Retirei meu olhar.

No ar, diante de mim, uma nova memória tomou forma: minha primeira saída de compras em Atlanta com minhas tias. Tinha deixado uma profunda impressão em mim. Estávamos no



Bloomingdale'S.

Eu tinha onze anos. Percorri-o olhando todas as coisas bonitas, sem ver nem as paredes douradas nem os espelhos.

Fechei os olhos, levantei-me e o meti o telefone em meu bolso traseiro. Tinha que sair deste lugar. Estava jogando com minha mente.

Mas para onde?

Abri os olhos e comecei a me mover. No momento em que o fiz, as lembranças se desvaneceram no ar ao meu redor e minha mente estava clara de novo.

Uma ideia me ocorreu. Franzi o cenho, caminhei uns metros e me detive.

As lembranças retornaram.

Meu pai me animando em meu primeiro, e último, partido de softbol. Ele me tinha comprado uma luva com costuras de cor rosa magenta. Minha mãe tinha bordado meu nome e flores nele. Os meninos riam de mim e de minha luva. Corri a agarrar uma bola ao chão para lhes provar quão dura era.

A bola apareceu, golpeou-me no rosto, meu nariz sangrou e me estilhaçou um dente. Fiz uma careta.

Riram mais forte, me apontando.

Manipulei a lembrança, rebobinando rápido, agarrei o balão perfeitamente, eliminei ao corredor na base e consegui um montão de tempo para que o receptor tirasse o corredor da terceira base. Os meninos estavam impressionados destreza no jogo.

Meu pai inchado de orgulho.

Era uma mentira, mas uma... OH tão doce... Comecei a caminhar de novo.

A lembrança da luva cor rosa explodiu e orvalhou o chão de pó. Parar no Salão era perigoso, inclusive mortal.

Minha suspeita se confirmou pouco tempo depois, quando passei ao lado de um esqueleto sentado com as pernas cruzadas no chão, recostado contra a parede dourada, entre os espelhos. Sua postura não mostrava sinais de luta, não dava indícios da agonia da morte. O rosto do crânio, já que só ficava o crânio, tinha um olhar pacífico em seus ossos. Teria morrido de fome? Ou tinha vivido cem anos perdido em seus sonhos? Não tinha sensação de fome, e deveria tê-la, sobre tudo, porque tudo o que tinha ingerido desde ontem pela tarde tinha sido um café. A gente nem sequer tem que comer aqui, onde o tempo não é o que se espera?

Comecei a olhar nos espelhos ao passar.

Algumas das coisas dos espelhos olhavam para mim, surpreendidas e confusas. Ao parecer alguns me viam tão claramente como eu podia lhes ver.

la ter que escolher, e antes seria, provavelmente, muito mais sábio que depois. Estava começando a pensar que o dourado era o mais pacífico, justa e perfeita cor que jamais tivesse visto. E o chão... tão tentador! Quente, suave, poderia me esticar e descansar os olhos um pouco... reunir minhas forças para o que, seguro, seria uma árdua viagem.

Primeiro perigo do Salão: Quando se podem viver todos os dias uma e outra vez em sua mente, e vivê-los melhor, por que deixá-los? Podia salvar a minha irmã aqui. Salvar o mundo. Nunca saberia a diferença depois de um tempo.

Segundo perigo do Salão: Quando tudo é possível, como escolher?

Havia vistas de praias tropicais de areia branca que se estendiam milhas, com ondas de água tão clara que os recifes de coral de tons arco íris brilhavam através delas, o sol refulgindo e os peixes prateados saltando e jogando em suas cristas.

Havia ruas com mansões fabulosas. Desertos e planícies. Havia antigos e bestiais répteis em



vales verdes e cidades post apocalípticas. Havia mundos submarinos e Espelhos que se abriam diretamente ao espaço aberto, negro e profundo, brilhante de estrelas. Havia portas para as nebulosas e inclusive um que conduzia diretamente a um buraco negro. Tratei de imaginar mentalmente a quem gostaria de ir ali. Um imortal que já havia feito todo o resto? Um Fae que alguma vez poderia morrer e queria saber que se sentia ao ser absorvido por um? Quanto mais via no Salão, mais entendia que eu não entendia *nada* da raça imortal que tinha criado este lugar.

Havia espelhos que davam a imagens tão terríveis que desviava a vista no instante em que alcançava a ver o que estava passando. Nós havíamos feito algumas dessas coisas, e, ao parecer, os seres de outros mundos também. Em um, um homem realizava um experimento horrível e me viu, sorriu e se equilibrou sobre mim. Tirei-me de meio em uma louca carreira, meu coração palpitando e corri sem parar durante um comprido, comprido momento. Por último, olhei detrás de mim. Estava sozinha. Cheguei à conclusão de que devia ser um Espelho de um só sentido. Felizmente! Perguntava-me se todos os espelhos no Salão eram, ou se alguns deles ainda trabalhavam em ambos os sentidos. Se passasse através de um, poderia retornar imediatamente se eu não gostava desse mundo? Segundo o que havia me dito Barrons, *imprevisibilidade* era o nome do jogo aqui.

Como tinha chegado ao Salão? O que haviam feito as pedras para me tirar do túnel do conjunto de Espelhos e me lançar a este vórtice de toda a rede? Acaso trabalhavam como um farol e sempre que as desentupisse me trariam aqui?

Caminhei. Olhei. Olhei a outro lado.

Dor, prazer, deleite, tortura, amor, ódio, risada, desespero, beleza, horror, esperança, pena... tudo estava disponível aqui, no Salão de Todos os Dias.

Ali estavam os espelhos surrealista com paisagens uso Dalí, similares a seus quadros e me perguntei se estes não tinham sido pendurados aqui e animados. Havia portas a Paisagens de Sonho tão estranhos que nem sequer podia dar nome ao que estava vendo.

Olhei espelho detrás espelho, cada vez mais insegura. Não tinha nem ideia se algum dos portais, em realidade, abriria a meu mundo. Eram diferentes planetas? Diferentes dimensões? Uma vez entrasse em um, estaria atacando uma perigosa viagem através de um labirinto insalvável?

Milhares de milhões. Havia milhares de milhões de opções. Como ia eu a encontrar meu caminho de volta para casa?

Caminhei pelo que pareceram dias. Quem sabe? Poderia ter sido assim. O tempo não tem significado no Salão. Nada tem. Minúscula eu, enorme corredor. Um esqueleto de vez em quando, raramente humano. Silêncio, exceto pelo som de minhas botas no chão. Comecei a cantar. Repassei cada canção que conhecia, olhando fixo uns Espelhos, correndo diante de outros.

Então, alguém me deteve em seco. Fiquei olhando.

- Christian? - exclamei com incredulidade.

Estava de costas para mim enquanto caminhava por um bosque escuro, mas a lua do espelho era brilhante e não havia duvida por sua fisionomia e sua maneira de andar. Essas pernas largas embainhadas em jeans desbotados. O cabelo negro recolhido em um acréscimo. Os ombros largos e sua marcha confiada.

Sua cabeça deu meia volta. Tinha uma linha de tatuagens de cor carmesim e negro no lateral de seu pescoço que não tinha estado ali a última vez que o vi.

- Mac? - seus lábios se moviam, mas eu não podia lhe ouvir. Aproximei-me.

- É realmente você?

Ao parecer, podia me ouvir. A euforia e o alívio se mesclaram com a ansiedade nos



suntuosos olhos do escocês. Olhou-me, aproximou-se mais, parecia confundido e então sacudiu a cabeça. *“Não, Mac. Mantem em qualquer lugar que esteja. Não venha aqui. Volta atrás”.*

- Não sei como voltar.

“Onde está?”

- Não vê?

Sacudiu a cabeça. *“Parece estar atrás de um cacto enorme. Por um momento pensei que estava aqui comigo. Como está me vendo?”*

Tive que fazer o repetir várias vezes. Eu não sou a melhor leitora de lábios. A palavra *“cacto”* me desconcertou. Não podia ver nem um só cacto no bosque.

- Estou no Salão de Todos os Dias.

Os olhos de tigre estalaram. *“Não fique muito tempo! Corrompe-te por dentro.”*

- Já imaginava - Faz um momento, minha luva de cor de rosa tinha reaparecido em minha mão e podia ouvir os sons do estádio a meu redor. Comecei a fazer que corria sem me mover do lugar. O Salão não se deixou enganar. A luva se manteve em minha mão. Corri em estreitos círculos em frente do espelho. A luva e a lembrança se desvaneceram.

“É um lugar perigoso. Eu estive ali durante um tempo. Tinha que escolher um Espelho. Escolhi mal. Eles não são o que parecem. O que eles lhe mostram não é onde eles lhe conduzem”.

- Está brincando? - soltei como um balaço. Se eu entrava em uma praia tropical, acabaria na Alemanha nazista com um cabelo negro altamente inconveniente?

“que eu escolhi não. estive saltando dimensões após, tratando de chegar a lugares melhores. Em alguns dos Espelhos são certas, em outros, não. Não há maneira de saber qual é o correto”.

- Mas você é um detector de mentiras!

“Não funciona no Salão, moça. Só funciona fora dele, e não sempre. Duvido que algum de seus talentos de Sidhe-seer sirva ali tampouco”.

Ainda correndo em meu estreito círculo, fechei os olhos e procurei esse lugar no centro de minha mente. *“me mostre o que é certo, mandei-lhe”.* Abri os olhos e olhei ao Christian. Ainda estava em um bosque escuro.

- Onde está?

“Em um deserto” - lançou-me um sorriso amargo - *“Com quatro sóis e sem noite. Estou muito queimado. Não tive nada de comer nem de beber em muito tempo. Se não encontrar uma mudança dimensional logo, estarei com sérios problemas....”*

- Uma mudança dimensional? - perguntei-lhe se se referia a um IFP e lhe expliquei o que eram.

Ele assentiu com a cabeça.

“Abundam. Mas não são abooondantes aqui”.

- Abooondantes? - que havia dito? Embora o espelho me mostrava um perfeitamente limpo e bem descansado homem, agora que sabia o que procurar, pude ver o esgotamento e a tensão. Mais que isso, estava percebendo certa... aceitação sombria? Do Christian MacKeltar? De maneira nenhuma!

- Como está de mau, Christian? - disse. - E não minta. Ele sorriu.

“Acredito recordar que lhe disse o mesmo uma vez. Deitaste-te com ele?”.

- É uma longa história. Responde a minha pergunta.

“Isso é um sim. Ah, moça!”. - Os olhos listrados se cravaram nos meu durante um tenso momento. Sondando. *“Mau”.* - disse finalmente.

- Em realidade ainda está de pé ali? Quero dizer... sobre seus próprios pés? - algo do que eu estava vendo desde a distância era certo?



"Não, moça".

- Poderia estar se quisesse? - disse bruscamente.

"Não estou seguro".

Não perdi nem um segundo. Entrei no Espelho.

Capítulo 31

Alguns Espelhos se sentiam como se fossem areias movediças. Não gostavam de deixar ir.

Esperei que este se comportasse como o pendurava na casa do LM: necessitando que empurrasse com força para entrar, para logo me expulsar com um estalo parecido ao de uma borracha. Era mais difícil de empurrar, mais resistente que o primeiro, mas demonstrou ser ainda mais difícil para sair. Sem o Christian, não poderia havê-lo feito.

Encontrei-me presa dentro desta cola prateada que sustentava meus membros quase imóveis. Dava patadas, perfurei e terminei girando ao redor do mesmo sem ter nem ideia de qual era caminho para fora. Ao parecer havia só uma direção em que eu poderia trabalhar.

Então a mão do Christian estava em meu braço (*ele podia estar de pé*) e me empurrei para ele com todas minhas forças.

Em minha universidade, aonde ia a classes de meia jornada, havia uma espécie de túnel aerodinâmico único, um corredor construído entre o edifício de matemática e os edifícios de ciências situados ao seu redor. Especialmente, os dias tempestuosos, é quase impossível atravessá-lo. A gente tinha que inclinar a cabeça para frente, em um precário ângulo, conforme ia entrando no edifício de matemática, agachando a cabeça, avançando com todas suas forças.

Aprendi, da maneira mais dura, os pontos de ruptura (bem por um defeito de desenho ou por uma brincadeira de fodida engenharia), me deixando um "olho" no corredor, ali onde o vento bruscamente parava. Se a gente não era conhecedor deles, seguia avançando e caía de bruços diante de todos os estranhos das matemáticas e loucos das ciências, que conhecia bem este efeito e vadiavam por suas cercanias, sobre tudo, os dias tempestuosos, mas sem lhe dizer nada aos estudantes de primeiro ano, porque isso os privaria das quantidades sem fim de diversão que obtinham nos olhando enquanto nos limpávamos, sobre tudo se usávamos uma saia curta rodeando nossa cintura.

Assim *era* este espelho.

Empurrei para a mão, lutei, pressionando com toda minha força e, bruscamente, a resistência cedeu e fui voando através cristal, para Christian, a tal velocidade que fomos rodando e caindo pela areia.

Tratei de ofegar, mas isso não funcionou. Estava em um forno. Era tão brilhante que não podia abrir os olhos; o ar estava tão quente e seco que não podia respirar.

Lutei para me aclimar e finalmente aspirei brandamente um fôlego que chamuscou meus pulmões. Esgotei os olhos e consegui jogar um bom olhar ao Christian, avaliando-o.

Estava algo mais que "maltratado". Estava a sério perigo. Ainda com seu escuro bronzeado, havia uma cruel vermelhidão em sua pele, seus lábios estavam gretados e, poderia dizer-se, por seus olhos e sua pele, que estava seriamente desidratado. As ampolas cobriam seu rosto.

Dava voltas ao redor, esperando encontrar um Espelho que pendurasse no ar, atrás de mim, pelo qual poderíamos nos arrastar para a segurança. Não havia nenhum.

Havia, entretanto, centenas de cacto do tamanho de um homem, qualquer dos quais



poderia ter sido aquele do qual acreditava que eu estava atrás. Havia um espelho camuflado dentro de um deles? Estavam eretos ali para que decidisse qual dos mundos Fae queria visitar inadvertidamente; eles teriam tido que ocultar os Espelhos em algum objeto ou lugar que não fosse completamente incongruente com o terreno? Ou a misteriosa maldição de Cruces tinha segurado ali essas coisas?

Perguntei-me se poderia me jogar sobre algum dos cactos mais próximos, empregando o mesmo método que Dani tinha usado para tratar de abrir caminho através das guardas e esperar que o portal fosse de dupla direção. O plano teve pouca aceitação. Ela não conseguia nada mais que fazer-se muito dano por seus esforços. Os cactos luziam uma armadura protetora de espinhos, muitos afiadas espinhos.

Entrecerrando os olhos, joguei uma olhada o redor. Estávamos em um oceano deserto.

Isto estaria a uns cinquenta graus. Nada de sombra em nenhum lugar que pudesse ver. Nada mais que areia.

Olhei para cima e imediatamente o lamentei. O céu estava dolorosamente brilhante, com quatro sóis ardentes. Era mais branco que o branco. Era branco radiativo.

- Sua maldita e fodida estúpida - Christian cuspiu através de seus lábios partidos - Agora ambos morreremos aqui.

- Não, não vamos morrer. Qual... uh, cacto atravesssei?

- Não tenho nem puta ideia, e aqueles espinhos são venenosos, assim, sorte que não caiu nelas.

Maldição. Plano B, que era basicamente voar e rezar.

Comecei a tirar a bolsa negra de meu cinturão, me dispondo a desentupir as pedras. Devolveriam-nos elas ao Salão, onde poderíamos escolher o seguinte portal juntos? Quem sabe? A quem preocupa? Algo seria melhor que isto. Ele morreria aqui e eu também. Rodei perto do Christian e me apertei contra ele.

- Och, e agora paquera em cima de minha moça - disse fracamente, com uma sombra daquela risada demolidora - Quando não posso fazer nada com isso.

- Envolve seus braços e pernas ao redor de mim, Christian. Não se solte. Aconteça o que acontecer.

Não se solte. - O suor estava descendo para meu rosto, gotejando debaixo de meu MacHalo, por meus olhos, agrupando-se entre meus seios. Eu usava muita roupa, um capacete de bicicleta e um casaco de couro em um deserto.

Ele não me fez perguntas. Somente envolveu suas pernas ao redor de meus quadris e fechou suas mãos em minhas pequenas costas. Rezei para que ele tivesse suficiente força para manter seu apertão. Não tinha ideia do que ia passar, mas não esperava que fosse tranquilo.

Deslizei a bolsa no meio de nós, afrouxei o cordão e desentupi as pontas das pedras. Elas flamejaram, voltando para a vida, pulsando com um fogo negro azulado.

A terra respondeu imediatamente e violentamente, tal como o túnel rosado tinha feito.

O deserto começou a ondular-se e o ar se encheu de uma aguda choramingação que rapidamente se converteu em um sonoro uivo metálico. A areia nos fustigou, enquanto ardia em minhas mãos e em meu rosto.

- Está louca? Que... - os restos das palavras do Christian se perderam com os uivos do vento.

O céu branco atômico se obscureceu, tornando-se negro azulado, em dramático e rápido aumento. Elevei a vista. Os sóis estavam sendo eclipsados, um por um.



A areia estremeceu debaixo de nós. Formaram-se elevações e pendentes. Christian e eu rodamos, abaixo, abaixo, profundamente em um vale arenoso que até se formava enquanto nós caíamos.

Eu sentia como os ganchos de meu MacHalo se abriam. Tinha medo de que o deserto nos tragasse vivos, mas o deserto não nos queria. Essa era uma completa certeza, embora eu não soubesse então.

Lutava por manter a bolsa agarrada, apertada forte contra meu peito. As pernas do Christian rodeavam meus quadris como o aço, suas mãos fechadas. A temperatura caiu bruscamente.

O deserto começou a tremer. O tremor se fez estrondo. O estrondo se fez terremoto, e, justo quando pensei que acabaríamos feitos pedaços, a terra embaixo de nós se afundou bruscamente e logo nos deu um impulso gigantesco, nos jogando no ar.

Como estávamos nos elevando para o céu escuro, murmurei uma desculpa a Christian. Ele riu e murmurou detrás de meu ouvido, que ele preferia uma morte rápida por queda, com ossos esmagados e tudo, a uma morte lenta por desidratação. Ao menos parecia mais agradável e fresco este final, mas, talvez, já que parecia que as pedras tinham provocado esta reação catastrófica, eu poderia tentar as cobrir de novo e ver o que acontecia?

Tampeí-as com a bolsa e as coloquei debaixo o cinturão de minhas calças. Caímos.
Preparei-me para o impacto.

Capítulo 32

Caímos em uma água gelada.

Inundei-me profundamente. Chutei com força para a superfície e inalei ar avidamente. Retirei a água de meus olhos e vi que tínhamos caído em uma antiga pedreira. Felizmente. Isto queria dizer que um aterrador monstro com presas afiadas estaria na água embaixo de mim, aproximando-se para me arrancar as pernas, porque os deuses não me sorriam, pelo menos não ultimamente, disso era bastante consciente.

E Christian não devia estar tão mal como tinha acreditado, porque estava nadando para a beira.

Estreitei meus olhos. *Para a beira*, me deixando a meus próprios meios que, por isso ele sabia de mim, bem poderiam implicar meu afogamento.

Comprovei, para me assegurar, que a bolsa estava ainda em meu cinturão e nadei dando patadas e braçadas. Sou uma nadadora forte e saí da pedreira só uns segundos depois de que ele o fizesse. Derrubou-se com força na borda coberta de erva e fechou seus olhos.

- Obrigado por ficar perto para se assegurar de que não me afogava - murmurei depois - OH, Christian! - toquei seu rosto cheia de ampolas, assegurei-me de que de estava respirando, tomei seu pulso. Estava inconsciente. Tinha gasto a última onça de energia que tinha saindo da pedreira.

Primeiro, o primeiro: Estávamos seguros aqui?

Examinei nosso entorno. A pedreira era grande e profunda, transbordando-se aqui e lá em pequenos lagos e piscinas. Ocupava uma pequena esquina de um imenso vale. Quilômetros e quilômetros de planícies de erva rodeadas por montanhas cobertas de gelo no topo. O vale era pacífico e tranquilo. Na beira oposta, os animais pastavam serenamente.

Parecia como se estivéssemos seguros, ao menos por agora. Suspirei de alívio e, com



esforço, tirei minha molhada jaqueta de couro. Deslizei a bolsa com as pedras de meu cinturão e a pus ao lado. Não havia nenhuma dúvida: tirar as pedras da bolsa com as runas havia feito que mudassem as dimensões por alguma razão, pois quando estavam descobertas, pareciam fazer tremendos estragos no mundo que as rodeava. A próxima vez que as usássemos, tiraria e colocaria rapidamente e possivelmente assim conseguiríamos nos saltar a violenta expulsão e nos deslizar a um tempo mais pacífico no próximo mundo.

Depois de uma breve vacilação, fiquei de sutiã e calcinha, agradecida pelo clima moderado. O couro molhado fedia. Estendi minha roupa nas pedras próximas para que se secasse ao sol, esperando que o couro não encolhesse até um número ridículo.

Seguinte preocupação: que fazer com Christian. Estava respirando levemente e seu pulso era débil. Ele tinha desacordado no sol e ali suas queimaduras piorariam. As ampolas de seu rosto estavam incrustadas e sangrentas. Quanto tempo tinha estado nesse deserto infernal?

Quando tinha comido pela última vez? Não havia maneira de que pudesse movê-lo. Tampouco podia tirar sua roupa. Poderia cortá-la, mas ele a necessitaria depois. Quem sabia o que teríamos que enfrentar logo? Estava mais pesadamente musculoso que quando o tinha visto pela última vez e, estando inconsciente, era um peso morto. Tinha estado lutando, procurando um caminho entre uma dimensão e outra desde o Halloween? O tempo passava da mesma maneira onde ele estava?

A menos que tivesse caído, deveria ter um frasco de comida para beber cheio de carne Unseelie em minha jaqueta. Tropecei com meus próprios pés em minha pressa por chegar até ela e desabotoá-la, bolso por bolso, buscando-o.

- Ow! - Encontrei-a esmagada e úmida entre os fragmentos do frasco quebrado, em um dos bolsos internos. Extraí a carne cuidadosamente do frasco, que devia haver-se estrelado em minha queda pela areia. Das sete tiras que tinha metido no pequeno recipiente, só ficavam quatro. Três delas se perderam em alguma parte. Sustentei as nocivas peças cinza de carne do Rhino-boy, separando as das lascas de vidro e observei a rápida cura dos cortes de meus dedos.

Eu estava sanando tão bem pelos Unseelie que tinha comido no passado? Teriam-me causado mudanças permanentes, como Rowena havia dito? Isto faria algo terrível ao Christian?

Eu não tinha nem ideia de que mais fazer por ele. Só tinha duas barras de proteínas e não sabia se a água que nos rodeava era potável ou estava poluída por algum parasita mortal para os humanos. Nunca tinha sido uma Garota Escoteira, não podia fazer fogo com gravetos, nem tinha nenhum recipiente para ferver água ainda quando tivesse podido fazê-lo; estava desgostada por me dar conta que ainda era de muitas maneiras, notavelmente inútil.

Dava-me pressa para retornar ao seu lado, pus uma das tiras em uma pedra plana e a cortei em pedaços tão pequenos como ervilhas. Abri sua boca, coloquei os pedaços dentro e mantive sua boca e nariz fechados, esperando que a carne dos maltratados Rhino-boy avançasse para seu estômago, procurando saída.

Fez. Eu não era tão inútil depois de tudo!

Ele teve arcadas, soltei meu agarre por seu nariz e os músculos de sua garganta convulsionaram. Teve arcadas de novo e tragou involuntariamente. Tossiu e fez um som de estrangulamento. Inclusive estando inconsciente, a carne dos Unseelie era asquerosa.

Com um gemido, ele rodou para um lado.

Preparei outra tira, meti-a em sua boca e a sustentei fechada de novo. Desta vez ele resistiu, mas seu corpo ainda estava muito fraco para resistir o suficiente.

Quando consegui pôr a terceira tira em sua boca, rodou sobre suas costas outra vez, tinha aberto os olhos e estava me olhando. Acredito que o estava tratando de me perguntar que era o



que estava fazendo, mas manteve sua mandíbula fechada com uma mão em cima de sua cabeça e a outra sob seu queixo. Teve arcadas e tragou outra vez.

Os efeitos de carne Unseelie em um corpo humano ferido são instantâneos e milagrosos. Quando olhei, suas ampolas desapareciam e sua cor voltava para a normalidade, deixando-o ligeiramente bronzeado. A magreza de seu rosto desapareceu e a epiderme* (*N.DeT: Capa exterior da pele*) de seu corpo se esticou por toda parte, apagando os danos da desidratação, reconstruindo o de dentro para fora.

A carne Unseelie é potente e viciadora. Embora eu já tivesse superado minha pequena obsessão por ela (ele *realmente* necessitava a última tira?) eu invejava aquilo que sabia lhe estava passando: a velocidade temerária do poder correndo quente pelas veias, melhorando seu ouvido, olfato e visão, aumentando sua força a um nível tipo Barrons, enchendo o de um sentido eufórico de invencibilidade e um delicioso e elevado conhecimento de seu corpo em relação com o entorno. Se, certamente estava melhorando.

Seus olhos de tigre não estavam sozinhos abertos, se não movendo-se com imperturbável apreciação sobre minha pele, me despindo com o olhar, me tirando a roupa interior. Empurrou minha mão longe de sua boca.

Rápido, e, principalmente, porque estava tentada a comê-la eu mesma, ajoelhei-me sobre ele e empurrei a última tira entre seus lábios.

Ele se sentou tão rapidamente que nossas cabeças se golpearam, fortemente. Grunhi e o cuspiu.

A carne Unseelie saiu voando de sua boca e caiu na terra, entre nós.

Ele olhou o pedaço de carne, logo me olhou e não estava muito segura de que era o que tinha encontrado mais repugnante: se a pestilenta carne cinza com pústulas, ou a mim mesma, por haver a posto primeiro entre seus lábios. Isso me enfureceu, porque, inclusive em meus piores dias, eu considerava-me preferível à carne Unseelie. A ausência de calor nesses olhos ambarinos era francamente arrepiante.

- Talvez me pudesse agradecer isso disse rigidamente.

Ele teve arcadas outra vez, esclareceu sua garganta, se deu a volta, me abrigoando sobre seu ombro.

- O que... - disse, dando-a volta para mim e apontando - ...infernos é isso?

- Carne Unseelie - disse friamente.

- Isso é Unseelie? Alimentou-me com a carne de um Fae escuro?

- Como se sente Christian? - exigiu. - Bastante bem? - certamente o via bem, sentado ali com os jeans gastos, a camiseta molhada sobre seus largos ombros, os músculos de seus braços esticando-se enquanto se apartava o cabelo molhado do rosto. - Não tem queimaduras, nem ampolas, nem fome nem sede? Ocorreu-te pensar que salvei seu traseiro?

- A que preço? O que te passa quando come isso? Nada Fae se obtém sem pagar um preço!

- Isso lhe sara. Preferiria que não o tivesse tido?

- Uma grande, grande mentira há aí. Há inconvenientes. Quais são? - pressionou furiosamente.

- Para tudo há inconvenientes - estalei iracunda. Olhamo-nos com raiva.

- Preferiria que te tivesse deixado morrer?

- Nem sequer tentou outra coisa primeiro? Ou você é toda magia e gratificação foto instantânea?

Levantei-me de um salto e comecei a caminhar de um lado a outro.

- O que queria que fizesse? Arrastar seu pesado corpo até a sombra, sozinha, para que não



se queimasse mais? Ou, que tal, descobrir como fazer fogo com dois paus? Não, não o fiz! - girei a seu redor e lhe joguei um olhar. - Deveria ter ido procurar uma loja onde comprar protetor solar e gel de aloe e então, quando os tivesse tido, te examinar, assim eu poderia me haver encontrado sozinho com os fluidos do seu corpo como fizeram meus vizinhos quando tiveram seu gato doente!

Sua boca se crispou.

- Bonito traje, Mac.

Arrepiei-me. Tinha estado caminhando em sutiã e calcinhas a seu redor e ele achava *divertida* minha roupa interior?

- Minha roupa esta ensopada - grunhi.

- Estava falando de você... - olhou para cima. - Chamaria a isso chapéu, moça?

Fechei meus olhos e gemi. Estava tão acostumada a seu peso sobre minha cabeça que tinha esquecido que estava usando meu MacHalo. Desabotoei, tirei de minha cabeça, lhe tirando o musgo que gotejava e o inspecionei procurando danos. Duas das braçadeiras estavam quebradas pela base e algumas das luzes se acenderam em nossa rodada pelas dunas de areia, gastando as preciosas baterias. Apaguei-as e pus o capacete nas rochas, perto a minha roupa.

Cabeceei assinalando o pedaço de carne Unseelie que ficava na terra entre nós.

- Vai comer isso?

- Nem por amor nem por dinheiro - disse veementemente.

- Bem, recolhe-o e guarda-o em seu bolso. Poderia necessitar outra vez. Você goste ou não, isso te salvou a vida. - Não importava quanto o quisesse ou não, não me atrevia a confiar em minhas habilidades de sidhe-seer. Se enfrentávamos com algo Fae, minhas capacidades como Null eram tudo o que tínhamos. Teríamos que congelá-los e correr. Ou usar outra vez as pedras.

- Isso fez algo em mim. Algo... mau - estudou-o da distância com aborrecimento, recolheu-o, levou seu braço para trás e o atirou para a pedreira. Ouvi uma salpicadura, uma segunda salpicadura muito maior e um estalo seguido de uma terceira salpicadura. De costas à água, tive que interpretar o que acontecia a expressão em seu rosto.

- Algo com aspecto horrível o comeu?

Vendo-se ligeiramente assustado, cabeceou.

- me diga tudo o que sabe sobre o que me deu de comer e os efeitos que tem. E assim que ao lago, moça, não te recomendaria nadar nele.

A roupa do Christian estava empapada, e depois de analisar os bicos nevados que nos rodeavam, concluímos que havia uma alta probabilidade de que à queda da noite descendessem em picado as temperaturas, tornando-se geladas, o que significava que necessitamos roupa seca e rápido. Como não havia um secador convenientemente perto, um brinde ao sol era nossa única opção, por o que pouco tempo depois ambos estávamos estendidos, eu quase nua, ele totalmente. Estava muito auto complacido por sua nudez. Tive que admitir que tinha razão para estar.

Depois de uma rápida olhada, procurei a intimidade no outro lado do grupo de rochas onde a roupa secavam e saboreei o calor em minha pele. Quão único faltava era meu iPod.

E meus pais. E minha irmã. E qualquer sentimento de normalidade e segurança. Em poucas palavras, faltava tudo.

Estava aterrorizada por meus pais. O Espelho pelo que entrei não mostrou o túnel do exterior, que segurança tinha em que o destino que apresentasse não fosse também uma ilusão? O que aconteceria o LM não tinha a meus pais cativos em minha sala de estar, a não ser em outro lugar e eu tinha enviado Barrons em uma perseguição selvagem e sem sentido com a foto que lhe



tinha enviado por telefone?

Uma onda de impotência frenética estava elevando-se dentro de mim, ameaçador como uma maré. Não me atrevia a entrar em pânico. Tinha que manter a calma e me centrar no trabalho, seguir adiante sempre que pudesse, inclusive se isso significa avançar pouco a pouco, dando passinhos de bebê. Agora, tinha que conseguir que minha roupa secasse e descansar enquanto tivesse oportunidade.

Quem sabia que perigos poderiam trazer a noite, ou, inclusive, as próximas horas?

Christian e eu falamos enquanto tomávamos o sol, nossas vozes chegavam facilmente sorteando as rochas situadas entre nós. Conte-ihe os efeitos de comer carne Unseelie. Ele me interrogou exaustivamente, querendo saber se alguém mais tinha comido exatamente o que havia feito a eles, e quanto tempo durou. Estava especialmente interessado no aumento da destreza nas artes escuras.

- Falando das artes escuras - disse - e do que fizeste a noite do ritual. O que aconteceu? O que saiu mal? Gemeu.

- Posso entender que isso significa que os muros caíram de todos os modos. Estive tratando de me convencer de que meus tios obtiveram um milagre. Conta-me tudo, Mac. O que passou no mundo enquanto estive preso aqui?

Eu disse que os muros se derrubaram por completo na meia-noite, que eu tinha visto os Unseelie aparecer e que o LM e seus príncipes tinham me capturado ao amanhecer. Omiti a violação, minha transformação em Pri-já, e meu posterior... er, recuperação (como se eu não estivesse falando com um detector de mentiras a respeito desses eventos), e o disse simplesmente que fui resgatada pela Dani e as sidhe-seer. Passei rapidamente aos esforços de Jayne, tudo o que tinha aprendido sobre o ferro e disse que sua família estava bem e lhe buscando. Disse que o livro ainda estava solto, mas retive os detalhes macabros de meu recente encontro com ele.

- Como chegou até o Salão de Todos os Dias?

Falei do sequestro de meus pais pelo LM, como me atraiu até o Espelho e insistiu em que lhe mostrasse as pedras.

- Idiota! Inclusive nós sabemos que não terá que fazer isso e isso, que ele uma vez foi Fae. Não é de estranhar que a rainha escolhesse aos McKeltar como guardiães da tradição. Sabemos mais a respeito de sua história que eles.

- Devido a que seguem bebendo do Caldeirão e esquecem?

- Sim.

- Bom, ao menos as temos. Apesar da viagem podem nos ajudar em um apuro.

- É tola, Mac? - disse bruscamente.

- O que quer dizer?

- Não sabe que é o que acontece cada vez que os tira dessa bolsa?

- Duh, isso é o que te estava dizendo. Isto faz trocar os mundos... ou as dimensões, ou o que sejam.

- Porque o reino no que estamos está tratando de nos cuspir fora dele - disse secamente - As pedras são um anátema para os Espelhos. Assim que os tira de sua bolsa, o reino os detecta e, como lascas infectadas, esforça-se por expulsar. A única razão pela que vai com elas é porque as deixa obstinadas.

- Por que são um anátema para os Espelhos?

- Pela maldição de Cruzamento.

- Sabe qual foi a maldição Cruce? - Por fim, alguém me ia dizer isso!



- Estive vagando por vários mundos neste lugar, por isso me dá no sangue que foi uma longa, longa temporada, e aprendi uma coisa ou duas. Cruces odiava o Rei Unseelie, por muitas razões, e, além disso, desejava sua concubina. Amaldiçoou os Espelhos para evitar que o rei entrasse de novo neles. Ele tinha planejado introduzir todos os mundos, ficar com a concubina para si mesmo e ser o rei de todos os reinos. Entretanto, uma maldição é algo imensamente poderoso e Cruces deixou livre uma voragem de poder insondável. Como a maioria das coisas Fae, tomou vida própria e se transmutou. Alguns dizem que ainda se podem escutar as palavras dele, cantado brandamente em um vento escuro, sempre cambiante.

- Teve êxito em apartar ao rei de sua concubina?

- Sim. E devido a essas pedras que leva foram esculpidas na fortaleza do rei, levam sua mancha e os Espelhos as rechaçam também. Pouco tempo depois o rei foi traído, ele e a rainha lutaram e matou à rainha Seelie.

- Foi então quando a concubina se suicidou?

-Sim.

-Bom, se os Espelhos estão tratando de nos cuspir, não seria possível que, com o tempo, acabassem nos devolvendo a nosso mundo?

Soprou.

- Eles não estão tratando de nos cuspir pra lá de onde viemos, Mac. Estão tratando de restabelecer a ordem natural das coisas e cuspir as pedras ao lugar de onde vieram.

Inspirei profundamente.

- Quer dizer, cada vez que as utilize, seja qual seja o reino em que estejamos, estarão tratando de nos enviar à prisão Unseelie? O que acontece? Sentem falta?

- Suspeito que nenhum dos reino tem a potência suficiente por si mesmo, assim, estamos sendo arrastados para ela, como uma vassoura em um andar amplo, através de tantas dimensões como é possível.

- Cada vez que nos empurram nos aproximando um pouco mais?

- Exatamente.

- Bom, talvez - esforcei-me em ser otimista - estamos a um milhão de domínios de distância.

- De algum jeito, não acreditava nisso nem eu.

- E talvez - disse escuro - só a um. E a próxima vez que troquemos, vamos terminar cara a cara com o Rei Unseelie. Não sei você, mas eu prefiro não ter que responder diante do criador do pior dos Fae, de um milhão de anos de idade. Alguns dizem que, simplesmente, olhar sua verdadeira forma pode destruir sua mente.

Algum tempo depois, Christian anunciou que a roupa estava seca. Escutei o sussurro de sua roupa enquanto se vestia. Quando terminou, levantei-me e me aproximei de minha roupa, mas me detive em seco, olhando-o fixamente.

Ele me lançou um sorriso amargo.

- Sei. Começou a acontecer pouco depois de que me deu isso.

Havia lhe visto nu. Sabia que ele levava tatuagens no peito de cor negra e carmesim, também em parte de seu abdômen e pelo flanco de seu pescoço, mas o resto de seu corpo não havia sido tatuado.

Já não era assim. Agora seus braços estavam cobertos com linhas e símbolos negros, passando justo por debaixo de sua pele.

- Está se estendendo das pernas para o peito- disse.

Abri a boca, mas não tinha nem a menor ideia do que dizer. Sinto muito, dei-lhe isso para salvar sua vida? Desejaria que não o tivesse feito? Não é melhor viver para lutar outro dia, não



importa de que maneira?

- Tem algo que ver com as artes escuras. Acredito que está surgindo em mim como uma tormenta

- Suspirou profundamente. - Suspeito que é pelo que Barrons e eu tratamos de fazer a noite de Halloween?

- E o que foi isso? - provei.

- Chamar a algo antigo que tínhamos deixado dormir. Convidamo-lo. Cremos havê-lo encontrado, mas uma vez que fomos absorvidos no vórtice, nos separamos.

Fiquei olhando.

- Barrons foi aspirado no Espelho contigo no Halloween? Christian assentiu.

- Nós dois estávamos no círculo de pedra, o círculo desapareceu e nós também. Via-o tão claramente como a luz do dia, mudaram-se os canais, e, de repente me encontrei no Salão de Todos os Dias e ele não. Não quis me preocupar com ele, porque sabe magia negra. Espero que nós encontremos uma saída, se pusermos nossas mentes juntas a trabalhar.

- Uh, odeio ter que lhe dizer isso mas ele já a encontrou.

Os olhos do Christian se acenderam e logo se esgotaram.

- Barrons está fora? Desde quando?

- Quatro dias depois do Halloween. E nunca me disse uma palavra sobre isso. Disse-me que foi o único que desapareceu aquela noite.

-Como diabos o fez?

Lancei-lhe um olhar de impotente desespero.

- Como vou ou saber? Nem sequer admitiu que tinha estado aqui. Mentiu. Os olhos do Christian se estreitaram ainda mais.

- Quando teve relações sexuais com ele?

Uh-OH. O detector de mentiras estava olhando para mim com seus olhos de tigre.

- Não foi como se estivesse disposta, eu... - evadi.

- Mentira - disse secamente.

- Eu não o haveria feito em nenhuma outra circunstância. - Essa era a verdade e ele poderia afogar nela.

- Mentira.

Sério?

- Ele me fez fazê-lo!

- Máxima grande mentira - disse secamente.

- Não entenderia a situação...

- Prova.

- Não acredito que seja algo relevante para qualquer de nossos problemas. - Voltei as costas e comecei a me vestir.

- Tem sentimentos por ele, Mac? Vesti-me em silêncio.

- Tem medo de me responder?

Terminei de me vestir e me virei. Christian começava a dar um pouco de medo. Seus olhos eram cada vez mais inumanamente brilhantes, de ouro. Mantive em meu rosto uma máscara suave.

- Estou morta de fome - o disse. - Tenho duas barras de proteínas. Pode tomar uma. E tenho sede, mas prefiro não beber dessa pedra. E acredito que temos problemas muito maiores que meus sentimentos a respeito de Jericó Barrons. Ou da falta deles. E esses animais - assinalo o bordo do vale - parecem comestíveis. Comecei a caminhar.



Infelizmente, não fomos quão únicos pensavam que as elegantes criaturas, parecidas a gazelas, eram comestíveis, como descobrimos muito em breve no centro do vale.

Um rebanho em correria de milhares de touros, de pelagem hirsuta, chifres torneados, rabo em forma de látego e focinhos de lobo, nos jogaram em cima, duramente.

- Pensa que, talvez, só tentam rodeá-los? - como tinha visto que acontecia nos filmes.

- Não estou seguro de que não sejamos seus objetivos, Mac. Corre!

Corri, embora estivesse bastante segura de que era inútil. Eram muito rápidos, e estávamos muito longe de qualquer tipo de refúgio.

- Não pode fazer algo Druida? - gritei por cima do quase ensurdecador ruído dos cascos.

Ele me lançou um olhar.

- O druidismo - gritou - exige uma preparação ou pode ter desastrosos resultados!

- Bom, não tente algo formidável! Certamente poderá fazer algo que seja sozinho passável!

- Os símbolos negros tinham começado a subir por sua garganta.

A terra estava tremendo tanto que se fazia difícil até correr. Era como um terremoto avançando para nós.

Quando tropecei, Christian se transladou com tanta rapidez que quão seguinte soube foi que estava em cima de seu ombro e que ele corria dez vezes mais rápido que um homem normal. É obvio, ele estava repleto de carne Unseelie. Levantei a cabeça. O rebanho estava muito perto. Nós ainda não estávamos movendo o suficientemente rápido. As criaturas estavam ganhando, seus focinhos abertos lançavam saliva ao ar. Quase podia sentir seu fôlego sobre nós.

- Usa as pedras! - Gritou.

- Disse que era muito perigoso!

- Algo é melhor que morrer Mac!

Procurei em minha cintura, tirei a bolsa e descobri as pedras. Comparativamente falando, foi uma das transições mais suaves. Infelizmente, depositou-nos em um mundo de fogo.

Descobri as pedras de novo e as chamas sob minhas botas morreram no ato, porque no outro mundo, não havia vida apoiada em carbono e não havia oxigênio.

As descobri uma vez mais e estivemos sob a água.

A quarta vez que brilharam, terminamos no topo de um escarpado estreito e irregular que caía bruscamente para um abismo sem fundo por ambos os lados.

- Baixa me - gritei mais que a tormenta selvagem que nos rodeava, trabalho ao longo. Estava esmagada em cima do ombro do Christian, molhada e sem fôlego.

- Aqui?

- Sim, aqui!

Soprando, deixou-me de pé, mas manteve seu férreo controle sobre minha cintura. Fiquei olhando-o. Sua íris de cor âmbar estavam bordejadas de negro. A mancha se estendia para o interior, como a água que se tingem com tinta. Os símbolos estranhos estavam lambendo já sua mandíbula.

- O que é exatamente o que fez no Halloween? - por que a carne Unseelie tinha um efeito tão estranho nele?

Lançou-me esse sorriso assassino, mas não era a do assassino encantado, a não ser a de um frio assassino.

- Acovardei-me no último minuto ou não teríamos falhado. Tratamos de levantar o único poder que sabíamos que uma vez esteve contra os Tuatha Dé e luto contra eles. Uma antiga seita chamada Draghar os enfrentou uma vez, faz muito tempo. Barrons não duvidou. Eu sim o fiz.



Poderia nos tirar deste escarpado, Mac? - grunhiu.

- O que acontece se o próximo lugar é ainda pior?
- Continue trocando e eu te mantereí segura.

Uma rajada de ar nos atacou. Fomos tropeçando até a beira, para aquela boca de escuridão. Abri a bolsa à medida que caíamos.

Um vórtice maciço explodiu ao nosso redor, negro, formando redemoinhos, lacrimejando em meu cabelo e em minha roupa. Lutei para empurrar as pedras de novo dentro da bolsa coberta de runas. Podia sentir o agarre pelo Christian deslizando-se, continuando, suas mãos se foram e eu estava sozinha.

Caí-me sobre uma tundra de erva, sobre minhas mãos e joelhos.

Golpeei-me tão duro, que a bolsa saiu voando de minha mão. Minha frente se chocou contra a terra e mordi a língua. Não podia sentir as mãos do Christian sobre nenhum lugar de meu corpo. Com um zumbido nos ouvidos, levantei a cabeça, aturdida.

Fiquei olhando fixamente aos olhos de um enorme javali com presas tão afiadas como as folhas de um barbeador elétrico.

Capítulo 32

Quando está olhando à morte fixamente ao rosto, o tempo tem uma forma graciosa de desacelerar-se.

Ou talvez, neste reino, é você o que, realmente, move-te mais lento, quem sabe?

Tudo o que sabia, diante do olhar de olhos saltados do javali, ardiloso, de olhos famintos, diminutos em seu corpo do tamanho de uma vaca, era que desde que tinha deixado cair o telefone celular em nossa piscina, tinha começado a perder todas as coisas. Uma atrás de outra.

Em primeiro lugar, minha irmã. Logo meus pais e qualquer esperança de voltar para casa.

Tinha tratado de lutar com os golpes, ser um bom jogador. Fazia uma casa nova para mim em uma livraria de Dublin. Tinha tratado de fazer novos amigos e forjar alianças. Havia dito adeus à roupa bonita, a meu cabelo loiro e a meu amor pela moda. Tinha aceito tons cinza em lugar de arco íris e, finalmente, abracei o negro.

Então, também tinha perdido Dublin e minha livraria.

Por último, tinha perdido, inclusive, minha própria mente.

Tinha aprendido a utilizar as novas armas, a encontrar novas formas de sobreviver.

E os tinha perdido também.

Minha lança se foi. Não tinha carne Unseelie. Nenhum nome em minha língua.

Tinha encontrado Christian. Tinha perdido Christian. Estava bastante segura de que tinha sido arrastado a um lado do redemoinho, enquanto eu tinha sido lançada no outro.

E agora tinha perdido as pedras, também. A bolsa estava sobre a terra, muito mais à frente do javali, com o cordão apertado. Não tinha nem sequer a esperança de uma queda acidental.

A adaga* amarrada a meu antebraço não poderia perfurar a pele do animal. (**Dirk: adaga, adaga escocesa*)

E me perguntava: Qual era o ponto de tudo isto? Tratava-se de tomar tudo o que pudesse tirar de mim? Isso era o que a vida fazia, não? Fazer-te perder tudo o que importava e em que acreditava para, continuar, te matando? Sim, estava-me auto compadecendo.



Fodida A! Como diria Dani não seria neste momento?

Mundos de Fogo? Mundos de água? Rochas? O que poder cósmico enlouquecido era o encarregado de decidir onde me enviariam as pedras depois? Eram estas negro azuladas pedras tão desprezados pelos Espelhos que, se um reino não podia as cuspir de caminho de volta ao inferno Unseelie, se empenharia em tratar de as destruir, e, portanto, Ops! A mim também? Estava sendo deliberadamente jogada nas faces do perigo?

Ou, como tinha começado a me perguntar ultimamente, Era minha destruição o que tinha começado faz muito tempo? Escondida em escuros sonhos e memórias esquecidas.

O que ficava? Nada.

Agachei-me, olhando com fúria através do campo de erva a um javali de olhos saltados que jurei que levava um sorriso maligno em seu rosto colmilluda.

Isso soprou e deu coices* a terra (**=remover a terra com a pata, como os touros quando se dispõem a atacar. Em humanos é manusear ou remover.*).

A falta de outra coisa que fazer, soprei e chutei o chão também. Lancei-lhe um olhar mortal. Os pequenos e brilhantes olhos se estreitaram. Levantou sua cabeça pesada e cheirou o ar.

Cheirava o medo? Muito mal. Não tinha nenhuma oportunidade comigo: estava muito zangada para ter medo.

Onde infernos estavam todos quando os necessitava? OH! Uma vez antes pensei que tinha ficado sem opções quando ainda tinha tido uma.

Quando o javali avaliou meu potencial como vítima, franzi o cenho, deixando ao descoberto meus dentes, ao mesmo tempo em que introduzia uma mão debaixo de meu casaco, em meu bolso traseiro.

Tirei meu telefone celular. A água escorreu dele. Ainda funcionaria? Soprei por dentro. Ainda seguia esperando que as coisas funcionassem de acordo com leis compreensíveis, inclusive aqui, na sétima dimensão alternativa em que tinha estado nos últimos tempos. Burra de mim!

Abri-o e o pus no chão.

O javali agachou sua cabeça, preparado para carregar.

Não me atrevi a levantar o telefone até minha orelha. Pressionei os botões. Primeiro, Barrons, logo, IYCGM, e finalmente o IYD proibido. Isto definitivamente se podia qualificar como que "eu ia morrer"

Esperei. Não sei o que. Algum milagre.

Suponho que tinha estado esperando que ao usar o IYD fizesse algo como por arte de magia, como me transportar à segurança na livraria. Ou Barrons imediatamente se materializaria para me resgatar.

Esperei.

Não aconteceu nada. Nenhuma maldita coisa. Estava sozinha.

Imagine.

O javali baixou sua cabeça ameaçadoramente. Olhei com ânsia a bolsa, a dezenas de pés atrás dele.

Chutou o chão e se apoiou sobre suas ancas*. Eu sabia o que significava. Os gatos o faziam antes de saltar. (**quadris*)

Removi a terra e lhe lancei um grunhido muito furioso. Sentia-me profundamente enfurecida. Pus a frente meu quadril também.

Piscou com seus olhos saltados e grunhiu com voz rouca. Grunhi em resposta e chutei o chão de novo.

Empate.



Tive uma súbita visão de mim mesma de cima.

Isto era ao que tinha sido reduzida: MacKayla Lane-O'Connor, descendente de uma das mais poderosas linhas de sidhe-seer, detector do OOP, Null, uma vez Pri-já, agora imune ao glamour de quase todos os Fae, sem mencionar que possuía habilidades de cura interessantes... sobre o terreno, de mãos e joelhos, suja, molhada, com um maltratado MacHalo e botas chamuscadas, frente a frente com um javali mortal sem uma só arma, exceto a fúria e a esperança de um amanhã melhor, e a determinação de sobreviver. Movendo o traseiro. Removendo a terra.

Senti um estalo de risada crescendo dentro de mim, como um espirro, e tratei desesperadamente de suprimi-lo. Meus lábios se estiraram. Meus olhos se estreitaram. Meu nariz ardia e doía-me a tripa pela necessidade de rir.

Perdi. Era simplesmente muito. Sentei-me sobre meus calcanhares e ri. O javali se removeu inquieto.

Pus-me de pé, olhei para baixo, ao javali, e ri ainda mais. De algum jeito, nada é tão aterrador quando a gente não está de joelhos.

- Fodasse - disse. - Quer algo de mim?

O javali me olhava com receio, e me dava conta de que não era um animal mágico. Era só um animal selvagem. Tinha ouvido muitas histórias de pessoas nas montanhas do norte da Geórgia, que tinha escapado dos animais selvagens a base de fanfarronice. Eu ainda tinha muito disto que oferecer.

Dava um passo furiosa para ele e sacudi o punho.

- Suma daqui! Shoo. Suma. Não vou morrer hoje, burro! *Sai daqui, agora!* - rugi. Deu a volta e começou a escapulir, na medida em que mil libras de javali podem fazer tal coisa, ao outro lado do prado.

Eu fiquei olhando, mas não porque se retirasse.

Minha última ordem tinha saído em capas que seguiam ressonando no ar a meu redor.

Acabava de utilizar a Voz!

Não tinha nem ideia de se o javali se afastou por minha falta de temor e ameaçadoras bravatas ou pelo poder de minhas palavras, quero dizer, realmente, pode algo a Voz em algo que não entende o Inglês?. Trazia-me sem cuidado, o caso é que A tinha usado! E o que tinha saído soava condenadamente enorme!

Como o tinha feito? O que eu tinha encontrado dentro de mim? Tratei de recordar exatamente o que tinha estado sentindo e pensando quando gritei a ele.

Solidão.

Havia-me sentido total e absolutamente sozinha, não havia nada, só eu e minha morte iminente.

"A chave da voz", Barrons havia dito, *"é encontrar esse lugar dentro de ti que ninguém pode tocar"*.

"Refere-te ao lugar Sidhe-seer?" – tinha lhe perguntado.

"Não, um lugar diferente. Todas as pessoas têm. Não só as Sidhe-seer. Nascemos sozinhos e morremos sozinhos".

- Entendo - hei dito agora.

Independentemente das muitas pessoas que me rodeassem, não importa quantos amigos, ou a família que amava e pela que era amada em troca, eu estive sozinha no momento de nascer e o estaria no momento de morrer. Ninguém viria comigo e ninguém iria comigo. Era uma viagem de um.

Mas em realidade, não. Porque, nesse lugar, havia algo. Havia sentido, quando nunca tinha



podido sentir antes. Possivelmente no momento de nascer e o momento de morrer, estamos mais perto do puro. Talvez seja o único momento no que sentimos que há algo maior que nós, algo que derrota à entropia, que sempre foi e sempre será. Uma coisa que não pode ser rechaçada. Chama-o como quer. Eu só sei que é divina. E me importa. Já não era minha zona confortável. "*Era minha verdade*".

Vi o porco largar-se através do campo. Em uns momentos, estaria livre a bolsa de pedras e eu gostaria de recuperá-la. Não é que eu confiasse muito nelas. Mas eram melhor que nada e necessitava-as para conter o livro quando saísse daqui.

Tinha começado a dar um passo adiante para recolher meu celular e logo ir a pelas pedras, quando uma enorme besta cinza de repente apareceu, entre uma confusão de chifres, presas e garras de um nada.

Tropecei para trás.

Situou-se ao lado do javali, afundou suas presas em sua garganta, agarrou seu pescoço e lhe arrancou a cabeça, orvalhando seu sangue, efetuando sua matança entre minha bolsa e eu.

Grunhiu, arrancou uma grande parte do corpo do porco e começou a comer.

Fiquei olhando, sem me atrever a respirar. Se a coisa tivesse estado de pé direito, e parecia como se pudesse fazê-lo, teria medido uns dois metros e oitenta. Havia três grupos de agudos e curvados chifres, espaçados a intervalos regulares em duas cristas ósseas que corriam por cada lado de sua cabeça. O primeiro set estava à altura de suas orelhas, o segundo a metade de caminho entre estas e a parte de atrás de seu crânio, e o último par surgia da parte traseira de sua cabeça, curvando-se para baixo, para as costas. Meadas de comprimento cabelo negro enredado sobre um rosto pré-histórico, com uma testa crestada, ossos proeminentes e presas mortais. Suas mãos e pés estavam ligeiramente aplaudidos, com garras largas. Sua pele era de cor cinza piçarra, Lisa como o couro. Era enormemente musculoso e, obviamente, macho.

Eu não lhe tinha visto nem ouvido vir.

Eu não ia provar a lhe grunhir ou tentar utilizar minha habilidade recém-descoberta da Voz, que podia ou não pode funcionar com animais. Se for muito afortunada, eu gostaria de escapulir em silêncio, sem que nunca chegasse a me sentir. Enganar ao porco era uma coisa. O javali tinha sido um simples animal, que poderia ter surto dos códigos genéticos da Terra. Eu não necessitava uma prova de DNA para saber que isto não o tinha feito.

Comecei a retroceder lentamente, sem logo que levantar os pés do chão. Teria que voltar mais tarde por meu celular e a pelas pedras.

Sua cabeça se levantou de repente e me olhou, com sangue no rosto. Todas as minhas esperanças de ser escorregadia em meu desaparecimento, esfumaram-se.

Estava perfeitamente imóvel, com um pé no ar. Os coelhos se congelam para burlar a seus inimigos. Supostamente, os ursos são enganados assim.

Não se deixou enganar. Sentou-se sobre suas ancas e me avaliou com astúcia, reduziu os olhos, como tratando de decidir qual seria meu sabor. A raiva queimava em seu olhar, como se se tratasse de um leão com espinhos permanentemente incrustados em suas quatro patas.

Eu contive a respiração. *Come javali, rezei. Eu sou músculo magro e não uma barriga de porco rechonchudo.*

Trocou seu corpo, afastando do javali, para mim, desprezando completamente sua anterior peça. Merda, merda, merda.

Eu era seu objetivo agora.

Sem advertência alguma, de repente em quatro patas, correu para mim. A coisa era sobrenaturalmente rápida.



Procurei minha adaga em sua vagem e me agachei, estreitando-a contra meu peito.

"*Alto aí!*" - A voz se inchou em mim, saturando o ar, fazendo-se eco de mil vozes. Era formidável, fenomenal, desalentadora como o inferno. Eu não podia acreditar que havia feito tanto ruído. Barrons se haveria sentido orgulhoso. "*deixe-me em paz!*" - gritei - *Não me danificará!*"

Naturalmente, o monstro seguiu avançando.

Preparei-me para o impacto. Não havia maneira de que me rendesse sem lutar. Se conseguisse que ficasse sobre suas quatro patas, fintaria e esquivaria, cravaria minha adaga entre os olhos ou lhe cravaria minhas unhas. Possivelmente em suas partes masculinas. Enfim, tudo o que fosse necessário fazer para sobreviver.

A meia dúzia de metros de distância, o horrível ser se deteve tão abruptamente que abriu sulcos na terra com suas garras. Partes de erva saíram voando e esquivando minha cabeça por pouco. Seus olhos amarelos se estreitaram e grunhiu.

Estava tão perto de mim que podia sentir o sopro de seu fôlego quente, o aroma do sangue fresca e quente que havia sobre seu focinho. Olhei-lhe fixamente. Tinha pupilas verticais, ampliando-se e contraindo-se em seus estranhos olhos amarelos. arrepiou-se de fúria, o peito agitado com respirações rápidas e breves, enquanto grunhia sem cessar.

Deslocando seu peso para frente, sacudiu a cabeça e abriu suas faces. A saliva e o sangue me orvalharam.

Encolhi-me, mas não me atrevi a me limpar.

De repente, rebolou, com tal suavidade e musculosa graça que, por um momento, pareceu-me estranhamente... formoso. A coisa era um verdugo nato. Estava na parte alta do jogo. Um animal poderoso, singelo. Tinha poucos objetivos em sua vida. Tinha nascido e se criou para matar, conquistar, reproduzir-se e sobreviver. Por um comprido e estranho momento, quase me deu inveja.

Começou dando voltas ao meu redor, as patas dianteiras e traseiras arrancando matas de erva e terra, girando sua cabeça de lado a lado, seus olhos amarelos ardendo com sede de sangue.

Girei-me com ele, sem apartar meus olhos de seu rosto. Compus um olhar assassino, como se eu pudesse ter a raia, como uma simples negativa a me deixar intimidar. Era uma espécie de ritual prévio ao sacrifício? Não o havia feito com o javali.

Deteve-se, inclinou sua cabeça chifruda, inclinou seu rosto monstruoso e... cheirou em minha direção.

Que demônios estava fazendo? Eu contive a respiração, com a esperança de não cheirar comestível. As presas... Deus, as presas eram tão compridas como meus dedos!

Não parece que gostasse do que seja que cheirou. O aroma parecia lhe haver zangado ainda mais. Grunhiu comprido e baixo, e, então, sem prévio aviso, investiu!

Com a adaga apertada no punho, afiancei-me em minha posição. Nossas ações nos definem. Ou ia viver ou a morrer lutando.

Mas não tive a oportunidade de lutar.

No último segundo, o monstro uivou e se retorceu no ar.

Tudo o que vi foi um movimento impreciso. Em um momento ia se lançar diretamente para mim e, ao seguinte, estava lutando na erva, correndo de novo depois do javali. Enquanto observava, afundou suas presas na carne de javali e com uma sacudida violenta da cabeça, esfolou-o e começou a comer, fazendo ranger os ossos e as cartilagens ao mastigar.

Por um momento, não pude me mover. Estava tão instável que não estava muito segura de que minhas pernas me aguentassem. Estava muito alucinada para tratar de pensar.



A mobilidade voltou nas asas da adrenalina.
Equilibrei-me, arrebatei o celular do chão e corri como o inferno.

Capítulo 33

Um tempo depois, sentei-me em um claro cheio de erva, branqueado por partes da casca de uma árvore e me recostei no tronco tratando de assimilar minha atual situação. Tinha-me levado quase meia hora para poder me tranquilizar, e, embora tudo o que queria era correr o mais longe que pudesse daquele monstro, necessitava das malditas pedras.

Este dia não estava funcionando como tinha planejado,
Tinha dificuldades para aceitar tudo o que me estava acontecendo e onde me encontrava agora.

Essa tarde tinha começado com a agenda em branco: Tinha-me exposto uma perfeita e razoável espera (OH Deus, como é possível que todo meu mundo se desmoronasse e por quê?). Saírei de meu salão confortável, de meu próprio mundo, irei aonde seja que tenha que ir resgatar meus pais das garras do LM, com ajuda do Barrons e se for necessário, morrerei na tentativa.

Agora me encontrava em um mundo estranho rodeada pela rede de Espelhos, que, segundo Barrons, era um lugar virtualmente impossível de dirigir e onde a gente podia estar perdido para sempre e ser atacado por depredador atrás de depredador.

De maneira absurda e perigosamente desviada, as coisas tinham tomado um giro que me faziam sentir como se escorregasse em um dos buracos do chapéu do coelho da Alicia.

Uma coisa era ver os Fae invadir Dublin, tratar de apoderar-se de meu mundo e lutar contra eles em meu território, e, outra totalmente distinta, saltar através de espelhos e pedras místicas e ser obrigada a lutar em chão estrangeiro.

Pelo menos em casa eu sabia onde conseguir o que necessitava e tinha aliados para que me ajudassem, mas neste caso, encontrava-me realmente fodida.

Seguiam ocorrendo coisas em meu mundo sem mim e eu tinha que ser parte delas.

Tenho que sair daqui! Tenho que salvar a meus pais, tinha perguntas para Nana O'Reilly, tinha que entrar na Bibliotecas Proibidas, averiguar onde estava V'lane, descobrir a profecia...

...E uma lista interminável de coisas mais.

Mas me encontro presa em uma das redes de mundos dos espelhos, com um monstro aterrador que se interpõe entre as pedras e eu; não as queria deixar atrás mas tinha que voltar para meu mundo.

Não necessitava mais provas de quão difícil era sair dos Espelhos.

Como havia sobreviver Christian? Como tinha vagado durante dois meses? Ele tinha estado a beira da morte, quando o encontrei.

Como vou sobreviver dois meses?

Como vou sobreviver nem sequer duas semanas?

O que estava acontecendo aos meus pais?

Marquei outra vez IYD em meu telefone, pela enésima vez e, pela enésima vez, não aconteceu nada. Fechei os olhos e esfreguei o rosto.

Barrons tinha saído daqui.

Como? Por que não me disse que tinha sido absorvido com o Christian? Por que tantas



mentiras? OH, mas como ele o chamava, só eram “*omissões*”.

Abri os olhos e olhei o relógio. Ainda eram 1:14. Duh. Guarde-me o telefone no bolso. Aqui, obviamente, a maldita coisa era inútil.

Esperava que o monstro terminasse de devorar ao javali e assim ter a oportunidade de ir em busca de minhas pedras.

Imaginei que já tinham passado uma ou duas horas, o sol não se moveu no céu desde que tinha sentado, o que significava que o sentido do tempo estava muito enviesado ou os dias eram mais compridos daqueles aos que eu estava acostumada.

Para matar o tempo, estava tentando ordenar minhas opções; tal como o via e até que recuperasse as pedras, só tinha três:

Plano A: Iniciar a busca do IFPs, me arriscar a entrar em um e esperar não ficar presa, como Christian tinha estado.

Plano B: Utilizo as pedras com a esperança de não cair na prisão Unseelie e esperar que me devolvam ao Salão de Todos os Dias ou que mandem a outro lugar com Espelhos onde puder escolher.

Plano C: Ficar aqui com a esperança de que, embora IYD não funcione, Barrons possa me rastrear graças a minha marca...E que o monstro siga adiante ou encontre algo ao que aterrorizar e matar. De qualquer outra maneira, ficar aqui não seria uma opção.

Barrons devia estar familiarizado com as redes de Espelhos, devido a conta da rapidez com a que tinha saído. Tudo isso indicava que ele já tinha estado aqui antes do acontecido com o Christian.

De todas minhas opções, a de ficar parecia a mais sensata; daria uma oportunidade a Barrons. Já tinha desconfiado dele uma vez e, agora, não queria cometer o mesmo engano de novo.

Ele tinha demorado 4 dias em sair.

Eu lhe daria cinco para me encontrar. Mas cinco seria o máximo que me permitiria, porque tinha medo de começar a pensar *E se hoje for o dia em que vai vir?* Então teria medo de partir alguma vez. Era imperativo tomar decisões firmes e ater-se a elas.

Reafirmei-me, enchi-me de coragem e me levantei, sigilosamente, me aproximando do bordo do claro, para ver se podia recuperar minhas pedras.

O monstro seguia comendo, deteve-se e cheirou, me observando através das árvores. Pus a quatro patas e retrocedi passo a passo. Depois de estabelecer uma distância de segurança entre ambos, corri de volta a minha árvore.

Por que não me matava? Por que se deteve? Acaso eu não era comestível?

Sabia que os animais, às vezes, eram raivosos e assassinos, simplesmente pelo prazer de matar, mas nunca tinha visto tanta fúria nos olhos de um animal.

Um de meus amigos tinha sido mordido por um cão raivoso, eu o tinha visto em seu barraco antes que o matassem e tinha mais medo que raiva em seus olhos.

O monstro cinza não Tinha nem um grama de medo, era pura selvageria.

Duas vezes apareci em ver se seguia aí, e as duas vezes, seguia comendo, sem mostrar sinais de arrependimento. Retornei a meu esconderijo na árvore e observei o rastro do sol no céu. O dia era caloroso e tirei a jaqueta, o suéter e o pulôver. Com meu suéter amarrei meu MacHalo a um pau, muito ao estilo vagabundo.

Passei o tempo pensando em meus pais, tratando de me convencer de que Barrons os tinha resgatado; na Dani na abadia (esperava que ela não tomasse nenhuma decisão imprudente sem minha presença para vigiá-la); no Christian e onde tinha terminado (só esperava que tivesse



encontrado comida já que não tive a oportunidade de lhe dar uma de minhas barrinhas de proteínas) e em V'lane, que seguia sem aparecer.

Não podia deixar de pensar nem de me preocupar com Barrons.

Pensei sobre minha vida, tratando de lhe dar sentido e me perguntando como pude ter crescido acreditando que o mundo era um lugar são, seguro e ordenado.

Estava a ponto, pela quarta vez, de ir procurar minhas pedras, quando escutei um ramo quebrar-se.

Dei a volta.

O monstro estava a quatro patas, a não mais de 20 metros de mim.

Estava agachado na erva, com a cabeça abaixo, seus olhos amarelos e brilhantes.

O que é que fazia, trazia-me comida?

Agarrei minha bengala de vagabundo e o casaco e saí disparada para meu refúgio na árvore. Com o coração pulsando forte, voei de ramo em ramo.

Odeio as alturas, de igual maneira que odeio os espaços fechados, a meio caminho me obriguei a me deter e olhei para baixo.

Poderia subir o monstro? Não parecia que pudesse, se calculava, diria que pesava 200 quilogramas de músculo, além de todas as garras que tinha, mas neste mundo... Quem sabe? Especialmente, vendo que se movia muito correntemente.

Estava debaixo de minha árvore arrancando a grama, onde antes tinha estado sentada. Enquanto observava, encontrou meu suéter, atravessou-o com uma garra e o levou a rosto. O suéter não era a única coisa minha que tinha. Em seus chifres, presa por seu cordão de couro estava minha bolsa.

O monstro tinha minhas pedras!

Quando finalmente se afastou, com o pulôver atado a uma de suas patas traseiras, desci da árvore. Depois de um comprido tempo debatendo comigo mesma, encolhi de ombros e comecei a segui-lo.

Estava furiosa por como tinham mudado os acontecimentos por que o maldito inseto tinha recolhido as pedras e como, com suas letais patas dianteiras, tinha conseguido atar a bolsa em seus chifres?

Deu-se conta de que o estava seguindo, deteve-se e me olhou. Meu instinto me gritava que saísse correndo, mas algo estranho estava acontecendo aqui.

Embora se via sua fúria, ele não deu nem um passo para mim.

- Essas são minhas pedras e as necessito - Tentei dizer

Seus olhos amarelos se reduziram sem pestanejar. Apontei seus chifres.

- A bolsa é minha, devolva-me isso. Nada.

Ele não piscou nem mostrou nada nem remotamente parecido à inteligência em seu olhar. Assinalei a minha própria cabeça e fiz gestos para que tirasse a bolsa do corno e a atirasse. Indiquei-lhe que soltasse meu suéter de sua pata, tudo para voltar para o ponto de início. Expliquei-lhe o mesmo de diferentes maneiras.

Nada.

Meus esforços tinham o mesmo resultado que interrogar ao Barrons.

Por último, de pura exasperação, fiz um pequeno baile, só para saber se mostrava alguma reação.

Ficou de pé sobre suas patas traseiras e começou a rugir, deixando ao descoberto um grande número de dentes, e logo voltou a ficar a quatro patas e se equilibrou sobre mim, uma e outra vez, como um cão com correia.



Fiquei completamente imóvel.

Era quase como se quisesse me atacar, mas por alguma razão não pude. Acalmou-se, e eu também, olhando-o com os olhos entreabertos.

Depois de um momento, mudou e se afastou musculoso e zangado. Com um suspiro, segui-o. Tinha que recuperar minhas pedras.

Deteve-se, voltou-se e me contemplou. Ficava muito claro que não gostava que lhe seguisse; de novo começou a mover-se, esperei uns segundos e o segui discretamente. Tinha a esperança de que tivesse uma guarida, deixasse as pedras e quando saísse de caça, talvez pudesse entrar e as roubar.

Segui-lhe durante horas, através dos prados e, finalmente, em um bosque perto da ampla corrente de um rio, perdeu-se entre as árvores.

A luz do dia neste mundo me desconcentrava.

O sol se esteve movendo pouco a pouco através do céu a maior parte do dia, mas aproximadamente às cinco, ou a que me pareciam as cinco pelo ângulo do sol com o horizonte, a bola ardente caiu a chumbo, mais rápido que a bola do relógio de Time Square em Véspera de ano novo. Se eu não tivesse estado entortando os olhos por cima das árvores naquele exato momento, tratando de decidir quanto tempo fazia que tinha partido procurando um lugar onde me esconder de noite, nem o teria visto, nem o teria acreditado. Em uma abrir e fechar de olhos o dia tinha terminado e estava, cheio, metida na noite.

A temperatura baixou 10 graus, pelo qual agradei ter ainda meu casaco.

Odeio a escuridão, sempre tenho feito e sempre o farei.

Tirei meu MacHalo, deixei-o cair com as pressas, recolhi-o de novo, pus isso e comecei a acender as luzes.

Dado que algumas luzes se apagaram, movi algumas das luzes ao redor, desejando que funcionassem.

A versão que havia feito Barrons de minha criação, não tinha braçadeiras. Nunca o admitiria, mas a sua era mais eficaz, leve e brilhante. Mas em minha defesa direi que era muito mais fácil melhorar um invento que sentar e inventá-lo.

Quem havia feito *algo* desde um nada? Ele simplesmente tinha ajustado meu "algo".

Não sei se foi meu ouvido ou simplesmente senti a presença, mas de repente soube que havia alguém atrás de mim, a não mais de uma dúzia de metros, a minha direita.

Dava-me meia volta e o apanhei com o resplendor das luzes da parte frontal de meu casco. Desviou os olhos e os cobriu com um braço.

Por um momento, não estive segura de que fosse "*meu*" monstro.

Obscureceu-se como um camaleão, passando da cor cinza piçarra original ao negro-carvão e seus olhos agora eram carmesins. Poderia havê-lo confundido com outra coisa, talvez com um primo longínquo do monstro, exceto pelo detalhe da bolsa com as pedras que tinha atada a um de seus chifres de cor negra.

Grunhiu. Suas presas largas e negras brilhavam. Estremeci. Parecia mais perigoso que antes.

Tirei a luz que o iluminava, e o pus sob o braço.

E agora que? Por que voltava? Não parecia querer que lhe seguisse, e, entretanto, quando o tinha perdido, tinha aparecido dando voltas ao redor de mim.

Nada disto tinha sentido.

Poderia, eventualmente, cansar-se de carregar com a bolsa e atirá-la? Por que ainda tinha meu suéter? Como ia sobreviver de noite? Ia-me matar durante meu sono? Caso que fosse capaz



de relaxar o suficiente para dormir.

Se não me queria matar, que queria? Que fazia de noite aqui? O que é o que realmente tinha que temer? Onde poderia dormir? Poderia dormir em uma árvore?

Morria de fome. Estava esgotada e não era capaz de ter nem um só pensamento razoável.

O monstro rugiu e se ajoelhou nas sombras, passou a poucos metros de mim e se dirigiu ao rio.

Senti uma rajada de ar frio, fiquei gelada e me vi saltando pelas pedras.

Em outro dia ou dois, ia estar tão desesperada, cansada e farta que bem poderia tratar de agarrar pela cabeça à coisa e ver-me envolta em uma luta. Se em vários dias não me matava, ia estar tão desesperada para assumir o risco.

O monstro se deteve no banco de musgo perto do rio e me olhou. Olhava o banco e logo a mim. Repetiu o movimento uma e outra vez.

É possível que ele não me entenda, mas eu a ele, sim. Queria-me no banco por alguma razão.

Meditei as opções. Levou-me apenas um segundo. Se fosse o que é que me podia fazer?

Existia algum outro lugar? Tinha que ir.

Caminhe abaixo, para a beira. Uma vez que estive aí, lançou-se sobre mim e com a mandíbula, arrastou-me ao centro da beira.

Logo, com meu assombro e atordoamento, ficou a urinar formando um círculo ao redor de mim.

Quando terminou, agitou-se elegantemente e desapareceu.

Fiquei no centro do círculo ainda fumegante e a compressão lentamente chegou.

Tinha marcado a terra que me rodeava com seu aroma para repelir ameaças menores, ou, ao menos, qualquer outra ameaça externa menos perigosa que ele.

Enumerando os eventos do dia, esgotada pelo medo e o esforço físico, sentei-me e tirei o resto de minha barrinha de proteínas, fiz um travesseiro com meu casaco, recostei-me, pus meu MacHalo a meu lado e o deixei aceso. Mastigava lentamente a escassa comida que ficava e escutava os barulhos do rio.

Parecia estar escondido na noite.

Tinha poucas expectativas de que o sono chegasse. Tinha perdido tudo. Ela estava encalhada nos Espelhos. Minhas pedras tinham desaparecido. Não era um monstro posto tinha recolhido minhas coisas e urinado em círculos ao meu redor e eu já não tinha nada que fazer agora. Mas ao parecer, meu corpo estava feito para o dia, porque desmaiei sem saber nem sequer se tinha acabado a comida.

Despertei no escuro coração da noite, com o pulso acelerado, sem saber que me tinha despertado.

Fique olhando às duas luas de cor negra brilhante em um céu negro azulado, com fragmentos de meus sonhos ainda presentes em minha mente.

Tinha estado caminhando pelos corredores de uma mansão que albergava moradias infinitas. A diferença de meus outros sonhos, de frios lugares, este se encontrava quente. Eu adorei a mansão, com seus intermináveis terraços com vistas a jardins cheios de tenras criaturas. Senti que me atraía. Será uma parte deste reino? Era a mansão branca que o Rei Unseelie tinha construído para sua concubina?

Ao longe, ouvi o uivo dos lobos saudando as duas luas.



Dava a volta, subi o casaco até tampar a cabeça e tratei de voltar a dormir.

la necessitar toda minha energia para fazer frente a isso amanhã, para poder sobreviver a este lugar.

Algo uivou na distância aos lobos.

Levantei-me disparada de minha cama de musgo, agarrei a adaga e me pus a andar.

Era um som horrível. Um som que tinha escutado antes, em meu mundo, Debaixo da garagem da Livraria!

Era esse torturante uivo, de uma coisa maldita, uma coisa mais lá da redenção, uma coisa tão perdida no desespero que desejei que me perfurassem os tímpanos para nunca voltar ouvir esse som de novo.

Os lobos uivavam.

A besta uivou de novo. Não tão perto esta vez. Afastava-se.

Os lobos uivavam. A besta uivava de novo. Ainda mais longe.

Existia algo pior que meu monstro? Algo como a coisa debaixo da garagem do Barrons? Tudo isto era muita casualidade.

Era possível que “meu” monstro fora o que vivia debaixo da garagem do Barrons?

- OH Deus! - disse em voz baixa. E se, efetivamente, tinha funcionado o IYD?

O tempo estava infinito, escutando sua tristeza e com os olhos muito abertos e avermelhados. Tanta desolação e isolamento, um pranto de perda. Fora o que fora, doía-me, nenhum ser vivo devia viver com semelhante agonia.

A seguinte vez que os lobos uivaram, a besta não respondeu.

Pouco tempo depois, ouvi latidos aterradores e os sons dos lobos em seu sacrifício, um após o outro.

Tremendo, deitei-me, feito uma bola e tampei os ouvidos.

Despertei de novo perto ao amanhecer, rodeada por dezenas de olhares famintos, todos me olhando do outro lado do círculo de urina.

Não Tinha nem ideia do que eram. Pude ver sozinhas sombras em movimento, de grande tamanho, à espreita, espiando com avidez na escuridão, além de meu MacHalo.

Não gostavam do aroma da urina, mas meu aroma me sobressaía também, era óbvio que cheirava a comida para eles.

Enquanto observava, uma das formas escuras manuseou um ramalhete de folhas sobre a sujeira da urina.

Outros começaram fazer o mesmo.

O monstro negro com os olhos escarlate saiu do bosque.

Não podia distinguir os detalhes da luta. Meu MacHalo não dava muito resplendor. Tudo o que vi era um torvelinho de presas e garras. Ouvi os grunhidos de raiva e medo respondido por grunhidos, assobios e gritos de dor. Uns deles ia chapinhando para o rio. A situação se desenvolvia a uma velocidade impossível, arrancando e cortando na escuridão com uma precisão mortal. Partes de pele e carne voavam.

Alguns deles trataram de correr. O monstro não permitiu. Podia sentir sua ira. Ele se regozijava com a matança. Deleitava-se, estava empapado com seu próprio sangue, esmagava com seus pés e garras os ossos dos outros.

Finalmente, fechei meus olhos e deixei de ver.

Quando por fim se fez o silêncio, abri os olhos.

O javali de olhos carmesim me olhava de uma pilha de corpos.

Quando começou a urinar de novo, dava-me volta e escondi minha cabeça debaixo do



casaco.

Capítulo 34

Pus-me de pé tão logo se fez a luz, recolhi minhas coisas e abri caminho entre os restos dos corpos mutilados para me lavar no rio. Tudo, incluindo a mim, estava coberto de sangue.

Meti-me em águas pouco profundas, cavei as mãos e bebi antes de me lavar. Necessitava água, que corria rápida e clara como o cristal, e embora não podia fazer um fogo para fervê-la, tinha que acreditar que, depois de tudo o que tinha vivido, estava programado que tivesse uma morte muito mais significativa que por um parasita na água.

Depois de me lavar, avancei para a selva. Encontrar comida estava no alto de minha lista de tarefas pendentes no momento atual. Embora houvesse um montão de carne crua por aí, preferia não tocá-la.

Passei por montões de cadáveres. Muitas eram pequenas e delicadas criaturas que não podia ter representado nenhuma ameaça para mim. Elas não tinham sido comidas; tinham morrido na matança.

Depois de uns vinte minutos, dava-me conta de que estavam me seguindo.

Voltei-me. O monstro tinha retornado e uma vez mais, era de cor cinza piçarra com seus olhos amarelos. Minha bolsa estava atada a seus chifres. Farrapos de meu suéter se atavam ao redor de sua pata.

- Você é IYD, não? Faz seu trabalho. É o que Barrons mantém debaixo de sua garagem e lhe enviou para me proteger. Mas você não é a mais brilhante lâmpada da caixa*. (*NdT: quer dizer que não é muito preparado que digamos*) Tudo o que sabe fazer é matar. A todos menos a mim, verdade? Você me mantém viva.

O monstro, é obvio, não disse nada.

Eu estava quase segura disso. Depois do massacre em massa, tinha permanecido acordada, esperando a saída do sol e que este estivesse o suficientemente alto no céu para ir procurar provisões, considerando as possibilidades. Era o único que explicava por que o monstro não tinha me matado. Quando tinha tentado me atacar ontem, devia ter cheirado ao Barrons em mim. E era esse aroma o que lhe estava mantendo a raia. Fiz uma nota mental para não me lavar muito bem, não importa quão suja estivesse.

-Então, qual é o plano? Mantém-me com vida até ele que me encontre?

Era esta máquina de matar que teria aparecido no dia do Halloween se eu tivesse marcado IYD então? Não pude ver sua utilidade frente ao LM e os Príncipes Fae, mas se tivesse chamado durante os distúrbios, ou inclusive pouco depois, em lugar de me esconder na Igreja, sem dúvida, poderia ter limpo meu caminho e haver conduzido a lugar seguro, onde o LM nunca poderia ter me encontrado.

Examinei-o. Devolveu-me o olhar através do emaranhado e ensanguentado cabelo. A raiva ardia em seu fixo olhar, e um pouco mais selvagem, mais aterrador. Tomou um momento me dar conta de que era loucura. A coisa estava a um elo de corrente de distância da loucura total.

Tinha que ser IYD. Não havia outra explicação para isso. Como tinha capturado Barrons esta coisa? Como fazia para que lhe obedecesse? Como tinha evitado que o matasse? Pela magia?

Como é habitual quando se trata do Barrons, eu não tinha nada mais que pergunta sem respostas. Quando finalmente voltasse para meu próprio mundo, não ia sair sem responder



algumas.

Sabia o que mantinha sob sua garagem, e, agora, queria saber mais.

À medida que estudava seu rosto selvagem, seus olhos cheios de raiva psicótica, seu poderoso corpo construído para matar, dava-me conta de que já não tinha medo. Sabia, em meu interior, que a coisa não ia me matar. Ia massacrar e dizimar todo inseto vivo a meu redor, e a urinar, e provavelmente, a recolher cada uma de minhas coisas se era tão descuidada para me deixar isso por aí. Poderia inclusive querer me matar, mas não o faria, porque era IYD e seu único objetivo era assegurar-se de que não morresse.

Senti-me como se a metade do peso do mundo acabasse de deslizar de meus ombros. Poderia fazer isto. Eu tinha uma arma da que não tinha conhecimento: um demônio guardião. Ocorreu-me que nem sequer tinha necessidade de recuperar minhas pedras. Barrons poderia as conseguir quando se apresentasse. Não era outra parte do mundo carregada a minhas costas.

Segui com minha busca de comida. O monstro me rastreou a maior parte do tempo. De vez em quando algo rangia na distância e parecia uma coisa arrancado através das árvores. Comecei a fechar meus ouvidos quando surgia. Eu adoro os animais e odiava que estivesse matando a todos. Oxalá Barrons lhe tivesse ensinado a discriminar.

Encontrei bagos na moleza e nozes nos baixos ramos pendentes de um bosque de esbeltas árvores de casca prateada de me abarrotar, reuni muitos dos frutos secos doces em minha bolsa de vagabunda, tantos como pude. Em um arroio tranquilo encontrei ovos de peixes. Uhhhh!! obstante, tinham proteínas.

No meio da manhã, o monstro me conduziu para o rio, e logo começou a me grunhir e me atacar para que me dirigisse águas acima. Imaginei que tinha alguns esquemas do Barrons programados em sua agenda.

Conduziu-me durante horas. O terreno tinha mudado drasticamente. O bosque se espessou, a beira do rio desapareceu e quando o monstro finalmente me deixou parar, estava no alto de um escarpado que caía drasticamente, mais de cem metros abaixo. O rio já não soava, mas sim rugia e se estrelava, enchendo os escarpados com um trovejar suave.

Atirei-me em uma parte ensolarada da beira e comi a metade de minha última barra de proteínas. Pensei em me levantar e tratar de explorar, mas não estava segura de que o monstro me permitisse isso.

Ele farejou a terra ao redor de mim por um momento, logo espreitou rio abaixo, para depois tombar-se elegante e mortal no chão. Adivinhei que estava cansado depois de tanta matança.

Um pouco desesperada pela ausência do som de outra voz, falei com ele. Conte-ihe histórias sobre crescer no Sul. Conte-ihe todos os planos que tinha tido para minha vida.

Perguntei a ele como tudo tinha sido tão malditamente incorreto e como tinha começado a perder uma coisa atrás de outra. Falei sobre o inferno de perder minha mente e a vontade diante dos Príncipes Unseelie, sobre Barrons para me trazer de volta. Inclusive, contei minha recente viagem a casa com V'lane, a Ashford, e tudo o que tinha aprendido ali, e de como tinha começado a temer que pudesse haver algo mau em mim realmente. Eu disse coisas que nunca houvesse dito a um ser sensível, deixando ao descoberto meus mais profundos sentimentos e preocupações. Foi catártico conseguir que tudo saísse de meu peito, inclusive diante de uma besta muda.

Dormi também e despertei uma meia hora antes que o sol desabasse no horizonte, sumindo os bosques na noite. Estava sendo "agasalhada*" (*NdeT: protegida*) durante a noite.

O monstro se levantou, espreitou, urinou a meu redor e se fundiu com a escuridão, negro sobre negro, com olhos cor carmesim.

Despertei várias vezes, surpreendida por um som ou outro. Uma vez me certificava de que



não havia nada me espreitando além de meu círculo, voltava-me a dormir outra vez. Perto do amanhecer, despertou uma tormenta na distância, aproximando-se.

Uma centena de metros debaixo de mim, o rio subiu para ensurdecer crescendo contra as escarpadas paredes do desfiladeiro rochoso.

O céu rangeu com os relâmpagos. Os trovões retumbavam e abracei a mim mesma me preparando para uma torrencial chuva, mas a tormenta ficou no lado oposto do rio e passou. Foi uma tormenta violenta. Os raios gretavam o céu e se estrelavam continuamente, marcando um ritmo estranho, como o estalo de disparos de uma arma automática. As árvores se inclinaram, a chuva caía em rajadas, empapando o outro lado do rio. Estava agradecida de que tivesse me perdoado.

Por último, a tormenta acabou e dormi.

Despertei com uma mão que segurava firmemente minha boca e o esmagante peso de um corpo em cima do meu.

Lutei como um animal selvagem, dando murros, patadas e tratando de morder.

-Relaxe, Mac! - sussurrou uma voz mais ou menos contra de minha orelha. - Sou eu.

Meus olhos flamejaram. Conhecia essa voz. Era Ryodan. Mas eu tinha estado esperando a Barrons!

- Vim te tirar daqui, mas deve fazer exatamente o que te diga. Eu assenti com a cabeça antes que, inclusive, tivesse terminado de falar.

- É imperativo que não faça nenhum ruído. Sussurra quando quiser falar. Assenti outra vez.

Ele retrocedeu e me olhou.

- Onde está... a criatura?

- O IYD?

Ele me lançou um olhar, mas assentiu.

- Não sei. Não a vi desde ontem à noite

- Agarra suas coisas e depressa. Não temos muito tempo. Darroc está aqui também.

- Está brincando? Como diabos fez para me encontrar? - O que eu tinha um grande X vermelho?

- Shh - pressionou um dedo contra meus lábios. - Fala em voz baixa. - Levantou o peso de seu corpo do meu, voltando-se sobre meu estômago e começou a procurar entre meu cabelo. - Como... Ah, merda!

- O que? - saiu-me como um grunhido baixo.

- Darroc te marcou. Deve havê-lo feito enquanto os príncipes a tinham.

- Ele me tatuou?

- Justo ao lado da marca de Barrons. Não posso tirar isso aqui. Vamos. Dava-me a volta, esfregando com raiva meu couro cabeludo.

- Onde vamos?

- Não longe daqui há um... bom, como disse Barrons que o chamava... IFP? Nos levará a outro mundo, onde há um dólmen que nos leve a Irlanda.

- Pensei que a maldição de Cruces tinha corrompido tudo.

- Mudou os Espelhos, não os IFP. São microcosmos estáticos.

Agarrou-me por debaixo das axilas, levantou-se, puxou-me e me pôs de pé. Agarrei-lhe pelos braços.

- Meus pais?

- Não sei. Entrei detrás de você no LaRuhe.

- Barrons?



- Estava tratando de chegar a Oxford e perseguir Darroc. Eu era o único capaz de chegar antes que o túnel se derrubasse. Tomou um tempo te encontrar. Encontrei isto também. - Atirou-me minha mochila - Dentro está sua lança.

Poderia o haver beijado! Agarrei minha mochila e posses, revisei-as rapidamente, tirei minha lança e a acariciei. Sustentando-o na mão me sentia como uma canção do Travis Tritt: três metros de altura e antibalas.

- A criatura vai atacar a algo ao seu redor. No momento, esse sou eu. Posso te tirar e ele não pode. Só mata. Recorda.

Ryodan tomou minha mão e me conduziu perto do rio, muito mais perto da beira do precipício pelo que me resultaria cômodo, mas entendi por que o fazia. O chão enrugado de piçarra era suave como a areia e não fazia ruído por debaixo de nossos pés. Olhei-lhe.

- Como me rastreaste? Tem uma marca sobre mim também? - sussurrei.

- Posso seguir a marca do Barrons. Outra palavra mais e vai pelo bordo.

Não disse nada mais. Se tiver que escolher entre minha sobrevivência ou a sua, estava bastante segura de que ele escolheria a sua. Perguntava-me por que Barrons não havia feito nada para manter a salvo ao Ryodan do monstro... como lhe dar uma camisa perfumada dela ou algo assim. Como se me tivesse lido o pensamento, murmurou.

- É a tatuagem que te pôs o que te mantém a salvo dela. Não há fodida forma de que me marque. Vim armado. Estive caçando toda a noite sob a chuva. Deixou-me correr até me deixar sem munição. É inteligente, merda!.

Eu tinha ouvido os disparos de arma automática!

- Estava tratando de matá-lo? - Respirava horrorizada. Que mudança de paradigma tão estranho! Tinha-me estado protegendo. Ferozmente. Agora era meu inimigo?

Ryodan me lançou um olhar agudo.

- Quer sair daqui ou não? Assenti ferventemente.

- Então, Mantém sua lança à mão, fecha sua fodida boca e espera que isso não me mate. Eu sou sua saída.

Quando o monstro atacou, e suponho que em realidade nunca tive nem a mais mínima dúvida de que o faria, fez-o com a mesma rapidez explosiva com a que o havia feito contra o javali, saindo de um nada; Ryodan se estrelou contra o chão, entre uma fúria de presas e garras.

Olhei desamparadamente como se retorciam e esmagavam, esperando uma oportunidade para fazer algo. Algo.

O monstro era muito maior que Ryodan, mas o misterioso irmão de armas de Barrons era grosseiramente formoso por si mesmo. De seus punhos brotaram facas e pontas.

Enquanto olhava a batalha, tão acelerada como as molduras da Dani, logo que conseguia uma imprecisa visão, muito longínqua capaz de enfoque. Eu já não podia separar suas formas. Ryodan parecia ser tão sobrenaturalmente ágil como o monstro.

Fui capaz de arrebatrar só breves brilhos de um ou outro, momentaneamente freados por uma ferida.

Os grunhidos encheram o ar, rodaram e lutaram, lutaram até a beira do desfiladeiro, tão perto que continha a respiração e rezava para que não caíssem, e logo voltavam a começar.

Captei uma imagem do Ryodan, sangrando por dúzias de feridas.

Depois, vi um flash de meu monstro, sua carne rasgada, as mandíbulas sangrentas e quebradas.



Rodaram em uma nebulosa, de novo para a borda do rio.

Olhei com os olhos muito abertos, saltando e tratando de encontrar um momento, um ângulo, uma oportunidade para ajudar. Sentia-me estranhamente quebrada.

O monstro tinha salvado minha vida repetidamente. Era meu selvagem demônio da guarda. Ele tinha me protegido. Mas, como Ryodan tinha dito, ele sozinho podia fazer isso.

Não me podia ajudar a voltar para casa. E ia matar a meu único "*caminho a casa*" se podia, me deixando protegida, mas entupida. Não podia permitir isso. Tinha que sair daqui.

Captei outro flash do Ryodan. O monstro o estava despedaçando!

Logo Ryodan deveu lhe haver ferido, porque fui capaz de vê-lo e ficou quieto um momento. Antes que pudesse voar a que poderia ser minha única oportunidade, armei-me de valor, equilibrei-me sobre ele e lhe apunhalei com minha lança em suas costas, justo onde calculei que estaria seu coração, se sua anatomia interna fosse um pouco parecida à humana.

Deu golpes, girou sua cabeça ao redor e rugiu para mim.

Ryodan aproveitou a oportunidade e lhe afundou uma faca no peito, arrancando para cima, cortando ao monstro do intestino à garganta.

Sua cabeça açoitou de volta e arremeteu ao Ryodan tão forte que o levou a bordo do escarpado. Vi, horrorizada, como tropeçava com a beirada de piçarra suave e caía pelo bordo!

Acredito que gritei, ou, talvez, eu tinha estado gritando todo o tempo, não sei, as coisas desse dia são um pouco imprecisas para mim.

As mãos do Ryodan estavam fechadas ao redor de uma rocha que sobressaía da borda. Rezei para que estivessem incrustadas profundamente na piçarra e pudessem retê-lo.

O monstro se levantou até sua altura máxima, uivando de raiva e dor, com minha lança cravada em suas costas. Eu contive a respiração enquanto Ryodan avançava pouco a pouco sobre a beira. Havia tanto sangue em seu rosto que logo que podia distinguir seus olhos. Como é que ainda se movia? Sua bochecha estava cortada tão profundamente que podia ver o osso! Seu peito era uma massa de navalhadas sangrentas entrecruzadas.

O monstro se cambaleou então e acredito que fiz algum ruído. Era alívio o que mostrava? Tristeza? Talvez fosse minha vergonha por minha participar daquilo? Tinha uma confusão de emoções encontradas.

Voltou à cabeça e me olhou fixamente e havia algo em seu olhar amarelo selvagem que me fez abrir a boca.

Por um momento, terrivelmente suspenso, poderia ter jurado que vi uma acusação de traição em seu olhar, de cepticismo por minha suja duplicidade, como se tivéssemos tido algum amável acordo, um pacto tácito entre nós. Olhava-me fixamente com recriminação, seus olhos amarelos queimando com ódio por minha traição. Jogou atrás a cabeça e uivou com desolação e desespero, um lamento angustiado de dor e loucura.

Apertei minhas mãos contra meus ouvidos.

Deu um passo para mim. Eu não podia acreditar que seguisse de pé, esfolado como estava.

Quando se deu um segundo passo, Ryodan conseguiu afiançar um de seus pés, lançar-se sobre seu lombo, envolver um braço ao redor de seu pescoço e lhe cortar a garganta.

- Merda! Se largue daqui, maldita seja, Mac! - grunhiu.

Entre fervuras de sangue, a besta o alcançou por detrás, cravando suas garras no Ryodan, rasgou-lhe as costas e o lançou diretamente ao abismo do desfiladeiro.

- Não! - explodi.

Mas Ryodan já se foi, caindo abaixo, para o rio, uma centena de metros mais abaixo.



Capítulo 35

Fiquei olhando estupidamente ao monstro de corpo esfolado e garganta cortada. Seguia em pé.

Eu estava ao mesmo tempo quente e fria, agitada. Sentia-me como se estivesse em um sonho febril, um pesadelo do que não podia escapar. Senti que me desconectava do mundo ao meu redor, me convertendo em pedra em meu interior, fechando todas minhas emoções.

O monstro cambaleou para mim. Caiu sobre um joelho e me olhou. estremeceu e logo caiu na terra, de barriga para baixo.

Tirei minha lança de suas costas.

A selva estava imóvel e em silêncio.

Enquanto via correr o sangue do monstro pelo chão, avalei de maneira distante e impassível minha situação.

Ryodan estava morto.

Nada poderia ter sobrevivido a aquela queda, caso que tivesse sido capaz de recuperar-se de suas feridas, que eram bastante extensas.

O monstro também tinha morrido, ou estava muito perto disso e o faria logo, fundo em um atoleiro de sangue que crescia rapidamente. Tinha perdido minha saída.

Também tinha perdido meu protetor.

Em algum lugar deste reino, lorde Master estava me procurando, me seguindo graças a uma marca mística que tinha gravado em meu crânio.

Em algum lugar deste reino havia um IFP, que continha um dólmen, que me levaria de volta a Irlanda. Infelizmente, não tinha nem ideia de qual era, ou em que direção estava, ou quantos deveria escolher de entre os deste mundo.

Minha bolsa de pedras ainda estava enganchada nos chifres do monstro e os farrapos de meu suéter ainda estavam atados pelas mangas a uma perna. Quando estivesse morto, recuperaria as pedras. Esta era uma mais das lições do livro de minha vida, passando por cima que em realidade, esta não era nada mais que uma lenta embarcação para o inferno.

O monstro pingava umidamente e parecia desinflar-se.

Esperei uns minutos, tomei um pau, dei um passo cauteloso para frente e lhe cravei. Não houve reação. Coloquei-o mais dentro e então o empurrei com o pé.

Provei com a lança em suas costas, empurrando-a através de sua ferida. Uma vez mais, não houve reação.

Estava definitivamente morto.

Agachei a seu lado e tinha começado a desatar minha bolsa, quando, de repente, seus chifres abrandaram-se e se fundiram em um rio que fluía desde sua cabeça, formando atoleiros semelhantes a uma mancha de azeite sobre o sangue.

Agarrei minha bolsa de seu cabelo emaranhado.

A forma de sua cabeça começou a mudar. As membranas e as garras desapareceram.

Seus cabelos emaranhados se converteram em cabelo. Eu me cambaleei para trás, sacudindo a cabeça.

- Não - disse.

Seguiu a mudança. Sua pele cinza piçarra se esclareceu.

- Não - insisti.



Meu rechaço não teve nenhum efeito. Continuou transformando-se. Sua altura se reduziu. Sua massa diminuiu. Converteu-se no que era.

No que tinha sido todo o tempo.

Comecei a hiperventilar. Em cócoras, balancei-me para frente e para trás, em uma postura de dor que era tão antiga como o tempo.

- Não! - gritei.

Antes acreditava que tinha perdido tudo. Não tinha feito.

Fiquei olhando à pessoa que jazia morta no chão do bosque. A pessoa que tinha ajudado a matar.

Agora tinha perdido tudo.

GLOSSÁRIO DE TERMOS

Jornal de Mac

* AMULETO: Relíquia Escura ou Unseelie, criado pelo Rei Unseelie para sua concubina. De ouro, prata, safira e ônix, o dourado engaste do amuleto alberga uma enorme pedra branca de composição desconhecida. Uma pessoa épica pode utilizá-lo para modelar a realidade. A lista dos antigos proprietários é legendária, como Merlin, Boudicca, Joana d'Ark, Carlomagno e Napoleão. Sua última compra realizou uns Gales por uma soma de oito cifras em um leilão ilegal, passou, muito brevemente por minhas mãos e atualmente está em posse do LM. Requer-se algum tipo de dízimo ou vinculação para usá-lo. Tinha a vontade necessária para fazê-lo, mas não pude averiguar a forma.

Adição: O LM ainda o tem, e acredito que o usa para ajudar-se a controlar aos Príncipes Unseelie. Tinha com ele, mas não tratou de usá-lo comigo. Por quê? Tem medo de que não funcione em mim?

BARRONS, JERICÓ: Não tenho nem maldita ideia. Empenha-se em salvar minha vida. Suponho que isso é algo.

Adição à entrada original: Mantém um Espelho em seu estúdio, na livraria, e quando caminha através dele, os monstros se apartam, ao igual a fazem as Sombras. Eu lhe vi tirar o corpo de uma mulher dele. Tinha sido assassinada brutalmente. Por ele? Ou pelas coisas do espelho? Tem, pelo menos, várias centenas de anos e, possivelmente, mais antigo ainda. Fiz-lhe sustentar a lança para ver se era Unseelie, e o fez, mas me inteirei depois, por V'lane, de que o Rei Unseelie pode tocar todas as Relíquias (ao igual à rainha Seelie); há algo que não posso compreender se o Rei Unseelie não é capaz de tocar seu próprio livro, por isso mesmo Barrons pensou que ele seria capaz de tocá-lo? Talvez se convertesse em uma coisa mais poderosa do que começou sendo. Além disso, não pode se descartar que poderia haver algum tipo do Seelie/híbrido/Unseelie. Os Fae podem ter relações sexuais e reproduzir-se? Às vezes... acredito que é um humano... Ao que algo lhe saiu muito mal. Outras vezes acredito que é algo que este mundo não viu jamais. Ele definitivamente não é um Sidhe-seer, mas vá aos Fae tão claro como o dia, igual a eu. Ele sabe druidismo, bruxaria, artes negras, é superforte e rápido e tem agudizados os sentidos. O que entendemos do comentário do Ryodan sobre o Alfa e Omega? Tenho que fazer um seguimento deste homem!

Adição à entrada original: Admitiu que matou à mulher que tirou do espelho! Estou bastante



segura de saber aonde vai o espelho, mas não tive a oportunidade de comprová-lo ainda. Acredito que se conecta com os andares subterrâneos debaixo de sua garagem. Eu estava na garagem, olhando para o capô do Hummer do Barrons, enquanto estava em seu gabinete com ele. Negou-se a responder as minhas perguntas sobre isso. (Vá, isso não é uma surpresa.)

Adição à entrada original: O que fez para me trazer de volta do Pri-já foi... Não posso deixar de pensar nisso. O que vi em sua cabeça, o menino, a dor, a morte. Às vezes eu gostaria não ter que ser algo mais que um formoso animal de novo. Poder esquecer de novo. Tudo. E somente ser.

Bibliotecas, As vinte e uma: Dani sabe onde estão todas, inclusive as proibidas e encontramos uma, deixamos Kat e suas garotas de maior confiança procurando nela, mas não pude entrar em outra a que me levou Dani. Não só havia uma quantidade enorme de guardas, mas também uma espécie de “*guardiã*” bloqueando o caminho que só repetia que eu não era um deles e não me permitia estar ali.

Há uma espécie de obstáculo insolvável no corredor. Chamei V'lane para que me ajudasse. Quando apareceu, sussurrou-me, desfigurado pela dor e desapareceu. Não o vi após. Estou um pouco preocupada.

BRACELETE DE CRUZAMENTO: de ouro e prata, com um conjunto de pedras vermelhas como o sangue; uma antiga relíquia Fae que supostamente permite a quão humanos o levam, ter algum tipo de escudo contra os Unseelie e outras muitas coisas desagradáveis... (isto segundo um FAE-morte por sexo, como se a gente pudesse realmente confiar nele).

CALDEIRÃO, O : Relíquia da Luz (Seelie) , da qual todos os Seelie, eventualmente, podem beber e ceder as lembranças que se converteram em onerosos. Segundo Barrons, a imortalidade tem um preço: a possível loucura. Quando os Fae a sentem perto, bebem do Caldeirão e "renascem" sem lembranças de uma existência prévia. Eles têm um Fae que registra cada uma das múltiplos encarnações; a exata localização deste escriba é conhecida só por uns poucos, embora não existe registro sobre ele. Que é o que está mal nos Unseelie que não tem um Caldeirão para beber?

CAÇADORES REAIS, OS: Casta do Unseelie. Militares. Assemelham-se à clássica representação do diabo: cascos fendidos, chifres, rosto de sátiro, asas coriáceas, olhos vermelhos e cauda. Desde 2,13 a 3 metros de altura, são capazes de alcançar uma extraordinária velocidade tanto sobre seus cascos como com suas asas.

Função primária: Exterminar Sidhe-Seer.

Avaliação de ameaça: MORTAL. (Definição do Jericó Barrons)

Adição ao original da entrada: Encontrei-me com um; bastante maior do que esperava, conta com uns trinta ou quase 10 metros de altura de envergadura e habilidades telepáticas.

São mercenários e servem a seu chefe só enquanto isto beneficia. Não estou segura, acredito que estão na Casta Media, e, de fato, não estou segura de que sejam totalmente Fae. Temem minha Lança e suspeito que não estão dispostos a morrer por qualquer causa, o que me dá uma possibilidade no combate.

Adição à entrada original: Montei em um!

CHESTER: a discoteca do Ryodan, nos 939 do Rêvemal Street. Lugar de reunião dos ex ricos, aborrecidos e belezas. Como uma barata, o Chester provavelmente sobreviveria até a chuva



radiativa. Quando Dublin, caiu, passou à clandestinidade e agora serve a toda uma nova clientela. Ou, mas bem, serve-nos para toda uma nova clientela. Chester é agora o ponto quente para que os Fae se aproveitem dos seres humanos. A Mulher-Cinza não tinha nenhum outro interesse no menu que seu garçom, só seu garçom. Ryodan permite que aconteça, justo debaixo de seu nariz, olhando do alto de seu ninho de águia de cristal. Fãs Fae se sacrificam a esquerda e direita para ter a oportunidade de ser imortais, e estou bastante segura de que não há nenhuma possibilidade real disso. Vou fechar o local, de uma maneira ou outra.

Menino de olhos sonhadores: grande sinal de interrogação. Por que segue aparecendo? Quem é? Meu primeiro encontro com ele foi nas ruas de Dublin, continuando, no museu enquanto eu estava sendo detector OOP; descobri que trabalhou no Departamento de Línguas Antigas com o Christian MacKeltar e agora é barman, no Chester, antro de iniquidade do infame Ryodan. Quando eu estava falando com ele ali, aconteceu algo muito estranho. Vi-o no espelho de cima do bar e não parecia ele mesmo. Dava-me medo. Realmente me assustou. No espelho, o reflexo me falou, advertiu-me. Ele disse que não falasse com *isso*.

COISAS-DE-MUITAS-BOCAS, A : Criatura Unseelie repulsiva, com multidão de bocas sugadoras, dezenas de olhos e órgãos sexuais excessivamente grandes.

Casta Unseelie: desconhecida de momento.

Avaliação de ameaça: desconhece-se neste momento, mas suspeito que arbusto de uma maneira em que prefiro não pensar. (Experiência pessoal)

Adição ao original da entrada: ainda existe? Eu gostaria que estivesse morta.

Adição à entrada original: Dani matou ao bastardo! Poderia peneirar o espaço? Quais podem e quais não podem?

CRUCES: Um Fae. Não se sabe se Seelie ou Unseelie. Muitas de suas relíquias se encontram flutuando por aí. Amaldiçoou os Espelhos. Antes que estivessem malditos, os FAE os utilizavam livremente para viajar através das dimensões. A maldição de algum jeito danificou os canais interdimensionais e agora nem sequer as fadas querem entrar neles. Desconhece-se qual foi a maldição. Desconhece-se o dano que causam ou o risco que representam. Seja o que seja Barrons aparentemente não os teme. Tratei de entrar no espelho de seu estúdio. Não pude encontrar a maneira de abri-lo.

Adição à entrada original: inteirei-me da maldição! Cruces odiava ao Rei Unseelie e amaldiçoou o Espelho para evitar que entrasse de novo, assim não pôde chegar a sua concubina. Cruces queria à concubina e a todos os mundos contidos nos Espelhos para si mesmo. Mas a maldição lhe saiu mal e fodeu tudo. Referência cruzada com prata.

QUATRO PEDRAS, AS: Pedras translúcidas, de cor negro-azulada, cobertas com Runas. A chave para decifrar a antiga língua e quebrar o código do Sinsar Dubh se oculta nestas quatro pedras místicas. Uma pessoa pode usar a Pedra para arrojear luz sobre uma pequena parte do texto, mas só se as quatro são usadas de uma vez, ficará de manifesto a totalidade do texto. (de "Mitos e Lendas Irlandeses")

Adição: Outros textos dizem que é "a verdadeira natureza do Sinsar-Dubh" o que será revelado.

Adição: Temos três agora. Inteirei-me de que foram esculpidas entre as paredes da fortaleza do rei Unseelie. Soam obsessivamente, preocupantes, quando se colocam juntas. Acredito que se



deve ser uma Canção da Criação menor. Eles são veneno dentro da rede de Espelhos, pela maldição de Cruces. Os Espelhos rechaçam ao Rei Unseelie e às pedras porque levam o estigma de seu contato. Acredito que V'lane tem a quarta.

DANI: Uma jovem Sidhe-seer, em sua temprana adolescência, cujo talento é a velocidade sobre-humana. Ela tem em sua posse, como orgulhosamente cantará aos quatro ventos a menor oportunidade, quarenta e sete Fae mortos em suas mãos no momento de escrever este artigo. Estou segura de que amanhã terá mais. Sua mãe foi assassinada por um Fae. Somos irmãs na vingança. Ela trabalha para a Rowena e trabalha no Hastew Post Inc.

Adição à entrada original: Sua conta ascende atualmente a perto de duzentos! A garota não tem medo.

Adição à entrada original: Ela é a ostia. Salvou-me do LM e seus secuaces. Convertemo-nos em... irmãs. Jurei que nunca deixaria a ninguém aproximar-se tanto de mim, como Alina, mas não posso evitá-lo. Debaixo de sua tenacidade, esta menina derrete meu coração. Ela tem segredos. Posso senti-los. E profundas cicatrizes emocionais de coisas das que nunca poderá falar. Espero que um dia confie em mim. As coisas que levamos dentro e das que nos negamos a falar são as coisas que pode chegar a nos destruir. Não posso nem sequer começar a contar sua coleção de mortos. Matou a um príncipe Unseelie!

DETECTOR DO OOP: Eu. Uma Sidhe-seer com a capacidade especial de sentir objetos de poder (OOP). Alina era uma também, por isso o LM a uso.

Adição à entrada original: Muito raras. Certas linhagens foram criadas para este rasgo. Rowena diz que todas morreram

DÓLMEN: Uma tumba megalítica que se constrói com três ou mais pedras verticais, com um teto formado por outra pedra plana e horizontal. Os dólmenes são comuns na Irlanda, especialmente ao redor do Burren e Connemara. O Lorde Master usou um dólmen, em um ritual de magia negra, para abrir uma porta entre os reino e trazer para os Unseelie.

DRUIDA: Na sociedade celta pre-cristianiza, um druida presidia o culto divino, em questões legislativas e judiciais, filosofia e dirigia a educação da juventude da elite. Os druidas, acreditavam, estavam a par dos segredos dos deuses, incluídas as questões relativas à manipulação da matéria física, o espaço e inclusive o tempo. *Druí* em irlandês antigo significa mago, mago adivinho (Mitos e Lendas da Irlanda).

Adição à entrada original: vi tanto ao Barrons como ao LM usar o poder druida dela a Voz, uma maneira de falar com muitas vozes que não pode ser desobedecida. Significado?

Adição: Christian MacKeltar descende de uma linhagem longa e antiga dos druidas.

* ESPADA DO LUGH, A: Seelie; Relíquia da Luz, também conhecida como A Espada da Luz, capaz de matar Fae, tanto Seelie como Unseelie. Na atualidade, Rowena a tem e a distribui entre suas Sidhe-seer do PHI da maneira que estima conveniente. Dani geralmente a consegue.

Adição: Vi-a. É formosa!

Addendum: a roubei da Rowena e a dei a Dani permanente.

FAE (FAY): Veja-se também Tuatha Dê Danaan. Dividido em dois tribunais, o Tribunal Seelie ou da luz e o Unseelie ou corte escura. Ambos os tribunais têm castas diferentes do FAE, com as



quatro casas Reais ocupando cada um. A rainha Seelie e seu consorte eleito dirigem a corte de luz. O Rei Unseelie e sua concubina atual governam a da escuridão.

Adição à entrada original. O ferro tem algum tipo de efeito neles. Coisas da tábua periódica, o ferro é Fé.

FAE MORTE POR SEXO: (por exemplo, V'lane): Um Fae que é tão sexualmente potente, que um ser humano morre por causa de ter relações sexuais com ele, a menos que o Fae proteja aos humanos de todo o impacto de seu erotismo mortal.

Adição à entrada original: V'lane se fez sentir nada mais que um homem incrivelmente sexy quando me tocou. Podem silenciar sua letalidade, se assim o desejarem.

Adição à entrada original: Esta casta do Fae surge só das linhas reais. Podem fazer três coisas: proteger os direitos humanos por completo e lhes dar o sexo mais incrível de sua vida, proteger os da morte e convertê-los Pri-já, ou matá-los com o sexo. Podem-se peneirar o espaço.

Adição: É um inferno ser Pri-já! Mas sobrevivi.

FIONA: A mulher que gerenciava Livros Barrons e Curiosidades antes que eu me fizesse cargo. Estava loucamente apaixonada pelo Barrons e tratou de me matar, apagando todas as luzes uma noite e deixando uma janela aberta para que as Sombras entrassem. Barrons a despediu. Gee, agora que o penso, que a despedisse por tratar de me matar, fez me sentir mal. Está conectada com o Derek O'Bannion, e come Unseeliecon . Tenho um mau pressentimento com ela e não sei o que fazer para fazê-la entrar em razão.

Adição à entrada original: Ela está trabalhando agora com o LM. Sabe o que é Barrons. Barrons a matou antes que me contasse. Mas não estava muito mesclada por comer carne Unseelie, pois morreu com uma simples navalhada no coração. Antes havia ido ver e lhe deu uma mensagem para o LM. Estavam acostumados a ser amantes. Eu não gosto absolutamente.

Moldura, Movimento da Dani: ela o chama congelamento de enquadramento; ela se move de um lugar a outro tão rápido que me dá enjoo. Mas é uma vantagem tática! É uma rocha de menina.

GLAMOUR: Ilusion emitida pelas fadas para camuflar sua verdadeira aparência. Quanto mais poderoso é o FAE, mais difícil é penetrar em seu disfarce. Os humanos só veem o que as fadas querem que vejam e sutilmente rechaçam chocar ou roçar-se com eles por um pequeno perímetro de distorção espacial que é parte do glamour Fae.

Gripper: Delicado Unseelie diáfano que é surpreendentemente formoso. Parece a representação, nos meios modernos de comunicação, de uma fadas, delicada, brilhante beleza nua, com uma nuvem de gaze e característico cabelo formoso, só que são quase do tamanho de um humano. Chamei-lhe pinças porque se agarra a nós. Pode meter-se dentro da pele de um ser humano e de fazer-se carregado dele. Uma vez que se colocaram dentro de uma pessoa, já não posso senti-los. Poderia estar de pé junto a um “pinça” no interior de uma pessoa e nem sequer sabê-lo. Durante um tempo, tinha medo de que Barrons pudesse ser um. Fiz-lhe sustentar a lança.

Guardas: Apenas sei nada delas. Estão em todos os lados, sobre tudo fora das Bibliotecas Proibidas. Posso passar através da maioria delas por alguma razão. Não sei por que. Será um de meus talentos Sidhe-seer ou uma coisa adquirida através de todas minhas batalhas. São muito



difíceis de dirigir.

GUARDIÃES, OS: O que a Guarda começou a chamar-se a si mesmo sob a direção do Inspetor do Jayne em sua luta por proteger aos cidadãos sobreviventes de Dublin. Comem Unseelie e chutam o traseiro seriamente aos Fae.

HAVEN, O: Conselho Superior das Sidhe-seer.

Adição à entrada original: Uma vez selecionado por voto popular (agora eleito pela GM por sua lealdade para ela e sua causa). Eles eram os únicos que, além da Rowena, sabiam o que se mantinha debaixo da abadia. Alguns deles morreram ou desapareceram quando o Livro escapou ao redor de vinte anos atrás. Como ocorreu? Tenho vinte anos. É possível que minha mãe fosse um deles?

Adição: Sim, minha mãe, uma O'Connor, foi uma delas! Ela tinha, como Alina e eu, muitíssimo talento. Devo averiguar mais!

FERRO: *Fé* na tábua periódica. O inspetor Jayne descobriu que aborrecia aos FAE. Ele e seus homens levam balas de ferro e seus capacetes reforçados, assim como por todo o corpo. Pode-se encarcerar com ele ao Fae sem que possa peneirar-se.

Homem-cinza, O: terrivelmente monstruoso Unseelie leproso que se alimenta roubando a beleza das mulheres humanas.

Avaliação da ameaça: pode matar, mas prefere deixar a sua vítima terrivelmente desfigurada e viva, para sofrer.

Adição à entrada original: Ao parecer é a única de seu tipo (MERDA, NÃO! veja-se mais adiante!) Barrons e eu o matamos.

Adição à entrada original: peneira-se.

IFP: Buracos Fae Interdimensionais. Estas coisas me deixam louca! Quando os muros caíram no Halloween, algumas partes Fae dividiram partes de nosso mundo, e agora, se a gente não tomar cuidado, pode terminar caminhando ou conduzindo por eles de uma forma abrupta e sem prévio aviso. Não sabe que está em um até que entra. É muito difícil voltar a sair. Alguém esteve “*cortando-os*” e começaram a ir à deriva com o vento, o que os faz ainda mais difíceis de evitar. Há PAI dentro da rede de Espelhos também. Quando Cruzar os amaldiçoou, a colisão dos reinos causou a fratura de realidades similares. Segundo Ryodan, os IFPS são microcosmos estáticos e se podem atribuir. Alguns contêm dólmens que levam a nosso mundo. A maioria contêm outros IFPS. Pode-se saltar de um mundo a outro através deles. É quase um desastre.

IPS: Serviço postal, um serviço de mensagens de Dublin, que serve de cobertura à coalizão Sidhe-seer. Ao parecer, Rowena está ao cargo.

Adição: depois de que se perdeu o Livro, Rowena abriu sucursais deste serviço de mensagens em todo mundo em um esforço por rastreá-lo e reclamá-lo. Era muito inteligente, realmente. Ela tem mensageiras em bicicleta que atuam como seus olhos e ouvidos em centenas de cidades importantes. A abadia das Sidhe-seer tem um benfeitor muito rico que canaliza recursos através de empresas múltiplos. Me perguntou quem é.

IYCGM: Barrons me deu um telefone celular com este número programado. Significa If You



Can't Get Me (*Se não puder me encontrar*). Respondeu o misterioso Ryodan quando chamei.

IYD: Outro dos números programados pelo Barrons; quer dizer If You Dead (*se te está morrendo*)

Adição: Deus, agora sei o que é!

KAT: Acredito que acabará sendo líder das Sidhe-seer algum dia, se viver o suficiente. Espero que o faça, porque não posso suportar a Rowena. Tem vinte e cinco anos, sensata, inteligente, de coração puro e é quão única a manteve uma atitude aberta e ficou de meu lado. Se algo me passar, Kat merece confiança. E Dani. Se acabar morta, vão a elas para pedir ajuda.

* LANÇA DO LUISNE, A: Seelie; Relíquia da Luz (aliás Lança do Luin, Lança do Longinos, Lança do Destino, Lança Flamígera). A lança que se utilizou para perfurar o flanco do Jesucristo, em sua crucificação. Não é de origem humana, é dos Tuatha do Danaan e um dos poucos elementos capazes de matar a um Fae, independentemente de sua fila ou de seu poder.

Adição à nota original: Mata a todos os Fae, e se algo é só Fae em parte, acaba com essa parte dele de uma forma horrível.

LORDE MASTER: Darroc. Traiu a minha irmã e a assassinou! Fae, mas não Fae, líder do exército Unseelie, à caça do Sinsar-Dubh. Estava usando a Alina para caçá-lo, como Barrons me está utilizando para caçar seus OOPS.

Adição à entrada original: Ofereceu-me um trato: Alina voltaria em troca do Livro. Acredito que realmente poderia fazê-lo.

Adição: Já é bastante mau que ele me tivesse convertido em Pri-já, mas agora tem a meus pais!

Mac-Halo: Minha invenção. Muito fanfarrão. Rosa e coberto de luzes. É a última moda em amparo contra as Sombras.

MacKeltar, Christian: Empregado no Departamento de Línguas Antigas do Trinity College. Ele sabe o que sou e sabia de minha irmã! Não tenho nem ideia de qual é seu lugar em tudo isto, nem conheço seus motivos. Encontrarei mais informação breve.

Adição à entrada original: Christian vem de um clã que uma vez serve como altos druidas para os FAE e que estiveram mantendo a separação entre humanos e Fae durante milhares de anos, realizando rituais e pagando os dízimos. Sabia da Alina só de passagem. Tinha vindo a lhe pedir que traduzisse um fragmento de texto do Sinsar-Dubh.

Adição: Desapareceu o dia do Halloween, quando os Keltar e Barrons realizaram o ritual para tratar de manter os muros. Os dois tivemos uma má noite! Foi absorvido pela voragem que destruiu as pedras do Ban Drochaid, o círculo de pedras sagrado onde os druidas Keltar realizaram os ritos e pagamento do dízimo para defender o Pacto durante milênios. Encontrei-o apanhado na rede de Espelhos.

MALLUCÉ : nascido John Johnstone, Jr . Tem em seu haver a misteriosa morte de seus pais. Herdou centenas de milhões de dólares, desapareceu durante um tempo e ressurgiu como o recentemente não morto vampiro Mallucé. No seguinte decênio, introduziu-se em todo mundo culto, e foi contratado pelo Lorde Master por seu dinheiro e conexões. Pálido, loiro, de olhos cor



limão, o vampiro gosta de steampunk e do gótico vitoriano. Fará-lhes imortais e irão ao Reino FAE; é dito com o tom mais alegre possível!

MULHER-CINZA, A: Contraparte feminina do Homem-cinza. Vi-a fora do Chester, e mais tarde em seu interior. A diferença do homem-cinza, não deixa a suas vítimas com vida. Peneira-se. Já não considero-os singularidades. Poderia haver dezenas deles.

Null: Sidhe-seer com o poder de congelar a um Fae com o toque de suas mãos (por exemplo, eu). Uma vez congelado, um FAE “anulado” é totalmente impotente; quanto maior e mais poderosa é sua casta FAE, mais curto é o tempo em que se mantém congelado.

O'Bannion, Derek: o irmão do Rocky e novo recruta do LM. Ele quer que lhe devolva a lança de seu irmão, e, quer me matar por matar a seu irmão. Devia ter lhe deixado entrar na Zona Escura aquele dia.

Adição à entrada original: Está comendo Unseelie e conectou com a Fiona, que também os come!

Adição: O Livro o possuiu ou tudo o que aconteceu aquela noite foi uma ilusão?

O'Bannion, ROCKY: ex-boxeador irlandês reconvertido em mafioso e um fanático religioso. Tinha a *Lança do Destino* * em uma coleção escondida embaixo da terra. Barrons e eu a roubamos uma noite. Sua morte foi o primeiro sangue humano que tive em minhas mãos. A noite que lhe roubamos, Barrons apagou todas as luzes exteriores ao redor da livraria. Quando O'Bannion veio atrás de mim com quinze de seus secuaces, as Sombras os devoraram justo fora da janela de meu dormitório. Barrons sabia o que ia fazer. E se ele me tivesse pedido que escolhesse entre eles ou eu, o teria ajudado a apagar as luzes. Nunca se sabe o que se está disposto a fazer para sobreviver até que fica encurralado a uma esquina e vê o que está mais alta de ti.

OOP: Acrônimo de objeto de poder, uma relíquia Fae imbuída em propriedades místicas. Alguns são Relíquias, outros não.

CÍRCULO D'Jai: Não tenho nem ideia, mas Barrons sim. Ele diz que é uma programação orientada a objetos. Eu não podia senti-lo quando o tive, mas eu não podia sentir nada nesse momento em particular. De onde o tirou e onde o haviam dito? Está em sua abóbada misteriosa? O que faz? Como se chega a sua câmara couraçada de todos os modos? Onde está o acesso aos três andares por debaixo de sua garagem? Existe um túnel que conecta os edifícios? Devo procurar.

Adição à entrada original: Barrons me deu isso para que eu o pudesse dar às Sidhe-seer, para usá-lo em um ritual que reforçasse os muros no Samhain.

Adição: Barrons jura que não sabia quando conseguiu. Encontrei a entrada aos andares por debaixo de sua garagem através do Espelho de seu estúdio!

O'REILLY, Kayleigh: Uma das amigas de minha mãe e também parte do Haven. Ocorreu algo mau e acredito que minha mãe e Kayleigh trataram de detê-lo. Acredito que foi quando o Livro escapou.

O'REILLY, NANA: Quase cem anos de idade, vive no mar, no Condado do Clare

Conheceu minha mãe! Minha mãe é Isla O'Connor. Eu poderia dizê-lo uma e mil vezes. Minha mãe se criou com a neta de Nana, Kayleigh. Acredito que Nana sabe o que aconteceu



quando o Livro escapou. Preciso lhe perguntar de novo. Preferivelmente sem aguarda permanente do Kat.

PACTO, O: Acordo negociado entre a rainha Aoibheal e o clã MacKeltar (Keltar =barreira oculta ou manto), uns seis mil anos atrás para manter os reino humano e Fae separados.

O clã dos druidas Highland há realizado certos rituais e dizimado cada Samhain (pronuncia-se Sau-é, também conhecido como Halloween) para honrar o Pacto. Os muros que a Rainha Aoibheal erigiu para separar os mundos, não se cantaram com a canção da Criação, porque os Fae a tinham perdido faz muito tempo, mas de algum jeito, forjou uma parte dos muros da prisão Unseelie e os reforçou com sangue e juramentos. Manipular as novas muralhas dessa maneira debilitou seriamente os muros da prisão. Quando as paredes se vieram abaixo, todos os muros se vieram abaixo com elas.

PATRÃ: Mencionada pela Rowena, eu supostamente tenho “*seu olhar*”. Era uma O'Connor? Foi em seu momento a líder do haven das Sidhe-seer.

Adição: Patrã era minha avó!

PRÍNCIPES UNSEELIE: a Morte, a Peste, a Fome e a Guerra. De acordo com o LM, um deles foi assassinado faz milhões de anos, e Dani matou a outro, o que significa que só ficam dois. Então, quem foi o quarto na igreja? O LM afirma que não foi ele e que não havia quarto. Imaginei? Há lembranças das primeiras horas, inclusive dias, que são terrivelmente imprecisos.

PRI-JÁ: Uma pessoa viciada no sexo Fae.

Adição: Deus me ajude, sei!

RELÍQUIAS, AS: Oito antigas relíquias de imenso poder fabricadas pelos Fae: quatro da luz e quatro escuras. Relíquias da Luz ou Seelie são: a pedra, a lança, a espada e o caldeirão. as da Escuridão ou Unseelie são: o amuleto, a caixa, o espelho e o Livro (Sinsar-Dubh ou Libero-oscuro) (Guia definitiva de Artefeitos, autênticos e legendários).

Adição à entrada original: Ainda não sei nada sobre a pedra ou a caixa. Conferem faculdades que poderiam me ajudar? Onde estão? É possível que as quatro pedras sejam “*a pedra*”?

Correção à definição anterior: o espelho são, em realidade, os Espelhos. Ver peneiração em Espelhos ou Prateados. O Rei Unseelie fez todas as Relíquias da Escuridão. Quem fez as de luz?

Adição à entrada original: Veja a historia do Rei Unseelie e sua concubina mortal, como V'lane me contou isso. O monarca criou o Espelho dela para mantê-la sempre jovem e lhe dar seu reino para explorá-los. Ele criou o amuleto para que ela pudesse reformar a realidade. Lhe deu a caixa para sua solidão. Que fazia? O Dubh Sinsar foi um acidente.

RHINO-BOY: Feios, de pele cinza, assemelham a rinocerontes Fae com crateras e protuberâncias na frente; têm um corpo em forma de tonel, encurvados braços e pernas, lábios curvados na boca e dentes sobressalentes. Eles são os de mais sob nível da casta dos valentões Unseelie. Sua missão é a vigilância dos altos Fae. (Experiência pessoal).

Adição à entrada original: Têm um sabor horrível.

Adição à entrada original: Eu não acredito que possam peneirar-se. Vi-os encerrados em celas e encadeados na gruta do Mallucé. Não me ocorreu no momento quão estranho isso era, logo pensei que talvez Mallucé os tivesse contido de algum jeito com feitiços. Mas depois, Jayne



fez um comentário sobre o encarceramento dos Fae e me dava conta que não todos os Fae podem peneirar o espaço e estou começando a perguntar-se se só os muito poderosos podem. Isto poderia ser uma vantagem tática importante. Devo explorar.

Adição: Têm predileção por garotas muito jovens e intercambiam quantidades incríveis de sua carne Unseelie para conseguir sexo. Ew!

ROWENA: Encarregada de certo grau de uma coalizão do Sidhe-seer organizadas como uma empresa de correios. É a Grande Mestra? Têm uma casa de retiro muito antiga a poucas horas de Dublin, com uma biblioteca em que devo entrar.

Adição à entrada original: Nunca gostei dela. Está jogando a juiz, jurado e executor, no que a mim respeita. Ela enviou a suas filhas atrás de mim para roubar minha lança! Nunca deixarei que a tenham. Estive na abadia, mas só brevemente. Suspeito que muitas das respostas que desejo, posso as encontrar ali, já seja nas Bibliotecas Proibidas, nas que só o Haven está autorizado a entrar, ou em suas lembranças. Tenho que averiguar quem dos membros são do Haven e tentar falar com eles.

Adição: vou derrocar seu reinado de poder algum dia. Não deixará que as Sidhe-seer façam seu trabalho. Ela as mantém sob chave, mas acredito que tenho aberto as primeiras fendas nas paredes da abadia. Acredito que vão rebelar se.

Ryodan: Associado do Barrons, é IYCGM em minha agenda do celular.

Adição: Encabeça minha lista de pessoas a localizar.

Adição à entrada original: Ver Chester. Este homem é um dos oito do Barrons, o que queira que sejam. Todos eles são homens grandes, sobrenaturalmente rápidos, a maioria com cicatrizes de batalha e que gotejam algo que simplesmente... não é humano. Ryodan me preocupa.

SALÃO DE TODOS OS DIAS, O: O eixo central da rede de espelhos. Barrons a descreve como uma agência de viagens quântica para os Fae, como um terminal de aeroporto. As paredes e o chão são de ouro puro e parecem estender-se indefinidamente. As paredes estão cobertas com milhares de milhões de espelhos que são portais a outros mundos, dimensões e tempos.

É um lugar perigoso. O tempo se percebe de maneira enviesada, não linear absolutamente e se deixar de te mover, pode te perder nas lembranças que começam a jogar a seu redor como se fossem reais. O que cria, pode materializar-se. Tem que te manter em movimento. Passei ao lado de esqueletos estendidos no chão. Quando os Espelhos foram criados, todos os Espelhos que formavam parte da rede (fora da sala) imediatamente se depositaram o Salão de Todos Os Dias. De ali, a gente pode escolher seu destino. Referência cruzada com os espelhos.

Seelie: Corte da luz dos Tuatha Do Danaan, governado pela Rainha Seelie, Aoibheal.

Adição: O Seelie não pode tocar as Relíquias dos Unseelie. O Unseelie não pode tocar as Relíquias dos Seelie.

Adição: Segundo V'lane, a verdadeira rainha das fadas leva muito tempo morta, assassinada pelo rei Unseelie e com ela morreu a Canção da Criação. Aoibheal é de uma casa real menor e é uma de quão muitas tratou de dirigir a sua gente após.

SHAMROCK: É uma coisa disforme trevo de três folhas; é o símbolo antigo das Sidhe-seer, que se encarregam da missão de Ver, Servir e Proteger à humanidade dos FAE.



Sidhe-seer (SHE-seer): Uma pessoa na qual a magia Fae não funciona capaz de ver mais lá das ilusões ou “*glamour*” emitido pelos FAE, vendo a verdadeira natureza que se encontra debaixo. Algumas também se podem ver os Tabh'Rs ou portais ocultos entre reino. Outras podem sentir objetos Seelie ou Unseelie de poder. Cada Sidhe-seer é diferente, com distintos graus de resistência aos FAE. Algumas são limitadas, outras são avançadas, com múltiplos poderes especiais.

Adição à entrada original: Alguns, como Dani, são super. Há um lugar dentro de minha cabeça que não é... como o resto de mim. Não o temos todas? O que é? Como chegamos a ser assim?

De onde vêm os fragmentos de conhecimento inexplicável que se sentem como lembranças? Existe algo assim como um inconsciente coletivo genético?

Adição: Nesse lugar Sidhe-seer de minha cabeça é um escuro e cristalino lago. Dá-me medo.

* Sinsar-Dubh, O (See-Suh-Doo): Unseelie; Relíquia Escura pertencente aos Tuatha Do Danaan. Escrito em uma linguagem conhecida só pelos mais antigos de sua espécie; diz-se que contém a mais mortífera de todas as magias em suas páginas cifradas. Levado a Irlanda pelos Tuatha Dê durante as invasões, segundo o livro de pseudo-história “*Leabhar Gabhála*”; foi roubado junto com outras Relíquias Escuras e se rumores que encontraram seu caminho para o mundo dos homens. Ao parecer, seu autor, faz mais de um milhão de anos, foi o Rei Escuro dos Unseelie (de a “*Guia definitiva de Artefeitos: autênticos e legendários*”).

Adição à entrada original: vi-o já. As palavras não podem descrevê-lo. Trata-se de um livro, mas vive. É consciente.

Adição: A Besta. Não digo mais!

Adição: Como merda se supõe que vou conte-lo? É uma brincadeira?

Sombras: Uma das castas mais baixas dos Unseelie. Corpóreas, mas apenas. Têm fome, alimentam-se. Não podem suportar a luz direta e caçam só de noite. Roubam a vida da mesma forma que o Homem-Cinza rouba a beleza, drenando a suas vítimas com a rapidez de um vampiro, deixando detrás uma pilha de roupa e uma casca de matéria humana desidratada.

Avaliação da ameaça: mortal.

Adição à entrada original: Acredito que estão trocando, evoluindo, aprendendo.

Adição: Sei que é assim! Juro-te que me estão acoessando!

Adição: aprenderam a trabalhar juntas e dar-se forma a si mesmos como uma barreira.

Adição: Estão por todo mundo agora!

PENEIRAR: Método Fae de locomoção produz-se à velocidade do pensamento. (O vi!)

Adição à entrada original: De algum jeito, V'lane me peneirava ainda antes que eu percebesse sua presença. Não sei se porque era capaz de aproximar-se de mim *camuflado* de algum jeito e tocava-me no último minuto sem que me desse conta, já que passava tão rápido, ou, se talvez, em lugar de mover a mim, trasladava os reino ao meu redor. Pode-se fazer isso? O que poder tem V'lane? Poderia outro Fae me peneirar sem que eu o advirta antecipadamente? Inaceitavelmente perigoso! *Requer mais informação.*

* Espelhos Prateados, OS: Unseelie; Relíquias Escuras; elaborado labirinto de Espelhos criado pelo Rei Unseelie. Uma vez foi usado como o método principal para viajar entre reino pelos Fae, até que Cruces os Amaldiçoou, proibindo o passo pelos Corredores Prateados. Agora ninguém se



atreve a entrar nos Espelhos Fae.

Adição à entrada original: Lorde Master tinha muitos deles em sua casa da Zona Escura e os estava usando para entrar e sair do Reino Fae. Se destruir um Espelho, não destruirá o que há dentro dele? São uma entrada e uma saída para o reino Fae, como uma ferida na malha de nosso mundo? Qual é exatamente a maldição e quem foi Cruces?

Adição à entrada original: Barrons tem um e anda nele!

Adição: Referência cruzada com o Salão de Todos os dias. A forma em que trabalhavam antes da maldição foi esta: O Salão de Todos os Dias era o aeroporto central onde se podia escolher entre milhões de espelhos que conectavam com um segundo espelho em outro mundo, dimensão ou tempo, e viajar ali. Os espelhos são dois portais enfrentados nesse momento, e para voltar, só terá que dar um passo atrás, através deles, no Salão. Acredito que os espelhos se ocultam em objetos inanimados nos outros mundos, objetos que só um Fae encontraria. A rainha sentiu o poder dos espelhos que o rei tinha criado para sua concubina. Para dissipar as suspeitas de que estava mantendo a uma mortal que a rainha desprezava, teve que lhe dar a parte principal, como o Salão, mas manteve uma seção separada, onde construiu a Casa Branca em uma colina, para sua concubina.

A forma em que especula agora, desde Cruces amaldiçoou: Tudo está fodido. Os espelhos no Salão se multiplicaram de maneira exponencial e agora há vários milhares de milhões. Já não são uma dupla via e os lugares que mostram não são necessariamente os destinos onde lhe depositam, e os mundos conectados pelos Espelhos estão muito fragmentado pelos IFPS. Cruces desordenou milhares de milhões de mundos, suas dimensões e seus tempos. Entretanto, são como diz Barrons, *navegáveis* se a gente souber o que está fazendo e tem o conhecimento necessário das Artes Druidas. Parece que Barrons esteve em na Rede de Espelhos. Pelo geral, um espelho se conecta diretamente com o seguinte. Quando se olhe nele, mostra seu destino. Mas às vezes pessoas (como Barrons e o LM) acoplam-nos“. Os espelhos, formam túneis para criar um espaço que obrigue à pessoa (quer dizer, eu!) a abandonar suas armas e necessitar que a resgatem, ou, em caso de que Barrons, que nenhum lixo possa chegar a traves da passagem de sua garagem, pois está cheios de demônios a suas ordens, que não deixarão passar a ninguém. Não force seu cérebro tratando de compreender aos espelhos. Eu não acredito que ninguém o faça. Só terá que esperar o inesperado.

TABH'Rs (TAH-VR): Portas ou portais entre reino Fae, freqüentemente ocultas em objetos humanos cotidianos.

Adição: Acredito que em realidade são Espelhos, como o cacto que havia no mundo do deserto, onde encontrei Christian, não posso detectá-los em sua aparência mundana. Poderia se pudesse usar meu poder Shide-seer!

"Tomemos de novo a noite": Canção que Dani e eu inventamos e que é agora o hino internacional das Sidhe-seer.

Tuatha do Danaan, ou Tuatha De (Dhanna SEU dia ou Seu dia) (Ver Fae vamos): Uma raça muito avançada que veio à terra de outro mundo, que compreende aos Seelie e aos Unseelie.

UNSEELIE: a escuridão ou Corte bastarda dos Tuatha Do Danaan. Segundo a lenda, os Unseelie foram confinados durante centenas de milhares de anos em uma prisão iniludível. Iniludível?



Meu traseiro!

V'lane: Segundo os livros da Rowena, V'lane é um príncipe Seelie, da corte da luz, membro do Alto Conselho da rainha, e, às vezes, seu consorte. Trata-se de um Fae morte por sexo e esteve tratando de conseguir que trabalhe para ele em nome da rainha Aoibheal para localizar o Sinsar-Dubh.

Addendum: Levou-me a Geórgia! Quando os muros se vieram abaixo, protegeu a meus pais e vigiou Ashford. Ele restaurou o poder e a ordem em todo o estado por mim. Nossa relação está trocando, agora que sou imune à morte por seu erotismo Fae. Estamo-nos convertendo em iguais? Estou preocupada com ele. Por que desapareceu da abadia? Por que se viu tão doído?

VOZ, A: Uma arte druida ou habilidade que obriga à pessoa em que está sendo utilizada a obedecer exatamente qualquer comando que emita. Tanto o LM como Barrons a utilizaram em mim. É aterrador. Apaga-se sua vontade e te faz escravo. Fica sem poder fazer nada, vendo com seus próprios olhos como seu corpo faz coisas que sua mente está gritando que não faça. Estou tratando de aprendê-la. Pelo menos, para ser capaz de resistir, porque, do contrário, nunca serei capaz de me aproximar o suficiente ao LM para matá-lo e obter vingança pela Alina.

Adição: Sou capaz de resistir e de usá-la agora! Bendito o aço que se encontra em seu interior, é isso ou morrer. Barrons tinha razão: O estudante e o mestre perdem a capacidade de utilizá-la um com o outro. A competência a anula.

Z-O: versão do Barrons do MacHalo. Negro. Mais leve mais brilhante e mais eficiente, mas não vou dizer.

ZONA ESCURA: Uma área que foi tomada pelas Sombras. Durante o dia, parece abandonada, um desmantelado bairro. Uma vez que cai a noite, é uma armadilha mortal.

Adição à entrada original: estenderam-se por todo mundo, agora que os muros têm caído. Quão enorme havia ao lado da Livraria está vazia agora. Transladaram-se a pastos mais verdes, literalmente. Outros Unseelie estão trabalhando para restabelecer as redes elétricas, porque não gostam da rapidez com que as Sombras estão devorando as suas presas potenciais. Tomarei toda a ajuda que possa para iluminar às sombras. Isso nos dará mais tempo.

* Denota uma Relíquia de Luz ou da Escuridão.



Receitas dos Pratos Favoritos do Mac em Dublin!

Perfeitos para comidas ou sanduíches rápidos com carne Unseelie!
Preparados sobre a marcha!

PÃO IRLANDÊS À SODA

(Fantástico para preparar rápido)

2 xícaras de manteiga

4 colheresadas de manteiga

4 ½ xícara de farinha

2 colheresadas de açúcar

1 colherinha de sal

1 colherinha de bicarbonato sódico

1 xícara de passas

1 xícara de cubinhos de Unseelie (*o mais finos que possa, quanto mais finos mais difícil é que se movam*)

1 ovo grande, batido

Pré-esquente o forno a 425 graus.

Peneirar juntas as 4 xícara de farinha, o açúcar, o sal e o bicarbonato sódico em um tigela grande e mesclar.

Usando o cortador de massa, cortar a manteiga e mesclá-la com a farinha até que se assemelhe a migalhas grossas, logo acrescentar as passas. Acrescentar a carne Unseelie em pedaços, assegurando-se de não deslize fora da xícara.

Acrescentar o ovo batido e batê-lo junto com a manteiga até que a massa esteja muito rígida para mover-se. Polvilhar as mãos com pó de farinha e amassar brandamente, o suficiente para formar bolas grosseiras. NÃO SOBREAMASAR, já que isto fará que o pão saia duro. Colocar a massa sobre uma superfície ligeiramente enfarinhada e formar um pão redondo. Colocar a massa em uma frigideira de ferro ligeiramente engordurada. Cruzar a parte de cima do pão com uma X, para abri-lo e que se cozinhe por dentro. Assar até que esteja dourado, ao redor de 40-50 minutos. O pão está feito quando um palito ou uma faca inserida no centro sair limpo.

GUISADO DE CARNE

TRADICIONAL IRLANDÊS

1 xícara de carne Unseelie, cortado em cubo

1 cebola doce, picada

1 colherada de azeite de oliva

1 ½ xícara de ervilhas

10 cebolinhas brancas pequenas

1 libra de batatas



1 ½ xícara de aipo picado
2 xícara de repolho ralado finamente
Sal e pimenta ao gosto
Salsinha fresca picada, louro, tomilho, romeiro.

Esquente a carne Unseelie com um pouco de azeite na caçarola. (*Desfrute de quão mau parece que o está passando!*) Acrescentar água suficiente para cobri-lo. Levar a ebulição e acrescentar a salsinha, o louro, o tomilho e o romeiro.

Baixar o fogo e cozinhar a fogo lento.

Cortar e cortar as batatas em oito partes se forem grandes, ou em quartos, se forem médias.

Adicione as batatas, o repolho, as cebolas, as cebolinhas e o aipo. Cozinhe a fogo lento 20-30 minutos, e, continuando, adicionar as ervilhas. Deixar cozer outros 20 minutos ou até que as batatas estejam tenras.

Amadureça ao gosto e adorne com salsinha fresca.

PÃO-DOCES DE MANTEIGA E MORANGO

(*Pessoalmente meu favorito!*)

2 ½ xícara de farinha
1 xícara de soro
2 colheres de açúcar
1 ovo
1 ½ cda de morangos em fatiadas, bem seca
¾ de xícara levedura em pó
½ cda de bicarbonato sódico
½ xícara de pedaços do Unseelie
½ cda. de manteiga fria, cortado em cubos
½ xícara de sal

Pré-esquente o forno a 400 graus.

Forre uma bandeja de assar grande com papel manteiga.

Em uma tigela grande, mescle a farinha, o açúcar, a levedura, o bicarbonato sódico e o sal.

Com um cortador de confeitaria, corte a manteiga até que a mescla tenha uma consistência arenosa.

Em um recipiente à parte, bata a manteiga e o ovo e verta-os sobre a mescla seca. Revolva (o mínimo!) com um garfo para fazer uma massa. Com uma colher de madeira, mescle brandamente os morangos e as partes do Unseelie.

Com as mãos ligeiramente enfarinhadas, forme uma bola de massa. Em uma superfície enfarinhada, amasse brandamente, não mais de dez vezes. Forme um retângulo de 10 x 8 polegadas.

Corte a em 4 partes e, continuando, corte cada um deles em diagonal para formar 8 triângulos. Ponha-os em uma bandeja e adorne na prateleira de centro do forno até que estejam douradas, de 15-18 minutos.

** Eu gosto de cobri-los, uns minutos antes que termine sua cocção, com manteiga e polvilhá-los ligeiramente com açúcar puro!*



SANDUICHES PARA O CHÁ
COM PARTES DE DEDO*
(*O que lhe servi ao Inspetor Jayne*)

1,8 onças de queijo cremoso suave
 $\frac{3}{4}$ de xícara de cebola finamente picada
 $\frac{1}{2}$ xícara de aipo finamente picado
Pecans Geórgia
1 xícara de carne Unseelie em cubos
Romero
3 ovos duros, finamente ardidados.
Sal e pimenta ao gosto
Meia cebola média, finamente picada.
1 pão recém-assado, em rodela, com casca. Alho

Acrescentar todos os ingredientes com o queijo cremoso abrandado e mesclar bem. Lubrificar o pão e cortar nas formas desejadas.

Uma vantagem inestimável desta receita é sua consistência espessa, que evitou que a carne Unseelie se retorça muito. Sem o queijo cremoso, a carne tem a desafortunada tendência de sair-se da fonte de servir. (A carne Unseelie pega também com sanduiches de manteiga de amendoim.)

Outra grande vantagem desta receita é que quão único tem que cozinhar é o ovo duro, e se tiver pressa, pode omiti-lo.

(** Ou do pé, ou o braço, ou de qualquer outra parte que tenha*)

BOLO DE CARNE
(*Uma das favoritas do Inspetor Jayne*)

2 libras de batatas, cortadas.
1 cenoura, cortada e picada.
1 cebola Vidalia doce, picada em gelo
2 colheradas de nata azeda.
2 colheradas de manteiga sem sal
1 gema de ovo grande
2 colheradas de farinha
 $\frac{1}{2}$ xícara de nata espessa
1 xícara de caldo de carne de vacino
1 colherada de molho Worcestershire.
2 colheres de chá de azeite de oliva.
2 xícaras de carne Unseelie, cortadas em cubos.
 $\frac{1}{2}$ xícara de ervilhas
2 colheradas de salsinha fresca picada ao gosto
Sal, pimenta e alho em pó.

Pré-esquente o forno (Alto).



Ferva as batatas em água com sal até que estejam tenras. Escorra e as coloque em um recipiente, apartar. Mesclar a nata azeda, a gema de ovo e a nata. Acrescentar ao purê de batatas e dar a suavidade desejada.

Coloque uma frigideira grande a fogo meio-alto. Adicione o azeite e os cubos do Unseelie e amadureça ao gosto com sal, pimenta e alho em pó. Acrescentar a cenoura e a cebola e cozinhar outros 5 minutos, removendo com frequência.

Em uma caçarola a fogo médio,, derreter a manteiga e acrescentar a farinha. Bater em um caldo e molho inglês. Espere a que o molho se espesse e adicione a carne e as verduras. Acrescentar as ervilhas. Preencha panela com a carne e a mescla de verduras e batatas a colheradas sobre a carne.

Amadureça as batatas ao gosto e assar a 6 ou 8 polegadas da parte superior do forno, até que se doure de maneira uniforme. (É possível que tenha que cozinhá-lo abafado para a carne Unseelie não se deslizar pelas paredes e termine na parte inferior do forno). Decore com salsinha picada.

